

REFUGIADOS  
E  
EMBAIXADORES

MISSÕES MENONITAS NO BRASIL

por

VICTOR WIENS

## **Direitos Autorais por Victor Wiens, 2018**

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida de qualquer forma por qualquer meio eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópias, gravação ou armazenamento e recuperação de informações sem autorização por escrito do autor.

ISBN-13: 978-1790894345

CreateSpace Independent Publishing Platform, North Charleston, SC

§ § § § §

### **Créditos de fotografia e ilustração**

Darcy Scholes: capa e contracapa

Associação Menonita Beneficente: páginas 35b, 127, 129-130

Associação Menonita de Assistência Social: 38

Autor: 61, 67a, 272

Domínio público via Internet: 14, 45-46, 54, 57, 64, 100-101, 111, 133-134, 141, 143, 149-150, 153, 155, 157, 222, 226, 230, 233, 246, 249, 274

Editora Esperança: 70

Expresso Ação: 74

Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online ([www.gameo.org](http://www.gameo.org)): 67b

Goshen News: 97b

Mennonite Brethren Historical Commission: 55

Mennonite Church USA Archives: 96, 97a, 103, 105, 107, 113-114, 116, 229, 242

Mennonite Library and Archives: 48-49, 56, 65, 73, 75, 77, 86, 139, 144, 223-224, 250

Mennonitischer Geschichtsverein: 17-20, 33a, 35a, 55, 60, 68, 237, 240, 273

Paul Gerhard Dück: 33b

Teresa Rake: 90

## DEDICAÇÃO

Em memória de  
**Peter Pauls Jr.**,  
exemplo por excelência de  
um refugiado e um embaixador.

Ele tomou as palavras de William Booth  
como lema para sua vida:

*"Enquanto mulheres choram, como agora, vou lutar;  
enquanto crianças pequenas passam fome, como agora, vou lutar;  
enquanto homens vão para a prisão, entrando e saindo,  
como fazem agora, vou lutar;  
enquanto resta um bêbado, enquanto há uma pobre garota perdida nas ruas,  
enquanto permanece uma alma escura sem a luz de Deus, eu vou lutar.  
Lutarei até o fim!"*



# CONTEÚDO

LISTA DE ABREVIATURAS.....	v
LISTA DE TABELAS.....	vii
LISTA DE FIGURAS .....	viii
AGRADECIMENTOS .....	ix
<b>PARTE I -- INÍCIOS.....</b>	<b>1</b>
1.    INTRODUÇÃO.....	3
2.    ORIGENS DO MOVIMENTO MENONITA .....	7
3.    CONTEXTOS RELIGIOSOS DO BRASIL .....	23
<b>PARTE II -- PRESENÇA E PRÁTICAS .....</b>	<b>29</b>
4.    IGREJA MENONITA .....	31
5.    IGREJA EVANGÉLICA IRMÃOS MENONITAS.....	43
6.    COMITÊ CENTRAL MENONITA .....	83
7.    IGREJA EVANGÉLICA MENONITA .....	95
8.    IGREJA DE DEUS EM CRISTO - MENONITA.....	119
9.    ASSOCIAÇÃO MENONITA BENEFICENTE.....	127
10.   IGR. EV. IRMÃOS MENONITAS RENOVADA.....	133
11.   ESFORÇOS MISSIONAIS INTERMENONITAS.....	139
<b>PARTE III – ENTENDIMENTOS E TEOLOGIAS .....</b>	<b>146</b>
12.   CONTEXTOS TEOLÓGICOS .....	147
13.   ENTENDIMENTOS MISSIONAIS MENONITAS .....	167
<b>PARTE IV – ANÁLISES SELECIONADAS .....</b>	<b>189</b>
14.   CRESCIMENTO DA IGREJA .....	191
15.   TREINAMENTO MISSIONAL.....	219
16.   MISSÃO INTEGRAL EM REVISÃO .....	237
17.   CULTURAS MENONITAS E A MISSÃO .....	245
18.   CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES .....	253
EPÍLOGO .....	269
APÊNDICES .....	271
BIBLIOGRAFIA SELECIONADA .....	291
ÍNDICE.....	301



## LISTA DE ABREVIATURAS

*(para abreviaturas de estados brasileiros, veja APÊNDICE A, Mapa 3)*

ABBA	Associação Brasileira Beneficente Aslan
AEM	Associação Evangélica Menonita
AIIMB	Associação das Igrejas Irmãos Menonitas do Brasil
AIMB	Associação das Igrejas Menonitas do Brasil
AMAS	Associação Menonita de Assistência Social
AMB	Associação Menonita Beneficente
AT	Antigo Testamento
AVIM	Amazon Valley Indian Mission (Missão Indígena do Vale Amazonas)
CBE	Congresso Brasileiro de Evangelização
CBIIM	Convenção Brasileira das Igrejas Irmãos Menonitas
CCM	Comitê Central Menonita
CEB	Confederação Evangélica Brasileira
CELA	Conferência Evangélica Latinoamericana
CELAM	Consejo Episcopal Latinoamericano
CEMTE	Centro Menonita de Teologia
CLADE	Congreso Latinoamericano de Evangelización
CLAI	Consejo Latinoamericano de Iglesias
CMI	Conselho Mundial de Igrejas
CMM	Conferência Mundial Menonita
COBIM	Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas
COM	Commission on Overseas Mission (Comissão de Missões Estrangeiras, Conferência Geral da Igreja Menonita, América do Norte)
COMIBAM	Congresso Missionário Íbero-Americano
CONIC	Conselho Nacional de Igrejas Cristãs
EBF	Escola Bíblica de Férias
EC	Entschiedenes Christentum (Cristianismo Decidido)
ETE	Educação Teológica por Extensão
FTL	Fraternidade Teológica Latino Americana
HCJB	Voz dos Andes (radiodifusão)
IBP	Instituto Bíblico Paranaense
IDCM	Igreja de Deus em Cristo - Menonita
IEIM	Igreja Evangélica Irmãos Menonitas
IEIMR	Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada
IEM	Igreja Evangélica Menonita
IM	Igreja Menonita

IMO	International Mennonite Organization (Organização Menonita Internacional, Europa)
ISAL	Iglesia y Sociedad en la América Latina
ISBIM	Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas
ITE	Instituto Teológico Evangélico
Jd.	Jardim
km.	Quilômetro
MCCW	Mennonite Church Canada Witness (Junta de Missões, Igreja Menonita do Canadá)
MMN	Mennonite Mission Network (Rede de Missões Menonitas, Igreja Menonita dos Estados Unidos da América)
NT	Novo Testamento
NTMS	Núcleo Terapêutico Menno Simons
PACA	Pan American Christian Academy (Escola Cristã Panamericana)
SALT	Serving and Learning Together (Servindo e Aprendendo Juntos, do CCM)
TCA	Taxa de Crescimento Anual
TCD	Taxa de Crescimento Decadal

## LISTA DE TABELAS

TABELA 1: AS MAIORES COMUNIDADES IMIGRANTES .....	21
TABELA 2: IGREJAS MENONITAS .....	37
TABELA 3: IEIM – REGIONAL SANTA CATARINA .....	51
TABELA 4: IEIM – REGIONAL SUL PARANÁ .....	59
TABELA 5: IEIM – REGIONAL SÃO PAULO .....	63
TABELA 6: IEIM – REGIONAL RIO GRANDE DO SUL .....	66
TABELA 7: IEIM – REGIONAL IGUAÇU .....	69
TABELA 8: IEIM – REGIONAL MATO GROSSO DO SUL .....	71
TABELA 9: CCM NO INTERIOR DE PERNAMBUCO .....	91
TABELA 10: IEM - REGIÃO I .....	99
TABELA 11: IEM - REGIÃO II .....	102
TABELA 12: IEM - REGIÃO III .....	104
TABELA 13: IEM - REGIÃO IV .....	108
TABELA 14: IEM - REGIÃO V .....	110
TABELA 15: IEM - REGIÃO VI .....	111
TABELA 16: IGREJA DE DEUS EM CRISTO - MENONITA .....	124
TABELA 17: IEIMR - SÃO PAULO .....	135
TABELA 18: IEIMR - PARANÁ .....	136
TABELA 19: IEIMR – BAHIA .....	136
TABELA 20: COMPARAÇÕES INTERNAS DE VARIÁVEIS .....	178
TABELA 21: INFLUÊNCIAS SOBRE OS ENTENDIMENTOS .....	184
TABELA 22: MEMBRESIA DA IM, 1949-2009 .....	192
TABELA 23: TCD DE MEMBRESIA DA IM, 1950-2009 .....	193
TABELA 24: MEMBRESIA DA IEIM, 1949-2009 .....	195
TABELA 25: TCD DE MEMBRESIA DA IEIM, 1950-2009 .....	196
TABELA 26: IGREJAS DA IEIM, 1949-2009 .....	197
TABELA 27: MEMBRESIA DA IEM, 1959-2009 .....	198
TABELA 28: TCD DE MEMBRESIA DA IEM, 1960-2009 .....	200
TABELA 29: MEMBRESIA DA IDCM, 1969-2009 .....	203
TABELA 30: TCD DA MEMBRESIA DA IDCM, 1970-2009 .....	204
TABELA 31: IGREJAS DA IDCM, 1969-2009 .....	204
TABELA 32: MEMBRESIA DA IEIMR, 1989-2009 .....	206
TABELA 33: MEMBRESIA MENONITA TOTAL, 1949-2009 .....	208
TABELA 34: TCD DA MEMBRESIA TOTAL, 1950-2009 .....	209
TABELA 35: MEMBRESIA POR ESTADO, 1949-2009 .....	210
TABELA 36: IGREJAS MENONITAS POR ESTADO, 1949-2009 .....	211
TABELA 37: TCD EVANGÉLICOS E MENONITAS .....	214
TABELA 38: TCD: IGREJAS EVANGÉLICAS E MENONITAS .....	215
TABELA 39: INÍCIOS DE IGREJAS MENONITAS DESDE 1930 .....	257
TABELA 40: CONTRIBUIÇÕES POR MISSÃO MENONITA .....	260

**LISTA DE FIGURAS**

FIGURA 1 – CRISTO E CULTURA .....	168
FIGURA 2 – A JUSTIÇA DO REINO: SOCIAL OU PESSOAL .....	170
FIGURA 3 – RELACIONAMENTO ENTRE IGREJAS.....	171
FIGURA 4 – OBJETIVOS DA MISSÃO.....	172
FIGURA 5 – MISSÃO, EVANGELISMO E ASSISTÊNCIA SOCIAL....	173
FIGURA 6 – O DESTINO DOS NÃO EVANGELIZADOS.....	174
FIGURA 7 – GUERRA ESPIRITUAL .....	176
FIGURA 8 – IGREJAS MENONITAS, 1949-2009 .....	194
FIGURA 9 – MEMBRESIA DA IEIM, 1949-2009 .....	195
FIGURA 10 – TCD DE MEMBRESIA DA IEIM, 1950-2009 .....	196
FIGURA 11 – IGREJAS DA IEIM, 1949-2009 .....	197
FIGURA 12 – MEMBRESIA DA IEM, 1959-2009.....	199
FIGURA 13 – TCD DE MEMBRESIA DA IEM, 1960-2009 .....	200
FIGURA 14 – IGREJAS DA IEM, 1959-2009 .....	202
FIGURA 15 – MEMBRESIA DA IDCM, 1969-2009.....	203
FIGURA 16 – IGREJAS DA IEIMR, 1989-2009 .....	206
FIGURA 17 – MEMBRESIA MENONITA TOTAL, 1949-2009 .....	209
FIGURA 18 – MEMBRESIA POR ESTADO, 1949-2009 .....	210
FIGURA 19 – TOTAL DE IGREJAS MENONITAS, 1949-2009.....	211
FIGURA 20 – IGREJAS MENONITAS POR ESTADO, 1949-2009.....	212
FIGURA 21 – TCD DE EVANGÉLICOS E MENONITAS.....	214

## AGRADECIMENTOS

O ministério de missões não acontece sem o trabalho de equipe. Reconheço com gratidão as equipes que me ajudaram ao começar, continuar e terminar esta jornada de pesquisar e escrever.

Uma equipe de professores orientou meus pensamentos, minhas pesquisas e minhas escritas. O mentor Wilbert Shenk foi tanto um erudito perspicaz como um pronto encorajador. Paul Pierson e Pablo Deiros deram informações valiosas das suas perspectivas brasileira e latino-americana. A matéria de Edgar Elliston sobre planejamento de pesquisa foi fundamental para todo o processo. Todos estes foram valiosos integrantes do corpo docente da Escola de Estudos Interculturais no Seminário Teológico Fuller. Amigo e colega de ministério John J. Klassen tornou-se meu tutor ao pesquisar a história primária das missões menonitas; por sua análise detalhada e sugestões, eu estou grato. Outro professor e amigo de longa data, Hans Kasdorf, deu cuidadosas perspectivas teológicas em preparação para o questionário sobre a compreensão da missão.

Fui abençoado por ter acesso a bibliotecas de primeira classe ao longo deste projeto de estudo. Uma equipe de bibliotecários e arquivistas estava sempre pronta para me ajudar quando solicitado, cujos nomes cito: Anne Guenther, Kevin Enns-Rempel e Hannah Keeney da Biblioteca Hiebert e do Centro de Estudos Irmãos Menonitas em Fresno, EUA. Dennis Stoesz dos Arquivos da Igreja Menonita (Goshen, EUA) foi muito útil tanto nas minhas pesquisa quanto nos arranjos de viagem. No Brasil, Harry Janzen, do Instituto Bíblico e Seminário Irmãos Menonitas, prontamente deu assistência tanto no acesso aos arquivos como no processamento de questionários. A hospitalidade calorosa enquanto realizava pesquisas em Curitiba foi concedida muitas vezes por Harry e Edith Janzen, bem como por Paul e Johanna Dück.

Certas organizações e líderes nessas organizações formaram outra equipe que merece uma menção especial. A junta e, mais recentemente, a equipe executiva da agência MB Mission acreditaram neste missionário o suficiente para conceder uma licença de estudo, bolsas e um sabático. Por essa confiança, sou verdadeiramente grato. Alfred Pauls e Fridbert August da Igreja Menonita (Brasil) ofereceram tempo e outros recursos em várias ocasiões. Emerson Cardoso, Paul Dück e Cesar Faria têm sido úteis na atualização de dados e histórias para os Irmãos Menonitas do Brasil. Peter Pauls Jr., da Associação Menonita Beneficente, tomou tempo em sua agitada agenda para encorajar, escrever e conceder entrevistas. Hans Gerhard Peters da Igreja Evangélica Menonita também ajudou com entrevistas e dados perspicazes. Charles e Faith L. Becker, da Igreja de Deus em Cristo – Menonita –, provaram ser anfitriões graciosos e colegas generosos no compartilhamento de recursos literários. O mesmo deve ser dito de Tim e Anita Eisenbeis do Comitê Central Menonita. Finalmente, José Eguiny Manente tem sido muito cooperativo em me ajudar a

entender e escrever a história da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada.

Já mencionei alguns que graciosamente abriram seus lares para me hospedar durante as muitas viagens que foram parte necessária deste projeto de pesquisa. A esta equipe devem ser acrescentadas as casas de Howard e Lois Redmond, de Oakhurst (EUA), Vern e Gerry Dueck, de Pasadena (EUA), bem como Nelson e Julia Dewey, de São Paulo.

Minha família tem sido paciente, compreensiva e encorajadora quando eu, como marido e pai, precisava viajar, pesquisar e escrever. Obrigado Martha, Betânia, Kristen e Ângela. Agradeço também aos amáveis e generosos sogros, Bill e Janet Wagner.

Finalmente, expresso profunda gratidão à divina Equipe: Pai, Filho e Espírito Santo. Deus sempre esteve presente como Conselheiro, Protetor e Encorajador. Que este trabalho faça alguma contribuição para levar pessoas e povos a conhecê-lo por toda a eternidade.

## **PARTE I - INÍCIOS**



## 1. INTRODUÇÃO

Este livro é sobre um movimento cristão que começou por uma crise de refugiados. Hoje, muitos no mundo estão cada vez mais conscientes e alarmados com o apuro dos refugiados em nossa geração. O Alto Comissariado das Nações Unidas para os Refugiados indicou recentemente o número sem precedentes de 65,3 milhões dentro do mandato desta agência.<sup>1</sup> Esta grave situação, que parece ser atual, é, de fato, a continuação de uma praga que aflige a humanidade há séculos – grupos de pessoas que fogem para assegurar a própria vida e liberdade devido à perseguição contra sua raça, religião, nacionalidade ou persuasão política. O clássico exemplo bíblico de refugiados é o êxodo do Egito (Êxodo 1-14).

Curiosamente, a primeira coordenação internacional de assuntos para refugiados veio com a criação da Alta Comissão para os Refugiados pela Liga das Nações em 1921. A Comissão foi encarregada de auxiliar aproximadamente um milhão e meio de pessoas que fugiram da Revolução Russa de 1917 e da guerra civil subsequente (1917-1921). Essa crise não foi a primeira para pessoas refugiadas, mas era de tal escala que as nações do mundo estavam convencidas de que era necessária uma resposta coordenada.

Essa mesma crise dos refugiados russos foi mais uma na história dos menonitas, os quais, sob a providência de Deus, vieram para o Brasil em 1930. Mais detalhes serão dados no Capítulo 2, no entanto, devemos esclarecer que a identidade inicial desse grupo era de imigrantes, de fato refugiados. Eles estavam fugindo de uma perseguição crescente para com russos germânicos, uma coletivização agrícola forçada e uma educação ateuista para seus filhos na União Soviética de Josef Stálin.

Historicamente, os anabatistas do século dezesseis (antepassados espirituais dos menonitas) eram um movimento missionário. Seus esforços persistentes de convidar os católicos, os protestantes e os muçulmanos a seguirem Jesus de acordo com os padrões do Novo Testamento, em oposição às tradições da igreja, culminaram em severa perseguição.<sup>2</sup> Durante o período de perseguição nos séculos XVI e XVII, os menonitas enfatizavam a paz como uma alternativa ao que viram em torno deles. Após esse período de perseguição, os menonitas isolavam-se e cada vez mais se tornavam “os quietos na terra”. Eles queriam praticar suas crenças religiosas e costumes sociais com a menor interferência possível, e assim ficavam menos ativos nas

---

<sup>1</sup>“Refugees at highest ever level, reaching 65m, says UN,” consultado em 18-7-2016, <http://www.bbc.com/news/world-36573082>.

<sup>2</sup>O registro clássico de histórias pessoais de perseguição encontra-se em Thieleman J. Van Bracht, *The Martyrs' Mirror: The Story of Seventeen Centuries of Christian Martyrdom From the Time of Christ to A.D. 1660*, trans. Joseph F. Sohm (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1938).

comunidades ao seu redor. Mesmo com os movimentos de renovação entre os menonitas russos no final do século XIX e início do século XX, a característica do “quieto na terra” permaneceu como parte da identidade menonita.

Chegando ao Brasil como refugiados de outro continente e outra cultura, seria de se esperar que seu principal foco fosse a sobrevivência, com pouco foco na atividade missionária. A preservação de sua tradição e cultura, ou continuar sendo “os quietos na terra”, naturalmente, seria de extrema importância. Na verdade, assim foi durante boa parte das primeiras duas décadas. No entanto, a partir do final da década de 1940, com alguma assistência de agências e missionários norte-americanos, os peregrinos menonitas no Brasil começaram outro capítulo na história das missões menonitas. Hoje, suas atividades missionárias estão mais disseminadas do que nunca.

Ao preparar-me para escrever este livro, participei de uma palestra que tentou descrever a presença menonita no Brasil. A verdade seja dita, fiquei desapontado. O professor descreveu os menonitas apenas como um grupo imigrante, encantador, pequeno, isolado... e presente apenas em Santa Catarina e no Paraná, os estados de sua chegada original e primeira migração interna. No entanto, o desapontamento realmente me serviu bem, pois levou-me a perguntas que muitas pessoas têm sobre os menonitas. Talvez você também, querido leitor, possa ter algumas perguntas: Quem são os menonitas no Brasil? Já que vieram inicialmente como refugiados, eles continuam principalmente como um grupo imigrante ou étnico? Eles são um povinho encantador e “quieto na terra” para dar sorrisos ou mostrar-se aos turistas? Eles ainda são predominantemente rurais ou se urbanizaram? Muitas outras questões podem ser levantadas, porém o mais importante para mim é investigar até que ponto os menonitas têm compartilhado sua fé cristã, em palavras e ações.

Além disso, à luz do crescente envolvimento dos evangélicos brasileiros na missão mundial, pretendo ajudar os menonitas brasileiros a entender sua história missionária e o que Deus tem feito por meio de missões menonitas no passado. Espero que este estudo possa servir aos menonitas brasileiros e a outros, para o crescimento da fé, na motivação e compreensão missiológica enquanto atendem o chamado de Deus para o seu papel na missão mundial no futuro. Além disso, como em qualquer análise histórica da igreja e da missão, também é minha esperança e oração que esta reflexão ajude o leitor a aprender com o passado, para que os sucessos sejam repetidos e as falhas evitadas.

### *Algumas Definições*

**Missão, missionária e missional** referem-se ao relacionamento da igreja com o mundo. Incluem os seguintes esforços e atividades: 1) a mobilização e preparação de testemunhas cristãs a não-cristãos (**treinamento**); 2) a proclamação verbal do evangelho àqueles sem uma fé bíblica em Cristo

(**evangelismo**); 3) o colhimento de novos fiéis em novas igrejas (**plantação de igrejas**); 4) a educação de novos cristãos e treinamento de líderes para estas novas igrejas (**discipulado**); e 5) o serviço da ação e da palavra aos não-cristãos em nome de Cristo (**missão integral**). Por meio da **prática de missões**, refiro-me ao que realmente aconteceu – ao contrário de ideias, discussões, propostas e planos que nunca foram realizados. Além disso, a definição de **compreensão da missão** inclui a **teologia da missão**, mas vai além. No questionário teológico (cf. Apêndice B) e sua discussão (cf. Capítulo 13), o leitor notará questões relacionadas a categorias teológicas tradicionais como hermenêutica, teologia bíblica, cristologia, pneumatologia, soteriologia, eclesiologia e escatologia. No entanto, outras questões missiológicas referem-se à antropologia, hinologia, teologia pastoral e sociologia. Estas questões serão mais bem tratadas sob a rubrica mais ampla do termo *compreensão da missão*.

**Igreja:** vou me referir às *igrejas* principalmente no sentido de uma igreja local que é normalmente autônoma em seus próprios assuntos e apoio. Às vezes, tais igrejas também são autônomas no governo, no entanto, recebem alguma ajuda financeira por fora. O termo **igreja filha** refere-se ao patrocínio planejado ou à assistência de uma nova igreja por uma igreja mãe autônoma em uma situação missionária. Onde uma igreja filha patrocinou outra igreja, com ou sem assistência da **igreja mãe** original, devo referir-me a esta como uma **igreja neta**. As igrejas que têm membros batizados, mas ainda dependem de uma igreja, associação ou agência patrocinadora para supervisão e/ou finanças, serão denominadas **congregações**. Finalmente, o termo **ponto de pregação** é usado onde o evangelho é compartilhado com a intenção de iniciar outra igreja, mas o ministério está, até o momento, sem membros batizados. Para distinguir as igrejas como *assembleias de cristãos* das igrejas como *edifícios*, eu empregarei o termo **templo** ao me referir ao último. Também estão incluídas neste estudo pelo menos duas missões menonitas paraeclesiásticas. Por missões **paraeclesiásticas**, eu me refiro a agências missionárias que não são financeira ou administrativamente dependentes de uma igreja local ou denominação de igrejas. Elas apoiam a igreja e sua missão, mas encontram o próprio apoio, governança e esfera de ministério fora das limitações de uma igreja ou denominação.

**Evangélicos:** no uso popular no Brasil e em toda a América Latina, a maioria dos protestantes é conhecida como evangélicos. Estes últimos são caracterizados pela: 1) visão elevada das Escrituras como inspiradas e autoritativas; 2) fé em Jesus Cristo como o Filho de Deus e sua morte expiatória na cruz, exclusivamente capaz de salvar os indivíduos do pecado e da condenação eterna; 3) convicção de que as pessoas precisam ser convertidas a Cristo mediante o arrependimento do pecado e da fé; e 4) ampla mobilização

para cumprir a comissão de Cristo para fazer discípulos de todos os povos.<sup>3</sup> Como este livro é principalmente sobre os menonitas no Brasil, os quais se identificam claramente como evangélicos, parece apropriado usar este termo.

**Treinamento:** refere-se à preparação abrangente e em serviço para o ministério e para a missão. Como tal, inclui necessariamente aspectos formais, não formais e informais. Estes termos são entendidos da seguinte forma: a educação **formal** refere-se à formação institucional organizada e reconhecida pela sociedade. **Informal** refere-se à formação que ocorre no contexto de atividades normais de vida. O treinamento **não formal** refere-se à formação semiorganizada que geralmente ocorre fora da jurisdição de treinamento formal.<sup>4</sup>

**Crescimento da igreja:** como usado neste estudo, refere-se aos aspectos do crescimento da igreja que são mensuráveis numericamente. Incluídos neste crescimento numérico estão os acréscimos pela conversão do mundo, pela transferência de membros de outras igrejas evangélicas e pelo batismo de jovens que cresceram na igreja (denominado *crescimento biológico*). O crescimento da igreja será analisado, sempre que possível, tanto em termos de indivíduos que são membros de uma igreja local, como também de igrejas locais que são membros de uma determinada denominação. O acréscimo de membros à igreja será denominado **crescimento de expansão** e o acréscimo de igrejas será chamado de **crescimento de extensão**.

---

<sup>3</sup> Para essa definição, dependo do “quadrilateral de Bebbington”. “David Bebbington,” consultado em 18-7-2016, [https://en.wikipedia.org/wiki/David\\_Bebbington](https://en.wikipedia.org/wiki/David_Bebbington).

<sup>4</sup> Robert J. Clinton, *Leadership Training Models* (Altadena, EUA: Barnabas Publishers, 1984), p. 135.

## 2. ORIGENS DO MOVIMENTO MENONITA

Os menonitas brasileiros do século XXI traçam suas origens eclesiásticas de volta ao movimento anabatista-menonita da Europa do século XVI. Antes de examinar as origens específicas das igrejas e missões menonitas no Brasil, é necessário examinar brevemente as origens do movimento menonita em seu cenário europeu. Segue breve introdução do contexto da Reforma, suas expressões protestantes e anabatistas, bem como a disseminação geográfica do movimento menonita.

### *O contexto das reformas do século XVI*

As reformas desse século não surgiram de um dia para o outro. Mudanças foram feitas durante séculos. Pelo menos três fatores fundiram-se em uma confluência que deu origem a mudanças que abalaram os próprios alicerces da Igreja Católica Romana do século XVI.

#### **A Decadência da Igreja Católica Romana**

Já na Idade Média e nos séculos que se seguiram, os conselhos eclesiásticos, os reis e os leigos pediram o fim da corrupção na igreja institucional. Qual foi a natureza dessa corrupção?

Primeiro, com a conversão de Constantino no quarto século, a igreja casou-se com o estado. Os cidadãos do estado foram simultaneamente considerados membros da igreja. O cristianismo tornou-se a cristandade; as distinções desapareceram entre a igreja como nação sagrada e Roma como nação secular. Em segundo lugar, um relacionamento correto com Deus tornou-se questão de mérito, não de graça. Os sete sacramentos da Igreja Católica – o batismo, a confirmação, a Eucaristia, a penitência, a unção dos enfermos, a ordenação e o matrimônio – não só se tornaram os méritos necessários para a salvação, mas o elo que mantinha a cristandade em conjunto. A prática uniforme dos sacramentos proporcionou unidade, comunidade, vida e esperança. O ritual substituiu a realidade do relacionamento. As distorções da verdade bíblica foram exemplificadas nos sacramentos do batismo e da Eucaristia. A Igreja veio a acreditar e aceitou que o batismo dos bebês com água garantiria a salvação do inferno e que, nos elementos da Eucaristia, o corpo e o sangue de Cristo foram sacrificados literalmente.

Em terceiro lugar, a autoridade das Escrituras inspiradas por Deus tinha quase desaparecido ante as autoridades da tradição, do estado e da hierarquia da Igreja. A Bíblia só foi estudada ou ensinada por sacerdotes profissionais. Quando foi citada na congregação, o idioma utilizado era latim e o impacto era pequeno, se havia.

Finalmente, a essência do cristianismo do Novo Testamento, ou seja, o amor de Cristo tanto aos salvos como aos perdidos, foi substituído por medo,

tradição e vida carnal. A manutenção e o avanço da cristandade foram por meio da persuasão política e da força militar. As Cruzadas foram apenas um exemplo dessa decadência ética.

### **O Papel Inquisitivo do Renascimento**

O surgimento de um novo espírito de liberdade e inquérito nos séculos XIV e XV, além de um renascimento do estudo dos clássicos grego e romano, ocasionou um renovado interesse pelas línguas bíblicas. Os humanistas cristãos, como Desiderius Erasmus (1469-1536), investigaram, debateram, escreveram e estimularam um nível de reflexão teológica desconhecido desde o período dos Padres da Igreja. Cornelius J. Dyck não exagerou ao declarar que “a Reforma não teria sido possível sem a recuperação das Escrituras e da erudição bíblica pelos humanistas”. Ele acrescentou: “Todos os principais reformadores tinham uma educação humanista e eram estudiosos por direito próprio.”<sup>5</sup>

### **Reformadores Antes do Século XVI**

Ao longo da Idade Média, houve várias tentativas de reforma. No entanto, os esforços para a renovação dentro da igreja, embora exercessem influência significativa em suas gerações, não traziam a restauração duradoura do cristianismo do Novo Testamento, que era extremamente necessário.

Enquanto os reformadores do século XVI eram notáveis em seu próprio tempo, deve-se reconhecer que eles estavam construindo uma fundação com muitos materiais reunidos por reformadores anteriores. O francês Peter Waldo (1140-1218), fundador dos valdenses, mobilizou leigos para estudar as Escrituras e orar em reuniões de casa, para pregar o evangelho da salvação gratuita e obedecer à lei de Deus acima de todas as outras. O inglês John Wycliffe (1328-1384) defendeu a autoridade das Escrituras acima da do papa ou príncipe. Ele procurou traduzir as Escrituras para o idioma das massas e colocá-las em suas mãos. Seguindo-o, o boêmio John Hus (1369-1415) ensinava que a igreja estava presente onde duas ou três pessoas estivessem reunidas em nome de Cristo sob a orientação do Espírito Santo e consistia apenas naqueles seguidores obedientes de Jesus Cristo.

Podem-se mencionar outros reformadores e suas influências, tais como os alemães Mestre Eckhart (1260-1327) e John Tauler (1300-1361), o holandês Tomás de Kempis (1380-1471) e os Irmãos da Vida Comum. Basta dizer que os reformadores do século XVI, protestantes e anabatistas, inevitavelmente se beneficiaram da confluência desses movimentos anteriores à Reforma.

---

<sup>5</sup> *An Introduction to Mennonite History*, 3rd edition (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1993), p. 29.

## **A Reforma Protestante**

A Europa estava madura para a mudança. Uma igreja decadente, um renovado interesse em compreender as Escrituras, movimentos místicos em prol de maior intimidade com Deus, uma crescente inquietação social entre as massas – estes e outros fatores contribuíram para os protestos e para as reformas que se manifestariam, a começar com Martinho Lutero (1483-1546) de Wittenberg na Alemanha.

### **Martinho Lutero**

As reformas de Lutero podem ser resumidas em três termos latinos: *sola scriptura*, *sola gratia*, *sola fide*.<sup>6</sup> A autoridade final para a igreja e para os cristãos não reside no papa ou nas tradições eclesiásticas, mas somente nas Escrituras (*sola scriptura*). Sua própria luta pessoal com a dúvida e com o medo em relação à sua salvação foi finalmente resolvida enquanto estudava o livro de Romanos. O versículo 17 do primeiro capítulo continha a chave: “O justo viverá pela fé”. Ele se alegrou e sua vida foi transformada por este novo entendimento de que a justificação é inteira e somente um dom da graça de Deus (*sola gratia*), apropriado unicamente pela fé humana (*sola fide*). A partir de 1517, essas realizações levaram-no a protestar e posteriormente se separar da Igreja Católica Romana. Ele enfrentaria as consequentes perseguições, daria centralidade à pregação da Palavra de Deus nos cultos de adoração e traduziria as Escrituras na língua alemã para o benefício das pessoas comuns.

### **Andreas Karlstadt**

Um reformador e colega menos conhecido de Lutero era o professor e pastor de Wittenberg, Andreas Karlstadt (1486-1541). Em 1517, ele antecipou o famoso protesto de Lutero ao publicar 152 teses contra indulgências. Além disso, sua foi a primeira declaração definitiva na Reforma alemã da autoridade suprema da Bíblia sobre os decretos e tradições da Igreja. A semelhança de suas reformas com as dos anabatistas pode ser vista em seus ensinamentos distintos. Karlstadt rejeitou o juramento. Em vez da interpretação sacramental da Ceia do Senhor, ele começou a celebrá-la como um culto memorial do que Cristo havia feito na cruz. Ele proibiu outros de chamá-lo de “doutor” dizendo que todos são iguais na igreja de Cristo.

### **Ulrico Zuínglio**

Este reformador (1484-1531) também iniciou mudanças que foram motivadas por sua leitura das Escrituras. Zuínglio era muito mais radical em suas reformas do que até mesmo Lutero. Com base nas conclusões da Bíblia, ele logo removeu os meios comuns do culto católico, como estátuas e pinturas dos santos, vitrais e até mesmo o órgão. Embora essas reformas tenham sido notáveis para o tempo, Zuínglio foi ainda mais longe: “Ele favoreceu, entre

---

<sup>6</sup> As articulações posteriores de teólogos protestantes acrescentaram *solus Christus* (somente Cristo como Salvador) e *soli Deo gloria* (glória somente a Deus).

outras inovações, a abolição imediata da missa, a rejeição do celibato, a dissolução de mosteiros e conventos, o uso da língua suíça em vez do latim no culto de batismo e uma simplificação geral em torno das formas de culto.”<sup>7</sup>

Embora suas reformas tenham sido radicais, Zuínglio não é colocado entre os reformadores radicais. Ele não estava convencido de separar igreja e estado, morreu uma morte violenta quando ele pegou a espada com as tropas do estado em uma guerra civil em 1531. Reformas nestas áreas e outras ainda eram necessárias.

### ***A Reforma Anabatista***

O movimento anabatista tem sido classificado por muitos estudiosos como a ala esquerda da Reforma Protestante. É minha convicção de que as diferenças entre os reformadores anabatistas e protestantes (Lutero, Zuínglio e Calvino) eram tão significativas e a oposição ao Anabatismo tão grave que a Reforma Anabatista deve ser colocada em uma categoria separada. Em vez de se referir à “ala radical da Reforma Protestante”, com outros me referirei à Reforma Anabatista.<sup>8</sup>

Já que a Reforma Anabatista parecia ser mais descentralizada em seu padrão de liderança, esta seção é dividida em temas de reforma, em vez de organizada por líderes primários. Isso, no entanto, não diminui o número e o papel de muitos líderes capazes com quem este movimento foi agraciado. Além disso, os temas listados da reforma são os comuns a todos os anabatistas de linha principal. Havia algumas ênfases e aberrações entre os variados grupos, como o comunalismo dos anabatistas da Morávia ou o milenarismo violento de certos melquioritas, mas estes eram periféricos ao fluxo principal do Anabatismo do século XVI.

Um tema subjacente a muitas das questões que provocaram a Reforma Anabatista era a questão de onde reside a autoridade para a igreja. Zuínglio estava introduzindo muitas reformas baseadas nas Escrituras, mesmo assim entendia que era melhor se mover com cautela e ter o apoio e consentimento da câmara da cidade sobre outras reformas, como o batismo infantil e a Missa. No entanto, já em 1523, havia visões contraditórias sobre as principais reformas entre Zuínglio e um grupo de seus discípulos chamado “o círculo Grebel” (Conrad Grebel, Felix Manz, Wilhelm Reublin, Hans Brötli e outros). Grebel sentiu que era somente a Palavra de Deus que constituía um guia

---

<sup>7</sup>C. Henry Smith, *Smith's Story of the Mennonites*, 5ª edição revisada e aumentada por Cornelius Krahn (Newton, EUA: Faith and Life Press, 1981), p. 4.

<sup>8</sup>Para uma discussão mais ampla sobre estas diferenças, ver George H. Williams, *The Radical Reformation* (Philadelphia, EUA: Westminster Press, 1962); e Walter Klaassen, *Anabaptism: Neither Catholic Nor Protestant* (Waterloo, Canadá: Conrad Grebel Press, 1973).

espiritual para a igreja de Cristo; os líderes políticos não deveriam ter autoridade no corpo de Cristo.

Nos meses e anos seguintes, o círculo Grebel reunia-se nas casas para mais estudo do Novo Testamento e discussão sobre as reformas necessárias. Ficava cada vez mais claro que era mesmo necessário um conceito totalmente novo da igreja. “Eles queriam uma igreja composta de adultos, não de crianças-homens e mulheres que, por sua própria vontade, se formaram em um grupo de adoradores voluntários, segundo o exemplo dos tempos apostólicos”.<sup>9</sup> Seria uma igreja pura e composta somente de crentes, não uma igreja do estado, na qual havia tolerância aberta de trigo e joio. Essa ideia radical de uma igreja livre do estado tinha suas origens com esses reformadores radicais de Zurique.

Enquanto a igreja deveria estar livre do estado, também seria pura e disciplinada. Esta ideia tornou-se especialmente prevalente mais tarde entre os anabatistas holandeses, como Menno Simons (1496-1561) e Dirk Phillips (1504-1568). “Menno acreditava que uma igreja sem disciplina (a proibição) é como uma casa sem paredes ou um jardim sem cercas”.<sup>10</sup>

Já em 1524, Wilhelm Reublin, um padre convertido em pastor, persuadiu muitos dos pais de sua igreja perto de Zurique a evitar o batismo de seus bebês. Um conhecido teólogo de Waldshut chamado Balthasar Hubmaier também estava negando a validade do batismo infantil e debatia extensivamente com Zuínglio sobre este assunto no início de 1525. Ambos e seus seguidores após eles sustentaram que, de acordo com o Novo Testamento, o batismo deve basear-se na fé, e como os infantes não podem ter fé, seu batismo não tem validade. O debate sobre este assunto em janeiro de 1525 entre o círculo de Grebel e Zuínglio levou ao nascimento do movimento anabatista.

A Missa (Eucaristia) era o segundo sacramento que os reformadores anabatistas procuravam restaurar aos princípios do Novo Testamento. Seguindo Lutero, os anabatistas rejeitaram a doutrina da transubstanciação, em que os elementos se transformam fisicamente em o corpo e o sangue de Cristo. Com Zuínglio, eles concordavam que a Missa não era bíblica e deveria ser abolida. No entanto, quando Zuínglio encontrou resistência da câmara da cidade para essas reformas, ele escolheu o curso de cautela e comprometimento. Os anabatistas, convencidos de que a Palavra e o Espírito eram autoridades supremas, seguiam em sua rejeição da massa e na restauração da Ceia bíblica. De acordo com a Confissão de Schleithem, uma antiga declaração de posição dos anabatistas suíços, a Ceia do Senhor é uma lembrança do sacrifício de Cristo e uma união com ele e com os crentes do

---

<sup>9</sup> Smith, *Smith's Story*, p. 5.

<sup>10</sup> Dyck, Introduction, p. 148.

grupo de comunhão.<sup>11</sup> Assim, para os anabatistas suíços e outros grupos posteriores, a Ceia do Senhor era uma refeição memorial do sacrifício único de Cristo (uma vez só), em vez de um sacrifício a ser repetido em todas as Missas. Além disso, a Ceia do Senhor era comunhão com Cristo e seu corpo de crentes batizados, não com uma multidão mista de verdadeiros crentes e pedobatistas nominais.

Não poderia haver verdadeiro discipulado sem primeiro nascer de novo. A conversão e a regeneração eram essenciais para o discipulado. Para converter, o arrependimento verdadeiro do pecado e a verdadeira fé em Cristo eram necessários. Nisto, os anabatistas não eram tão distantes dos reformadores protestantes. No entanto, “o crente não é apenas declarado justo pela fé na obra de Cristo, mas muito mais, torna-se uma pessoa nova cujo ser e natureza realmente mudam ao caminhar com Cristo. O pecado perde seu controle enquanto a santidade e a santificação aumentam”.<sup>12</sup> Essa era a essência dos anabatistas. A santificação deve seguir a justificação. Eles chamaram esse tipo de discipulado de *nachfolge Christi* (seguindo após a Cristo).

O Sermão do Monte tornou-se seu texto favorito. Tão sérios eram os anabatistas sobre o discipulado que, como os primeiros cristãos, estavam prontos para morrer por seu Salvador e Senhor. O sofrimento foi considerado a norma para a vida cristã. A não-resistência à violência e a ética do amor, mesmo para com os inimigos, eram seus objetivos e práticas. O juramento era desnecessário. Havia forte consciência de dois reinos, assim os cristãos viviam pela regra do Reino de Deus, mesmo que vissem temporariamente no reino deste mundo.

Uma descrição da essência da Reforma Anabatista não seria completa sem uma palavra sobre a compreensão e zelo missionário. Ao contrário de seus contemporâneos protestantes, e de fato em alguns aspectos mais como os movimentos missionários emergentes entre os católicos, os anabatistas do século XVI entendiam que a Grande Comissão ainda estava insatisfeita e a ser obedecida em seus dias. A obediência ao chamado missionário de Cristo, a preocupação com os perdidos, a paixão por restaurar a verdadeira igreja e o retorno iminente de Cristo eram os fatores que proporcionavam a motivação missionária. Evangelistas como Leonard Bouwens e Hans Hut batizaram centenas e milhares de novos cristãos. O missionário David Shenk estima que, dentro de cinco anos, plantaram 500 igrejas. Menno Simons, o apóstolo anabatista do Norte da Europa, escreveu este famoso texto missionário:

---

<sup>11</sup> “The Schleitheim Confession Of Faith, 1527,” traduzido por J. C. Wenger, consultado em 18-7-2016, <http://courses.washington.edu/hist112/SCHLEITHEIM%20CONFESSION%20OF%20FAITH.htm>.

<sup>12</sup> Dyck, Introduction, p. 147.

Portanto, pregamos, tanto quanto possível, tanto de dia como de noite, nas casas e nos campos, nas florestas e nos resíduos, aqui e ali, no país e no exterior, nas prisões e nas masmorras, na água e no fogo, no patíbulo e na roda [...] Pois sentimos seu fruto vivo e seu poder transformador em nossos corações [...] Poderíamos desejar que pudéssemos salvar toda humanidade das garras do inferno, liberá-las das cadeias de seus pecados, e pela graciosa ajuda de Deus, acrescentá-los a Cristo pelo evangelho de sua paz”.<sup>13</sup>

Este zelo missionário, juntamente com a perseguição ardente de ambos protestantes e católicos, levava a uma expansão que abrangia a Europa e além. A este assunto, agora passamos.

### *Do Anabatista Suíço ao Menonita Sul-americano*

O foco aqui é sobre a expansão geográfica e o surgimento do nome *Menonita* fora do grupo originalmente conhecido como anabatistas ou *irmãos suíços*. Como isto é um fundo essencial para a descrição dos menonitas no Brasil, vou concentrar-me principalmente na expansão dos anabatistas suíços e holandeses, pois foram eles que posteriormente chegaram ao Brasil.

#### **Aos Países Baixos**

O vínculo entre os irmãos suíços e o surgimento dos menonitas nos Países Baixos não foi direto. Antes, um pregador luterano leigo que se tornou profeta milenar, Melchior Hoffmann, entrou em contato com certos líderes anabatistas em Estrasburgo (nas proximidades da França) e abraçou as crenças anabatistas. Assim, ele se tornou o elo principal. Ele partiu para Emden (fronteira com Países Baixos) imediatamente após o seu próprio batismo em Estrasburgo. Posteriormente, em 1530, ele ganhou um grande seguimento entre as pessoas comuns, introduziu o batismo do crente e, pouco depois, batizou cerca de 300 convertidos. Assim começou a propagação do Anabatismo nos Países Baixos.

A tragédia de Münster que seguiu esse começo é bem conhecida. A rebelião de Münster foi uma tentativa de extremistas anabatistas estabelecerem um governo teocrático e comunal naquela cidade alemã. Eles estavam convencidos de que Münster era a Nova Jerusalém para o milênio bíblico que aspiravam estabelecer (1534). O sucessor de Hoffmann, Jan Matthys, levou as interpretações proféticas de Daniel e do Apocalipse ao extremo e foi o principal iniciador da tragédia de Münster, uma clara aberração dos ensinamentos dos anabatistas convencionais. Um ano depois, a rebelião foi esmagada e seus líderes foram executados. Na sequência de Münster (1535), inúmeras igrejas e milhares de cristãos anabatistas ficaram sem liderança

---

<sup>13</sup> Ibid., p. 148.

pastoral adequada. Foi nesse contexto que o homem de quem o movimento anabatista no Norte da Europa recebeu (involuntariamente) seu nome, Menno Simons, o qual surgiu como pastor para um povo sem liderança.



**Menno Simons**

Posteriormente, o movimento anabatista nos Países Baixos alcançou considerável estabilidade e unidade teológica sob a liderança de Menno Simons (1496-1561), um sacerdote católico romano que abraçou a fé anabatista, assim como o episódio de Münster estava terminando. Sua consciência não lhe permitiu se esconder atrás de seu hábito clerical para evitar a perseguição. Diante dessa postura, Menno foi rebatizado em 1536 e ordenado como presbítero anabatista. A partir de então, ele pregava o evangelho, instruía novos convertidos, organizava igrejas e defendia a fé. Gradualmente, ele foi reconhecido como o líder dos anabatistas no Norte da Europa, que em tempo vieram a ser chamados de *Menonitas*.

Até 1600, os anabatistas holandeses (menonitas) desfrutavam de um período de tolerância, paz e crescimento. No entanto, ao sul, o movimento, antes expansivo dos irmãos suíços e anabatistas sul-alemães, tinha sofrido perseguição a tal ponto que, em 1600, estavam praticamente eliminados em todos os lugares fora da Suíça. A opressão contínua na Suíça durante o século XVII pressionou grandes grupos de menonitas a fazer a viagem intercontinental para a liberdade na América do Norte nos séculos XVIII e XIX. O historiador menonita Bender atribuiu sete causas para essa imigração:

- (1) a devastação de guerra, (2) a tributação pesada, (3) um inverno extraordinariamente severo, (4) os conflitos religiosos, porém sem perseguição, (5) a fome de terra pelos idosos e o desejo de aventura por parte dos jovens, (6) a ampla propaganda por proprietários coloniais e finalmente (7) a cooperação benevolente e ativa do governo britânico.<sup>14</sup>

O primeiro assentamento permanente foi feito por um grupo holandês de Krefeld (Alemanha), a convite do governador quacre William Penn. Isso ocorreu em Germantown, ao Norte de Filadélfia em 1683. Logo, outros menonitas de origem suíça e alemã do Sul começaram a se juntar a eles e, em 1705, superaram em número os holandeses. Até 1824, outros 4.000 haviam imigrado para o leste da Pensilvânia. No final do século XIX,

<sup>14</sup> J.C. Wenger, *The Mennonite Church in America* (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1966), p. 49.

aproximadamente 8 mil menonitas de origem suíça-alemã haviam imigrado para os Estados Unidos e para o Canadá.

A rota do grande contingente de menonitas holandês-prussiano-russos e sua eventual chegada na América do Norte e do Sul será contada na seção seguinte. Três ondas de imigrantes desse grupo (anos 1870, 1920, 1940) trouxeram mais 60 mil menonitas aos estados e províncias da América do Norte.

### **À Rússia**

O movimento menonita continuava a espalhar-se pelo Norte da Europa. Durante a vida de Menno, igrejas foram estabelecidas na região do delta do Rio Vístula na Prússia e em Danzig (hoje Polônia). Isso aconteceu, em grande parte, como resultado da contínua perseguição nos Países Baixos. Na Prússia, as autoridades governamentais exerceram maior tolerância religiosa. Por mais de 250 anos (1540-1790), o movimento menonita cresceu e prosperou nestas terras de liberdade limitada, mas muito apreciada.

Deve ser mencionado, no entanto, que, como é frequentemente o caso dos movimentos de renovação, a fidelidade e o fervor que caracterizavam os fundadores acabaram declinando nas gerações posteriores. O isolamento religioso e cultural, bem como a falta de visão e envolvimento missionário, acabaram produzindo uma expressão colonial do cristianismo, de modo que os menonitas se tornavam conhecidos principalmente como *die Stillen im Lande* (os quietos na terra).

Após a divisão da Prússia na segunda metade do século XVIII, o militarismo prussiano do rei Frederico o Grande finalmente entrou em confronto com os menonitas não violentos. Sua recusa em pagar impostos à igreja estadual e aos militares levou a uma negação de mais aquisição de terras. Foi naquela época que a imperatriz de origem alemã, Catarina II da Rússia, estava convidando colonos alemães a ocupar vastos e novos territórios na Ucrânia, recém-conquistados por suas guerras com a Turquia. Um convite especial foi feito aos menonitas de língua alemã da Prússia em 1786. Incluídos na oferta, foram disposições de terra, ajuda financeira, plena liberdade religiosa e isenção do serviço militar “por toda a eternidade”. Muitos menonitas aceitaram com prazer esse convite. Em 1789, cerca de 400 famílias mudaram-se para a Ucrânia e, assim, estabeleceu-se a primeira colônia russa de menonitas (Chortitza). Em 1804, outra colônia (Molotschna) havia sido iniciada, com o correr do tempo, e chegou a 1.200 famílias.

Os menonitas russos do século XIX e do início do século XX experimentavam um crescimento significativo, tanto na população como na prosperidade. Em 1920, havia cerca de 120 mil menonitas espalhados em cinquenta colônias da Ucrânia à Sibéria. A economia florescente tornou possíveis programas civis e educacionais incomparáveis em qualquer lugar do mundo menonita naquele momento.

Por que, então, ocorreram três ondas de emigração no espaço de setenta e cinco anos (décadas de 1870, 1920, 1940)? A primeira onda, 1874-1880, foi motivada principalmente como resposta ao programa de “russificação” anunciado no decreto imperial de 1870. O treinamento militar universal, incluindo o recrutamento, fazia parte desse decreto. Como seus antepassados fizeram um século antes, muitos menonitas russos escolheram a emigração acima da violação de suas próprias consciências. Por meio dessa emigração, evitavam participar de qualquer tipo de atividade militar. Aproximadamente 10 mil menonitas fizeram a jornada para os Estados Unidos e outros 8 mil imigraram para o Canadá. A segunda onda de imigração, 1923-1930, tem um significado particular para nosso estudo do caso brasileiro e será explicada nos próximos parágrafos. A terceira onda, 1947-1952, foi composta de refugiados que fugiram do regime de Stalin (no caso dos menonitas russos) ou do exército vermelho que se aproximava (menonitas prussianos e poloneses) e recuaram com o exército alemão nos últimos anos da Segunda Guerra Mundial. Este grupo contou com cerca de 2.000 imigrantes.

A primeira e a terceira onda de imigração não influenciam diretamente a situação brasileira, no entanto ajudaram a formar três denominações norte-americanas que, posteriormente, realizaram trabalho no Brasil. Esses grupos eram a Igreja Menonita (IM), a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM) e a Igreja de Deus em Cristo - Menonita (IDCM).

A revolução bolchevique que se seguiu à Primeira Guerra Mundial trouxe sofrimento insuportável para muitos proprietários na Rússia, incluindo os prósperos menonitas. As perdas econômicas, a revolta social e a crescente perda de liberdade religiosa convenceram muitos menonitas de que deveriam deixar a Rússia enquanto ainda havia uma porta aberta. Cerca de 20 mil deles imigraram para o Canadá de 1923-1930. Muitos, no entanto, optaram por ficar

### Gratidão pelo Êxodo

Louvemos ao Senhor  
de coração e lábios,  
pois grandes coisas faz  
aos simples e aos sábios.  
Mesmo antes de nascer,  
Deus cuida do bebê  
e tudo o que é melhor  
com graça já provê.

Louvemos ao Senhor,  
pois com amor deseja  
que sua eterna paz  
conosco sempre seja.  
Sustém-nos seu favor  
nos dias a correr.  
Nas crises, na aflição,  
virá nos socorrer.

Louvemos ao Senhor,  
com toda a reverência,  
ao trino e santo Deus,  
em sua onipotência.  
Em terra, céu e mar,  
nós, servos do Senhor,  
unindo os corações,  
cantemos seu louvor.  
*(Cantado pelos refugiados  
Menonitas ao deixar a URSS)*

ou não conseguiram obter passaportes. Em 1929, cerca de 14 mil pessoas, principalmente menonitas, invadiram Moscou porque ouviram que os passaportes estavam disponíveis mais uma vez, porém apenas 6 mil foram capazes de obter passaportes, os quais permitiram apenas que eles se mudassem temporariamente à Alemanha. Devido à depressão econômica mundial naquela época, a Alemanha, bem como os EUA e o Canadá estavam aceitando poucos imigrantes.

No final de 1929, com crédito para o transporte fornecido pelo governo alemão, itens domésticos pela Cruz Vermelha Alemã, e crédito para comprar terra disponível pela Sociedade Colonizadora Hanseática, os primeiros de cerca de 1.200 refugiados menonitas deixaram a Alemanha para se estabelecer em Hamônia (hoje Ibirama), Estado de Santa Catarina (SC) do Sul do Brasil. Em 1934, outros 180 refugiados chegaram ao Brasil através de Harbin, na China. Eles fugiram de suas colônias no leste da Sibéria e cruzaram o congelado rio Amur até a China. Assim, começou outro capítulo na história das missões menonitas (veja Mapa 1 no APÊNDICE A).



Refugiados menonitas, Hamônia (Ibirama), SC, 1930

### *Colônias Imigrantes no Brasil*

A primeira localização de uma colônia menonita no Brasil, a de Krauel, ficava no vale do rio Krauel, a 150 quilômetros (km) ao oeste de Blumenau, SC. Em 16 de fevereiro de 1930, o primeiro transporte de refugiados chegou à floresta virgem subtropical. Nos meses seguintes, chegaram outros, que levaram o número total de colonos em Krauel a mais de 600. Eles se estabeleceram em três aldeias: Witmarsum, Waldheim e Gnadental. Sua tarefa imediata foi a sobrevivência e os colonos concentraram-se na construção, na produção de alimentos, no desenvolvimento de infraestruturas básicas e no estabelecimento de escolas. Desde o início, a fé cristã era fundamental para

este novo empreendimento, como evidenciado em encontros semanais para adoração e comunhão. Inicialmente, as reuniões foram realizadas ao ar livre. Mais tarde, elas foram conduzidas em lares ou tendas e, posteriormente, nas escolas da aldeia.



**Primeiro culto na aldeia Gnadental**

Até junho de 1930, o assentamento de Krauel estava ocupado e não havia mais espaço disponível para os refugiados que chegavam. Os desapontados recém-chegados não tinham outra escolha senão tentar um sustento no Planalto Stolz, um local altamente inadequado para uma colônia agrícola, localizado a uns trinta quilômetros da aldeia de Witmarsum. Foi nesse local que cerca de 500 refugiados estabeleceram o assentamento de Auhagen. Também nesse local, com muito esforço desde o início, casas, armazéns, escolas e igrejas foram estabelecidos. Em 1934, no entanto, após apenas três anos de trabalho árduo, 65 das 106 famílias escolheram deixar Auhagen para pastagens mais verdes em Curitiba, no Paraná (PR). As famílias restantes lutaram para manter seu sustento; no entanto, até 1940, a colônia deixou de existir.



### **O Primeiro Natal**

As crianças foram sentadas no tronco de uma árvore. Nós cantamos e oramos e então eu expliquei como nosso Salvador nasceu em um estábulo como nossa cabana, e como ele se deitou na palha ... O nascimento de Jesus parecia muito com nossa própria infância aqui na cabana, com a grande pobreza que vivíamos naquele momento... Então começamos a cantar. Mas, desta vez, cantamos com toda a felicidade em nossos corações e com os pulmões abertos... As crianças expressaram sua alegria de estarem vivas, seu amor e sua saudade na música.

(Susanna Hamm)

Mesmo antes do êxodo de 1934, indivíduos e famílias aos poucos saíram de Auhagen e Krauel para a promissora capital do estado, Curitiba no PR (veja Mapa 2 no APÊNDICE A). Jovens, mulheres e homens foram os primeiros a sair em busca de trabalhos domésticos ou de fábrica.



**Escola e Templo Menonita, Curitiba, 1936**

Em 1938, um grupo de quase 100 famílias mudou-se de SC para as novas comunidades de Vila Guaíra e Boqueirão, a pouca distância de Curitiba. Em 1936, um prédio escolar foi erguido para atender as necessidades educacionais, bem como a necessidade de um local de encontro para adoração e comunhão. Embora o movimento para Curitiba tenha sido fortemente oposto pelas colônias maternas, bem como pelos órgãos patrocinadores dos refugiados (os menonitas holandeses e o governo alemão), esse local tornou-se o centro da maior concentração de menonitas germânicos e brasileiros.

Dois outros locais de migrações internas devem ser mencionados – Blumenau e São Paulo, ambos grandes centros urbanos. Blumenau era a cidade mais próxima das colônias maternas, portanto uma escolha natural dos jovens, adultos e famílias para encontrar a renda extra necessária. Além disso, como o nome indica, Blumenau era uma cidade com raízes alemãs, assim os menonitas germânicos podiam sentir afinidade cultural com certos aspectos da cidade. Já São Paulo, capital do estado de São Paulo (SP), a maior cidade e mais economicamente viável do país, também, recebeu jovens menonitas no início da década de 1930. Em 1938, cerca de 60 menonitas residiam lá. Ao contrário da situação do grupo de Blumenau, que estava mais próximo cultural e geograficamente de Curitiba, o que facilitou o companheirismo e o apoio, os menonitas de São Paulo encontravam-se dispersos e distantes. Esse fato tornou-se motivo de preocupação entre os líderes espirituais.

O descontentamento econômico e a dissensão intermenonita no final da década de 1940 levaram a um êxodo de Krauel, a colônia original. O estabelecimento da Colônia Nova, perto de Bagé, estado do Rio Grande do Sul (RS), foi iniciado em 1949 com a partida de 42 famílias de Krauel (veja Mapa 2). Outras 37 famílias juntaram-se à colônia no ano seguinte. Como este grupo era dos Irmãos Menonitas, foi natural que eles formassem uma igreja (IEIM) logo após a chegada. Com esta partida de mais da metade das famílias de Krauel, os colonos restantes foram obrigados a se mudar para uma região economicamente mais favorável. Em 1951, mais 70 famílias menonitas



**Culto ao ar livre, Colônia Nova, RS, 1949**

deixaram Krauel para formar uma nova colônia perto de Palmeira, a noroeste de Curitiba, PR. Eles a chamaram de Neu (Novo) Witmarsum.

Quatro colônias menores também foram iniciadas, duas das quais foram bem sucedidas e permanecem até hoje. A primeira delas é Guarituba. A partir de

1948, fazendeiros da região de Boqueirão em Curitiba e, posteriormente, das colônias menonitas no Paraguai compraram extensas e baratas terras no município vizinho de Guarituba. Foi estabelecida uma colônia que incluía uma cooperativa econômica, duas igrejas e uma escola. Até 1965, a maioria dos colonos havia se mudado devido às dificuldades econômicas. Em segundo lugar, em 1953, um grupo de famílias menonitas tentou estabelecer uma colônia no sudoeste do PR, perto da cidade de Clevelândia. A colônia falhou economicamente; no entanto, duas famílias permaneceram na área e posteriormente formaram o núcleo de uma IEIM e, conseqüentemente, um conjunto regional de igrejas. Em terceiro lugar, a partir de 1971, um grupo de fazendeiros germânicos, dentre os quais alguns da IEIM Boqueirão, iniciou uma cooperativa leiteira na região da Lapa, cerca de 60 quilômetros ao sudoeste de Curitiba. O esforço mais recente (1984) para estabelecer uma cooperativa agrícola ocorreu no distante Nordeste do estado da Bahia (BA). Este é um empreendimento intermenonita chamado Concórdia que se originou na colônia Neu Witmarsum (PR).

Finalmente, uma colônia de imigrantes foi estabelecida em Rio Verde, estado de Goiás (GO) em 1968. Este grupo tem origens diferentes, isto é, os colonos vieram da Igreja de Deus em Cristo - Menonita nos EUA. Vieram motivados pela preocupação com a corrupção moral presente nas escolas públicas e pelo alto custo de terras agrícolas nos EUA. Em novembro de 1968, as duas primeiras famílias chegaram a Rio Verde, as quais queriam se localizar em uma área rural onde poderiam criar suas famílias de acordo com os princípios bíblicos. No ano seguinte, uma grande fazenda foi comprada e dividida entre oito famílias. Nos anos seguintes, outras famílias IDCM continuaram a chegar e compraram fazendas vizinhas.

TABELA 1: AS MAIORES COMUNIDADES IMIGRANTES

<b>Comunidade</b>	<b>Local</b>	<b>Origem/Patrocinador</b>	<b>Início</b>	<b>Fechado</b>
<b>Krauel</b>	Krauel, SC	Refugiados russos	1930	1951
<b>Auhagen</b>	Planalto Stolz, SC	Refugiados russos	1930	1940
<b>Boqueirão</b>	Curitiba, PR	Auhagen, Krauel	Anos 30	
<b>Vila Guaira</b>	Curitiba, PR	Auhagen, Krauel	Anos 30	
<b>Blumenau</b>	Blumenau, SC	Auhagen, Krauel	Anos 30	
<b>São Paulo</b>	São Paulo, SP	Auhagen, Krauel	Anos 30	
<b>Guarituba</b>	Guarituba, PR	Boqueirão	1948	1966
<b>Colônia Nova</b>	Bagé, RS	Krauel	1949	
<b>Neu Witmarsum</b>	Palmeira, PR	Krauel	1951	
<b>Clevelândia</b>	Clevelândia, PR	Boqueirão	1953	1960
<b>Rio Verde</b>	Rio Verde, GO	Iniciativa própria	1968	
<b>Lapa</b>	Lapa, PR	Boqueirão	1971	
<b>Concórdia</b>	Barreiras, BA	Witmarsum (PR)	1984	

### *Leituras Recomendadas*

Dyck, Cornelius J., ed. *Uma Introdução à História Menonita*. Campinas, SP: Editora Cristã Unida, 1992.

Klassen, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1995.

Pauls, Alfred. “Menonita, Conte Sua História.” Em *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*, editado por Udo Siemens, 21-56. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010.

Smith, C. Henry. *Smith's Story of the Mennonites*. 5. ed. revisada e aumentada por Cornelius Krahn. Newton, EUA: Faith and Life Press, 1981.

Williams, George H. *The Radical Reformation*. Philadelphia, EUA: Westminster Press, 1962.

***Perguntas de Estudo***

1. Recorde as deficiências da Reforma Protestante do século XVI e por que os anabatistas acreditaram que uma reforma mais “radical” era necessária. Estas falhas ainda estão presentes no Protestantismo brasileiro do século XXI?
2. Como os evangélicos brasileiros seriam mais parecidos com os protestantes do século XVI, e como com os anabatistas do século XVI?
3. Nomeie e descreva brevemente dois exemplos das Escrituras (um de cada Testamento) em que Deus deslocou seu povo para ser uma bênção para as nações.
4. Anote os vários tipos de assistência que os refugiados russos receberam e de quem? Que lições podem ser aprendidas para as muitas crises de refugiados em nossa geração?

### 3. CONTEXTOS RELIGIOSOS DO BRASIL

Os refugiados menonitas chegaram a um país profundamente religioso. Mesmo quando reconstruíram suas vidas e comunidades nos fundamentos de sua própria fé, eles logo começaram a levar essa fé aos contextos e culturas maiores que já estavam permeados por uma diversidade de crenças. Uma vez que não se pode entender adequadamente a disseminação de qualquer religião sem primeiro entender o contexto religioso que a rodeia, este capítulo enfoca os contextos religiosos no Brasil.

No final do século XIX e início do século XX, o contexto religioso do Brasil era de crescente diversidade. A constituição republicana de 1889 legislava a absoluta liberdade de religião. No entanto, antes de 1889 e de fato ao longo do século XX, predominava uma religião particular. Para os nossos propósitos aqui, descreverei brevemente as três maiores e mais importantes crenças no Brasil, embora muitas coexistam nesta vasta terra. Estas três religiões são: o Catolicismo Romano, o Espiritismo e o Evangelicalismo.

#### *Catolicismo Romano*

O Catolicismo Romano foi a primeira religião cristã a chegar em solo brasileiro. Na verdade, o navegador português Pedro Álvares Cabral juntamente com os sacerdotes acompanhantes “descobriram” o Brasil (para Portugal) em 1500, dando-lhe o nome de *Terra da Vera Cruz*. Nos cinco séculos que se seguiram, o Brasil passou a ser o maior rebanho do Vaticano. Até a segunda metade do século XX, a porcentagem de brasileiros que se considerava católico romano era consistentemente acima de 90. Mais importante que o grande número é a forte influência do Catolicismo Romano no Brasil. Em 1968 os registros de batismo e os casamentos católicos, embora não reconhecidos pelo Estado, superaram em número os registros civis de nascimentos e casamentos. Ainda hoje, as autoridades católicas estão quase sempre presentes nas funções de Estado formal.

Dito isso, nem todos os que são nominalmente católicos são de fato católicos praticantes. A grande maioria, embora seja batizada na religião romana, raramente comparece à Missa e não vive vida de acordo com as expectativas do sacerdote local ou os preceitos do Vaticano. Em meados do século XX, um pesquisador católico estimou que, embora 93% da população brasileira fosse nominalmente católica, apenas cerca de 10% eram praticantes. Um recente pesquisador evangélico foi mais generoso, pois estimou que 13% pratica, mesmo quando se registra a porcentagem de católicos nominais em apenas 73% da população no final do século.

Durante o período do nosso estudo (1930-2015), o catolicismo brasileiro experimentou uma série de movimentos e mudanças significativos que formam parte essencial do contexto religioso maior aqui descrito. Primeiro,

entre estes, cita-se o movimento da Ação Católica. Durante a década de 1930, a hierarquia católica tentou redescobrir e reativar o apostolado dos leigos. Uma mobilização e ativação sem precedentes de trabalhadores leigos começou em toda a América Latina.

Em segundo lugar, a importância do Concílio Vaticano II (1962-1965) não pode ser superestimada. Entre as muitas mudanças para os católicos em todo o mundo, houve mudanças significativas para o Brasil e o presente estudo inclui: 1) novo interesse na publicação e leitura da Bíblia entre as massas; 2) a declaração de liberdade religiosa em áreas de dominação católica; e 3) abertura ecumênica ao ponto de chamar protestantes de “irmãos separados”.

Terceiro, a reunião do *Consejo Episcopal Latinoamericano* (CELAM) em Medellín (1968) teria consequências de longo alcance para a missão católica no Brasil. Foi aqui que a maioria dos bispos católicos escolheu trabalhar para mudanças sociais e abraçou a luta de classes a favor dos pobres e oprimidos. Isso levou ao início de milhares de “comunidades eclesiais de base”, pequenos grupos leigos visando à reflexão e à ação diante da pobreza, injustiça e negligência governamental.

Finalmente, a Renovação Carismática Católica, iniciada na década de 1960 na América do Norte, logo encontrou seu caminho para a América Latina, incluindo o Brasil. Muitos ex-católicos nominais, ao experimentar a presença do Espírito Santo e ler as Escrituras, chegaram a uma conversão e caminhada vital com Deus. Este movimento está experimentando um crescimento significativo e tem a aprovação cautelosa da liderança da igreja.

O resultado dos movimentos supracitados tem sido a formação de um catolicismo heterogêneo no Brasil. Pelo menos quatro tipos de católicos podem ser identificados. O primeiro é o *católico tradicional*, “[...] a religião dos sacerdotes vestidos, pomposas missas dominicais, imagens barrocas, numerosos dias de santos e procissões solenes [...]”<sup>15</sup> O segundo, o *católico popular*, tem “[...] cultos das imagens de Cristo (quer sofrido ou morto), de Maria e de certos santos milagrosos, o culto dos mortos, o uso de medalhas e escapulários, celebrações de novenas, o pagamento de taxas de missa, consultas de adivinhadores e horóscopos.”<sup>16</sup> O terceiro, o *católico liberacionista*, concentra-se na libertação atual das opressões sociais, econômicas e políticas que caracterizam a maioria dos brasileiros empobrecidos. O quarto, o *católico carismático*, representa forte movimento de renovação dentro da Igreja Católica Romana, que inclui o estudo da Bíblia, grupos de oração, coros evangélicos e a experiência dos dons do Espírito, mesmo que continue com devoção a Maria.

---

<sup>15</sup> Guillermo Cook, *The Expectation of the Poor*, American Society of Missiology Series, Núm. 9 (Maryknoll, EUA: Orbis Books, 1985), p. 44.

<sup>16</sup> *Ibid.*, p. 51-52.

Apesar da crescente heterogeneidade e tolerância no catolicismo brasileiro, as atitudes em relação aos não católicos, enquanto não mais antagônicas, continuam tensas. Isso não é difícil de entender, pois cada ano aproximadamente 600 mil brasileiros estão deixando o Catolicismo para se juntar às outras duas religiões que formam o contexto religioso maior, a saber, os espíritas e os evangélicos.

### ***Espiritismo***

Ao contrário da diminuição do Animismo na África, que vinha com o crescimento do Cristianismo, o Espiritismo persistia e, de fato, tem crescido no Brasil. Em contraste com o Catolicismo, a afiliação formal dos brasileiros às organizações espíritas permanece muito mais baixa do que a prática informal. Johnstone e Mandryk atualmente listam afiliação no Brasil em apenas 5%, mas, há alguns anos, Johnstone calculou que 60% da população engajou o Espiritismo conforme surgiram as necessidades.<sup>17</sup> Minha própria experiência pastoral com os brasileiros confirmaria este cálculo.

O que exatamente queremos dizer com o Espiritismo? Uma definição útil foi dada pelo estudioso missionário Jaime P. Wiebe, ao concluir que, no contexto brasileiro, o Espiritismo pode ser equiparado a um Animismo de certos fenômenos:

Esses fenômenos incluem a posse de transe, adivinhação, necromancia e a cura por qualquer uma ou múltiplas séries de espíritos. Na essência, então, o Animismo é: 1. O fenomenal, com seu transe-possessão, adivinhação e cura; 2. O manipulativo com foco no benefício dos indivíduos (ou seja, não é relacional); 3. A multiplicidade de espíritos que se expressam através dos médiuns; 4. O ritualístico, com ritos precisos, que serve fins limitados e específicos.<sup>18</sup>

O Espiritismo brasileiro vem emergindo e evoluindo desde o século XVI. É de fato um sincretismo, incluindo o animismo indígena tupi-guarani, a religiosidade popular português-católica, as religiões tribais da África Ocidental, as crenças e práticas animistas bantu e (desde o século XIX) o

---

<sup>17</sup> Patrick Johnstone e Jason Mandryk, *Operation World: 21st Century Edition*, 6. ed. (Waynesboro, EUA: Paternoster USA, 2001), 120. Patrick Johnstone, *Operation World: A Day to Day Guide to Praying for the World*, 5. ed. (Grand Rapids, EUA: Zondervan Publishing House, 1993), p. 128.

<sup>18</sup> James P. Wiebe, "The Persistence of Spiritism in Brazil" (tese de D. Miss, Fuller Theological Seminary, 1979), p. 16-17.

Kardecismo francês.<sup>19</sup> Este último difere das formas inferiores do espiritismo animista em sua crença na reencarnação, sua extensa prática de caridade e seu apelo às classes superiores da sociedade.

Atualmente, existem três expressões predominantes do Espiritismo brasileiro. Primeiro, Candomblé (também conhecido popularmente como Macumba) é a forma mais baixa do Espiritismo, mais próxima do animismo indígena e africano. Inclui o apaziguamento dos espíritos por meio de sacrifícios de animais e pela manipulação de espíritos para fins de magia negra. Em segundo lugar, o Kardecismo é a forma mais cultivada do Espiritismo, que inclui reflexões, escritos filosóficos, comunicação com os espíritos de elite e transmigração da alma através de reencarnações sucessivas baseadas em atos de caridade. Em terceiro lugar, a mais recente religião autodeclarada, a Umbanda, combina os outros dois para formar o que muitos consideram ser a religião autenticamente brasileira. É a mais eclética das três, à medida que combina aspectos do Candomblé, do Kardecismo e do Catolicismo (o seu panteão inclui os nomes dos santos católicos).

### ***Evangelicalismo***

As tentativas de estabelecer esta expressão do cristianismo no solo brasileiro começaram já no século XVI. De 1555-1567, os huguenotes franceses (calvinistas) tentaram estabelecer uma colônia em uma ilha na baía de Guanabara (frente ao Rio de Janeiro), mas foram expulsos pelo portugueses católicos. De 1624-1654, os protestantes reformados holandeses tentaram estabelecer uma colônia teocrática perto de Recife. Curiosamente, eles tiveram intenções de evangelizar os povos indígenas em sua área, mas enfrentaram o mesmo destino que os franceses quase um século antes.<sup>20</sup>

O avanço ocorreu no século XIX, começando com o ministério dos colportores da Bíblia em 1820. Em 1823, os luteranos alemães chegaram como imigrantes e posteriormente se estabeleceram em grande número nos estados do Sul de RS, SC e PR. Após a sua expulsão em 1855 da ilha lusófona da Madeira, o médico escocês Robert Reid Kalley veio ao Brasil para evangelizar, e finalmente estabeleceu o que veio a ser conhecida como a Igreja Congregacional. Os primeiros evangélicos enviados especificamente como evangelistas e plantadores de igrejas foram enviados e apoiados pelas maiores denominações protestantes norte-americanas. Por ordem de chegada, foram os

---

<sup>19</sup> Cook, *Expectation*, p. 54.

<sup>20</sup> A origem dos primeiros menonitas no Brasil remonta a este período com a invasão holandesa, sob o comando de Maurice de Nassau, instalando-se em Pernambuco. A expulsão dos holandeses (1654) causou o desaparecimento dessas poucas famílias menonitas da cena brasileira por quase 300 anos. Veja “*Os Menonitas em Curitiba*,” consultado em 5-8-2016, <http://curitibaspace.com.br/os-menonitas-em-curitiba>.

metodistas (1835), os presbiterianos (1859), os batistas (1881) e os anglicanos (1889).

No século XX, houve um jorro de missões norte-americanas e uma inundação de denominações evangélicas tanto alinhadas como independentes. As maiores missões tradicionais incluíram os Adventistas do Sétimo Dia (1900) e a *South America Mission* (1914). A chegada dos missionários pentecostais em 1910 foi significativa para o estabelecimento e a proliferação das Assembleias de Deus e da Congregação Cristã no Brasil. O fim da Segunda Guerra Mundial e o fechamento da China para o trabalho missionário combinaram para facilitar grande afluxo de missões denominacionais e paraeclesiais no final da década de 1940 e 1950. Então, em parte, devido às divisões resultantes do movimento carismático começando na década de 1960 e, em parte, devido ao estilo independente de muitos líderes pentecostais dinâmicos, dezenas de denominações autóctones e independentes surgiram nas últimas cinco décadas. A maioria delas é do perfil pentecostal. Finalmente, nas últimas décadas, um tipo de pentecostalismo dissidente, o neopentecostalismo, cresceu a uma taxa fenomenal no Brasil. É caracterizado por líderes considerados apóstolos contemporâneos, revelações extrabíblicas, curas milagrosas, luta contra o demoníaco e busca da prosperidade material.

O Evangelicalismo no Brasil possui características e tendências únicas. O espaço nos permite citar apenas algumas delas. Primeiro, pelo menos até o Vaticano II (1962-1965), a atitude geral entre católicos e evangélicos era antagônica. A Igreja Católica viu-se como o verdadeiro guarda da alma brasileira, portanto as chamadas “seitas protestantes” eram intrusos estrangeiros. Em segundo lugar, todo o período foi caracterizado por alta taxa de crescimento numérico da igreja. De menos de 0,05% da população total em 1930, para 3,75% em 1967, para 13% em 2000, e 26% atualmente, os evangélicos têm experimentado um aumento muito superior à taxa de crescimento populacional.<sup>21</sup> Em terceiro lugar, particularmente desde meados do século, as denominações pentecostais tornaram-se o grupo majoritário dentro do Evangelicalismo. A influência pentecostal entre os não pentecostais tem sido inevitável.

Em quarto lugar, o movimento ecumênico achou pouca expressão entre os evangélicos brasileiros e o denominacionalismo (seja internacional ou nacional) é a norma. Os esforços notáveis, como a Confederação Evangélica Brasileira (CEB) em 1934 e a Associação Evangélica Brasileira em 1991, não produziram efeitos notáveis em prol de ministérios unificados e de uma testemunha unificada. A tentativa mais recente, a Aliança Cristã Evangélica Brasileira, fundada em 2010, começou com força. Em quinto lugar, como regra, os evangélicos têm sido fortes no evangelismo, mas fracos na consciência social. Essa generalização tornou-se menos assim desde a criação

---

<sup>21</sup> “Brazil,” consultado em 20-7-2016, <http://www.operationworld.org/braz>.

da Fraternidade Teológica Latino-americana em 1970, o movimento de Lausanne (1974 e seguintes) e o Congresso Brasileiro de Evangelização (CBE) em 1983. Finalmente, desde a década de 1980 e particularmente desde o Congresso Missionário Ibero-americano (COMIBAM) em 1987, os evangélicos brasileiros têm levantado ao desafio missionário de alcançar os não alcançados em todo o mundo. Nestas últimas três décadas, os evangélicos brasileiros tornaram-se uma grande força missionária.

### ***Leituras Recomendadas***

- Cook, Guillermo. *The Expectation of the Poor*. American Society of Missiology Series, Núm. 9. Maryknoll, EUA: Orbis Books, 1985.
- Deiros, Pablo Alberto. *Historia del Cristianismo en América Latina*. Buenos Aires, Argentina: Fraternidad Teologica Latinoamerica, 1992.
- Johnstone, Patrick, e Jason Mandryk. *Intercessão Mundial*. Edição Século XXI. Monte Verde, MG: Horizontes América Latina, 2003.
- César, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2000.
- Núñez C., Emilio A., e William D. Taylor. *Crisis in Latin America: An Evangelical Perspective*. Chicago, EUA: Moody Press, 1989.
- Rinaldi, Natanael, e Paulo Romeiro, eds. "O Espiritismo." Em *Desmascarando as Seitas*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Qual é a postura bíblica para com aqueles que afirmam ser pessoas de fé, mas aparentemente não são seguidores praticantes? Historicamente no Brasil, os menonitas evangelizaram católicos, luteranos e outros que perceberam ser cristãos nominais. Como se vê isso? Existem evangélicos nominais que precisam ser "evangelizados"?
2. Quais são algumas diferenças na cosmovisão entre católicos e espíritas? Entre espíritas e evangélicos? Os menonitas estavam preparados para compartilhar sua fé com os espíritas? Eles estão hoje?

## **PARTE II - PRESENÇA E PRÁTICAS**



## 4. IGREJA MENONITA

Os membros da Igreja Menonita (IM) e da Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM) chegaram como imigrantes ao Brasil simultaneamente em 1930.<sup>22</sup> Embora os cultos de adoração tenham sido realizados juntamente durante as primeiras quatro décadas, havia duas igrejas separadas com dois conselhos de liderança e atividades separadas, tanto na colônia original de Krauel (SC) quanto na de Boqueirão em Curitiba (PR). A IM organizou-se informalmente em uma aliança de três igrejas locais em 1954 e depois assumiu o nome Associação das Igrejas Menonitas do Brasil (AIMB).<sup>23</sup> A IEIM organizada como associação, em 1960, será tratada no capítulo seguinte.

### *Em Continuidade com a Maioria Menonita*

A IM no Brasil traça seus começos eclesiais para os menonitas *kirchliche* (igreja da maioria) da Rússia, a qual, tanto antes quanto depois dos movimentos de renovação que varreram as colônias menonitas em meados do século XIX, foi a maior e mais influente igreja menonita na Rússia. Em 1883, todas as igrejas locais formaram uma associação geral para cooperar nos campos da educação e da caridade. Esta associação tomou como lema “No essencial, unidade; no não essencial, liberdade; em tudo, amor.”

Sem dúvida, devido em parte às forças revigorantes da renovação, as Igrejas Menonitas russas também experimentaram uma medida de renovação na segunda metade do século XIX. Logo, desenvolveu-se uma preocupação pela missão, assim começaram a chegar aos vizinhos, embora fosse proibido proselitismo entre os ortodoxos russos. Em 1871, as Igrejas Menonitas enviaram seu primeiro missionário à Sumatra para cooperar com a Sociedade Missionária Menonita de Amsterdã. Nos próximos anos, outros 28 missionários seguiriam este exemplo aos campos de Sumatra, Java e Egito.

---

<sup>22</sup> Em 1905, um movimento de renovação que buscava menos distância entre a IM e a IEIM resultou na fundação de uma terceira igreja, a *Allianz Gemeinde* (Igreja Aliança). Alguns desses membros também emigraram para o Brasil e formaram uma igreja distinta em Auhagen e depois Witmarsum. Enquanto ainda na Rússia, ela se opunha às crescentes tendências separatistas, especialmente entre a IEIM, de quem ganhou seus fundadores e líderes. Suas intenções moderadoras, no entanto, foram de curta duração nos países aos quais ela imigrou. No Canadá, ela se uniu à IEIM. No Brasil, tomou o nome *Frei Evangelische Mennonitengemeinde* (Igreja Menonita Evangélica Livre) e encontrou maior afinidade com a IM, com quem se afiliou em 1966. Somente no Paraguai mantém uma identidade distinta.

<sup>23</sup> Doravante, vou referir-me à Igreja Menonita como IM quando a referência é de natureza geral, e à AIMB quando se tratar de organização específica ou estrutura administrativa. Podem ocorrer algumas sobreposições.

Um dos melhores documentos para entender os antecedentes da futura IM no Brasil é a declaração de posição formulada na última assembleia geral na Rússia, que aconteceu em 1925 (quatro anos antes da sua imigração para o Brasil), a fim de dar uma resposta à crescente perda das liberdades religiosas. Os seguintes oito pontos foram apresentados ao governo soviético como requisito mínimo para a permanência dos menonitas na nova União Soviética:

(1) Não perturbar as reuniões e conversas religiosas nas igrejas e casas particulares para adultos e crianças; (2) não perturbar as sociedades religiosas, assim como coros, instrução em religião e doutrina especialmente para crianças e jovens; (3) não perturbar a fundação de orfanatos menonitas com educação cristã; (4) não perturbar a construção de novos edifícios da igreja, e a isenção de igrejas e ministros de impostos especiais; (5) não perturbar a aquisição de Bíblias e auxílios, e outras publicações cristãs incluindo periódicos para as igrejas; (6) não perturbar os cursos bíblicos conduzidos para a preparação e o aprofundamento do conhecimento dos ministros; (7) o reconhecimento das escolas como um território neutro onde não ocorre propaganda religiosa nem antireligiosa e onde exclusivamente o conhecimento é ensinado por professores que têm liberdade em sua vida particular; (8) a isenção do serviço militar e da preparação militar básica, a concessão de um serviço alternativo útil e a isenção do juramento para menonitas que fazem uma promessa simples. Este pedido foi recusado.<sup>24</sup>

### ***Características Denominacionais***

As características da IM descritas nesta seção não são necessariamente teológicas. De fato, as principais diferenças teológicas entre as missões menonitas no Brasil são poucas e as discussões sobre essas diferenças são praticamente inexistentes. As características relacionam-se mais diretamente à história e às diferenças de ênfase e de influências externas.

Quatro ênfases caracterizam a IM brasileira em relação aos outros corpos menonitas. Primeiro, a denominação demonstrou espírito ecumênico desde o momento da sua chegada ao Brasil, pelo menos quando comparada a outros menonitas. Em segundo lugar, há maior tolerância na IM sobre questões de consciência individual. A terceira característica refere-se à forma do batismo. A IM oferece ao candidato batismal a opção de ser batizado por aspersão (historicamente mais comum) ou pela imersão (a atual preferência). Isto é único entre as igrejas menonitas no Brasil; os outros praticam o batismo principalmente por imersão. Todos os corpos praticam apenas o batismo

---

<sup>24</sup> Cornelius Krahn e Walter W. Sawatsky, "Russia," *Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online*, fevereiro 2011, consultado em 21-7-2016, <http://gameo.org/index.php?title=Russia&oldid=131482>.

voluntário de crentes. Finalmente, a IM no Brasil é conhecida por sua ênfase nos aspectos sociais do evangelho de Cristo. Esta ênfase expressa-se mais obviamente em sua agência missional de assistência social conforme descrito abaixo.

### *Evangelismo e Plantação de Igrejas*

Nos primeiros dezoito anos, todos os menonitas adoraram juntos nas escolas das aldeias de Krauel e Auhagen. Mesmo assim, devido à preferência da IEIM para manter organizações separadas, em 1930 a IM estabeleceu sua primeira igreja brasileira em Witmarsum sob a liderança do pregador Heinrich Warkentin. Embora uma igreja, ela se reunia nas escolas das vilas de Witmarsum, Waldheim e Gnadental na colônia de Krauel. Uma vez por mês, cada uma das duas denominações (IM e IEIM) encontravam-se separadamente para a Ceia do Senhor e assuntos internos. Em 1931, uma segunda IM foi estabelecida em Auhagen, com David Koop como líder. O alcance missional durante este período foi limitado por um foco na sobrevivência econômica, nas limitações culturais e linguísticas, bem como por um separatismo étnico.



Escola e Igreja na Aldeia Waldheim, 1930

No início da década de 1930, quando os menonitas começaram a se mudar do vale Krauel para Curitiba em busca de melhores oportunidades econômicas, estabeleceram-se nos bairros de Vila Guaíra e Boqueirão daquela capital do estado. Enquanto congregações separadas se desenvolviam em ambas as regiões da cidade, assim como no Krauel, faziam parte de uma igreja com sede em Boqueirão. As congregações compartilharam a liderança, com algumas atividades realizadas juntas e outras separadamente. A igreja começou a reunir-se na escola menonita em 1935 junto com os adoradores da IEIM. Sob a liderança do ancião David Koop, a igreja organizou-se em 1936.



David e Maria Koop

A visão missionária tornou-se evidente dentro da IM do **Boqueirão** na década de 1950. Um interesse emergente no evangelismo e na missão encontrou a oportunidade concreta de expressão em 1966 por meio do

patrocínio de uma nova congregação na comunidade vizinha de **Xaxim**.<sup>25</sup> A segunda igreja filha começou em 1984, com cultos de língua portuguesa no templo da IM do Boqueirão. O objetivo principal era chegar a casais de etnia mista – germânica-brasileira. Este ministério tornou-se uma igreja independente chamada “Igreja Evangélica Menonita de **Shalom**”.<sup>26</sup> Outro envolvimento missionário desta igreja central incluiu forte cooperação com a AIMB no apoio à plantação de igrejas (com a Igreja Evangélica Menonita, Capítulo 7) e ministérios sociais (por meio da Associação Menonita de Assistência Social, AMAS). Finalmente, numerosos missionários foram enviados da igreja do Boqueirão para campos no Brasil e além.

A IM **Vila Guaíra** remonta suas raízes, juntamente com a IM Boqueirão, até 1936. Este arranjo de uma igreja organizada em duas congregações continuou até a década de 1970, quando a congregação de Vila Guaíra escolheu se tornar uma igreja autônoma. Esta foi uma separação amigável, devido ao crescimento de ambos os grupos e à necessidade de uma administração mais simples. Os primeiros líderes formais foram os pregadores W. Berg e Heinrich Löwen.

Desde o despertar inicial para a missão entre as Igrejas Menonitas na década de 1950, o evangelismo tem sido naturalmente vinculado à assistência social. Em parte, devido às limitações da língua portuguesa, a distribuição de literatura foi amplamente utilizada como meio de evangelização naquela época. Posteriormente, nos anos 60 e 70, a AIMB patrocinou campanhas evangelísticas. No começo, a maioria dos convertidos precisava ser dirigida a outras igrejas onde os cultos eram em língua portuguesa. No entanto, em 1958, a congregação de Vila Guaíra patrocinou sua primeira igreja filha na comunidade vizinha de **Vila Lindoia**. Em 1984, os cultos na língua portuguesa começaram no próprio templo da IM Vila Guaíra. Este “departamento em português” continuou periodicamente nos próximos 15 anos, isto é, até 1999, quando, devido a um conflito de liderança, um grande grupo deixou a igreja de Vila Guaíra para formar uma nova igreja chamada “**Nova Aliança**”. A IM Vila Guaíra também apoiou um projeto de plantação de igrejas em cooperação com a creche da AMAS na comunidade **Vila Gália** de Curitiba. Vila Guaíra tem enviado missionários e continua a apoiar os ministérios missionais das igrejas da AIMB.

A colônia de Guarituba foi introduzida no Capítulo 2. Das duas igrejas estabelecidas pelos colonos, uma era a IM de **Guarituba**, que foi inaugurada em 1948 e encerrada em 1965. Em sua breve história, a principal atividade

---

<sup>25</sup> Não é a mesma da IEIM de Xaxim. A IEM Xaxim (agora chamada **Ágape**) está afiliada à AEM e receberá comentários adicionais no Capítulo 7.

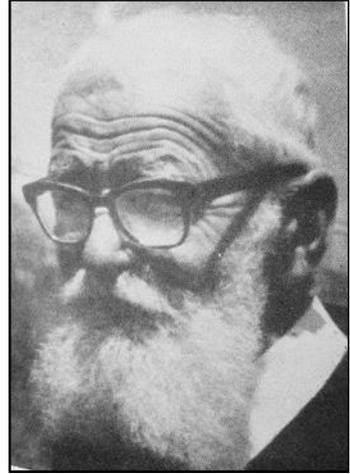
<sup>26</sup> No início da década de 1990, a IEM Shalom iniciou um ministério no município vizinho da Fazenda Rio Grande. Este ponto se desenvolveu em uma igreja que mais tarde se afiliaria à COBIM. Veja o próximo capítulo para mais comentários.

evangelística engajada pela igreja era a da escola pública, a qual era composta por membros de ambas as igrejas, IM e IEIM.

A primeira igreja (1951) a ser estabelecida na colônia de Neu Witmarsum perto de Palmeira foi a IM **Witmarsum (I)**. Pouco tempo depois, outros colonos formaram uma segunda igreja chamada Igreja Menonita Evangélica Livre (veja Nota de rodapé n. 22). As duas igrejas reuniam-se no mesmo templo até sua fusão em 1966. O alcance aos brasileiros começou em 1956, quando uma equipe de jovens iniciou cultos nas proximidades em Quero-Quero. As missões de evangelismo e assistência social seguiram na década de 1960 aos campos de construção de vias e aldeias vizinhas. Um evento significativo ocorreu em 1972, quando os cultos em língua portuguesa foram iniciados no edifício da igreja Witmarsum (I) sob a liderança de Peter Pauls Jr. Em 1982, isso se tornou a IEM de **Witmarsum (II)**. Finalmente, relacionado a uma clínica de saúde e a uma escola desenvolvida pela AMAS, uma tentativa foi feita pela IM Witmarsum (I) para estabelecer uma igreja nas proximidades de **Cercado** durante a década de 1980.



Peter Pauls Jr., 1933-2016



Johannes Janzen, 1883-1964

### A Voz de Deus

Em 1956, nosso pastor e líder aqui em Witmarsum, Johannes Janzen, veio até mim e disse: “Peter, é hora de deixar nossos quatro muros da igreja e levar o testemunho do evangelho a esta população que vive em torno de Witmarsum.” Eu dei ao nosso pastor uma resposta negativa. Depois de duas semanas, ele voltou e disse: “Peter, vamos fazer isso.” Eu sabia que essa era a voz de Deus. Eu tive de deixar meu único espaço livre para jogar futebol, que foi domingo à tarde. Reuni um grupo de jovens e começamos. Visitamos as famílias e as convidamos, porque “hoje haverá um ótimo evento aqui em Quero-Quero”. As pessoas vieram e encheram a igreja. Foi nosso primeiro serviço. Começou lá.

(Peter Pauls Jr.)

A IEM Witmarsum II (apresentada acima) era um esforço para atingir os jovens da igreja que preferiam o idioma português, certos casais de etnia mista germânica-brasileira e a crescente população brasileira em Witmarsum, muitos dos quais haviam encontrado trabalho na cooperativa agrícola na colônia. A intenção original não era começar outra igreja menonita em Witmarsum. No entanto, em 1981, a dificuldade de integrar frequentadores e convertidos na igreja mãe de língua alemã tornou-se óbvia. Desde então, a igreja tornou-se autônoma e, na década de 1990, iniciou sua própria igreja filha nas proximidades em **São Luiz do Purunã**.

Além destas atividades missionais, formais e informais que as igrejas locais realizam, a AIMB, como associação de igrejas, também apoia ministérios evangelísticos. Estes incluem o ministério de radiodifusão HCJB (*Heralding Christ Jesus' Blessings*), no Brasil chamado Voz dos Andes, a Sociedade Missionária de Mulheres, a Aliança Evangélica Menonita e a Sociedade Evangélica Beneficente em Curitiba.

### ***AMAS e os Ministérios Sociais***

Desde a primeira década no solo brasileiro, a IM sentiu a obrigação de mostrar gratidão a Deus e ao povo brasileiro pela porta aberta com a qual foi abençoada depois de fugir da opressão do comunismo soviético. Em Curitiba, as sociedades de mulheres das igrejas estavam sempre ativas na distribuição de roupas, alimentos e remédios para os pobres rurais ao seu redor. As Igrejas Menonitas também foram significativamente envolvidas na construção e desenvolvimento do Hospital Evangélico em Curitiba desde o início da década de 1950. Nas décadas posteriores, foi dado apoio substancial ao desenvolvimento do orfanato Lar dos Meninos na região de Xaxim em Curitiba. Além dos habituais ministérios sociais de alívio praticados pela maioria das igrejas locais da AIMB, como a distribuição de alimentos e roupas, a maioria das igrejas tem desenvolvido ministérios únicos para seu contexto. Por exemplo, as igrejas de Boqueirão e Vila Guaíra têm apoiado pelo testemunho cristão em palavras e ações no estabelecimento correccional São Francisco, para jovens delinquentes, há 30 anos. Mais recentemente, a IM Boqueirão abriu um brechó e apoia quatro capelães da escola pública. A igreja Witmarsum (I) auxilia na Associação dos Pais e Amigos dos Excepcionais. Finalmente, dezenas de membros da AIMB ajudaram no início e continuam a apoiar a Associação Menonita Beneficente (veja Capítulo 9).

TABELA 2: IGREJAS MENONITAS

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
Witmarsum	Hamônia, SC	Imigrantes	1930	1930	1951
Auhagen	Hamônia, SC	Imigrantes	1931	1931	1940
Curitiba/ Boqueirão	Curitiba, PR	Witmarsum, SC	1935	1935	
V. Guaíra/ Água Verde	Curitiba, PR	Witmarsum, SC	1936	Anos 70	
Guarituba	Guarituba, PR	Boqueirão	1948		1965
Witmarsum I	Palmeira, PR	Witmarsum, SC	1951	1951	
Vila Lindoia*	Curitiba, PR	Vila Guaíra	1958	Anos 80	
Xaxim (Ágape)*	Curitiba, PR	Boqueirão	1966	Anos 70	
Witmarsum II	Palmeira, PR	Witmarsum I	1972	1990	
Cercado	Palmeira, PR	AMAS/ Witmarsum I	1982		Anos 80
Shalom*	Curitiba, PR	Boqueirão	1984	1994	
Nova Aliança*	Curitiba, PR	Vila Guaíra	1984	1999	
F. Rio Grande*	F. Rio Grande, PR	Shalom	Anos 90	1999	
São Luiz Purunã	Balsa Nova, PR	Witmarsum II	Anos 90		Anos 2000
Vila Gália	Curitiba, PR	AMAS/ Vila Guaíra	1998		2008
Paz	Piçarras, SC	Piçarras	2000	2009	
Jd. Carmem	S. José Pinhais, PR	AIMB	Anos 2000		
Imbituva	Imbituva, PR	OMMP; AIMB <sup>27</sup>	2001		
Quero-Quero	Palmeira, PR	Witmarsum II	2012		
Pinheirinho	Curitiba, PR	AMAS/ Boqueirão	2016		

\* Não afiliada formalmente com a AIMB.

<sup>27</sup> Esta igreja surgiu de uma creche organizada pela Obra Missionária Mensagem da Paz (OMMP), uma ONG criada no Brasil pela agência alemã *Internationales Centrum für Weltmission* (ICW, hoje denominada *To-All-Nations*). A igreja começou sozinha e logo depois foi aceita no AIMB, sem uma igreja mãe local.

Sem dúvida, o ministério integral mais significativo realizado pela AIMB é a AMAS, Associação Menonita de Assistência Social. Seu lema, “servir com o amor de Cristo”, é indicativo de sua missão em dar um testemunho cristão por meio de ações amorosas de serviço. A semente da AMAS foi plantada em 1970, quando a IM Witmarsum I fundou uma creche para ajudar crianças carentes na cidade de Palmeira perto da colônia de Witmarsum (PR). A expansão ocorreu quando os delegados à Conferência Mundial Menonita (1972), incluindo a *Internationale Mennonitische Organisation* (um serviço social de menonitas europeus), encorajaram as igrejas da AIMB a formar a AMAS para assumir o desafio de maior envolvimento nas enormes necessidades sociais do Brasil. Desde então, cresceu como ministério multiestadual que colabora com numerosas organizações no Brasil, Europa e América do Norte. Dezenas de jovens adultos dessas organizações têm servido como voluntários e foram discipulados pelos ministérios da AMAS.

O foco principal da AMAS é creches na Grande Curitiba, PR. A AMAS atualmente dirige seis creches: Palmeira, Porto Amazonas, Lapa, Xaxim, Pinheirinho e Uberaba. Não menos de 700 crianças são atendidas diariamente nesses centros. Esta assistência inclui educação pré-

### Servindo com o amor de Cristo

O pastor Golfetto (de São Paulo) veio aqui (para Palmeira) para liderar a igreja. Ele viu a necessidade. “Tantas crianças na rua! Por que não começamos a fazer uma creche?” Nós conversamos com as pessoas da igreja em Witmarsum, “Sim, estamos de acordo, vamos fazer!” Então, o centro começou. Quinze crianças. No início, foi muito difícil. O centro abriu em uma semana. Mas onde está a comida? Então, eu fui para a colônia (Witmarsum), vila por vila, quase casa por casa. E as pessoas deram e deram. Açúcar, arroz, feijão, farinha, sal [...] tudo que era necessário. Você não pode imaginar a alegria que senti em levar tudo aquilo a Palmeira para começar a alimentar as crianças. Se este fosse apenas um serviço em que Jesus não estivesse presente, não valeria a pena. Mas o amor de Cristo estava lá.

(Brunhilde Pauls)



Primeira creche da AMAS em Palmeira, PR  
“Criança Feliz”

escolar, reforço escolar, nutrição, medicamentos e amor cristão em ações e palavras. Tentativas de plantar igrejas foram realizadas desde os centros em Palmeira, Porto Amazonas, Cercado, Vila Gália e Pinheirinho. Uma escola vocacional funcionou em Palmeira durante vários anos.

Outro trabalho significativo da AMAS foi realizado na região de Araguacema (veja Mapa 3) de Tocantins (TO). Aqui, de 1979 a 1989, a AMAS ajudou com recursos humanos, financeiros e administrativos em duas escolas: a Escola Menno Simons em Araguacema e a Escola Cidade Leer em Esperança Bendita. Além disso, a AMAS empregou recursos similares na Clínica Médica Menonita em Araguacema e na distribuição ocasional de roupas entre os municípios vizinhos. Finalmente, na década de 1980, a AMAS tentou estabelecer uma cooperativa agrícola nesta região.

Uma terceira região onde a AMAS tem desempenhado um papel importante é no Nordeste do Brasil, particularmente no estado de Pernambuco (PE) e sua capital Recife. Nesta região, a AMAS trabalhou em parceria com o Comitê Central Menonita (CCM). Embora esta parceria tenha começado formalmente em 1978 e operado até 2014, os voluntários da IM ajudaram com o CCM em Recife e as comunidades vizinhas desde o final da década de 1960. A AMAS prestava assistência ao CCM como a organização legalmente responsável pelos projetos de desenvolvimento supervisionados pelos obreiros do CCM.

### ***Reflexão Missiológica***

A prática da reflexão missiológica formal tem sido limitada, especialmente se alguém limita a definição a publicações ou consultas teológicas. No entanto, isso não quer dizer que a reflexão sobre a missão não tenha ocorrido informalmente. A prática mais citada é a das conferências missionárias anuais patrocinadas pelas igrejas locais e/ou pela AIMB, pois, por meio da exposição pública das Escrituras, bem como das conversas informais, a missão de Deus foi refletida e aplicada. Além disso, o culto semanal e os pequenos grupos proporcionam maior reflexão quanto à ação missionária. Finalmente, o envolvimento individual e coletivo com outras agências missionárias evangélicas também oferece ocasiões para refletir sobre a missão de Deus, o papel da AIMB nela e como deve ser conduzida.

### ***Resumo e Conclusões***

O desenvolvimento do trabalho da missão pela IM pode ser dividido em três estágios. Primeiro, pouco trabalho missional foi realizado durante os anos 1930 e 1940, pois o foco principal era a sobrevivência (econômica, étnica e religiosa). Em segundo lugar, houve um despertar da visão e prática da missão durante as décadas de 1950 e 1960. Isso resultou na plantação de novas igrejas

patrocinada pelas igrejas locais. Além disso, desde 1962 houve investimento significativo de recursos humanos e financeiros nos esforços da Aliança Evangélica Menonita<sup>28</sup> (AEM, a associação das igrejas menonitas de língua portuguesa; veja o Capítulo 7) na plantação de igrejas. Finalmente, desde 1970 até o presente momento, o foco missionário passou da plantação de igrejas para ministérios sociais, por meio do estabelecimento e desenvolvimento da AMAS.

Vários fatores são citados para explicar a fundação e o desenvolvimento dos esforços da missão acima mencionados. Um é o papel da liderança, tanto instruída quanto informal. A influência de pregadores leigos como Peter Heinrichs, Ernest Defehr e Gerhard Peters era excepcional. Outros líderes importantes eram o ancião Johannes Janzen, o pregador Abram Neufeld e o educador Peter Pauls Jr. Um segundo fator são as atividades semanais dos ministérios femininos. As mulheres fielmente investiam tempo e energia para esforços de alívio, visitas pessoais, angariação de fundos e outras atividades menos conhecidas. Terceiro, a agência missionária da Igreja Menonita norte-americana (*Mennonite Mission Network*, MMN<sup>29</sup>). Missionários como David Hostetler e Glenn Musselman forneceram informações e encorajamento em seus contatos com a IM do Brasil. Além disso, o seminário patrocinado pela MMN em Montevideú, no Uruguai, proporcionou treinamento para uma série dos primeiros obreiros da IM. Em quarto lugar, os Irmãos Menonitas tinham um papel em estimular a missão da IM, primeiro no fornecimento de oportunidades para a juventude servir no orfanato Lar das Crianças em Curitiba e, em seguida, na renovação espiritual que irradiou do reavivamento entre os jovens de Bagé nos anos 1950.

---

<sup>28</sup> Doravante, vou referir-me à Igreja Evangélica Menonita como IEM quando a referência for de natureza geral, e AEM ao falar da organização específica ou estrutura administrativa. Podem ocorrer algumas sobreposições.

<sup>29</sup> Esta agência da Igreja Menonita nos EUA foi conhecida anteriormente como *Mennonite Board of Missions and Charities* e, em seguida, *Mennonite Board of Missions*. Em 2002, esta agência fundiu-se com a *Commission on Overseas Mission*, agência de outra denominação menonita, a Conferência Geral da Igreja Menonita, para se tornar *Mennonite Mission Network*. A fusão das agências fazia parte de uma fusão denominacional maior que resultou na Igreja Menonita, EUA. Para evitar a confusão, será denominado sempre pela atual MMN.

***Leituras Recomendadas***

AIMB. Consultado em 22-8-2016. <http://www.aimb.org.br/>.

AMAS. Consultado em 22-8-2016. <http://www.amasbrasil.org.br/>.

“AMAS 40 anos.” Publicação comemorativa. Curitiba, PR: AMAS, 2010.

Klassen, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1.

Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-

Weierhof, 1995; e *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band

2. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-

Weierhof, 1998.

Pauls Jr., Peter, ed. *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-*

*Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*. Witmarsum, PR:

Festkomitees für die Jubilaeumsfeier, 1980.

Siemens, Udo, ed. *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010.

***Perguntas de Estudo***

1. Quão semelhante era o DNA missionário da maioria menonita russa com o da experiência da IM no Brasil? O contexto brasileiro de alguma forma melhorou ou diminuiu sua prática de missão? Como?
2. A IM tem colaborado com muitas missões evangélicas e outras igrejas. Tem sido um equilíbrio saudável entre um espírito ecumênico e a necessidade de reproduzir suas próprias igrejas? Explique.
3. Como você aconselharia as três igrejas históricas da AIMB a integrar as mais jovens igrejas filhas que agora fazem parte da família IM? Há lições a serem aprendidas com as igrejas que deixaram a AIMB?



## 5. IGREJA EVANGÉLICA IRMÃOS MENONITAS

### *Em Busca de Renovação*

A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM) traça seus começos na Rússia, em meados do século XIX, onde a vida colonial era difícil e dura para os menonitas. A doença e o desencorajamento os atormentavam, bem como os conflitos internos. Além disso, havia poucas oportunidades educacionais. Inicialmente, não havia ministros treinados. Ademais, mesmo com a eleição dos ministros leigos, faltava liderança capaz e espiritual. Como resultado, a espiritualidade menonita diminuiu ainda mais entre as colônias no Sul da Rússia.

O historiador dos irmãos menonitas, John A. Toews, cita a falta de liderança espiritual e a perda do conceito da igreja bíblica como as principais causas do declínio espiritual. Manifestações desse declínio eram abundantes: a falta de instrução e disciplina na igreja, tensões graves, cismas trágicos e perda de virtudes cristãs eram muito comuns. Outro comentário crítico descreve os menonitas russos nesse período como indulgente em “[...] orgulho, ostentação, vaidade, ganância por dinheiro e cobiça de riqueza, avareza, embriaguez, luxo, vida viciosa, mascaradas, músicas obscenas, jogos de azar e, acima de tudo, o miserável tabagismo.”<sup>30</sup> Até meados do século XIX, aquele movimento de renovação dinâmico e liderado pelo Espírito Santo que havia começado na Suíça três séculos antes, por sua vez, estava em urgente necessidade de renovação.

Também estavam presentes algumas agitações de renovação. Havia, antes de tudo, uma fome espiritual nos corações de muitos menonitas temerosos a Deus. Em segundo lugar, havia centros de renovação educacional e espiritual entre algumas das aldeias menonitas, como Ohrloff e Gnadenfeld. Terceiro, influências inspiradoras surgiam das adjacentes colônias pietistas alemãs.<sup>31</sup> Essas influências acabaram resultando em um núcleo crescente de menonitas convertidos e nascidos de novo que se preocupavam com uma vida santa e um com o outro, chamando uns aos outros “irmão e irmã”.

Em janeiro de 1860, o inevitável ocorreu. Esses “irmãos” estavam cada vez mais insatisfeitos com a Igreja Menonita por um lado, e por outro, cada vez mais distantes e criticados pelo *status quo*. A questão que finalmente causou a separação foi o servir da Santa Ceia a pessoas não convertidas e indisciplinadas pelos anciãos da IM. Isso demonstrou clara indicação para os

---

<sup>30</sup> Heinrich Balzer, “Faith and Reason,” traduzido e editado por Robert Friedmann, *Mennonite Quarterly Review* 22 (1948):90.

<sup>31</sup> John A. Toews, *A History of the Mennonite Brethren Church* (Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the General Conference of the Mennonite Brethren Church, 1975), p. 30-31.

irmãos de que eles não podiam mais adorar e servir lado a lado com menonitas não renovados. Uma reunião de fundadores foi realizada em 6 de janeiro de 1860, na qual um documento de secessão foi elaborado e assinado por 18 membros fundadores.<sup>32</sup> Embora os irmãos desejassem permanecer dentro da grande Igreja Menonita e servir como instrumentos de renovação, eles foram pressionados externa e internamente para se separar e formar uma nova denominação.

Enquanto o documento de secessão não é uma confissão de fé completa, ele contém importantes posições doutrinárias do início da IEIM. Até 1930, as distâncias teológicas e éticas entre a IM e a IEIM diminuíram consideravelmente e algumas das seguintes características são classificadas com mais precisão como ênfases do que distintivas. No entanto, havia distância suficiente nas mentes dos líderes da IEIM para justificar a fundação de uma igreja distinta em solo brasileiro.

### ***Características Denominacionais***

Em pelo menos cinco dos artigos contidos no documento de secessão, os irmãos menonitas fizeram referência a Menno Simons. Eles concluem afirmando: “Em todos os outros artigos de nossa confissão, estamos totalmente de acordo com Menno Simons”. Enquanto os pietistas e batistas alemães os influenciaram, os primeiros irmãos foram explícitos no seu compromisso com o cristianismo bíblico, conforme entendido e ensinado pelo anabatista Menno Simons. Eles seriam os *irmãos*, mas permaneceriam *menonitas*.

Embora não seja citado como um problema no documento de secessão, o batismo por imersão foi uma das primeiras mudanças que a IEIM adotou já em 1860. Ao longo dos anos, as igrejas menonitas batizavam por derramamento ou aspensão. Além disso, eles consideravam a questão do modo de batismo como secundária à questão do batismo do crente (*versus* infantil). É provável, com a influência dos batistas alemães, que a IEIM assumiu uma posição forte tanto no sentido como no modo de batismo do crente por imersão.

Durante um período, os irmãos menonitas do Brasil foram afiliados aos irmãos norte-americanos por meio da *Südamerikanische Konferenz der Mennonitischen Brüdergemeinden* (uma conferência regional de Brasil, Paraguai, Uruguai). Além de companheirismo, apoio fraterno e cooperação missionária, essa afiliação internacional levou consigo influência doutrinária também. A Confissão de Fé dos Irmãos Menonitas da América do Norte (1975) foi traduzida e adotada pela IEIM brasileira até ser adaptada em 1999.

---

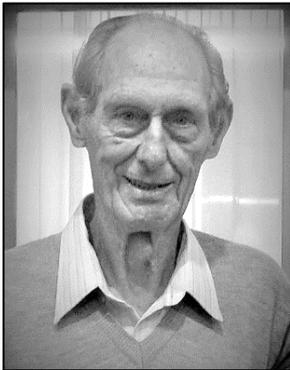
<sup>32</sup> “Document of Secession (Mennonite Brethren Church, 1860),” consultado em 30-7-2016, [http://gameo.org/index.php?title=Document\\_of\\_Secession\\_\(Mennonite\\_Brethren\\_Church,\\_1860\)](http://gameo.org/index.php?title=Document_of_Secession_(Mennonite_Brethren_Church,_1860)).

O perfil teológico histórico da IEIM pode ser visto nas seguintes ênfases: 1) biblicismo prático (*versus* proposicional); 2) fé experiencial baseada em conversão autêntica; 3) testemunho pessoal do crente; 4) discipulado cristão envolvendo transformação ética; 5) fraternidade de amor e interesse mútuo; 6) evangelismo e missões (incluindo ações sociais); e 7) escatologia centrada em Cristo.<sup>33</sup>

### **Organizações Missionais dos Irmãos Menonitas**

Embora a IEIM esteja sendo considerada aqui como missão, pode-se identificar cinco organizações missionais relacionadas a esse movimento. Primeiro, as Igrejas Irmãos Menonitas imigrantes fizeram alguns esforços missionais na década de 1930. Tais esforços patrocinados pelas igrejas locais aumentaram significativamente nas décadas de 1950 e 1960. Em segundo lugar, a agência missionária norte-americana, MB Mission, entrou no Brasil em 1946.<sup>34</sup>

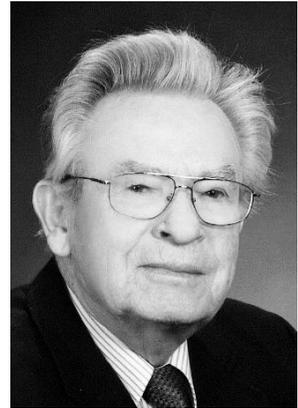
Terceiro, em 1960, as igrejas de língua alemã juntaram-se sob a liderança de Hans Kasdorf para formar a Associação das Igrejas Irmãos Menonitas do Brasil, AIIMB. Assim, enumeraram quatro propósitos para sua existência: 1) uniformidade do ensino bíblico e teológico; 2) comunhão espiritual e edificação mútua; 3) seminários e conferências para obreiros da igreja; e 4) fortalecer a visão missionária comum.



**Dietrich Reimer, 1932-2016**

Quarto, a formação de uma associação de língua portuguesa resultou do crescente número de igrejas

estabelecidas pelos esforços de plantação de igrejas da AIIMB e MB Mission. Em 1966, essas igrejas foram organizadas sob a liderança de Dietrich Reimer na Convenção Brasileira das Igrejas Irmãos Menonitas (CBIIM). A razão pela qual este grupo de igrejas não se juntou à Associação germânica deveu-se principalmente às



**Hans Kasdorf, 1928-2011**

<sup>33</sup> Toews, *History*, p. 368-374.

<sup>34</sup> Esta agência foi originalmente chamada *Board of Foreign Missions* (Junta de Missões Estrangeiras), então *Mennonite Brethren Missions/Services* (Missões e Serviços Irmãos Menonitas), e finalmente *MBMS International* antes da sua designação atual. Para simplificar, será referida sempre pela atual MB Mission.

diferenças linguísticas e culturais. Esta primeira Convenção classificou como seus propósitos “manter a unidade espiritual, oferecer assistência às igrejas no evangelismo e na educação cristã, e promover e supervisionar todos os programas de missões nacionais e estrangeiras das igrejas de língua portuguesa dos Irmãos Menonitas no Brasil.”

Finalmente, com as diferenças linguísticas e culturais menos pronunciadas em 1995, sob a liderança de Ernesto Wiens, a AIIMB e a CBIIM fundaram-se para formar a Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas, ou COBIM.<sup>35</sup> Os objetivos da COBIM são: 1) comunhão mútua; 2) unidade doutrinária; 3) trabalho missionário evangelístico; e 4) cooperação em trabalhos sociais e educação.



Ernesto Wiens

### ***Evangelismo e Plantação de Igrejas***

Até 2015, a IEIM havia se espalhado no Sul do Brasil em cinco estados e em cerca de setenta igrejas e congregações. Naquele momento, COBIM foi dividida em seis regiões administrativas. A fim de apresentar um resumo do desenvolvimento dessas igrejas e manter a coerência com a atual estrutura regional, o evangelismo e os esforços de plantação de igrejas serão descritos por estados ou regiões, a começar com a atividade missionária no primeiro estado da presença histórica da IEIM.<sup>36</sup>

#### **Regional Santa Catarina**

A missão da IEIM compartilha muito da sua história com a da IM. Um grupo de refugiados tinha sido liderado pelos veteranos Jacob Hübert e Heinrich Ekk a planejar uma igreja separada para os irmãos menonitas. Essas reuniões de planejamento já ocorreram no navio Werra em rota da Alemanha para o Brasil. Ao chegar ao Brasil em março de 1930, essa decisão encontrou alguma resistência daqueles que sentiram que deveria haver uma única igreja menonita nesta nova terra. No entanto, o grupo irmãos menonitas persistiu e

<sup>35</sup> Doravante, vou me referir à Igreja Evangélica Irmãos Menonitas como IEIM quando a referência for de natureza geral, e à COBIM quando se falar da organização específica ou estrutura administrativa. Podem ocorrer algumas sobreposições.

<sup>36</sup> Em março de 2016, ocorreu uma fusão significativa entre a COBIM e a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada (IEIMR). Essa fusão acrescentou regiões, igrejas e membros ao *status* da COBIM, além de outras dinâmicas. Sendo que a maior parte da história e do desenvolvimento dessa denominação ocorreu independentemente da COBIM, vou tratar os desenvolvimentos históricos e análises missiológicas separadamente. Veja o Capítulo 10 e seções relevantes nos Capítulos 14, 15 e 18.

creceu, já que muitos dos imigrantes experimentaram uma conversão e se juntaram a esse corpo de convertidos.

### Inícios Diversos

As igrejas plantadas durante este período foram resultado direto dos começos de assentamento descritos no Capítulo 2. A primeira igreja, chamada **Waldheim**, conforme o vilarejo, começou na colônia de Krauel sob a liderança de Hübert e Ekk. Esta igreja se reunia em duas congregações separadas nas escolas dos vilarejos de Waldheim e Witmarsum. Além das igrejas fundadas por grupos de imigrantes deslocados, havia outros esforços missionais que se devem mencionar. As principais preocupações foram a salvação de seus filhos, a salvação dos menonitas nominais e a salvação de seus vizinhos, particularmente aqueles com quem a comunicação na língua alemã era possível.

Em 1949, a maioria dos membros da IEIM tomou a decisão de sair do local de Alto Rio Krauel e houve uma mudança maciça para Bagé, RS (outros já se mudaram para Blumenau, Curitiba e São Paulo). Com exceção do hospital menonita e o testemunho de sua presença cristã, a IEIM não deixou resultados tangíveis de missão após quase vinte anos na colônia original de Krauel. Eventualmente, essa realização teria influência direta na localização do futuro trabalho da missão da IEIM.

As igrejas de Blumenau e da vila vizinha de Saltobach eram únicas, já que suas origens não eram menonitas. A IEIM **Blumenau** surgiu de um pequeno grupo de Irmãos de Plymouth (Casa de Oração) que se reunia antes da chegada dos menonitas ao Brasil. Com a comunhão e ajuda de alguns participantes irmãos menonitas que se mudaram para Blumenau na década de 1930,

### “Cego Francisco”

O jovem Francisco, cego, pregava em Saltobach enquanto acompanhava seu pai (Franz Heinrichs). Walter Quiring visitou a família em 1952 [...]. O Francisco, cego e musical, ainda na casa de seus pais, impressionou Walter profundamente, o qual disse: “Ele é dotado e ansioso para aprender [...]. Ele adquiriu conhecimentos que os agricultores, sem educação superior, são privados de ter em geral”. Franz dominou Braille e também a máquina de escrever. “Ele tem um bom domínio da língua nacional e muitas vezes sai às vizinhanças brasileiras, toca no seu bom acordeão e prega um sermão em sua língua”.

Mais tarde, o “cego Francisco Heinrichs”, como normalmente era chamado, foi convidado para ser o pastor a tempo integral na igreja em Saltobach, e lá ele ficou com sua família por dez anos. Ele se tornou evangelista e pregador ativo.

(Peter P. Klassen)



Francisco Heinrichs, 1926-1994

organizaram-se como igreja e em 1949 afiliaram-se à igreja Waldheim da colônia Krauel. Os primórdios da IEIM **Saltobach** também remontam aos anos 30. Um casal de evangelistas luterano, chamado Schwaerz, fazia visitas a esta região a cavalo e conduziram escolas dominicais. Como resultado dessas visitas, um grupo dinâmico de renascidos se formou. Devido à oposição da Igreja Luterana, o grupo deixou a denominação e encontrou assistência espiritual na vizinha IEIM Waldheim. Nas décadas seguintes, muitos dos

membros se mudaram para a cidade vizinha de **Ribeirão Pinheiro**. Em 1975, pelo trabalho dos missionários canadenses Peter e Lydia Dick, a igreja mudou-se a esta cidade e mudou seu nome de acordo.

### **Parcerias Locais, Regionais e Nacionais**

Quando as igrejas Irmãos Menonitas formaram a Associação (AIIMB) em 1960, um de seus objetivos era cooperar nos esforços missionários. Os delegados tiveram a convicção clara de ter uma dívida missionária aos residentes originais do vale Alto Rio Krauel e ao maior estado de SC. A decisão de concentrar os esforços missionários no povo germânico deste estado foi unânime, começando em Witmarsum, a comunidade original de Krauel. Estes esforços patrocinados pela AIIMB, juntamente com o parceiro norte-americano MB Mission,<sup>37</sup> nas três décadas seguintes, têm sido relativamente bem sucedidos. A maioria das tentativas de plantar igrejas deu frutos, pelo menos no sentido de que igrejas viáveis estão funcionando até hoje.

A colônia original de Krauel dissolveu-se em 1951, e até 1954 apenas duas famílias menonitas permaneceram. No entanto, essas duas famílias não foram esquecidas nem a sensação de uma missão ainda incompleta naquela área. Quando a AIIMB se formou em 1960 e começou a considerar campos de missão cooperativa, o primeiro campo selecionado foi o antigo **Witmarsum** em Krauel. Em 1961 e 1962, escolas bíblicas de férias (EBF) foram realizadas e, em 1963, a família Peter Wiens iniciou um ministério de plantação da igreja. A igreja foi organizada em 1965 e recebida na Associação em 1969.

As transmissões evangelísticas de rádio têm sido fundamentais para levar muitos ao Reino e às igrejas locais em Santa Catarina. A partir de 1961, a igreja de Blumenau patrocinou o programa *Sonntagssegen* ou “Bênção Dominical”. Pelo menos três igrejas nas cidades vizinhas resultaram dessa transmissão: 1)

---

<sup>37</sup> MB Mission forneceu assistência financeira e, em alguns casos, pessoal missionário. O início das atividades da MB Mission no Brasil será descrito abaixo de Ministérios das Crianças na seção de Ministérios Sociais.

a IEIM **Encano do Norte**<sup>38</sup> teve seus primeiros contatos em 1964 e organizou-se em 1968; 2) a IEIM **Massaranduba**, também, foi iniciada em 1964 e organizada em 1975; e 3) a IEIM **Aurora**, com suas primeiras reuniões em 1965, e organizada em 1973. Cada uma dessas igrejas começou a partir de um padrão similar de missão: os ouvintes contatados pela igreja patrocinadora em Blumenau, os obreiros enviados para realizar estudos bíblicos em casa e escolas dominicais, batismos de novos cristãos, a organização da nova igreja e, finalmente, a construção de um pequeno templo.<sup>39</sup> Abordagem semelhante foi usada para começar a IEIM **Joinville**. No entanto, neste caso, o patrocínio veio do exterior. Os missionários da MB Mission, David e Annie Nightingale, começaram em 1953 um ministério de língua alemã pela estação de rádio HCJB com sede no Equador. Por meio de uma análise das respostas dos ouvintes, descobriram interesse considerável nos estados do Sul do Brasil. Em 1966, David e Annie Nightingale mudaram-se para o Brasil e, em 1967, começaram a plantar uma igreja na cidade industrial de Joinville. Uma grande campanha evangelística no ano seguinte, com ajuda considerável das igrejas em Curitiba, levou ao primeiro batismo e à organização da igreja em 1969.

À luz das campanhas bem sucedidas realizadas em outros países latino-americanos usando a estratégia de evangelização de saturação,<sup>40</sup> a AIIMB trabalhou com a MB Mission para lançar o que a MB Mission chamou de *Thrust Evangelism* (Evangelismo de Impulso). O objetivo era plantar novas igrejas entre brasileiros germânicos em SC. Após extensos preparativos, uma equipe especial foi organizada em 1972 e chamada *Boten des Friedens* (Mensageiros da Paz). Quatro casais e duas moças solteiras embarcaram em um ministério de música, visitação, distribuição de folhetos e campanhas evangelísticas em várias cidades.<sup>41</sup> A equipe *Boten* realizou campanhas de 1972



Mensageiros da Paz, 1972-1975

<sup>38</sup> Na década de 1990, esta igreja mudou-se para a cidade vizinha de Timbó.

<sup>39</sup> Willy Janz e Gerhard Ratzlaff, *Gemeinde Unter Dem Kreuz des Suedens* (Curitiba, Brasil: Suedamerikanischen Konferenz der Mennonitischen Bruedergemeinden, 1980), p. 81-92.

<sup>40</sup> O evangelismo por saturação envolve a saturação centrífuga de uma comunidade com o evangelho, utilizando múltiplos meios e a mobilização do maior número de crentes e igrejas possíveis.

<sup>41</sup> Estes foram Heinrich e Liese Loewen, Geraldo e Edith Ott, Artur e Helga Friesen, Osvaldo e Helena Jung, Irma Dueck e Ursula Krahn. Veja Janz e Ratzlaff, *Gemeinde*, p. 24.

a 1975. Muitas campanhas foram realizadas em cidades onde as igrejas Irmãos Menonitas já haviam sido estabelecidas. A expansão evangelística e a renovação missional nas igrejas existentes parecem ter sido as maiores contribuições da equipe. A equipe também desempenhou um papel importante em facilitar a plantação de igrejas em duas novas cidades: 1) **Rio do Sul**, iniciada em 1971 e organizada em 1975; e 2) **Taió**, iniciada em 1973 e organizada em 1975.<sup>42</sup>

Nas décadas de 1970 e 1980, o padrão mais comum de plantação de igrejas em SC envolvia a parceria entre as igrejas locais, a AIIMB e, às vezes, a assistência da MB Mission. Neste padrão, os membros de uma igreja existente, que viviam longe do local de encontro e/ou em uma região menos atingida, formaram o núcleo de uma nova igreja. A supervisão, a provisão de obreiros e a assistência financeira foram oferecidas cooperativamente entre os parceiros patrocinadores até que uma nova igreja fosse estabelecida. Este foi o caso em **Rio Bonito, Presidente Getúlio e Jaraguá do Sul**. A plantação da igreja de **Kobrasol** (em São José, perto de Florianópolis) surgiu mediante o planejamento estratégico da AIIMB e da MB Mission, sem o patrocínio de uma igreja mãe próxima. Depois de vários anos (especialmente a década de 1990), quando o papel e a dinâmica das associações nacionais na missão não eram claros, o padrão de parceria local-nacional parecia estar crescendo mais uma vez. Em alguns casos, o órgão regional (as igrejas de SC) também tem sido parceiro missionário. Isso resultou nas recentes igrejas em **Indaial, Itajaí e Canela**.

Finalmente, à medida que as igrejas locais crescem na visão missionária e na capacidade de patrocínio, elas são capazes de assumir o papel materno dado por Deus em plantar igrejas filhas sem a assistência significativa de outras igrejas ou do corpo nacional. Esta tendência está crescendo e tem resultado em jovens igrejas nascidas em **Pomerode** (da IEIM Jaraguá do Sul), **Costa e Silva** e **Adhemar Garcia** (IEIM Joinville), **Itoupava Central** (IEIM Blumenau) e **Pouso Redondo** (IEIM Taió). A tabela a seguir resume alguns elementos-chaves das igrejas plantadas no estado de SC.

### **Regional Sul Paraná**

A atual estrutura administrativa da COBIM, no estado do Paraná, divide as igrejas em duas regiões: 1) Sul Paraná, incluindo a Grande Curitiba e municípios vizinhos, e 2) Iguazu (antiga Sudoeste do Paraná), que inclui igrejas naquela região e a bacia do rio Iguazu. Esta é uma medida pragmática para facilitar as parcerias e os ministérios cooperativos entre as igrejas nas respectivas regiões.

---

<sup>42</sup> A IEIM Taió agora opera em parceria com a vizinha IEIM Ribeirão Pinheiro.

TABELA 3: IEIM – REGIONAL SANTA CATARINA

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
Waldheim	Hamônia	Imigrantes	1930	1930	1949
Blumenau	Blumenau	Irmãos Plymouth	Anos 20	1949	
Saltobach/ Rib. Pinheiro	Ribeirão Pinheiro	Grupo Luterano	Anos 30	1949	
Witmarsum	Ibirama/ Witmarsum	AIIMB	1961	Anos 2000	
Encano Norte/ Timbó	Timbó	Blumenau/AIIMB	1964	Anos 90	
Massaranduba	Massaranduba	Blumenau/AIIMB	1964	Anos 90	
Aurora	Aurora	Rio do Sul/AIIMB	1965	Anos 90	
Joinville	Joinville	AIIMB/ MB Mission	1966	Anos 90	
Rio do Sul	Rio do Sul	AIIMB/ MB Mission	1971	Anos 90	
Taió	Taió	AIIMB/ MB Mission	1973	Anos 90	
Angelina	Angelina	AIIMB/ MB Mission	1975		2008
Rio Bonito	Joinville	Joinville/AIIMB	1976	1980	
Pres. Getúlio	Pres. Getulio	Witmarsum/AIIMB	1979	Anos 2000	
Jaraguá do Sul	Jaraguá do Sul	AIIMB/ MB Mission	1980	1996	
Kobrasol	São José	AIIMB/ MB Mission	1985	1997	
Pomerode	Pomerode	Jaraguá do Sul	1998	2012	
Costa e Silva	Joinville	Joinville	Anos 2000	2003	
Adhemar Garcia	Joinville	Joinville	2007	2014	
Indaial	Indaial	Pomerode/COBIM	2008	2013	
Itoupava Central	Blumenau	Blumenau	2011		
Itajaí	Itajaí	Blumenau/COBIM	2012		
Pouso Redondo	Pouso Redondo	Taió	2012		
Canela	Joinville	Costa e Silva/ COBIM	2014		

A deslocalização dos imigrantes menonitas para Curitiba no início da década de 1930 também marcou o estabelecimento do eventual centro para a igreja e as missões da IEIM. Em nenhum outro local havia tal concentração de recursos e esforços missionais. Mesmo assim, enquanto o centro missional permanece em Curitiba, a IEIM expandiu-se consideravelmente para o interior do estado e além.

Os primeiros colonos em Curitiba encontraram alimentação espiritual com o movimento pietista alemão conhecido como *Entschiedenes Christentum* (Cristianismo Decidido). Em 1935, no entanto, com o número crescente de chegadas e o desejo de mais companheirismo menonita, os cristãos da IM e IEIM começaram a se reunir na escola recém-construída no Boqueirão. Em 1936, a primeira IEIM (doravante **Boqueirão I**) foi fundada sob a liderança do ancião Jacob Hübert e do pregador Peter Hamm. Tal como aconteceu com a IM em Curitiba, a IEIM foi inicialmente uma igreja que se reunia em dois locais (Boqueirão e Vila Guaíra). O prédio



### A Longa Caminhada à Missão

O pastor luterano Alcides Jucksch conseguiu motivar muitos menonitas a distribuírem folhetos evangelísticos junto com o leite que vendiam de casa em casa em Curitiba. É impossível calcular o fruto dessa obra, que só a eternidade revelará.

Ficou em minha memória um fato marcante. Havia na Igreja Irmãos Menonitas do Boqueirão vários jovens comprometidos com a evangelização. Eles pediam ao pastor Alcides um volume maior de folhetos e os distribuía nas filas dos cinemas nos sábados à noite. Essas filas se estendiam, muitas vezes, por diversas quadras.

Como não havia ônibus, eles iam a pé do Boqueirão até o centro da cidade, cerca de 12 km. O interessante era ver que muitas pessoas realmente liam os folhetos. Novamente: na eternidade veremos os frutos.

(Dietrich Reimer)

da igreja, erguido em 1946, tinha capacidade para 700 pessoas. Esse padrão continuou até 1972, quando a IEIM erigiu seu próprio templo e os cultos com a IM foram descontinuados.

Não demorou muito para que a dimensão missional da IEIM encontrasse diversas oportunidades de expressão. A partir da década de 1950,

foram feitos esforços para distribuir literatura evangélica junto com entregas de leite (sua principal atividade econômica). Outros trabalhos incluíram apoio a uma casa para cegos, ao Hospital Evangélico em Curitiba, às transmissões da rádio HCJB e a numerosos missionários trabalhando tanto com a IEIM quanto com outros evangélicos. Recentemente, refugiados haitianos no Brasil encontraram um lar espiritual e espaço de reunião na IEIM Boqueirão I, atraídos por sua calorosa recepção e estilos de culto semelhantes. No entanto, a contribuição missionária mais extensa da IEIM Boqueirão I continua a ser a plantação e assistência de igrejas filhas. Essas igrejas filhas incluem **Afonso Pena, Boqueirão II, Jd. Maringá, Curitiba** e **Almirante Tamandaré**. No momento, apenas uma delas deu origem a uma igreja neta, ou seja, Boqueirão II a **Boqueirão III**, embora com a assistência da igreja mãe Boqueirão I. Apesar de ter uma vida útil mais curta, a igreja de Boqueirão III (também com a assistência de Boqueirão I) patrocinou uma igreja “bisneta”, **Jd. Paranaense**, que serviu a comunidade de 1970-1996.<sup>43</sup> Em 2014, a Boqueirão III fundiu-se com uma igreja independente de origens Irmãos Menonitas, chamada **Família Cristã**, e a igreja conjunta tomou este nome.

A igreja de Boqueirão I também tem modelado a missão até os confins da terra por patrocinar plantadores de igrejas multiculturais no Senegal e na Índia, além de apoiar missionários na região amazônica e na Guiné-Bissau. Nas últimas décadas, a assimilação cultural parece ser menos um desafio missional, conforme indicado pelos esforços cada vez maiores para alcançar a comunidade e integrar os recém-chegados na vida da igreja. Os esforços organizados de alcançar os vizinhos usando capelania, teatro, esportes e cuidados às crianças em risco são evidências disso.

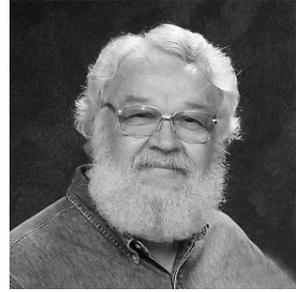
As histórias das igrejas de **Boqueirão II** e **Curitiba** requerem mais comentários. Muitos dos jovens da Boqueirão I deram seu tempo e talentos para ajudar no orfanato Lar das Crianças, iniciado em 1947 pela MB Mission.<sup>44</sup> Por meio da influência dos missionários deste lar, Ervino Thiesen e Pedro Huebert, alguns jovens começaram a ganhar visão missionária mais ampla. Em 1957, foram iniciadas reuniões juvenis entre os brasileiros na área do Boqueirão. Posteriormente, a igreja do Boqueirão I comprou um terreno e construiu uma pequena capela de madeira. O primeiro batismo foi realizado em 1962, e até 1969 a IEIM Boqueirão II havia iniciado escola dominical em uma região próxima (Areal), que se tornou a igreja do Boqueirão III no início dos anos 1970. Cerca de dez anos depois, uma nova visão entre as igrejas germânicas de Curitiba (Boqueirão, Vila Guaíra, Xaxim) levou a ministérios de língua portuguesa nas suas respectivas igrejas. Em 1982, o membro Roberto

---

<sup>43</sup> Para um resumo dos esforços da IEIM Boqueirão I e da Regional Sul Paraná, veja TABELA 4.

<sup>44</sup> Este ministério e o papel da MB Mission serão introduzidos neste capítulo sob Ministérios Sociais.

Lay foi convidado pela igreja do Boqueirão I para começar uma classe de escola dominical para alcançar os treze casais etnicamente mistos já na igreja. Seguiu-se um período de rápido crescimento. Os métodos evangelísticos incluíam amizades, grupos de células nas casas e retiros de casais.<sup>45</sup> Devido ao grande tamanho do novo grupo, ao estilo progressivo e à distância cultural, a igreja mãe considerou que a igreja filha deveria se tornar autônoma. Assim, em 1989, a IEIM Curitiba foi legalmente organizada, continuando a usar as instalações da igreja mãe até 1998, quando ocorreu a fusão entre as igrejas do Boqueirão II e Curitiba. Desde a saída da IEIM Curitiba, a igreja do Boqueirão I continuou seu departamento em português, incluindo dois cultos dominicais.



**Roberto Lay**

As origens da IEIM **Vila Guaíra** são semelhantes às da igreja do Boqueirão I. Os colonos do Krauel começaram a chegar no início da década de 1930 para esta região, onde muitos falantes de alemão já residiam. À medida que a comunidade do Boqueirão ganhava mais menonitas migrantes, o grupo de Vila Guaíra, então realizando suas próprias reuniões em uma escola junto com a IM, decidiu afiliar-se ao grupo mais estabelecido no Boqueirão. Este arranjo continuou até 1958, quando a congregação de Vila Guaíra decidiu tornar-se uma igreja autônoma sob a liderança de Heinrich Abrams.

Desde a década de 1950, esta igreja também estava envolvida na extensão missional. Dois pontos de pregação foram iniciados em Atuba e Portão, e na década de 1970 uma congregação na área de **Santa Amélia**, embora estes não tenham florescido em igrejas. No entanto, no início da década de 1950, a igreja ajudou o missionário da MB Mission, Ervino Thiesen, e outros obreiros do Lar das Crianças na realização de escola dominical em um lote aberto no bairro vizinho Água Verde. Posteriormente, os membros da igreja abriram suas casas para que reuniões também pudessem ser realizadas para adultos. A igreja mãe depois comprou um lote e erigiu um pequeno prédio. A congregação foi chamada **Vila Guaíra II** e passou à autonomia. Esta igreja desconectou-se da Convenção (CBIIM) em 1990, tendo descoberto maior afinidade com um movimento neopentecostal chamado Comunidade. A igreja de Vila Guaíra também desenvolveu visão para missões transculturais, evidenciada pelo forte apoio da primeira tentativa de a COBIM enviar missionários para Angola, pelo apoio de missionários em Timor-Leste e, mais recentemente, pelo apoio de um ministério a povos indígenas no remoto estado de Rondônia.

---

<sup>45</sup> Roberto Lay também tem atuado como coordenador geral do Ministério Igreja em Células no Brasil, ministrando em conferências e seminários em todo o país sobre a visão e estrutura de igrejas celulares, e capacitando milhares de pastores e líderes de várias denominações na implementação dessa visão.

Várias igrejas podem traçar suas origens ao orfanato Lar das Crianças. A primeira ficava na vizinhança do orfanato no bairro de **Uberaba**. A partir de 1950, a presença dos missionários da MB Mission Ervino e Lorene Thiesen neste bairro ocasionou o compartilhamento do evangelho e o surgimento de um crescente grupo de cristãos. O primeiro batismo foi realizado em 1954. A MB Mission doou um canto da propriedade do orfanato para a construção de uma casa de adoração, dedicada em julho de 1956.

Pelo menos três outras igrejas Irmãos Menonitas traçam suas raízes para os esforços conjuntos da igreja de Uberaba e os missionários da MB Mission que serviam no orfanato. São elas: a IEIM **São Mateus do Sul**, uma pequena cidade localizada a 150 quilômetros ao sudoeste de Curitiba; a IEIM **Palmas**, ainda mais ao oeste e agora pertencente à Regional Iguaçú; e finalmente a IEIM **Jd. Santos Dumont** na cidade vizinha de Uberaba chamada São José dos Pinhais. Os padrões familiares de conexões familiares, missionários e obreiros enviados da igreja



**Ervino e Lorene Thiesen**

mãe, e, por sua vez, conversões e batismos foram seguidos na plantação dessas igrejas filhas de Uberaba. Com a exceção de Jd. Santos Dumont, de cada uma dessas igrejas, nasceram igrejas filhas, e tentou vários pontos de pregação. A IEIM Uberaba e sua filha Jd. Santos Dumont deixaram a CBIIM na década de 1990 e desde então fecharam.

A colônia menonita de Neu Witmarsum (PR) foi introduzida no Capítulo 2. Como os membros da IEIM eram o grupo minoritário (a maioria dos membros da IEIM migraram ao Sul para Bagé, RS), eles se reuniram com a *Frei Evangelische Mennonitengemeinde* (Igreja Menonita Evangélica Livre; veja Nota 22, Capítulo 4). No entanto, a crescente insatisfação e a saudade de uma igreja mais próxima de suas convicções espirituais levaram 18 membros a formar a IEIM **Witmarsum** em 1958. O primeiro líder foi Abram Dueck.

Uns dez anos depois (1969), uma extensão foi iniciada na cidade próxima de **Campo Largo**. No final de 1971, o primeiro batismo foi realizado e uma nova igreja foi estabelecida. Como a agência Associação Menonita Beneficente (AMB)<sup>46</sup> também tem sede na comunidade de Witmarsum, e seu fundador Peter Pauls Jr. era membro da IEIM Witmarsum, é natural que haja muita cooperação entre aquela missão e esta igreja. O resultado tem sido uma série de tentativas cooperativas de plantar igrejas em pequenas comunidades rurais, onde a AMB realiza missões integrais. Atualmente, congregações e pontos de pregações com missionários apoiados pela igreja estão surgindo em

---

<sup>46</sup> O Capítulo 9 é dedicado a esta missão.

**Jacuí, Árvore Alta e São João do Triunfo.** Além de apoiar a AMB, a IEIM Witmarsum tem apoiado ativamente outras missões evangélicas trabalhando no Brasil e além. Entre estas, podem ser citadas Radio Transmundial, HCJB, Asas de Socorro, Jovens Com Uma Missão e pastores nacionais em Angola.

A IEIM Campo Largo iniciou sua própria igreja filha na comunidade de **Itaquí de Cima**; no entanto, as influências pentecostais dentro da congregação levaram a nova igreja a buscar a independência da sua igreja mãe e da família COBIM. Outra tentativa de dar a luz a uma igreja filha está em andamento a partir de 2015 na cidade vizinha de **Ponta Grossa**. Nos últimos anos, a igreja de Campo Largo desenvolveu ampla visão e atividades correspondentes para alcançar a pessoa integral. Isso resultou muitos projetos sociais, incluindo a construção de casas para famílias desfavorecidas, instrução em geração de renda, alfabetização, bancos de alimentos, narração de histórias e atividades esportivas para jovens em risco, e um orfanato. Muitas dessas atividades acontecem em um local de encontro especial desta igreja, o Centro Esportivo Victor Ekk, um centro atlético aberto ao público e nomeado em homenagem a um amado médico e membro da igreja de longa data.

Sob a influência do professor Hans Legiehn da escola bíblica na IEIM Boqueirão I, muitos cristãos buscaram mudanças éticas em suas próprias vidas e na vida de sua igreja.

Essa ênfase na santidade pessoal e corporativa levou a tensões na igreja no final da década de 1950. Após a recomendação do Conselho Pastoral da *Südamerikanische Konferenz*,<sup>47</sup> uma nova igreja foi iniciada em 1959.<sup>48</sup> A localização era o bairro vizinho de **Xaxim**. Hans Wiens foi o primeiro líder.



Inauguração da “Casa de Oração” em Xaxim, 1959

A IEIM Xaxim tem sido uma igreja missionária desde o início. Em 1961, apenas dois anos após seu próprio estabelecimento, sua juventude liderou uma nova iniciativa no bairro vizinho de **Jd. Urano**. O rápido crescimento levou à

<sup>47</sup> Esta conferência germânica foi formada em 1948 e incluiu as igrejas irmãs menonitas do Paraguai, do Brasil e, mais tarde, do Uruguai.

<sup>48</sup> Jacob J. Toews, *The Mennonite Brethren Mission in Latin America* (Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the General Conference of the Mennonite Brethren Church, 1975), p. 28.

construção de uma estrutura de alvenaria para abrigar a congregação em 1971. Esta igreja, com assistência pastoral e financeira da igreja mãe de Xaxim, patrocinou numerosos pontos de pregação nas proximidades. Entre estes, havia: **Jd. Itamaratí** (1972, agora chamado **Maanaim**), **Agudos do Sul** (1972) e **Jd. Tranquilo** (1973, agora chamado **Vila Rio Negro**). A IEIM Agudos do Sul também se tornou uma igreja mãe (veja TABELA 4). A IEIM Xaxim é um dos poucos modelos, e talvez o mais notável, de uma igreja mãe que reproduz um DNA missionário para a terceira e quarta geração.

Uma igreja filha incomum de Xaxim surgiu na cidade predominantemente católica de **São José dos Pinhais**. A começar em 1984, o membro Ernst



Uma conferência missionária da IEIM São José dos Pinhais

Werner Janzen ensinava matemática e religião em uma escola particular da qual um dos proprietários era outro membro Ernesto Wiens. A amizade cristã e a instrução diária da Bíblia levaram a ocasionais retiros de fim de semana no acampamento menonita Betel, clubes bíblicos semanais e eventuais estudos bíblicos regulares com alunos e pais. Após um retiro especial com 35 jovens, e apesar da forte oposição de certos pais e funcionários da escola, 13 jovens foram batizados junto com duas de suas mães. O batismo, o primeiro culto público e a organização oficial da igreja ocorreram em 1991. Janzen não podia mais ensinar religião e desde 1993 é o pastor da igreja. Esta jovem igreja também expressa sua crescente dimensão missionária enviando ou apoiando missionários e obreiros

nacionais em Angola, Moçambique, Mongólia, África do Norte, e Roraima e Paraná no Brasil.

Enquanto a maioria das novas igrejas nesta região foi plantada por imigrantes e as igrejas mãe e filha resultantes, cinco igrejas encontram suas origens nos esforços dos missionários norte-americanos que serviam com a agência MB Mission. Três foram mencionados acima em conexão com o orfanato de Uberaba. A partir de 1963, os missionários Donald e Maria Faul levaram estudantes do Instituto Bíblico Paranaense<sup>49</sup> para evangelizar um bairro próximo chamado **Jd. das Américas**. Mediante visitas, distribuição de literatura e uma escola dominical, um grupo de convertidos começou a surgir. O primeiro batismo foi realizado em 1965 e a igreja foi oficialmente

<sup>49</sup> Esta escola bíblica, patrocinada pela MB Mission, será descrita no Capítulo 15.

organizada nesse mesmo ano. Outra plantação liderada pela MB Mission ocorreu no centro da cidade de Curitiba em um prédio especial erguido pela missão em 1962. A sede era para servir de centro administrativo da missão e para evangelismo. Ela continha escritórios, ginásio-auditório, garagens e moradias. Após uma conferência bíblica bem frequentada na igreja de Uberaba em 1966, os missionários acreditaram que o tempo chegou para começar uma nova igreja no centro da cidade. Eles esperavam integrar alguns dos interessados e alcançar mais a classe média da população de Curitiba, incluindo estudantes universitários. Floyd e Bertha Born, Bill e Marilyn Wagner e Edna Thiesen formaram a primeira equipe missionária em 1967. Uma igreja nasceu chamada **IEIM Central**. Esta igreja nunca se tornou totalmente autônoma e finalmente fechou em 1989. O prédio multiuso foi usado para diversos fins administrativos e ministeriais e a propriedade foi finalmente vendida pela COBIM no início dos anos 2000.

Os começos da cooperativa de laticínios de **Lapa**, cerca de 60 quilômetros ao sudoeste de Curitiba foram introduzidos no Capítulo 2. Como o grupo de colonos irmãos menonitas não era grande e não contou com um pastor ou ancião, os cultos dominicais foram realizados em conjunto com outras igrejas evangélicas germânicas (*Gottesgemeinde* e *Evangelische Kirche*) nos primeiros anos. O primeiro líder da igreja foi o diácono Jacob Kroeker que liderou o grupo até chegar o pastor Ademar Gutjahr, em 1977. Nesse mesmo ano, foi construído um edifício permanente e a IEIM Lapa I foi organizada no ano seguinte. Durante muitos anos, esta igreja rural tinha a visão para chegar às famílias carentes da cidade de Lapa. Em 1988, a visão tornou-se realidade quando as reuniões começaram na casa de Anelise Harder. Em 1989, a igreja mãe, junto com a AMAS, adquiriu um terreno e construiu instalações para uma creche denominada Estrela de Belém. A porção da AMAS veio em grande parte da IM Gunter Stern na Alemanha. Da creche, surgiu a **IEIM Lapa II**. A maioria dos membros da igreja associa-se direta ou indiretamente à creche. Ao longo dos muitos anos que a igreja rural da Lapa I tem sido ativa, um grupo de cristãos desenvolveu-se na região vizinha de **Faxinal dos Pintos**.

A independente Igreja Evangélica Menonita Shalom (introduzida no Capítulo 4) patrocinou um campo na **Fazenda Rio Grande**, que se desenvolveu em uma igreja autônoma (popularmente chamada *Ágape*). Uma vez que a Shalom não estava afiliada à AIMB, sua igreja filha, sob a liderança dos obreiros Bruno e Adelaide Boldt, procurou a filiação com a COBIM em 2003. Desde então, tornou-se forte defensor das IEIM nesta região, inclusive dando assistência pastoral às igrejas menos maduras (como Agudos do Sul e **Palmeira**) e ajudando a patrocinar igrejas filhas nas proximidades de **Mandirituba** e **Araucária**.

TABELA 4: IEIM – REGIONAL SUL PARANÁ

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Boqueirão I</b>	Curitiba	Imigrantes	1934	1936	
<b>Vila Guaira I</b>	Curitiba	Imigrantes/ Boqueirão I	1934	1958	
<b>Guarituba</b>	Guarituba	Imigrantes/ Boqueirão I	1950	1957	1966
<b>Uberaba</b>	Curitiba	MB Mission/ Lar Crianças	Anos 50	1954	Anos 2000
<b>Vila Guaira II*</b>	Curitiba	MB Mission/ Vila Guaira I	Anos 50	Anos 80	
<b>Afonso Pena</b>	Curitiba	Boqueirão I	1954		1961
<b>Boqueirão II</b>	Curitiba	Boqueirão I	1957	1979	1998
<b>Witmarsum</b>	Palmeira	Imigrantes	1958	1958	
<b>São Mateus do Sul</b>	São Mateus do Sul	MB Mission/ Uberaba	1958	1960	
<b>Xaxim</b>	Curitiba	Imigrantes/ Boqueirão I	1959	1959	
<b>Jd. Urano</b>	Curitiba	Xaxim	1961	1963	
<b>Jd. das Américas</b>	Curitiba	MB Mission	1963	1965	
<b>Central</b>	Curitiba	MB Mission/ CBIIM	1967		1989
<b>Campo Largo</b>	Campo Largo	Witmarsum (PR)	1969	1991	
<b>Boqueirão III/ Família Cristã</b>	Curitiba	Boqueirão II/ Boqueirão I	1969	Anos 90	
<b>Jd. Paranaense</b>	Curitiba	Boqueirão III/ Boqueirão I	1970		1996
<b>Lapa I</b>	Lapa	Imigrantes/ Boqueirão I	1971	1978	
<b>Jd. Itamaratí/ Maanaim</b>	Curitiba	Jd. Urano/ Xaxim	1972	Anos 90	
<b>Agudos do Sul</b>	Agudos do Sul	Jd. Urano/ Xaxim	1972	2014	
<b>Jd. Tranquilo/ Vila Rio Negro</b>	Curitiba	Jd. Urano/ Xaxim	1973	1998	
<b>Jd. Santos Dumont</b>	São José dos Pinhais	Uberaba	1973	1982	1997
<b>Santa Amélia</b>	Curitiba	Vila Guaira II	1974		1992
<b>Jd. Maringá</b>	Curitiba	Jd. Paranaense/ Boqueirão I	1978		
<b>Lagoa da Cruz</b>	Antônio Olinto	São Mateus do Sul	1980		
<b>Curitiba*</b>	Curitiba	Boqueirão I	1983	1989	
<b>São José dos Pinhais</b>	São José dos Pinhais	Xaxim	1985	1995	
<b>Lapa II</b>	Lapa	Lapa I/AMAS	1988	1999	
<b>Faxinal dos Pintos</b>	Lapa	Lapa I	Anos 80		

<b>Itaqui*</b>	Itaqui de Cima	Campo Largo	Anos 80	Anos 80
<b>Jacuí</b>	Palmeira	Witmarsum (PR)	1993	
<b>Árvore Alta</b>	Campo Largo	Witmarsum (PR)	1993	
<b>Fazenda Rio Grande/Ágape</b>	Faz. Rio Grande	IM Boqueirão/ Shalom	Anos 90	1999
<b>Palmeira**</b>	Palmeira	AEM	1967	Anos 80
<b>Mandirituba</b>	Mandirituba	Fazenda Rio Grande	2011	
<b>São João do Triunfo</b>	São João do Triunfo	Witmarsum (PR)	2012	
<b>Araucária</b>	Araucária	Faz. Rio Grande/ Regional Sul PR	2012	
<b>Almirante Tamandaré</b>	Almirante Tamandaré	Boqueirão I	2015	
<b>Guarapuava</b>	Guarapuava	Agudos do Sul/ Regional Sul PR	2015	
<b>Porto Amazonas**</b>	Porto Amazonas	AEM	1983	Anos 90
<b>Ponta Grossa</b>	Ponta Grossa	Campo Largo	2015	
<b>Piên</b>	Piên	Agudos do Sul	2012	

\* Igrejas não mais afiliadas à COBIM.  
\*\* Igrejas que transferiram a filiação da AEM para a COBIM em 2014-2015.

## Regional São Paulo

Como nas outras regiões, os esforços missionais da IEIM em SP seguiram as iniciativas de migração. A partir da década de 1930, jovens menonitas vieram de SC à cidade de São Paulo em busca de empregos. Algumas de suas famílias, posteriormente, também seguiram para lá. Com a assistência do CCM e especialmente da MB Mission, um crescente grupo de igrejas foi estabelecido na Grande São Paulo, a maior cidade da América do Sul.

A IEIM **São Paulo** (popularmente chamada **Jabaquara**, conforme o bairro) traça suas raízes para a casa menonita das garotas, estabelecida pelo CCM em 1947. Em 1954, ela foi informalmente organizada como igreja sob a liderança do ancião Gerhard Rosenfeld. A década de 1960 trouxe a organização formal e afiliação com a AIIMB, bem como a construção de seu templo. Ao longo de seu ciclo de vida de uns 60 anos, a IEIM São Paulo expressou um DNA missional de Jerusalém até os confins da terra. Primeiro, como apoiadora da AIIMB em seu trabalho missionário em SC, então, apoiando os missionários da MB Mission para plantar igrejas em São Paulo e, depois, tornando-se igreja mãe (veja abaixo). A igreja tem apoiado muitos missionários transculturais no Brasil e no exterior.



Gerhard e Elisabeth Rosenfeld

Ex-membros têm servido como missionários na Alemanha. A década de 1980 foi um período de alongamento no alcance da missão; desta vez, o alcance ocorreu em casa, pois esta igreja de língua alemã iniciou cultos na língua portuguesa em seu próprio bairro e em seu próprio prédio. Nos últimos anos, uma vez que muitas das principais famílias se mudaram e a transição completa para uma igreja de língua portuguesa foi difícil, a membresia diminuiu e, em 2012, as atividades cessaram. O salão de adoração agora é alugado para outra igreja e as instalações restantes são usadas como um centro para o ministério Expresso Ação (descrito abaixo sob Ministérios Sociais).

A IEIM São Paulo selecionou uma nova subdivisão na cidade vizinha de **Diadema** para seu primeiro ponto de pregação em 1972. Um lote foi comprado, onde uma moradia e um salão foram construídos, e a escola dominical começou no ano seguinte. Algumas tentativas foram feitas pela IEIM Diadema para começar pontos de pregação e congregações em cidades vizinhas e outras mais distantes. Entre elas estão **Catanduva, Piencó (PB) e São Bernardo do Campo**. Embora algumas não tenham resultado em igrejas viáveis, foram feitos discípulos e, no caso de Catanduva, uma igreja independente reiniciou e opera hoje.<sup>50</sup> A igreja de Diadema (agora chamada Comunidade Cristã **Nova Vida, CCNV**) ganhou cada vez mais uma visão para a missão transcultural e, ao longo dos anos, tem apoiado numerosos missionários transculturais. A congregação **Vila Sonia** começou como um clube bíblico para as crianças do bairro, na casa dos membros Peter e Elfrieda Claassen. Embora não inicialmente patrocinada pela IEIM São Paulo, esta adotou o ministério familiar na família maior da igreja.

A primeira igreja de língua portuguesa na Grande São Paulo foi plantada em 1963 pelos missionários da MB Mission, Jaime e Luiza Wiebe, no distrito de Santo Amaro. Em 1971, a missão comprou propriedade e a igreja mudou-se para o bairro vizinho de **Jd. Santo Antônio**, onde continua. Em 1992, com sua membresia espalhada pelo distrito de **Campo Limpo**, a igreja adotou um



Jaime e Luiza Wiebe

nome que reflete sua natureza mais regional (em contraste a uma igreja de bairro). Já em 1973, a igreja procurou se tornar igreja mãe. Juntamente com o missionário da MB Mission, João J. Klassen, a juventude da igreja começou um ministério na periferia da cidade em um bairro chamado **Jd. Santo Eduardo**. Esta igreja sofreu muitos altos e baixos devido a frequentes desafios e mudanças de liderança. No entanto,

---

<sup>50</sup> Este foi o resultado de um reinício pela família Franco (Aparecido e Edite). O apoio foi dado pela Regional São Paulo da COBIM. Desde então, esta igreja escolheu operar independentemente da COBIM.

sobreviveu e hoje serve o bairro como a Comunidade Cristã **Igreja Viva**. A igreja de Campo Limpo continuava a amadurecer como igreja missionária. Começou pontos de pregação nos bairros vizinhos onde os membros da igreja vivem. Uma conferência missionária é realizada anualmente e alguns membros são treinados para missões transculturais. Ocasionalmente, pastor Sinval de Souza liderou viagens de missão de curto prazo, levando membros para servir entre os povos indígenas no PR ocidental ou no Mato Grosso do Sul (MS).

Depois de transferir a IEIM Santo Amaro ao casal pastoral nacional Victor e Helena Arndt, os Wiebes começaram uma igreja urbana em 1967. O Comitê de Evangelismo da CBIIM recomendou um bairro de classe média conhecida como **Campo Belo**, visto que havia uma série de novos convertidos lá como resultado dos esforços dos missionários Bill e Marilyn Wagner enquanto atuavam na escola de idiomas. Devido ao alto custo de propriedade e construção, o novo grupo reunia-se na sala de estar dos Wiebes durante os primeiros dez anos e na casa dos missionários John e Patricia Klassen depois disso. Com a ajuda da MB Mission, o grupo incipiente comprou uma propriedade em 1975 e, na década de 1980, construiu um belo templo. Com as lutas de liderança pastoral no início dos anos 1980, a membresia da igreja diminuiu e a igreja quase fechou. Durante esses anos instáveis, a igreja tentou patrocinar uma congregação no bairro de Guarapiranga durante 1985-1986. Em 1989, sob a liderança dos missionários da MB Mission, Ray e Judy Harms-Wiebe, a IEIM Campo Belo fundiu-se com uma igreja independente de origem presbiteriana e tomou o nome de **Comunidade Cristã Boas Novas (CCBN)**.

A CCBN tem desenvolvido e apoiado numerosos esforços missionários. As membras Carmen Will e Isabel Ferreira começaram ministérios das mulheres e crianças em 1990, que se tornaram igreja filha na cidade satélite de **Vargem Grande Paulista**. Uma nova plantação está em andamento em **Atibaia** sob a liderança de Paulo e Rosana Santos. Durante muitos anos, a CCBN fornecia apoio total a um casal missionário no Senegal e depois na Bolívia. A CCBN também oferece grande patrocínio a ministérios para crianças em risco nas favelas próximas do templo.

Os Wiebes foram os pioneiros de mais uma igreja que começou em 1979. Desta vez, em consulta com a liderança da CBIIM, eles selecionaram um bairro da classe popular na zona sul de São Paulo, chamado **Vila São José**. As reuniões começaram na casa dos Wiebes em novembro de 1979, e, logo depois, os membros da IEIM Jd. Santo Antônio, Ezequias e Deuza de Oliveira, moradores no bairro, vieram e ofereceram sua propriedade para uma capela. Uma estratégia de evangelização por saturação foi praticada, utilizando literatura, visitação, pregações ao ar livre, EBF e frequentes campanhas evangelísticas na capela. Até 1981, a igreja havia sido organizada com vinte e seis membros. A igreja de Vila São José realizou dois esforços em missão além de sua área local. Uma foi a adoção temporária da igreja de Jd. Campinas como congregação em meados da década de 1990. Outro foi a tentativa de plantar

uma igreja filha em um bairro vizinho, chamado **Rio Bonito**, em parceria com os missionários da MB Mission, Victor e Martha Wiens.

Este mesmo casal Wiens, enquanto estagiários sob o mentoreio dos Wiebes, plantaram uma igreja no bairro de **Jd. Campinas**, na periferia da cidade. Encontros foram iniciados na casa de Ambrósio e Josefa Guedes, também membros da IEIM Jd. Santo Antônio. No mesmo ano (1983), dois salões foram alugados acima de uma nova padaria no centro do bairro. Uma estratégia similar de evangelização por saturação foi usada. Com a assistência da MB Mission, a construção de uma instalação permanente começou em 1991, sob a liderança do pastor Odair Volpe. A igreja atingiu autonomia total em 1998 e passou a ser uma das maiores igrejas da Regional.

**TABELA 5: IEIM – REGIONAL SÃO PAULO**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
São Paulo/ Jabaquara	São Paulo	Imigrantes/ CCM	1954	1961	2012
Jd. Santo Antônio/ Campo Limpo	São Paulo	MB Mission	1963	Anos 80	
Campo Belo/ CCBN	São Paulo	MB Mission/ Presbiteriana Jd. Oliveiras	1967	1989	
Diadema/ CCNV	Diadema	São Paulo	1972	Anos 80	
Jd. Santo Eduardo/ CCIV	Embu das Artes	MB Mission/ Campo Limpo	1974	Anos 80	
Vila São José	São Paulo	MB Mission	1979	1989	
Jd. Campinas	São Paulo	MB Mission	1983	1998	
Catanduva*	Catanduva	Diadema; Francos/ Regional SP	1984; 2003	2012	1989
Guarapiranga	São Paulo	Campo Belo	1985		1986
CCBN Vargem Grande	Vargem Grande Paulista	Boas Novas	1990		
Vila Sonia*	São Paulo	São Paulo	Anos 90	2005	
CCNV São Bernardo	São Bernardo do Campo	CCNV Diadema	2001		2004
Rio Bonito	São Paulo	MB Mission/ Vila São José	2003		2011
CCBN Atibaia	Atibaia	CCBN	2012		

\*Não mais afiliada à COBIM

### Regional Rio Grande do Sul

O descontentamento econômico e religioso na colônia Krauel em 1949 e a subsequente migração de dezenas de famílias de irmãos menonitas,<sup>51</sup> ocasionou o início de evangelismo e plantação de igrejas em uma nova região. A área é conhecida como Bagé e é localizada perto da fronteira com o Uruguai, no Sul do Brasil. Uma família cada vez maior de igrejas e congregações foi estabelecida desde que os primeiros colonos migrantes se mudaram para essas planícies férteis.

Como os pioneiros neste novo assentamento eram principalmente irmãos menonitas em sua afiliação, era natural que uma IEIM em breve fosse estabelecida. Isso ocorreu em 1950, o ano da maior migração de Krauel para a **Colônia Nova**. A nova igreja tomou o nome da colônia, mas é popularmente conhecida como a primeira igreja de **Bagé (I)**. Não somente a membresia da igreja foi transferida para o novo local, mas até o edifício da igreja. Gerhard Schartner, o primeiro pastor nomeado para esta igreja recebeu assistência e



Templo da IEIM Colônia Nova hoje

apoio espiritual do ancião Gerhard Rosenfeld e outros, incluindo missionários norte-americanos enviados da *Board of General Welfare* (Junta de Bem-estar Geral).<sup>52</sup> Desde a sua criação, a igreja mostrou forte interesse no trabalho missionário. Escolas, programas de rádio, casas de pensão e igrejas filhas resultaram desses esforços.

A partir da década de 1950, a igreja da Colônia Nova trabalhava em missões locais e por meio da AIIMB. Duas colônias filhas, **Colônia Presidente Médiçi** e **Colônia Pioneira**, ocasionaram o estabelecimento de congregações filhas. A igreja também foi patrocinadora principal da congregação na cidade de **Santa Maria**. Além disso, muitos missionários e outros obreiros foram enviados da IEIM Colônia Nova.

<sup>51</sup> Como minha preocupação nesta visão geral é a missiologia, não será oferecida discussão sobre o fundo histórico complexo dessa separação. Duas perspectivas sobre este assunto são dadas por Pauls Jr., *Mennoniten*, p. 137-141; e Peter P. Klassen, *Russlanddeutschen* (1995), p. 393-430.

<sup>52</sup> Esta junta foi responsável pela educação e pelos ministérios sociais. Em 1966, fundiu-se com a Junta de Missões Estrangeiras para se tornar a Junta de Missões e Serviços, agora conhecida como agência MB Mission.

Um dos colonos que se mudou para Colônia Nova foi Heinrich Friesen, o qual havia estado recentemente em Curitiba servindo no orfanato Lar das Crianças. Juntamente com outros jovens, ele organizou um programa de visitas evangélicas em português. Posteriormente, houve conversões e o primeiro batismo foi realizado em 1954. Como muitos residentes rurais eram analfabetos, a comunidade



Heinrich Friesen (extremo esquerdo)  
e pioneiros da IEIM Bagé II

menonita construiu duas escolas primárias que serviram como locais de encontro para a igreja emergente. Pelo menos seis frutíferos pontos de pregação foram estabelecidos nos anos 1950 e 1960; em 1965, esses pontos juntaram-se em uma congregação chamada **IEIM Bagé II** sob a liderança pastoral de João e Maria Janzen. Com a emancipação municipal deste distrito da cidade de Bagé em 1996, esta igreja é agora conhecida como **Aceguá II**. Enquanto a igreja continua a ser principalmente rural, um ponto de pregação no centro municipal de **Aceguá** é agora uma congregação visando a se tornar igreja autônoma.

Durante o início da década de 1960, a igreja da Colônia Nova comprou uma casa de pensão na cidade de Bagé para acolher os jovens da igreja que precisavam morar lá para estudar ou completar o serviço militar obrigatório. Abraham Dueck, professor da igreja, começou as transmissões de rádio evangélicas em Bagé em 1964. Logo, começaram os cultos na casa de pensão para atender tanto interessados como novos convertidos. Quando Abrão Janzen assumiu a liderança da pensão, ele fechou a casa de pensão em si para que a casa fosse usada exclusivamente para a igreja emergente. Em 1969, a igreja foi organizada (chamada **IEIM Bagé III**) em um local estratégico na praça da cidade. Durante as várias décadas de sua existência, a igreja de Bagé III começou uma série de pontos de pregação, um dos quais, **Castro Alves**, tornou-se uma congregação por um tempo com membros batizados.

Vários esforços para plantar igrejas surgiram por diversas parcerias entre as igrejas locais, a Regional RS e as conferências nacionais (inicialmente AIIMB e CBIIM, e mais recentemente COBIM). Algumas delas fecharam (**Santa Maria, Santana do Livramento**), enquanto outras permanecem abertas. Para as igrejas principalmente rurais nesta região, importante iniciativa começou em parceria com a COBIM em 2007, ou seja, a plantação de uma igreja na capital do estado, **Porto Alegre**. Cláudio e Gilka Luz, plantadores de igrejas experientes, foram recrutados de Foz do Iguazu (PR) e

a nova igreja cresceu rapidamente em dois locais da Grande Porto Alegre, Viamão e Canoas. O último encerrou-se e a congregação reúne-se em Viamão. Finalmente, duas congregações estão emergindo como projetos missionários adotados, onde os cristãos locais já se reuniam em igrejas não afiliadas e solicitaram cobertura e comunhão denominacional. Estas são **Sobradinho** (incluindo um grupo rural que se reúne na Linha dos Pomeranos) e **Torres**.

Vale ressaltar que a Regional RS tomou iniciativa e liderança na missão para Angola. A partir de 2010, Henrique Kasdorf mobilizou e liderou equipes de curto prazo, composta por uma variedade de profissionais (pastores, educadores, agrônomos, enfermeiros e construtores), com o objetivo de construir capacidades espirituais e econômicas entre os irmãos menonitas em Angola. Igrejas e indivíduos de RS, em parceria com a COBIM, têm apoiado fortemente os missionários brasileiros que atuaram em Malange, Angola.

**TABELA 6: IEIM – REGIONAL RIO GRANDE DO SUL**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- Nomia</u>	<u>Fechado</u>
Colônia Nova	Aceguá	Krauel, SC	1949	1949	
Bagé II/ Aceguá II	Aceguá	Colônia Nova	Anos 50	Anos 80	
Bagé III	Bagé	Colônia Nova	Anos 60	Anos 80	
Colônia	Aceguá	Colônia Nova	1972		
<b>Pres. Médici</b>					
Santa Maria	Santa Maria	AIIMB/COBIM	Anos 80		2000
Castro Alves	Bagé	Bagé III	1985		c. 2000
Santana	Santana	CBIIM	1987		1991
<b>Livramento</b>	Livramento				
Colônia	Aceguá	Colônia Nova	2000	2009	
<b>Pioneira</b>					
Grande Porto Alegre	Porto Alegre	Regional RS/ COBIM	2007		
Sobradinho	Sobradinho	Regional RS/ COBIM	2009		
Torres	Torres	Regional RS/ COBIM	2011	2014	
Aceguá	Aceguá	Aceguá II	Anos 2000		

### Regional Iguazu

A tentativa de estabelecer uma colônia menonita em Clevelândia no início da década de 1950 não teve êxito. No entanto, o fracasso econômico levou ao triunfo missionário, visto que as tentativas subsequentes de estabelecer um conjunto de igrejas foram pelo menos parcialmente bem sucedidas.

Duas famílias da colônia menonita permaneceram nesta área. Os pedidos dessas famílias por assistência espiritual e evangelística foram atendidos pelos missionários da MB Mission, Linda Banman e Pedro e Maria Huebert. Além disso, um dos membros mais jovens da família migrante, Eduardo Friesen, começou uma escola dominical (língua portuguesa) na casa dos seus pais. Os menonitas de língua alemã, juntamente com nove cristãos recém-batizados, formaram a membresia oficial da IEIM **Clevelândia**, em 1962. De meados da década de 1970 até meados da década de 1980 foi a época de ouro da IEIM Clevelândia. Sob a liderança de Friesen, a membresia subiu (220 em 1982), até 15 pontos de pregação foram iniciados e três congregações filhas foram estabelecidas (**Mariópolis** em PR, **Abelardo Luz** e **Chapecó**, ambas em SC). Além disso, a igreja viu e procurou atender às necessidades sociais. O grupo feminino, em particular, atuou na visita hospitalar e na distribuição de alimentos e roupas. Finalmente, uma sociedade beneficente foi iniciada na década de 1970 para patrocinar crianças carentes e para operar uma pré-escola (de 1983 a 1985). No entanto, das três tentativas de plantar igrejas, nenhuma se tornou uma igreja autônoma. O declínio da membresia, as frequentes mudanças pastorais e a perda de visão missionária levaram-nas ao fechamento.



**Eduardo e Kathy Ott Friesen**



**Linda Banman, 1921-2008**

A IEIM de **Palmas** traça seus começos de volta a 1958, quando os membros da IEIM Uberaba iniciaram contatos evangelísticos entre parentes em Palmas. Os primeiros evangelistas foram missionários da MB Mission, Ervino e Lorene Thiesen, e o primeiro batismo foi conduzido pelo pastor brasileiro Walter Pastre, em 1961. Embora a igreja tenha sido formalmente organizada já em 1961, sofreu frequentes contratemplos e mudanças pastorais com crescimento esporádico como resultado. Desde o final da década de 1990, com a liderança constante dos pastores Ari e Ivanilda de Moura, e uma transição bem sucedida para a edificação e evangelização via grupos células, a igreja tornou-se a maior da região e uma das maiores da família COBIM.

**Francisco Beltrão** é uma cidade crescente de famílias predominantemente italianas. A igreja aqui foi iniciada em 1964 por iniciativa da MB Mission e da missionária pioneira Linda Banman. Em 1967, Eduardo e Kathy Friesen

assumiram a responsabilidade de Banman. Além dos métodos comuns de evangelismo (campanhas, visitas e literatura), os Friesens iniciaram um programa de rádio chamado “Novas de Alegria”, que foi transmitido durante décadas. Ademais, foram inaugurados pontos de pregação nas cidades de Baulândia, Renascença e Marmeleiro. A igreja experimentou crescimento e estabilidade durante a década de 1970. No entanto, no final da década de 1980, essa estabilidade foi prejudicada pela ausência prolongada de liderança pastoral e leiga, o que ocasionou diminuição da participação e posterior fechamento em 1989. Com o apoio da igreja irmã em Pato Branco e a COBIM, desde 2007, há tentativas para o reinício com os missionários Bruno e Adelaide Boldt.

As primeiras tentativas de iniciar uma igreja em **Pato Branco** foram feitas pela igreja de Clevelândia no final dos anos 1960. Os esforços incluíram um

programa de rádio, bem como uma escola dominical.

Essas tentativas, no entanto, não conseguiram levantar uma congregação viável.

Contudo, a liderança da CBIIM viu grande potencial nesta cidade em rápido crescimento, portanto ela foi indicada, em 1975, para uma campanha de



Mensageiros da Paz (língua portuguesa)

evangelização por saturação pela equipe Mensageiros da Paz.<sup>53</sup> Os métodos utilizados incluíram escola de música, apresentações nas escolas públicas, rádio e, posteriormente, campanhas evangelísticas. A igreja foi formalmente organizada em 1978 sob a liderança de Walter Rempel. Durante o final da década de 1970 e início dos anos 1980, um grande templo foi construído no centro da cidade. De 1982 a 1985, a igreja seguiu o padrão de Clevelândia por iniciar uma creche com a participação de aproximadamente 30 crianças. Esta igreja ganhou recentemente uma visão renovada de missão, em parte trazida de longe, por um grupo de imigrantes haitianos. Estes foram bem-vindos na igreja e agora têm seu próprio culto no crioulo haitiano. Outras iniciativas incluem novas congregações iniciadas na **União da Vitória** e **Mariópolis** e um ponto de pregação em São João.

<sup>53</sup> Esta era uma equipe similar à da equipe de *Boten des Friedens* trabalhando na língua alemã. A equipe dos Mensageiros foi patrocinada pela CBIIM juntamente com MB Mission.

Ao servir em Pato Branco com a equipe dos Mensageiros (1978), os pastores Walter Rempel e Daniel Colucci consideraram a possibilidade de iniciar um campo em **São Lourenço do Oeste** (SC), como resultado da correspondência de ouvintes interessados do programa de rádio evangelístico dos Mensageiros. Ao mesmo tempo, o Seminário Maranata no Norte do PR solicitou assistência pastoral de Rempel para uma congregação incipiente iniciada por seus estudantes em 1975. Para responder a essas oportunidades, Colucci foi enviado pela CBIIM em 1979 para assumir esse trabalho. A igreja foi organizada em 1980 e afiliada à Convenção em 1981. Mais tarde, a igreja adotou congregações em **Linha Barbosa** e **Linha Sentinela** (1986). No entanto, como em outros casos nesta região e em outros lugares, a igreja tropeçou em meados da década de 1980 sem adequada liderança local ou pastoral. Foi fechada em 1986.

**TABELA 7: IEIM – REGIONAL IGUAÇU**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Clevelândia</b>	Clevelândia	Imigrantes/ MB Mission	1953	Anos 60	
<b>Palmas</b>	Palmas	MB Mission/ Uberaba	1958	Anos 90	
<b>Francisco Beltrão</b>	Francisco Beltrão	MB Mission/ CBIIM; Pato Branco/COBIM	1964; 2006		1989
<b>Pato Branco</b>	Pato Branco	MB Mission/ CBIIM	1975	1998	
<b>São Lourenço</b>	São Lourenço do Oeste, SC	Seminário Maranata/Pato Branco	1975		1986
<b>Mariópolis</b>	Mariópolis	Clevelândia/ Pato Branco	1978; 2014		1986
<b>Abelardo Luz</b>	Abelardo Luz, SC	Clevelândia	1981		1981
<b>Chapecó</b>	Chapecó, SC	Clevelândia/CBIIM/ COBIM	1984		2004
<b>Foz do Iguaçu</b>	Foz do Iguaçu	IEIM Paraguai/ COBIM/ Witmarsum (PR)	2002	2007	
<b>União da Vitória</b>	União da Vitória	Pato Branco/ COBIM	2014		

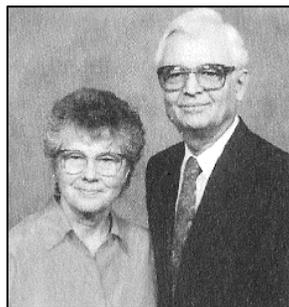
Por iniciativa da Junta de Missões da associação germânica do Paraguai,<sup>54</sup> uma parceria missionária especial resultou em uma nova igreja em Foz do Iguacu, cidade polo nas fronteiras paraguaia, brasileira e argentina. Os paraguaios, que já tinham IEIM na região do lado paraguaio, perceberam a oportunidade missionária nesta cidade estratégica, Foz do Iguacu, e convidaram a COBIM para se juntar a eles nesse novo empreendimento. Cláudio e Gilka Luz foram nomeados como missionários em 2002. A IEIM Witmarsum (PR) aderiu posteriormente a esta parceria também. A igreja cresceu rapidamente e alcançou autonomia em 2007. Já em 2005, dado o DNA missionário desta igreja e o cenário multicultural, era natural que a congregação ajudasse a patrocinar uma célula, juntamente com a igreja irmã em Ciudad del Leste (Paraguai), na cidade vizinha de Puerto Iguazu, Argentina.

### Regional Mato Grosso do Sul

Este é o único estado em que a IEIM foi estabelecida sem o auxílio de um núcleo imigrante (veja o Mapa 2 no APÊNDICE A). Atualmente, existem três igrejas estabelecidas e uma congregação em MS.

No final da década de 1970, a liderança da CBIIM foi atraída a **Mundo Novo**, uma cidade no canto sudeste do MS. O governo federal planejava construir uma usina hidrelétrica no próximo rio Paraná. Assim, a CBIIM fez planos para começar uma igreja em Mundo Novo, que deveria tornar-se uma grande cidade, seguindo o padrão da barragem de Itaipu e seu efeito em Foz do Iguacu. Os primeiros obreiros brasileiros, João e Zenaide Reimer e Luiz e Oli Ribas, foram enviados em 1980.

No ano seguinte, chegaram os missionários da MB Mission, Donaldo e Maria Faul.



Donaldo e Maria Faul



Dietrich e Aganeta Reimer

Apesar da reversão dos planos do governo e do lento crescimento da cidade, a congregação cresceu a um ritmo razoável. Um batismo foi realizado em 1981 e, em 1983, os Fauls compraram e doaram um lote grande e bem localizado para a construção de instalações educativas e de culto nos anos seguintes. A IEIM Mundo Novo, juntamente com a assistência da MB Mission, iniciou uma congregação filha em uma cidade entre Mundo Novo e Campo Grande,

<sup>54</sup> O nome oficial da associação é *Vereinigung der Mennonitischen Brüdergemeinden Paraguays* (em espanhol, *Asociación Caritativa de los Hermanos Menonitas del Paraguay*).

chamada **Dourados**. Um casal pastoral, Vanderley e Juracy Ferreira, foi o missionário pioneiro neste esforço.

Também por iniciativa da CBIIM, **Campo Grande**, a capital do estado foi alvo de plantação em meados da década de 1980. A Convenção enviou os veteranos obreiros Dietrich e Aganeta Reimer como missionários pioneiros. Diversos missionários da MB Mission também ajudaram nos anos seguintes. O crescimento foi lento, mas sólido. O primeiro batismo ocorreu em 1987. Durante os primeiros cinco anos, a igreja se reunia na casa dos Reimers. Seguindo este arranjo, uma casa foi comprada e a garagem foi convertida em sala de reuniões. Finalmente, no início dos anos 90, um grande terreno foi comprado e uma instalação permanente iniciada. Com exceção desse projeto de construção, a igreja atingiu plena autonomia em 1989. No final dos anos 1990 e início dos anos 2000, a igreja iniciou vários pontos de pregação. Um deles é agora uma congregação na cidade próxima da fronteira (com o Paraguai), **Ponta Porã**, para onde uma família da igreja havia se mudado.

**TABELA 8: IEIM – REGIONAL MATO GROSSO DO SUL**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Mundo Novo</b>	Mundo Novo	CBIIM/ MB Mission	1980	Anos 90	
<b>Campo Grande</b>	Campo Grande	CBIIM/ MB Mission	1985	1989	
<b>Dourados</b>	Dourados	Mundo Novo/ COBIM	1996		
<b>Ponta Porã</b>	Ponta Porã	Campo Grande/ COBIM	Anos 90		

### Outras Áreas e Iniciativas

Uma tentativa foi feita para estabelecer uma igreja na cidade capital de Cuiabá no final da década de 1980. Os missionários da CBIIM, Victor e Zaida Villalba, foram pioneiros neste trabalho a partir de 1987. Em 1989, os missionários da MB Mission, João e Celia Fehr, juntaram-se ao esforço. Desafios de equipe, problemas de saúde, escassez de fundos e a falta de resultados levaram ao encerramento deste trabalho em 1991.

Quanto ao evangelismo explícito, duas atividades significativas foram patrocinadas diretamente pela AIIMB e pela CBIIM. A primeira foi o ministério de evangelismo por saturação. Isso envolveu a saturação centrífuga de uma comunidade com o evangelho, utilizando múltiplos meios e a mobilização do maior número de cristãos e igrejas possíveis. Esta parceria por três patrocinadores (AIIMB ou CBIIM, igrejas locais e MB Mission) ocorreu no início e meados da década de 1970. Foi conduzida em SC pela AIIMB e em PR e RS pela CBIIM. Enquanto ocorreu grande evangelização e foram

plantadas algumas igrejas, o programa foi de curta duração e as avaliações foram mais negativas do que positivas.<sup>55</sup>

Uma segunda atividade evangelística envolveu o uso do rádio. Tanto a AIIMB quanto a CBIIM utilizavam com algum sucesso a radiodifusão. A AIIMB deu recursos financeiros e humanos ao ministério da HCJB, particularmente às transmissões em língua alemã que alcançaram bolsões de ouvintes germânicos em todo o Brasil.<sup>56</sup> A CBIIM realizou um programa de rádio em Curitiba de 1978 a 1980.

### *Ministérios Sociais*

A IEIM, tanto em sua expressão brasileira quanto pela agência norte-americana MB Mission, procurava levar a sério a Grande Comissão de Jesus, bem como o Grande Mandamento. Já na década de 1930, os ministérios missionários holísticos começaram de forma embrionária. Ao longo dos últimos oitenta e cinco anos, eles tomaram diversas direções, tais como: ministérios infantis, educação, ministérios médicos e aconselhamento.

### **O Lar das Crianças**

As crianças do orfanato chegam ao Lar por todo o tipo de circunstâncias, algumas inteiramente órfãs, muitas de lares quebrados, a maioria desnutrida e muitas estão doentes. Elas representam diferentes nacionalidades, mas são todas criancinhas amáveis. Cada uma constitui um desafio e um problema em si mesmo, e cada uma delas requer o mais terno cuidado e interesse dos obreiros. É o maior desejo de nossos missionários encarregados levar todas a uma vida útil e a um pleno conhecimento do Cristo vivo como Salvador e Mestre, e ensinar-lhes o temor ao Senhor. A sua mensagem constante será: Venham, meus filhos, ouçam-me; eu vou lhes ensinar o temor ao Senhor.

(Mary Nikkel)

<sup>55</sup> Para ampla descrição e avaliação deste ministério da CBIIM, em comparação com o método de expansão tradicional, veja John J. Klassen, "Two Methods of Evangelism and Church Planting: A Case Study of the Brazilian Mennonite Brethren Convention" (Tese de DMiss, Fuller Theological Seminary, 1977).

<sup>56</sup> Uma viagem exploratória foi feita em 1975 pelo líder da AIIMB, Willy Janz, juntamente com o evangelista norte-americano Jacob J. Toews, ao povo *Deutschstämmige* (imigrantes alemães étnicos) que residiam nas áreas rurais do estado do Espírito Santo. O objetivo era avaliar o interesse e as possibilidades de acompanhar os ouvintes da rádio HCJB com mais evangelismo e plantação de igrejas. Uma proposta foi feita pela AIIMB à MB Mission para aproveitar esta oportunidade, no entanto nenhum parceiro estava pronto para tomar iniciativa na abertura desse novo campo.

### Ministérios Infantis

Em 1938, um casal, Jacob e Anna Unruh, de Shafter no estado da Califórnia (EUA) começou a sentir um chamado para ajudar os colonos menonitas em dificuldades no Brasil. Após adquirir os documentos de entrada e obter a bênção de sua igreja local, eles chegaram ao Brasil em 1940. Durante seus primeiros anos, eles ofereceram assistência pastoral aos menonitas em Curitiba, além de administrar o orfanato do Exército da Salvação na cidade vizinha de Porto Amazonas.

Em 1944, voltaram aos EUA por motivos de saúde e para ganhar apoio mais amplo para um futuro ministério no Brasil. Os apelos à MB Mission e aos delegados da assembleia da conferência levaram à aprovação do Brasil como campo missionário para a IEIM norte-americana, e ao apoio dos Unruhs como os primeiros missionários. A tarefa deles, a começar em 1946, era iniciar um orfanato perto das colônias menonitas em Curitiba. John J. Klassen resume os motivos missionários para começar no Brasil com um orfanato: 1) dar o evangelho e um lar a crianças carentes; 2) facilitar oportunidades para alcançar outras pessoas por meio das crianças e do orfanato; 3) dar oportunidades aos jovens brasileiros da IEIM para o serviço missionário; e 4) iniciar parceria da missão com as IEIM no Brasil.

Depois de mais de um ano de preparação e construção, o orfanato Lar das Crianças abriu-se para nove crianças sem-teto em 17 de dezembro de 1947. Posteriormente, o Lar cuidou de mais de 60 crianças. Isso exigiu mais do que uma casa e dois trabalhadores. Outros missionários chegaram em 1948 (Linda



Jacob e Anna Unruh (sentados) com os órfãos, c. 1948

Banman) e 1950 (Ervin e Lorene Thiesen), assim como voluntários das igrejas de Curitiba. Os obreiros alimentaram-nas, vestiram, ensinaram a ler e a cultivar, bem como lhes contou sobre o amor de Deus. Uma escola primária e, mais tarde, uma secundária foram estabelecidas para as crianças do orfanato e para outras das áreas circundantes. Após quase 20 anos de operação bem sucedida, a MB Mission decidiu fechar o Lar. Três razões foram dadas: 1) MB Mission desejava investir mais recursos em evangelismo, plantação de igrejas e educação teológica; 2) as igrejas germânicas estavam cada vez mais ativas em seus

ministérios; e 3) houve confrontos constantes entre os missionários e as autoridades juvenis.<sup>57</sup>

Além disso, várias igrejas locais têm começado e desenvolvido ministérios formais para ajudar crianças carentes ou abandonadas. Em resumo, estes são: 1) a Sociedade Beneficente da IEIM Clevelândia (1970); 2) a Sociedade Beneficente da IEIM Pato Branco (1980); 3) o ministério às crianças de rua Casa de José da IEIM Curitiba (anos 1990); 4) o ministério às crianças de rua da CCBN em São Paulo (1990-presente); e 5) os diversos esforços (orfanato, programa pós-escola, contando histórias) da IEIM Campo Largo. Finalmente, algumas igrejas locais, como a Boqueirão I e a Xaxim, apoiam orfanatos fora do Brasil em países em desenvolvimento como Índia e Moçambique.

Um ministério único, dirigido principalmente (embora não exclusivamente) a crianças e adolescentes, surgiu das IEIM em Campo Limpo e Campo Belo (SP) a partir de 1998. Expresso Ação é uma organização não denominacional e não governamental (ONG) que procura



*Expresso Ação em um hospital em São Paulo – capacitando jovens urbanos com esperança*

ser social e culturalmente relevante, porém abertamente cristã e evangelística. É uma missão juvenil urbana que serve em hospitais mediante teatro, perto das escolas locais por meio de atividades extracurriculares, com igrejas brasileiras e sul-americanas por missões de curto prazo, em diversos eventos sociais com bandas musicais e com a prevenção de drogas por meio de atividades esportivas. O fundador e diretor é Sinval de Souza Júnior, pastor irmãos menonitas da CCBN em São Paulo. A Expresso Ação tem envolvido centenas de voluntários e alcançado milhares com o evangelho pela sua variedade de programas.<sup>58</sup>

### **Escolas Cristãs**

Como veremos no Capítulo 11, ao descrever os esforços missionários intermenonitas, o estabelecimento e desenvolvimento de escolas menonitas é provavelmente o tipo de ministério integral mais influente realizado no Brasil. Várias escolas irmãos menonitas começaram como resultado dos esforços dos pais, professores e missionários. Às vezes, a intenção missionária era primária e, às vezes, essa intenção era secundária. Em todo o caso, ao educar estudantes brasileiros não cristãos, as igrejas simultaneamente atendiam a uma necessidade fundamental e facilitaram o testemunho cristão. Este testemunho cristão normalmente vem pelo caráter dos professores cristãos, pela cosmovisão cristã na apresentação do conteúdo curricular, pelas aulas bíblicas

<sup>57</sup> John J. Klassen, “Two Methods,” p. 55-61.

<sup>58</sup> “Expresso Ação,” consultado em 25-3-2017, <http://www.expressoacao.org.br>.

requeridas pelos tempos devocionais diários incluindo música cristã e meditação baseada nas Escrituras.

A primeira escola de língua portuguesa aberta aos brasileiros tinha relação com o orfanato Lar das Crianças em Curitiba. Uma escola primária foi fundada no início da



Ginásio Erasmo Braga, c. 1963

década de 1950 e uma escola secundária acrescentada em 1957. Ambas foram nomeadas em homenagem a um influente político evangélico e educador ativo no Brasil durante a primeira metade do século, Erasmo Braga. Lorene Thiesen, diretora pioneira do orfanato, avalia que “o Ginásio Erasmo Braga tornou-se um verdadeiro trunfo para nossos esforços de evangelismo [...] ajudou a desenvolver nosso testemunho no bairro, bem como para os professores da cidade”. No entanto, para libertar os missionários da MB Mission para o evangelismo mais direto e para evitar a institucionalização excessiva, as escolas foram transferidas para posse e direção da AIIMB em 1969. Havia 450 alunos matriculados naquela época e, na década de 1970, a escola chegou ao auge de 800 alunos. Com a assistência considerável do Estado e da Organização Menonita Internacional, uma agência de serviços sociais dos menonitas europeus, a escola continuou até 1980. Naquela época, visto que o Estado havia retirado seu apoio, a escola tornou-se financeiramente inviável e foi obrigada a fechar.

Quatro anos depois (1984) e no mesmo *campus*, uma pré-escola cristã chamada “DÓ-RÉ-MI” foi iniciada em resposta ao interesse da comunidade e para proporcionar atividades de estágio para estudantes nos cursos de Música e Educação Cristã no Instituto e Seminário Bíblico Irmãos Menonitas (ISBIM). Esta pré-escola compartilhava com o ISBIM as instalações da antiga Escola Erasmo Braga. Em 1992, a pré-escola cresceu para quatro classes com mais de oitenta alunos. Sob a estrutura administrativa do ISBIM, a decisão foi tomada para expandir para um curso fundamental e renomear a escola em homenagem a Willy Janz, um conhecido educador e líder da IEIM. Atualmente, a escola oferece uma educação cristã nos níveis pré-escolar, ensino fundamental e médio, e tem 368 alunos, a metade católica e metade de lares evangélicos.

Um destaque entre as igrejas locais no uso de escolas cristãs para a missão é Colônia Nova (RS). Além das escolas das vilas (em Cochilla Seca e Rincão dos Cravos) iniciadas para crianças não cristãs na década de 1950, a escola da colônia, Menno Simons, foi aberta a crianças brasileiras não germânicas em

1972. Em 1995, de 181 alunos matriculados, 77 não eram germânicos. Infelizmente, a escola teve de fechar em cerca de 2000 por razões financeiras.

Finalmente, a MB Mission patrocinou a colocação de professores norte-americanos na Escola Cristã Pan-Americana (PACA) em São Paulo. A PACA começou em 1959 como uma escola cristã para crianças de missionários estrangeiros, mas, desde então, tornou-se uma escola internacional que aceita nacionalidades brasileiras e outras. PACA é uma escola cristã, mas que inscreve não cristãos como alunos. Enquanto às vezes associados às IEIM locais, esses professores sempre instruíram os filhos dos missionários da MB Mission e evangelizavam os estudantes não cristãos.

### **Ministérios Médicos**

A comunidade da Colônia Nova (RS) tem patrocinado um ministério médico desde meados da década de 1950. Inicialmente, a preocupação era cuidar dos doentes e feridos entre os colonos recém-chegados. O serviço começou com uma clínica simples, atendida pela enfermeira Maria Wall. Na década de 1960, a assistência financeira foi encontrada por meio da instituição de caridade alemã chamada *Evangelische Zentralstelle* (Agência Central Evangélica). Com 75% dos fundos provenientes desta organização, a colônia foi capaz de construir um hospital de 20 leitos e inaugurá-lo em 1969, quando, então, um médico local, Gerhard Martens, assumiu a direção do novo hospital. O hospital é abertamente cristão e serve uma área maior além da Colônia. Em 1980, 80% dos pacientes vinham de fora da Colônia.

Além da assistência médica informal ligada ao orfanato, a MB Mission aceitou o pedido da Sociedade Evangélica Beneficente para dar assistência ao Hospital Evangélico em Curitiba. O pedido, especificamente, foi “[...] para disponibilizar pessoal de enfermagem de supervisão para fortalecer o testemunho cristão na instituição”. Olga Pries Dueck foi a primeira a ser contratada. Outras enfermeiras entraram no serviço no início da década de 1960. A enfermeira Edna Thiesen relatou ter supervisionado 70 enfermeiras no Hospital Evangélico. Além dos deveres de enfermagem, ela procurou dar cuidados às almas dos pacientes, das enfermeiras e das outras funcionárias.

### **Acampamentos Cristãos**

A necessidade de instalações para realizar retiro para crianças, jovens e famílias das igrejas tornou-se evidente já na década de 1960, especialmente na região da Grande Curitiba. Um comitê de pesquisa e, então, uma associação de membros da IEIM foram formados, liderados pelo educador Willy Janz. Uma pequena fazenda nas proximidades (Araucária) foi comprada e nomeada Acampamento Betel. Nas próximas décadas, o acampamento foi reformado, desenvolvido e é amplamente utilizado hoje para retiros que servem igrejas inteiras, crianças, jovens, casais, escolas etc. Este ministério inclui um propósito claramente evangelístico e, na opinião de um pioneiro, “mais pessoas se convertem no acampamento do que nos templos.”

Um acampamento semelhante foi desenvolvido pela AIIMB para as igrejas mais novas do estado de SC em Indaial. É chamado Acampamento Nova Vida. A MB Mission ajudou a Regional SP a comprar uma propriedade para acampamento, no entanto não está sendo usada atualmente devido a preocupações de segurança na vizinhança. As igrejas em todas as regiões realizam uma variedade de retiros e eventos em instalações retiradas para fins de evangelismo, discipulado e treinamento de obreiros.

### **Aconselhamento de Crise**

A tentativa de curta duração para oferecer serviço de aconselhamento de crise foi conduzida a partir da IEIM Central de Curitiba. Esse serviço foi chamado Disque Esperança, patrocinado pela CBIIM e MB Mission de 1986-1989. A equipe de oito conselheiros, liderada pelo pastor Gustavo Neuman, respondeu aos chamadores que desejavam ter aconselhamento pessoal ou visita, além da mensagem de esperança gravada. Os maiores problemas apresentados para o aconselhamento foram: separações conjugais, abandono de esposos, crianças rebeldes, drogas, frustração, depressão e busca de significado na vida. Embora centenas de chamadas tenham sido registradas, muitas delas dos níveis sociais de classe média e alta, o ministério foi cancelado em 1989, quando os fundos da MB Mission acabaram e a CBIIM não conseguiu assumir os custos financeiros.

### **Reflexão Missiológica**



**Despertar 88 – primeiro congresso missionário global da IEIM**

Como é o caso na IM, a reflexão formal sobre a missão não tem sido substancial neste movimento missional mais jovem. No entanto, uma série de esforços intencionais foram feitos que poderiam ser classificados como a reflexão missiológica formal. Incluídos nesses esforços estão: 1) teses, dissertações e livros de brasileiros e norte-americanos que atuam com a IEIM no Brasil;<sup>59</sup> 2) a hospedagem e a participação no *Despertar 88*, um congresso global da IEIM sobre a missão mundial realizado em Curitiba;<sup>60</sup> 3) conferências de pastores e missionários realizadas tanto para a inspiração quanto para a reflexão (em diferentes momentos entre os obreiros da AIIMB, da CBIIM e da COBIM); e 4) periódicos de IEIM para informação e inspiração, incluindo *Informationsblatt*, *Novas de Alegria* e *Irmãos em Ação*.

As oportunidades informais de reflexão sobre a missão são tecidas no curso normal da vida da igreja e da conferência. A maioria das igrejas realiza conferências missionárias anuais onde a reflexão e o diálogo ocorrem nas apresentações e nas mensagens, o relatório missionário anual e as necessidades da missão não atendidas. Além disso, há o ministério semanal das Escrituras nos encontros das igrejas nos quais a missão de Deus é ensinada e abraçada. Finalmente, nas atividades de conferência, como assembleias, reuniões de liderança e diálogo ocasional com executivos de agências missionárias, há reflexão missiológica e, muitas vezes, avanço missionário.

---

<sup>59</sup> As contribuições missiológicas dessas reflexões foram nas áreas de estratégia de crescimento da igreja (Donald G. Faul, “Governing Principles of Brazilian Church Growth,” diss. MTh, Dallas Theological Seminary, 1968; John J. Klassen, “Two Methods”; Arthur Dück, “Attraction and Retention Factors in Three Pentecostal Churches in Curitiba, Brazil,” tese de PhD, Trinity Evangelical Divinity School, 2001), história (Heinrich Esau, “Mennonite Brethren Mission in Brazil” diss. MRE, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1972; Jacob J. Toews, *Mennonite Brethren Mission*, 1975; Victor Wiens, “From Refugees to Ambassadors: Mennonite Missions in Brazil, 1930-2000,” tese de PhD, Fuller Theological Seminary, 2002), política de agência (Victor Wiens, *Manual de Missões*, Curitiba, Brasil: COBIM, 2003), teologia (James P. Wiebe, *Megacities: Biblical Lessons for Today*, Winnipeg, Canadá: Windflower Communications, 1999; Clayton de Souza, *Princípios Missionais Para Revitalizar A Igreja Local*, Curitiba, Brasil: COBIM, 2013), teologia de religião (James P. Wiebe, “The Persistence of Spiritism in Brazil,” tese de DMiss, Fuller Theological Seminary, 1979), e treinamento (Abram Dück, “Missionary Education in the Mennonite Brethren Churches in Brazil,” diss. de MA, Wheaton College, 1961; Heinrich Esau, “A History and Analysis of the Mennonite Brethren Bible Institute in Brazil,” diss. de MA, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1971).

<sup>60</sup> Victor Adrian and Donald Loewen, eds., *Committed to World Mission: A Focus on International Strategy* (Winnipeg, Canadá: Kindred Press, 1990).

## Avivamento Acendido

Era um domingo do ano de 1947, final de uma tarde abafada de janeiro. O choque de uma frente fria com uma quente desencadeando uma típica chuva de verão, acompanhada de trovões e raios se abateu sobre a colônia menonita junto ao Rio Krauel, no interior de Santa Catarina. Antes que a chuva iniciasse, o grupo de jovens da colônia tinha conseguido chegar ao salão.

Brincadeiras e risos encobriam o som da chuva e da tempestade. Piadas e conversas mantinham-nos des preocupados.

Repentinamente ouviu-se uma batida forte na porta, isso nos assustou. A porta se abriu, um senhor idoso, o pastor da nossa colônia, olhou seriamente para todos nós, uns 25 rapazes e moças que estavam ali reunidos. Não sabíamos como reagir à sua presença e ao seu olhar. Emudecidos, esperando que ele tomasse a iniciativa para explicar a razão da sua presença inusitada. Finalmente nosso hóspede quebrou o silêncio: “O raio atingiu meu filho. João está morto. E se este raio tivesse caído aqui, neste salão, você teria estado pronto para enfrentar o Senhor Jesus?”

Estas palavras do ancião nos pegaram em cheio, como um raio. Seu filho, pai de quatro filhos, era muito querido por nós.

No dia seguinte, foi a cerimônia de sepultamento. Estávamos todos lá, quietos e comovidos ouvindo as músicas e as mensagens de consolo e desafio. E aí as coisas começaram a acontecer. Ouvimos que uma jovem do nosso grupo tinha se convertido. Um dos rapazes tentou brincar com o fato: “Esta não estará mais à nossa disposição”. Mas esta moça felizmente não foi a única. Aconteceu algo até então nunca visto na colônia. Irrompeu um verdadeiro despertamento espiritual. Converteu-se um, e depois outro, a seguir vários de uma só vez. Quando se contou, eram mais de 100, jovens e adultos. Muitas lágrimas de arrependimento foram choradas. Repentinamente muitos conseguiram perceber sua fé superficial e assumiram um novo compromisso com Jesus. E o que se seguiu foram perdão e reconciliação, purificação e santificação. O Espírito de Deus fez o milagre do reavivamento. Através de um raio, um susto, de uma morte inesperada.

*(Hans Kasdorf, adaptado de uma história contada em “Die Umkehr”.*

*Trad. Udo Siemens)*

## Resumo e Conclusões

Com algumas variações, os estágios do desenvolvimento missionário entre as IEIM foram semelhantes aos da IM. Primeiro, o período inicial de 1930-1946 foi de sobrevivência e assentamento. A preocupação missional foi dirigida a crianças e jovens, bem como a menonitas imigrantes não convertidos. Em segundo lugar, o período de inícios missionários surgiu em

1947. Houve grande avivamento em 1947 entre a IEIM Waldheim (SC), o que levou à preocupação com estudo bíblico, conversão e testemunho.<sup>61</sup> Este também foi o ano em que o orfanato foi aberto em Curitiba, esforço que estimulou considerável interesse, oportunidades e práticas da missão. Este período de inícios durou até a década de 1950, uma vez que os obreiros da MB Mission e das igrejas locais germânicas plantaram igrejas e escolas. Em terceiro lugar, as décadas de 1960 e 1970 foram momentos de expansão prolífica, especialmente em SC e PR. Foram iniciadas dezenas de igrejas, entraram em novos campos e novos métodos foram testados (por exemplo, evangelismo por saturação). Poderia se dizer que a expansão missionária ocupou o núcleo da IEIM. Durante a década de 1980 e especialmente a década de 1990, o foco parece ter mudado para a consolidação. As estruturas de conferência e as instituições de treinamento foram fundidas, menos igrejas foram iniciadas, algumas foram fechadas e, pelo menos, uma regional experimentou declínio. Na década de 2000 até o presente momento, pode perceber na COBIM a revitalização da missão. Isto é evidenciado por inúmeras plantações de igrejas mãe filha, a proliferação de ministérios integrais destinados a alcançar necessidades sentidas nas comunidades locais, a liderança de um conselho nacional de missões e o envio de missionários transculturais por meio de agências paraeclesiais e da COBIM.

Vários fatores emergem como significativos nestes estágios de desenvolvimento. Primeiro, em cinco das seis regiões, a expansão da missão seguiu os padrões de migração. A única exceção é a região mais recente da MS, onde nenhum núcleo germânico estava presente. Em segundo lugar, a agência de missão norte-americana, a MB Mission e os precursores desempenharam papel importante no estímulo do interesse na missão, no fornecimento de oportunidades de parceria e serviço, no fornecimento de coobreiros e no financiamento de grandes avanços missionários. Em terceiro lugar, as características históricas da IEIM de enfatizar a conversão e o testemunho pessoal são evidentes em sua história brasileira, na qual o evangelismo e a plantação de igrejas eram o foco principal da missão. Em quarto lugar, a liderança e a iniciativa vieram de diversas fontes. Ou seja, parece haver uma mistura de iniciativas locais, nacionais e internacionais. Além disso, enquanto Curitiba cresceu para ser o centro das operações da IEIM, as outras regiões também mostraram iniciativa considerável. Uma exceção a esse padrão descentralizado de iniciativa é a da etnicidade, na qual a liderança germânica (russa, norte-americana ou brasileira) parece ter dominado a maior parte da história da IEIM no Brasil.

---

<sup>61</sup> Para um relato em primeira mão, veja Hans Kasdorf, *Design of My Journey: An Autobiography* (Fresno, EUA: Center for Mennonite Brethren Studies, 2004), p. 164-170.

### **Leituras Recomendadas**

- COBIM. Consultado em 22-8-2016. <http://www.cobim.com.br/>.
- Esau, Heinrich. “Mennonite Brethren Mission in Brazil.” Diss. de MRE, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1972.
- Janz, Willy, e Gerhard Ratzlaff. *Gemeinde Unter Dem Kreuz des Suedens*. Curitiba, PR: Suedamerikanischen Konferenz der Mennonitischen Bruedergemeinden, 1980.
- Klassen, John J. “Two Methods of Evangelism and Church Planting: A Case Study of the Brazilian Mennonite Brethren Convention.” Tese de DMiss, Fuller Theological Seminary, 1977.
- Klassen, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1995; e *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1998.
- Pauls Jr., Peter, ed. *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*. Witmarsum, PR: Festkomitees für die Jubilaumsfeier, 1980.
- Reimer, Dietrich. “Trabalho Missionário das Igrejas Irmãos Menonitas no Brasil.” Em *Quem Somos? 1930-2010: A Saga Menonita: Rompendo a barreira cultural*, org. Udo Siemens, 77-92. Curitiba: Evangélica Esperança, 2010.
- Toews, Jacob J. *The Mennonite Brethren Mission in Latin America*. Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the General Conference of the Mennonite Brethren Church, 1975.

### **Perguntas de Estudo**

1. Quão eficaz tem sido a migração interna (membros que se deslocam para outras cidades ou estados) como estratégia de missão para IEIM? Dê exemplos e discuta se a migração deve ser considerada mais espontânea ou estratégica.
2. Embora a maioria das igrejas da COBIM esteja localizada em cidades menores e maiores, elas são de fato urbanas em suas personalidades? Compare igrejas de cidades grandes, pequenas e em áreas rurais. Que lições podem ser aprendidas para a expansão missionária?
3. A IEIM entrou em várias parcerias na sua história missional (com agências missionárias, governos, denominações, igrejas locais etc.). Quais são algumas orientações que podem levar a parcerias saudáveis que facilitam a sinergia e não a dependência?



## 6. COMITÊ CENTRAL MENONITA

No cenário global, o Comitê Central Menonita é, sem dúvida, o maior serviço do movimento menonita com centenas de obreiros em dezenas de países. Sua presença pequena, mas significativa no Brasil, data de 1947.

### *Contexto Histórico*

O CCM nasceu em 27 de julho de 1920 como um programa conjunto de alívio da fome sofrida pelos menonitas russos depois da revolução bolchevique e da guerra civil que a seguiu. Cinco associações menonitas norte-americanas ficaram preocupadas e reagiram para ajudar seus irmãos e irmãs russos. Elas eram a Igreja Menonita, a Igreja Menonita da Conferência Geral, a Igreja dos Irmãos Menonitas, a Conferência de Lancaster da Igreja Menonita e a Igreja dos Irmãos Menonitas-Krimmer.

Após a crise da fome russa (1920-1925), o Comitê pretendeu se dissolver, mas providencialmente não o fez. O ativista e historiador Harold S. Bender resumiu os inícios do segundo programa de alívio com essas palavras:

Foi reativado pela emergência de 1929-1930, quando a chamada veio para ajudar milhares de refugiados menonitas que vieram da Rússia à Alemanha de outubro a novembro de 1929. Sua segunda tarefa, portanto, foi o reassentamento de muitos desses refugiados no Paraguai em 1930, desde quando tem ajudado continuamente as colônias lá.<sup>62</sup>

Quando as negociações estavam ocorrendo na Alemanha quanto aos futuros destinos dos menonitas fugidos da Rússia comunista, o CCM não era favorável ao reassentar os menonitas no Brasil. O Paraguai já havia recebido imigrantes menonitas do Canadá em 1926-1927. O Paraguai declarou sua vontade de aceitar todos e quaisquer menonitas, independentemente da sua condição médica. O Brasil não ofereceu isenção do serviço militar nem os privilégios de autogoverno e de linguagem (alemão), que foram oferecidos no Canadá e depois no Paraguai.

Embora o CCM não tenha assumido nenhuma responsabilidade pelos colonos no Brasil, ainda estava interessado nos desenvolvimentos lá. Os comissários enviados pelo CCM às colônias paraguaias geralmente pousavam

---

<sup>62</sup> “Mennonite Central Committee (International),” consultado em 2-9-2016, [http://gameo.org/index.php?title=Mennonite\\_Central\\_Committee\\_\(International\)&ol did=134565](http://gameo.org/index.php?title=Mennonite_Central_Committee_(International)&ol did=134565).

no Brasil para visitar os Menonitas. Esse interesse casual posteriormente se tornou formal. Por recomendação do diretor do CCM, Orié O. Miller, dois casais foram enviados ao Brasil para ajudar espiritualmente os imigrantes menonitas. Eles eram John e Martha Kaufman, e Robert e Anna Seibel, os quais foram enviados a São Paulo e Curitiba, respectivamente.

### ***Características Organizacionais***

O CCM é único em sua natureza e eficácia multid denominacional. Pela representação comum, os vários corpos conseguiram alcançar e ajudar, de forma extraordinária, os menonitas de Rússia, Países Baixos, França, Alemanha, Suíça, Brasil, Paraguai e Uruguai. O pouco que os menonitas da América do Norte, com seus recursos escassos, conseguiram fazer por um mundo sofredor, foi multiplicado em eficácia pela administração cooperativa desses recursos.

Nessa época em que a consciência social dos evangélicos tem sido despertada e as agências de serviços sociais são abundantes, a prática do CCM não parece tão notável como foi na primeira metade do século XX. Desde a sua criação, o CCM procurou tornar as preocupações de alívio, desenvolvimento e paz como integral no testemunho e no modo de vida dos menonitas no mundo:

### **Inícios em São Paulo**

O centro do CCM foi inaugurado em São Paulo pelos Kaufmans em 1947. Este foi principalmente para servir o grande número de moças das colônias menonitas que tinham sido atraídas a esta cidade por altos salários (em 1951 aproximadamente 47 solteiras menonitas estavam em São Paulo) [...]. A maior porcentagem delas encontra trabalho como domésticas, tutoras e enfermeiras [...].

De grande importância é o serviço dado pelos centros CCM como pontos religiosos e sociais. Os cultos religiosos são realizados com regularidade, geralmente no domingo à tarde, e muitas vezes estudos bíblicos são realizados, semanalmente, nas quintas-feiras à tarde. Essas ocasiões proporcionam oportunidades necessárias para companheirismo com outras pessoas do mesmo pensamento. Uma vez que a religião do estado é Católica e a língua é portuguesa, é difícil encontrar cultos evangélicos de qualquer tipo e impossível encontrar esses cultos realizados na língua alemã [...]. Desde os primeiros anos, entendeu-se que as atividades iriam além (de atender aos imigrantes) e posteriormente se tornariam em trabalho de missão mais direto.

(J. Winfield Fretz;  
John D. Unruh)

“Em um sentido muito real, o CCM é uma organização que surgiu espontaneamente do desejo da fraternidade menonita de alimentar os famintos, vestir os nus, e testemunhar por serviços amorosos do evangelho da paz e do amor”.<sup>63</sup>

A terceira característica do CCM é a sua autocompreensão missionária. É uma missão cristã cujo lema é “Em nome de Cristo”. No entanto, a sua missão é qualificada: “O alívio menonita, no entanto, não é um trabalho de missão no sentido de um apelo evangelístico organizado e direto à necessidade espiritual do homem, mas sim no sentido de que toda a vida e ação do cristão é testemunhar do Evangelho”.<sup>64</sup>

Assim, o CCM é o tipo de missão que se concentra nas necessidades imediatas e sentidas do sofrimento humano. Isso não quer dizer que o CCM não esteja preocupado com a necessidade eterna da humanidade. Na declaração de propósito no ministério no Norte do Brasil, um dos objetivos é que “as pessoas encontrarão a paz com Deus”.<sup>65</sup> Às vezes, outras missões centradas no evangelismo vieram para colher a colheita e plantar a igreja em locais onde o CCM forneceu alívio e esforços de desenvolvimento. Este tipo de seguimento também foi tentado no Brasil.

### ***Evangelismo e Plantação de Igrejas***

Embora o CCM não seja uma missão de plantação de igrejas, ele pode servir como agente de pré-evangelismo e, às vezes, de proclamação direta. Além disso, muitas vezes coopera com outras missões de plantação de igrejas, com prioridade dada às que são anabatistas/menonitas.<sup>66</sup> Há também ocasiões em que a missão integral é abertamente evangelística, como indica o seguinte relatório:

Os voluntários eram ativos de várias maneiras em suas comunidades. Muitos participaram de igrejas locais protestantes e católicas, ou Encontros dos Irmãos para adorar e encorajar os crentes locais. Alguns participaram no ensino da Escola Dominical,

---

<sup>63</sup> Irvin Horst, *Handbook of the Mennonite Central Committee*, (Akron, EUA: Mennonite Central Committee, 1956), p. 7.

<sup>64</sup> *Ibid.*, p. 29.

<sup>65</sup> Cornelius J. Dyck, Robert S. Kreider, e John A. Lapp, eds., *From the Files of MCC. The Mennonite Central Committee Story*, Vol. 1 (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1980), p. 85.

<sup>66</sup> A IEIM de São Paulo é um exemplo disso. O CCM enviou os Kaufmans para dar assistência espiritual e emocional às garotas menonitas que trabalhavam nesta metrópole. Os cultos de adoração foram realizados e, com a chegada de famílias menonitas e líderes da igreja, posteriormente a primeira igreja menonita emergiu neste local.

realizando estudos bíblicos para os adultos da vizinhança ou clubes bíblicos para as crianças. Os *slides* da Bíblia foram mostrados, os Novos Testamentos foram distribuídos e dois trabalhadores realizaram aulas de teatro para crianças, usando parábolas de Cristo e a história do Natal.<sup>67</sup>

Uma tentativa intencional de plantação de igrejas começou em 1981 em Pernambuco. A iniciativa foi tomada pelo parceiro do CCM, a AMAS, e pela Associação Evangélica Menonita (AEM) durante uma viagem de investigação em 1980. Em 1981, com a contratação, pela AMAS, de um casal pastoral do Sul do Brasil, Rodolfo e Edeltraudt Enns, e com a assistência de vários voluntários do CCM, os esforços de plantação de igrejas começaram em Surubim (rural) e Recife (urbano). A agência missionária da Igreja Menonita da Conferência Geral da América do Norte, a Comissão de Missões Estrangeiras,<sup>68</sup> juntou-se à parceria em 1982 enviando plantadores de igrejas Dan e Rose Waltner-Graber. Sob a liderança deles, os esforços em Recife resultaram em uma congregação (Campos Tabaiães), seguido de outras duas igrejas com diferentes graus de participação dos voluntários do CCM.

### ***Ministérios Sociais***

Embora a natureza, a localização e a duração dos ministérios do CCM tenham variado, o CCM estava envolvido em serviços sociais de forma contínua desde 1947. Seguindo o padrão estabelecido com outras missões, examinarei as atividades do CCM por ordem estadual e cronológica.

#### **São Paulo**

Os primeiros obreiros enviados pelo CCM ao Brasil, os Kaufmans e os Seibels, foram enviados a São Paulo e Curitiba em 1947. Visto que a presença menonita em Curitiba já estava mais estabelecida e relativamente estável, São Paulo tornou-se o centro do CCM para o Brasil. Em 1949, os Kaufmans alugaram uma casa de nove quartos, a qual era para servir pelo menos quatro funções: 1) casa para garotas



**John e Martha Kaufman (no meio) com garotas na sede do CCM em São Paulo, 1955**

<sup>67</sup> *Mennonite Central Committee Workbook* (Akron, EUA: CCM Media Services, 1979), p. 88.

<sup>68</sup> Esta agência se desenvolveria mais tarde em duas agências atuais, MMN e MCCW. Veja Nota de rodapé n. 78.

menonitas trabalhadoras; 2) casa de hóspedes para visitantes menonitas; 3) centro de adoração e comunhão para residentes menonitas; e 4) sede para as operações do CCM no Brasil. Em 1963, a participação do CCM terminou com a transferência para a nova igreja local organizada pela AIIMB. Mais de 30 anos depois, o CCM retornaria à cidade de São Paulo, embora sem o envolvimento de pessoal. O foco desta vez foi dar assistência financeira à ABBA, um ministério evangélico às crianças de rua que algumas das IEIM estavam apoiando.

### **Maranhão**

Em 1964, as igrejas menonitas no Sul do Brasil ficaram interessadas em ajudar cerca de 40 famílias evangélicas que estavam se reassentando ao longo da nova rodovia entre Belém e Brasília. Este projeto de reassentamento, chamado Gurupi, estava ocorrendo perto da Açailândia, cerca de 500 quilômetros ao Sul de Belém, o qual foi patrocinado pela Confederação Evangélica do Brasil (CEB), uma organização com financiamento do Conselho Mundial de Igrejas (CMI). Jakob Epp, pioneiro menonita, já havia estabelecido uma serraria e uma fábrica de processamento de arroz. A assistência do CCM foi solicitada e quatro voluntários norte-americanos iniciaram estudos de língua em preparação para o desenvolvimento comunitário em Gurupi no ano seguinte. Uma enfermeira menonita brasileira também se juntou à equipe (veja a barra lateral).

De 1964 a 1971, esta equipe (e outros voluntários que normalmente serviam em períodos de dois ou três anos) desenvolveu uma cooperativa agrícola, melhorou a produção de gado, prestou serviços médicos e mecânicos,

### **Maria Martens no Maranhão**

Maria, a enfermeira do Sul, também está muito ocupada. Ela é a única enfermeira nesta área sem médicos [...]. Ela é chamada a fazer tudo, desde pequenos cortes e hematomas até costurar feridas de machete ou machado, tratando a malária todos os dias, entregando bebês; e às vezes, quando tem tempo, até tratamento psicológico apenas falando com as pessoas. Ela trata uma média de 50 pessoas por dia, fazendo, grande parte de seu trabalho, a pé, assistindo aqueles que não podem ir à enfermaria [...]. Ela acabou de completar a sala de parto, para que as mulheres possam ter seus bebês em ambiente mais limpo [...]. Todas as pessoas são cobradas pelos medicamentos que elas usam [...], muitos pagam com galinhas, ovos, bananas ou outras coisas que têm no lugar do dinheiro.

(Melvin Friesen, *MCC Workbook*, 1965)

ajudou na economia doméstica e no treinamento da igreja local. Este foi o primeiro envolvimento do CCM no desenvolvimento comunitário no Brasil.

### **Paraná**

CCM também apoiou dois voluntários (chamados *Paxmen*, Fazedores de Paz) para a *Christian Stewardship Foundation* (Fundação de Mordomia Cristã), que operou a plantação de café perto de Maringá. Esses dois voluntários dirigiram a operação de plantação enquanto a família missionária (relacionada à Sociedade Missionária Unida) estava em licença. A intenção original da fazenda era financiar o trabalho da missão. No entanto, devido a falhas de colheitas e o futuro incerto, o envolvimento do CCM com o projeto terminou em 1969. Mais de 25 anos depois, o CCM voltou a enviar voluntários, desta vez no programa *Serving And Learning Together* (SALT, Servindo e Aprendendo Juntos). Desde 1995, vários voluntários do SALT estão ajudando nos ministérios infantis nas creches administradas pela AMAS no Sul do Brasil. Mais recentemente (2001), o CCM prestou assistência financeira ao ministério de crianças de rua patrocinado pela IEIM Curitiba, a saber, Centro Aberto Casa de José. Seminários de educação para a paz também foram dados nas igrejas de Curitiba e nas creches da AMAS.

### **Rio de Janeiro**

Durante a maior parte do período em que o CCM trabalhou no Brasil, colaborou com a organização ecumênica DIACONIA, que é uma organização protestante brasileira formada com o objetivo de distribuir ajuda material e desenvolvimento comunitário. Relaciona-se ao Serviço Mundial da Igreja (do Conselho Nacional de Igrejas dos EUA). Esta relação começou em 1967 com a colocação de um contador voluntário para auxiliar no escritório da DIACONIA na cidade do Rio de Janeiro. Embora os voluntários tenham servido apenas em funções administrativas até 1969, em 1971 a DIACONIA tornou-se o parceiro legal da missão da CCM no Brasil e continuou nesse relacionamento até 1978, quando a AMAS assumiu esse papel.

### **Pernambuco**

Em 1967, o CCM realizou uma pesquisa e decidiu iniciar seu próprio programa em grande escala no Nordeste do Brasil. Esta iniciativa foi motivada pelo desejo de ajudar a aliviar o imenso sofrimento humano nesta vasta região caracterizada como economia feudal, pobreza extrema, analfabetismo, injustiça social, seca e fome. Até 1968, uma equipe de seis havia chegado e selecionado Recife, a capital do estado de PE, como seu centro de operações. Dez anos depois, a AMAS criou a entidade, AMAS-Nordeste, que proporcionaria cobertura legal e patrocínio nacional para o CCM. Esta parceria missional menonita funcionou bem nos 36 anos seguintes, até que o CCM cessou suas operações no Brasil em 2012.

Como sede do país, Recife tem sido o **centro administrativo** dos líderes de equipe e dos representantes de país. O centro, além de hospedar a

administração, também foi o local para reuniões de equipe e serviços de apoio, bem como lar para os voluntários longe de casa.

Um dos primeiros serviços desenvolvidos na Grande Recife (incluindo Olinda e Paulista) foi a **educação**. O treinamento vocacional, o desenvolvimento de professores, a alfabetização, o desenvolvimento de bibliotecas, o ensino de pessoas com necessidades especiais, o ensino em orfanatos e pré-escolas, a educação para a paz e a justiça e os recursos educacionais em geral eram parte dos serviços de educação do CCM.

Um segundo serviço oferecido pelo CCM em Recife concentrou-se na **saúde**. Depois que a enfermeira Jeanne Rhoades serviu pela primeira vez no Hospital Evangélico (1968-1970), CCM forneceu continuamente recursos para os ministérios da saúde. Estes incluíam enfermagem, reabilitação de drogas, fisioterapia para pessoas com necessidades especiais, campanhas de vacinação e numerosos esforços em cuidados preventivos.

**Alívio** e ajuda material constituem a terceira categoria da missão do CCM. As inundações graves ocasionaram consideráveis esforços de alívio e reconstrução pelo pessoal do CCM, que também trabalhou com crianças de rua, prostitutas, desenvolvimento de moradias e alívio aos sem-abrigo.

A **agricultura** e a **segurança alimentar** foram outras áreas de envolvimento para o pessoal do CCM. A realidade econômica dos empobrecidos requer a produção de alimentos para consumo pessoal, bem como a produção de alimentos como meio de geração de renda – mesmo dentro dos limites da cidade. Conseqüentemente, o pessoal do CCM ajudou em inúmeras áreas de desenvolvimento econômico, desde a pesquisa em prol da produção de peixe até a criação e comercialização de geleias.

Os **serviços sociais** formavam a quinta área do serviço do CCM na capital empobrecida. Muitos voluntários capacitaram as comunidades na criação de organizações de base para o desenvolvimento. Os orfanatos em Recife e seus arredores foram beneficiários dos serviços do CCM. A AMAS também participou, enviando obreiros do Sul do Brasil para ajudar com serviços que incluíam clubes bíblicos para crianças, melhoria de assistência infantil, aconselhamento juvenil, atividades recreativas e assistência aos aidéticos.

O CCM incluía **serviços religiosos** com seus serviços sociais. Todo o pessoal do CCM devia apresentar um testemunho cristão ativo nas comunidades nas quais estava envolvido. Todos eles se envolviam em alguma comunidade cristã, fosse evangélica ou católica. A distribuição e venda de Bíblias, a EBF, a educação cristã, a dramatização, o ensino ou o treinamento na escola dominical, a ajuda nos cultos, a pregação e o estudo bíblico para adultos faziam parte integral do testemunho do CCM em Recife.

Quatro novas categorias de serviços foram criadas em Recife desde 1997: **geração de renda, educação para a paz, conectando povos e educação na América do Norte**. O primeiro envolvia a administração de um fundo de empréstimo rotativo de pequena escala para minipresas. O Projeto Família

de Paz concentrou-se na capacitação e educação em igrejas e organizações comunitárias. Conectando povos incluía a administração de programas de intercâmbio de jovens Norte-Sul e Sul-Sul, como SALT, IVEP, YAMEN e estágios.<sup>69</sup> Finalmente, por meio do serviço de educação na América do Norte, o CCM procurava criar compreensão e empatia para os problemas e as questões atuais do Brasil (especialmente o Nordeste) entre os visitantes norte-americanos de curto prazo.

A maioria dos funcionários e projetos do CCM tem se concentrado no interior do PE. Em 1999, de 240 voluntários que atuavam nos estados do Nordeste, 209 havia trabalhado em PE. Destes 209 voluntários, 128 trabalharam no interior. A maioria dos serviços realizados em Recife foi replicada no interior, embora os projetos específicos variassem de cidade para cidade. A TABELA 9 resume a atividade missional do CCM no interior do PE.<sup>70</sup>

### Ceará

Na mesma região do Nordeste do Brasil, encontra-se outro estado empobrecido, o do Ceará (CE). Os voluntários do CCM ofereceram sua experiência de agronomia e saúde para uma colonização perto de Paracuru por um pequeno grupo de famílias patrocinadas pela Igreja Batista de Monte Castelo. Esta assistência durou de 1969 a 1972. No entanto, em 1984, relatórios do CCM registraram serviços de distribuição de sementes e construção de poços no estado do CE.



Voluntários do CCM em um projeto de cisterna

### Pará

Este é um dos maiores estados do Brasil, localizado na vasta região da Amazônia. Na boca do rio Amazonas, encontra-se a capital Belém. A partir de 1972, os voluntários do CCM deram assistência agrícola à missão *Wycliffe Bible Translators* na sua fazenda perto de Belém. Esta assistência na criação de animais domésticos fazia parte da missão integral da *Wycliffe* para os povos indígenas no interior do estado. Até 1979, os voluntários deram assistência à

<sup>69</sup> SALT = Serving And Learning Together; IVEP = International Visitor Exchange Program; YAMEN = Young Anabaptist Mennonite Exchange Network. Veja “Global Service Learning opportunities,” consultado em 2-9-2016, <http://mcc.org/get-involved/serve/gsl>.

<sup>70</sup> Frequentemente ocorre sobreposição dentro dos projetos. Por exemplo, um serviço formal na agricultura sobrepõe-se à geração de renda. A tabela registra a descrição formal do trabalho e os relatórios do CCM.

tribo Guajajara mediante conhecimentos compartilhados nas áreas de produção de água e alimentos, alfabetização e desenvolvimento comunitário no local.

**TABELA 9: CCM NO INTERIOR DE PERNAMBUCO**

<u>Período</u>	<u>Cidade/ Área</u>	<u>Agricultura/ Segurança alimentar</u>	<u>Geração de renda</u>	<u>Educação</u>	<u>Saúde/ Nutrição</u>	<u>Serviços sociais</u>
1968-70	São Lourenço da Mata			x		
69-79	Amaraji	x			x	x
71-73	Belém de Maria	x			x	
71-73	Pombos	x			x	
72-74	Carpina	x		x		
72-75	Vicência	x		x		
73-75	Barreiros	x			x	
73-83	Bonito	x		x	x	
74-79	Feira Nova	x		x	x	
74-79	Limoeiro	x			x	x
75-86	Bom Jardim	x		x	x	
75-85	Orobó	x		x	x	
76-79	Cumarú	x		x		
77-79	João Alfredo	x			x	
77-86	Surubim	x		x	x	
77-82	Santa Maria do Cambucá	x			x	
77-83	Passira	x		x	x	
78-80	São Caetano	x		x		
79-98	Belo Jardim		x	x	x	x
86-98	Tacaibó	x			x	
87-93	Iguarassu	x		x	x	
91-93	Camocim São Félix	x			x	
92-11	Cabo			x	x	x
94-11	Chã Grande	x	x	x	x	
94-11	Gravatá	x		x		x
97-11	Pesqueira	x	x			
00-09	Brejo da Madre de Deus	x				
00-11	Jataúba		x		x	
03-11	Caruaru	x				

### **Paraíba**

Logo ao Norte de PE, encontra-se a Paraíba, também parte do Nordeste empobrecido. A assistência do CCM começou em 1979 na cidade de Camalaú. Os serviços agrícolas e de saúde foram prestados até 1983. Um voluntário de saúde e nutrição serviu com a Diocese de Campina Grande em 2005. Serviços

similares foram prestados nas cidades de São Sebastião do Umbuzeiro (1980-1987), São João do Tigre (1982-2006) e, trabalhando em conjunto com os obreiros da AMAS, Monteiro, de 1983 a 1986. Uma grande parceria começou com o Projeto Dom Hélder Câmara, incluindo o financiamento federal, pela qual os obreiros do CCM ajudaram, em agricultura e desenvolvimento comunitário, nove comunidades rurais perto de São Domingos do Cariri.

### **Tocantins**

O CCM também ajudou com recursos humanos e financeiros na região de Araguacema de TO, onde várias Igrejas Evangélicas Menonitas (IEM) desenvolveram-se. Juntamente com outras agências menonitas de desenvolvimento, foi dada assistência nas áreas de habitação, conservação da água, alívio das inundações, educação, clínica de saúde e, mais recentemente, a educação para a paz.

### **Ajuda de Emergência e Outros Alívios**

Inundações graves ocorreram em SC durante 1983-1984. Sob a coordenação dos irmãos menonitas, o CCM ajudou com **alívio das inundações** e reconstruções nas cidades de Blumenau, Presidente Getúlio, Rio do Sul e Taió. Um esforço único de ajuda de emergência foi registrado para Piauí em 1984. Durante uma seca severa, o CCM ajudou 1.350 famílias, fornecendo recursos para um programa de **distribuição de sementes** no sertão interior. Finalmente, em 1998, o CCM forneceu fundos para a compra de uma máquina de fabricação de tijolos de solo-cimento. Este foi um projeto comunitário de **construção de casas** realizado pela IEM Ceilândia em Brasília.

### ***Reflexão Missiológica***

Como as outras missões menonitas no Brasil descritas até agora, o CCM não gastava grandes recursos para apoiar a reflexão formal sobre a missão. No entanto, havia certas reflexões significativas, tanto internamente como em diálogo com outros grupos cristãos.

Informalmente, os voluntários do CCM analisaram e planejaram projetos em conversas semanais com colegas do CCM, bem como com outros cristãos com quem adoravam e estudavam as Escrituras. Isso também ocorreu nas reuniões mensais da unidade e nos retiros anuais.

Semiformalmente, havia ocasiões para dialogar e escrever mais intencionalmente. Muitas vezes, a DIACONIA convidava o pessoal do CCM a participar da reflexão e do diálogo sobre temas missiológicos relacionados ao serviço cristão no Nordeste brasileiro. O CCM tomou a iniciativa nos últimos anos para fortalecer os laços com igrejas e líderes menonitas no Sul do Brasil. Ocasionalmente, ao completar um termo de serviço, os voluntários tomaram tempo para escrever suas reflexões. Um exemplo de tal reflexão foi registrado por um voluntário em resposta às perguntas: “Qual é o entendimento do Evangelho no CCM?” e “Quão seguro é o CCM na sua compreensão do

Evangelho?”<sup>71</sup> Muitos obreiros do CCM participaram e contribuíram em consultas anabatistas-menonitas no âmbito continental.

O CCM também realizou reflexões mais formais ao realizar avaliações nacionais em 1980 e 1995. Nesses documentos, avaliadores e voluntários, lidavam com questões bíblicas e teológicas, bem como sua filosofia e estratégia de desenvolvimento, metodologia e resultados.<sup>72</sup> Finalmente, o Brasil foi um dos oito países incluídos em um estudo de desenvolvimento do CCM realizado em 1998-1999, sobre capacitação e sustentabilidade. O foco desse estudo foi sobre as formas mais eficazes de ajudar os brasileiros empobrecidos a se desenvolver de tal forma que o sofrimento humano continuaria a ser aliviado após a retirada do CCM de um determinado projeto.<sup>73</sup>

### ***Resumo e Conclusões***

O pessoal e os programas do CCM parecem levar a sério o lema “serviço em nome de Cristo”. O testemunho cristão é evidente em ações e muitas vezes em palavras. A contribuição primária do CCM é a de ministérios sociais, particularmente no Nordeste empobrecido no Brasil. Os voluntários forneciam impressionante variedade de serviços técnicos e sociais a uma extensa área.

Tal como acontece com as missões relacionadas à igreja, a missão do CCM no Brasil também passou por determinados estágios de desenvolvimento. Inicialmente, de 1947 a 1963, o CCM ocupou papel essencial de assistência pastoral a imigrantes em dificuldades no Sul do Brasil. Começando em 1964 e estendendo-se até 1980, o CCM envolveu amplamente seus voluntários em iniciar projetos de alívio e desenvolvimento, particularmente no Nordeste, aflito pela pobreza. Com a avaliação de 1980, uma mudança começou em sua filosofia e metodologia, por exemplo: os voluntários iniciariam menos projetos e uniriam a organizações e projetos brasileiros existentes. O objetivo dessa reestruturação foi a maior continuidade e sustentabilidade das mudanças sociais e econômicas. Esta mudança foi ainda mais definida e reforçada na avaliação de 1995.

Desde a mudança de 1980 de parcerias com iniciativas brasileiras, o CCM desenvolveu apenas alguns dos seus próprios projetos, como o programa de microcrédito e programa de educação para a paz, ambos acima mencionados. No entanto, nos últimos anos, estes também foram entregues à administração

---

<sup>71</sup> Marvin Koop (manuscrito não publicado, arquivos do CCM, 1993).

<sup>72</sup> Jane Menezes Blackburn, Kevin Neuhouser, e Lisa Schirch, “MCC-Brazil Program Evaluation 1995” (avaliação não publicada e apresentada à equipe do CCM, Pernambuco, 1995).

<sup>73</sup> Lawrence S. Cumming, “To Harvest One Hundredfold: A Study on Capacity, Sustainability and Related Themes” (relatório não publicado, e apresentado ao CCM Canadá, 1999).

brasileira ou integrados em outras organizações. Enquanto os recursos humanos e financeiros do CCM continuaram a fazer contribuições significativas, tanto na base quanto no desenvolvimento de capacidades regionais, poucos projetos dependiam exclusivamente desses recursos. Assim, quando surgiram crises orçamentais no início dos anos 2010, a liderança do CCM concluiu que seus serviços no Nordeste poderiam ser retirados. O centro de Recife encerrou-se em 2011. O CCM continua a desempenhar papel na administração de programas de intercâmbio juvenil para o Brasil, isto é, o IVEP e YAMEN.

### ***Leituras Recomendadas***

Bender, Harold S. e Elmer Neufeld. "Mennonite Central Committee (International)", consultado em 2-9-2016, [http://gameo.org/index.php?title=Mennonite\\_Central\\_Committee\\_\(International\)&oldid=134565](http://gameo.org/index.php?title=Mennonite_Central_Committee_(International)&oldid=134565).

Dyck, Cornelius J., Robert S. Kreider, e John A. Lapp, eds. *From the Files of MCC. The Mennonite Central Committee Story*. Vol. 1. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1980.

"Mennonite Central Committee." Consultado em 3-9-2016. <http://mcc.org>. *Mennonite Central Committee Workbooks*. Akron, EUA: CCM Media Services, 1947-2011.

Unruh, John D. *In the Name of Christ: A History of the Mennonite Central Committee and Its Service, 1920-1951*. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1952.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Discuta a busca do CCM por um equilíbrio holístico (bíblico, liderado pelo Espírito, relevante) entre palavras e ações, alma e corpo etc.?
2. Por um lado, o CCM é baseado na igreja, à medida que é patrocinado pelas denominações menonita/anabatista norte-americanas. Por outro lado, tendo em vista o seu patrocínio intermenonita, suas operações globais maciças e sua posição de não plantar igrejas, também funciona como missão paraeclesial. Discuta o relacionamento do CCM com denominações menonitas brasileiras. Um relacionamento diferente teria resultado em um testemunho menonita mais duradouro, especialmente no Nordeste?
3. Em vista de tudo o que o CCM contribuiu para a missão no Brasil há mais de 60 anos, em alívio, desenvolvimento e educação para a paz, na sua opinião, qual seria a sua contribuição mais significativa para o Reino de Deus?

## 7. IGREJA EVANGÉLICA MENONITA

Este grupo de igrejas escolheu como nome oficial a Aliança Evangélica Menonita (AEM). Até 2005, era conhecida como Associação Evangélica Menonita.<sup>74</sup> Seus começos no Brasil podem ser traçados até a década de 1950 e o patrocínio da agência norte-americana, agora conhecida como *Mennonite Mission Network* (MMN, Rede Missionária Menonita).

### *Contexto Histórico*

O antecessor da MMN, *Mennonite Board of Missions and Charities* (Junta Menonita de Missões e Caridades), foi a agência missionária doméstica e estrangeira da Igreja Menonita da América do Norte. Esta igreja traça suas origens norte-americanas de volta às imigrações do Sul da Alemanha e da Suíça a partir de 1683 e que se estenderam aos séculos XVIII e XIX (descrito no Capítulo 2). É o corpo menonita maior e mais antigo da América do Norte. Embora as congregações norte-americanas tenham sido formadas já no final de 1600, a Igreja Menonita foi organizada oficialmente em 1898. Já em 1882, surgiram estruturas para apoiar a missão e, em 1899, missionários foram enviados para a Índia.

Como muitas outras denominações missionais, a Igreja Menonita ampliou seu braço missionário para o Brasil na década receptiva após a Segunda Guerra Mundial. Inicialmente, dois casais foram enviados em 1954 e outros dois em 1955. Juntos, eles formaram o Conselho Misionário Menonita do Brasil que, após a devida oração e pesquisa, decidiu os locais apropriados para plantar suas primeiras igrejas. Este primeiro conselho foi fortalecido em 1957 pela fundação legal da AEM. Começou com pelo menos três propósitos: 1) estabelecer novas igrejas segundo o modelo do Novo Testamento; 2) fundar escolas bíblicas para treinar obreiros do evangelho de Cristo; e 3) iniciar e desenvolver projetos ou instituições agrícolas, educacionais e caritativas.<sup>75</sup>

### *Características Denominacionais*

Mais do que qualquer outra missão menonita que estamos considerando, a IEM emergiu de múltiplas origens, dentre as quais, encontravam-se missionários norte-americanos de pelo menos três agências menonitas,

---

<sup>74</sup> A mudança de nome fez parte de um esforço para descentralizar a administração e refocalizar o fortalecimento da igreja local e do trabalho missionário.

<sup>75</sup> Glenn E. Musselman, “História da Associação Evangélica Menonita (AEM),” em *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*, ed. Peter Pauls Jr. (Witmarsum, PR: Festkomitees für die Jubilaeumsfeier, 1980), p. 259.

obreiros de uma agência norte-americana independente, imigrantes germânicos e ainda obreiros brasileiros. Nem todos foram discipulados por mentores menonitas. Isso levou não só à presença geográfica mais ampla, mas também à diversidade de convicções teológicas.

A segunda característica refere-se à busca da visão anabatista para o Brasil. Em seus congressos e publicações, a IEM tem buscado ativamente o significado do Anabatismo para os contextos latino-americanos e brasileiros. Isso pode ser devido à influência das agências e conferências parceiras da América do Norte, que possuem a mesma característica em seus contextos. Parece também que essa busca está alinhada com a diversidade presente na IEM e com a necessidade de encontrar uma identidade comum.

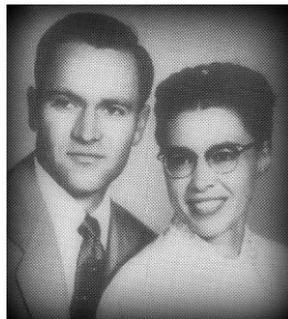
### ***Evangelismo e Plantação de Igrejas***

A MMN norte-americana e seus antecessores, e depois a AEM brasileira, dedicaram a maior parte de seus recursos à plantação e ao desenvolvimento de novas igrejas. A AEM divide-se em seis regiões numeradas de acordo com sua localização geográfica.

#### **Região I (São Paulo)**

Esta região é enumerada primeiro por motivos históricos. Em 1954, foi o ponto de partida para os ministérios de evangelismo e plantação de igrejas dos missionários da MMN. Posteriormente se tornaria a região onde a maioria das igrejas foram plantadas e onde as maiores igrejas da AEM são localizadas.

A primeira IEM foi estabelecida pelos missionários da MMN, Peter e Alice Sawatsky, assistidos por Richard e Susan Burkholder, no bairro de **Moema** (então Indianópolis) na capital de São Paulo. Os cultos foram iniciados na casa dos Sawatskys, em 1957. O primeiro batismo foi realizado em maio de 1958, momento em que a igreja também estava legalmente constituída. Porém, somente no início dos anos 80, a igreja completou a construção do templo permanente. Em 1990, ocorreu uma mudança significativa na vida desta igreja. Nas décadas de 1970 e 1980, o perfil residencial de Moema mudou rapidamente de casas para apartamentos de arranha-céus. Isso foi acompanhado por membros da igreja que foram se mudando para áreas menos custosas, a igreja experimentava a dificuldade de acesso evangelístico aos moradores dos apartamentos e surgiam ofertas atraentes para comprar a propriedade da igreja. Em 1990, a igreja mudou-se para a região de **Interlagos**, onde, em troca da propriedade em Moema, uma instalação de templo completo e espaçoso, construído pelas construtoras que compraram o imóvel em Moema, era aguardada pelos membros. A mudança



**Peter & Alice Sawatsky**

provou ser providencial, já que um crescimento significativo da igreja aconteceu desde então.

A IEM de Moema/Interlagos também tentou dar luz às igrejas filhas. A primeira e mais bem sucedida ocorreu em 1963, quando o missionário Peter Sawatsky chamou uma colega brasileira, Anna Schroeder, para começar um novo trabalho no bairro vizinho de **Vila Guarani**. Os métodos e a abordagem de Schroeder eram holísticos, à medida que utilizava a assistência social (alimentação, medicamentos, aulas de costura e alfabetização) para atender as necessidades sentidas nesta pobre área de São Paulo. Duas outras tentativas para começar igrejas filhas foram conduzidas em **Jd. Primavera** e **Cocáia**, ambos na zona sul da cidade de São Paulo.

**Valinhos** é uma cidade de tamanho médio, localizada dentro de 20 quilômetros de Campinas, a maior cidade do interior do SP. Em 1957, os missionários da MMN, David e Rosanna Hostetler, foram pioneiros na segunda IEM em Valinhos. A IEM teve a honra de ser a primeira igreja evangélica nesta cidade predominantemente católica e também foi a primeira IEM a ser pastoreada por brasileiros, Joaquim e Rute Lúglio. A partir de 2009, uma igreja filha está emergindo dentro da cidade e é chamada **Vida Nova**.



Joaquim & Rute Lúglio

Ao mesmo tempo em que os missionários da MMN começaram em Valinhos, outro casal da MMN, Glenn e Lois Musselman, começaram seu extenso ministério missionário na cidade de **Sertãozinho**, importante região de cana no interior do SP. Certos métodos de evangelismo em massa, como campanhas ao ar livre, rádio e distribuição de literatura, foram inicialmente usados para estabelecer esta igreja. A IEM de Sertãozinho patrocinou com sucesso uma igreja filha no novo bairro chamado **Jd. Primeiro de Maio**. Isso ocorreu após a abertura de novo projeto de habitação quando pelo menos sete famílias da igreja se mudaram para a área.

A curta distância de Sertãozinho, na estrada de Anhanguera, fica a cidade de **Ribeirão Preto**. Juntamente com uma equipe da igreja de Sertãozinho, Glenn Musselman começou a pregar aqui em 1964. O pregador leigo Francisco



Glenn & Lois Musselman

Ferreira desempenhou papel fundamental na abertura da Palavra de Deus e da sua casa para reuniões. O primeiro casal de pastores brasileiros da igreja foi Eraldo e Marta Ens, menonitas germânicos de Curitiba. São dignas de nota duas expressões missionárias da igreja. A primeira foi que vários de seus membros saíram como missionários para a Região IV da AEM. A segunda, desde 1998, esta igreja patrocinou uma

pequena congregação filha em uma região periférica chamada **Parque Ribeirão Preto**.

O nobre esforço de plantação de igrejas também traz consigo o risco de não alcançar os objetivos esperados. No caso da Região I, muitas plantações foram tentadas, algumas sobreviveram e prosperaram, mas outras permaneceram por uma temporada e depois encerraram seu ciclo de vida mais curto. Não seria apropriado chamar estas de “fracassos”, já que a Grande Comissão foi obedecida, discípulos foram feitos, indivíduos, famílias e comunidades foram transformados pelo evangelho de Cristo. No entanto, por razões que merecem reflexão adicional (veja “Fatores de Impedimento” no Capítulo 14), uma quantidade de igrejas não teve vida longa nessa região. Um padrão familiar era que os missionários norte-americanos comessem as igrejas, desenvolvessem uma membresia de algumas dúzias, adquirissem ou construíssem um local de encontro e passassem a igreja para líderes locais e nacionais. Então, muitas vezes dentro de uma década, devido à variedade de fatores, a membresia diminuía, a liderança mudava-se ou ficava ausente, a igreja tropeçava e, posteriormente, era fechada. Este foi o caso da **Lapa e Vila Bonilha** na cidade de São Paulo, bem como em **São Carlos e Jundiáí**, no interior do estado. Em outros casos, os patrocinadores eram famílias individuais (**Itapeví**) ou o próprio conjunto regional (**Vinhedo**).

Uma iniciativa recente (2008-2012) da Junta Menonita de Missões Internacionais (JMMI) da AEM tentou patrocinar novas igrejas em todo o Brasil. O projeto foi chamado PRONAM, Projeto Nacional de Missões. A TABELA 10 indica as novas plantações da igreja em andamento dentro deste projeto na Região I.

### **Região II (Paraná e Santa Catarina)**

Uma característica notável desta região é que a maioria das igrejas foi plantada pelas igrejas mães da AIMB ou em cooperação com a AMAS, relacionada à AIMB. O padrão comum era que a igreja filha de língua portuguesa, uma vez estabelecida, se afiliasse à AEM, com a qual acharia maior afinidade cultural e linguística. Isso foi apoiado pela liderança da AIMB, que, desde o início da década de 1960, desenvolveu vínculos fraternos cooperativos com a AEM.

Em 1958, membros da IM Vila Guáira, liderados por Henrique e Elfriede Loewen, iniciaram um clube bíblico para crianças carentes em um bar desocupado no bairro vizinho, **Vila Lindoia**. Posteriormente, os pais dessas crianças foram visitados e cultos dominicais foram iniciados. Esta igreja tornou-se conhecida por sua generosa assistência social em meio à pobreza considerável. Em 1989, apesar de suas limitações, sob a liderança dos pastores Antônio e Valdeci de Souza, a IEM Vila Lindóia iniciou uma igreja filha em **Jd. Eliza** (hoje **Jd. Claudia**) no município vizinho de Pinhais. A igreja de Vila Lindóia recentemente saiu da AEM e tem relação irmã com outra igreja independente de origem menonita, a Nova Aliança.

TABELA 10: IEM - REGIÃO I

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
Moema/ Interlagos	São Paulo	MMN	1954	Anos 70	
Valinhos	Valinhos	MMN	1957	Anos 70	
Sertãozinho	Sertãozinho	MMN	1957	1983	
Lapa	São Paulo	MMN	1961	1973	2006
Vila Guarani	São Paulo	Moema/ Interlagos	1963	1972	
Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	Sertãozinho	1964	1988	
Campinas	Campinas	MMN	1968	1969	
São Carlos	São Carlos	MMN	1969		1978
Jundiá	Jundiá	MMN	1970		1985
Vila Bonilha	São Paulo	MMN/Lapa	1972		1985
Itapevi	Itapevi	Freitas	1975		1982
Jd. Primavera	São Paulo	Moema/ Interlagos	1977		1987
Jd. Primeiro Maio	Sertãozinho	Sertãozinho	1994	1997	
Cocáia	São Paulo	Moema/ Interlagos	1997		1997
Vinhedo	Vinhedo	Região I	1998		2000
Parque Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	Ribeirão Preto	1998	Anos 2000	
Franca	Franca	PRONAM	2008	c. 2012	
Santa Rosa de Viterbo	Santa Rosa de Viterbo	PRONAM	2008		2012
Vida Nova - Valinhos	Valinhos	Valinhos	2009		
Jaboticabal	Jaboticabal	PRONAM	2009		2012
Tietê	Tietê	PRONAM	2010		2012

Padrão semelhante é evidente no início da igreja em **Xaxim** (hoje chamada **Ágape**). Em 1966, o membro da IM Boqueirão, Hans Dyck, e sua família iniciaram um clube bíblico na garagem da casa deles para as crianças do bairro. Novamente, o alcance foi estendido para as famílias, os batismos seguiram e a nova igreja foi plantada. O ano de 1969 foi de avanço por dois motivos: Primeiro, Geraldo e Helena Peters assumiram responsabilidades de liderança (Geraldo Peters era o pastor da igreja por 25 anos); em segundo lugar, a família Harder doou um terreno à igreja. Os métodos evangelísticos foram aqueles comuns na época (campanhas, trabalho infantil, visitas, esportes) com exceção de uma pré-escola patrocinada pela AMAS (iniciada na década de 1980), que colocava a igreja em contato com numerosas famílias.

Além do evangelismo local, a IEM Xaxim também ajudou na plantação de três igrejas filhas. A primeira delas foi a IEM **Pinheirinho**. Mais uma vez, clubes bíblicos para crianças foram iniciados (logo na década de 1970). Desta



**Hans Gerhard & Mirian Peters,**  
líderes veteranos da AEM em Xaxim

vez, eles foram conduzidos em um lote vazio. A característica única no início desta igreja foi a parceria de três entre a igreja mãe (Xaxim), a igreja avó (IM Boqueirão, fornecendo assistência financeira) e a agência norte-americana MMN (fornecendo os missionários Glenn e Lois Musselman). A IEM Pinheirinho, com o tempo, começou uma congregação no **Bairro Novo B** (1995) e criou um ponto de pregação em **Campo Magro**. A IEM Xaxim também ajudou Vila Lindóia no início do trabalho no referido **Jd. Eliza**. Finalmente, a IEM Xaxim ajudou a começar uma igreja em **Piçarras**, no estado de SC. A membra Cristina Soares tinha forte desejo de alcançar familiares e parentes que moravam em Piçarras, uma cidade de praia no Norte de SC. A partir de 1987, com a assistência dos membros da IEM Xaxim, realizaram-se encontros mensais de casais e jovens na casa dos Soares. Em 1990, o filho dos Soares, Cesar Prado, e a esposa Miriam (também membros em Xaxim) foram enviados como missionários para plantar uma igreja em Piçarras. No ano seguinte, os missionários norte-americanos Rudi e Elsa Froese<sup>76</sup> chegaram para ajudar os Prados. O primeiro batismo (no oceano) foi realizado naquele ano e, em 1993-1994, um terreno foi comprado e um templo construído. Finalmente, a IEM Piçarras também iniciou uma congregação no bairro de Furado, conhecida como a **IEM Paz**. As igrejas descritas acima são exemplos notáveis do DNA missionário sendo passado ao longo de quatro gerações.

A cidade de **Palmeira** é a cidade mais próxima da colônia Witmarsum (PR), distantes poucos quilômetros. Assim, era de se esperar que os colonos menonitas germânicos lá comesçassem uma missão mais cedo ou mais tarde. De fato, esse ministério começou em 1967, sob a liderança dos irmãos Peter e Alfred Pauls. Acompanhados de equipes juvenis, eles visitavam e ajudavam famílias carentes, distribuía literatura e realizavam campanhas evangelísticas. No início da década de 1970, sob o patrocínio da IM Witmarsum, uma propriedade foi comprada em **Vila Rosa**, um templo erguido e a igreja legalmente constituída. O desenvolvimento da IEM Palmeira foi inseparável da creche patrocinada pela AMAS, criada ao mesmo tempo. Certa vez, um pastor local estimou que 70% dos membros estiveram vinculados ao trabalho da creche.

Dois esforços foram feitos pela IEM **Vila Rosa-Palmeira** para iniciar congregações filhas. O primeiro ocorreu na proximidade da creche, no bairro

---

<sup>76</sup> Eles foram enviados pela Comissão de Missões Estrangeiras, Conferência Geral das Igrejas Menonitas, América do Norte (mais tarde MCCW). Uma descrição mais detalhada desta missão é dada na Região III, Nota de rodapé n. 78.

da **Colônia Francesa**. Em 1984, o pastor Theodoro Penner prosseguiu uma visão para estabelecer uma igreja perto da creche patrocinada pela AMAS. Com a assistência dos membros da igreja de Palmeira (no bairro Vila Rosa), dos funcionários da creche e dos estagiários do seminário ISBIM, os cultos foram iniciados na capela da creche. Os mantenedores da AMAS na Alemanha possibilitaram a construção de um templo em 1990. Por um tempo, com a assistência de apoiadores na Alemanha e na Suíça, um ministério foi oferecido às moças sem-teto (chamado Renascer). O segundo esforço para estabelecer uma igreja filha ocorreu em 1996. Trabalhando com a IEM Porto Amazonas (veja abaixo), cultos foram iniciados nas proximidades de **Pugas de Cima**, uma vila onde a Associação Menonita Beneficente (AMB)<sup>77</sup> tem uma casa para crianças abandonadas. No entanto, as dificuldades de transporte, a oposição dos vizinhos e o baixo apoio financeiro levaram ao fim desta congregação (1998).

Localizada perto do centro de Curitiba, uma igreja de classe média chamada IEM **Água Verde** teve seus inícios em 1987 na casa dos líderes da IM **Vila Guaira**, Alfred e Ruth Pauls. Por meio do evangelismo de amizade, eventos sociais, encontros de casais e células caseiras, houve crescimento rápido na frequência e nos batismos. Embora não patrocinado pela IM Vila Guaira, a igreja permitiu o uso de suas instalações. A IEM Água Verde foi organizada e afiliada à AEM em 1989 e chegou à membresia de 60 nos anos seguintes. Infelizmente, seu rápido crescimento foi logo seguido por rápido declínio e encerramento em 1995. O cofundador Alfred Pauls cita as seguintes razões para o eventual fechamento da igreja: 1) conflitos de liderança; 2) perda de motivação; 3) falta de apoio financeiro; e 4) falta de apoio de outras igrejas.



Alfred & Ruth Pauls

Dentro de 20 quilômetros de Palmeira, encontra-se outra pequena cidade, a **Porto Amazonas**, onde a AMAS estabeleceu uma creche em 1983. Pouco depois, o diretor Arnaldo de Oliveira começou cultos de adoração para as famílias da creche. Em 1988, um pequeno grupo havia sido reunido, mas os planos para uma igreja ainda não tinham sido desenvolvidos. Com a chegada de Nevton Fermino e Siegfried Wedel, obreiros da **IM Witmarsum**, o pequeno ponto de pregação começou a crescer em uma congregação. O membro da IM Witmarsum, Francisco Unruh, foi chamado para pastorear a congregação em 1990. Além disso, dois lotes foram comprados pela IM Witmarsum para construir o primeiro templo. Como mencionado

---

<sup>77</sup> Esta missão paraeclesialística é o tema do Capítulo 9.

anteriormente, foi feita uma tentativa de dar luz à congregação filha em **Pugas** com a igreja de Palmeira.

A igreja em **Ponta Grossa** difere das outras igrejas da Região II, porque não é igreja filha nem neta de uma igreja da AIMB ou da AMAS. Os missionários Nilson e Mary Jane Assis, sob a direção da AEM e o patrocínio da agência norte-americana MCCW (veja Nota de rodapé n. 78), foram os pioneiros nesta cidade, que também é a cidade natal de Nilson, a qual é imersa no Catolicismo tradicional e no Espiritismo. A partir de 1989, os missionários distribuíram literatura, iniciaram amizades e realizaram estudos bíblicos. Apesar da resistência, um batismo foi realizado no ano seguinte. As reuniões foram inicialmente realizadas na garagem da casa dos Assis, depois um salão foi alugado e finalmente um templo foi construído em 1993. A igreja foi organizada em 1991, no entanto, desde então, renomeou-se Eterna Aliança e desvinculou-se da AEM.

**TABELA 11: IEM - REGIÃO II**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Vila Lindóia*</b>	Curitiba	V. Guaíra	1958	Anos 2000	
<b>Xaxim/Ágape</b>	Curitiba	Boqueirão	1966	Anos 70	
<b>Palmeira/ Vila Rosa*</b>	Palmeira	Witmarsum I	1967	Anos 80	
<b>Pinheirinho</b>	Curitiba	Xaxim	Anos 70	Anos 90	
<b>Porto Amazonas*</b>	Porto Amazonas	AMAS/ Witmarsum I	1983	Anos 90	
<b>Colônia Francesa*</b>	Palmeira	Palmeira/AMAS	1984	Anos 90	
<b>Água Verde</b>	Curitiba	Alfred/Ruth Pauls	1987	1987	1995
<b>Piçarras</b>	Piçarras, SC	Xaxim/MCCW	1987	1999	
<b>Jd. Eliza/ Claudia</b>	Pinhais	Xaxim	1987	1995	
<b>Ponta Grossa*</b>	Ponta Grossa	AEM/MCCW	1989	Anos 2000	
<b>Bairro Novo Pugas</b>	Curitiba Pugas de Cima	Pinheirinho Palmeira/ Porto Amazonas	1995 1996		1998
<b>Paz*</b>	Piçarras, SC	Piçarras	2000	Anos 2000	
<b>Campo Magro Tibagi</b>	Campo Magro Tibagi	Pinheirinho Pinheirinho	2003 2004		Anos 2000 Anos 2000
<b>Portão Teixeira Soares</b>	Curitiba Teixeira Soares	Jd. Claudia Ágape	2014 2015	2016	

\* Não mais afiliada à AEM

### Região III (Goiás)

Original e até recentemente, esta Região também incluiu o Distrito Federal (DF), em torno da capital Brasília, inaugurado em 1960. Em 2011, as igrejas do DF emanciparam-se em sua própria Região e serão descritas abaixo como Região VI. Desde que maior parte do seu desenvolvimento histórico inclui o DF, os seguintes comentários introdutórios também incluem estas igrejas. A Região III da AEM é significativa por pelo menos três razões. Primeira, é localizada geograficamente no centro das seis regiões da AEM. Em segundo lugar, é a única missão menonita para começar e continuar trabalhando na capital do Brasil, Brasília. Em terceiro lugar, é um estudo de caso em parcerias de missão, em que parceiros como MMN, AEM, MCCW, CCM e igrejas locais têm trabalhado juntos para plantar igrejas. MMN já havia atuado no Brasil desde meados da década de 1950. A agência missionária norte-americana, *Mennonite Church Canada Witness* (MCCW, Igreja Menonita do Canadá, Testemunha),<sup>78</sup> começou seu trabalho missionário no Brasil em 1975, incluindo o envio de plantadores de igrejas para a nova capital de Brasília e vizinho GO.

A primeira IEM a ser estabelecida em Goiânia, a capital do estado de GO, surgiu no bairro periférico chamado **Guanabara**. Os membros da IEM de Araguacema, Osvaldo e Rivani de Freitas, mudaram-se para Goiânia em 1975 e, nesse mesmo ano, começaram os cultos na casa deles. Posteriormente, outras famílias de Araguacema mudaram-se para Goiânia e fortaleceram a nova igreja. A AEM prestou assistência mediante apoio ao Osvaldo como missionário e compra de um lote para o templo no ano seguinte.



Osvaldo & Rivani Freitas

Com a ajuda de duas famílias de Guanabara, ou seja, de Abraão Reis de Oliveira e de Teodoro Milhomens, os missionários da MCCW, Ronald e Marlene Daku, iniciaram uma nova igreja em um bairro crescente de Goiânia, chamado **Itatiaia II**. Naquele mesmo ano de 1983, o primeiro batismo foi realizado e, com a assistência da MCCW, foi comprada uma casa que serviria como local de reunião. Além da extensa visitação, a igreja incipiente tentou

<sup>78</sup> A MCCW é uma de duas agências atuais anteriormente denominadas *Comission on Overseas Mission* (COM) da Igreja Menonita da Conferência Geral. Nos EUA, esta Igreja fundiu-se com a Igreja Menonita para se tornar a Igreja Menonita EUA. Simultaneamente, a correspondente Conferência Geral de Menonitas no Canadá fundiu-se com as Igrejas Menonitas para formar a Igreja Menonita, Canadá (2001). A Igreja Menonita EUA reestruturou sua agência para tornar-se *Mennonite Mission Network* (MMN); A Igreja Menonita Canadá criou uma nova agência chamada *Witness* (Testemunha ou MCCW). Uma vez que a maioria dos obreiros da agência da antiga COM era do Canadá, daqui em diante, vou designar COM como MCCW.

oferecer um testemunho integral na comunidade, iniciando uma escola primária. A escola estava em operação de 1985 a 1990. A IEM Itatiaia caracterizou-se por forte crescimento e visão missionária. Além da escola, a igreja tentou gerar uma série de igrejas filhas e enviou trabalhadores para outras regiões do Brasil.

Após uma licença, os Dakus voltaram ao Brasil em 1986 para continuar seu ministério de plantação de igrejas. Uma vez que membros das igrejas de Guanabara e Itatiaia viviam em outro bairro periférico chamado **Garavelo**, os Dakus escolheram este como seu novo campo missionário. Reuniões foram iniciadas na casa de Ricardo Mateus Neto e logo, com a assistência da MCCW, um sítio foi comprado com a intenção de desenvolver um acampamento. Os primeiros batismos foram realizados neste acampamento, chamado Recanto da Paz. Esta pequena igreja logo experimentou crescente visão missionária. O primeiro casal missionário da AEM ao exterior, João e Rosa Maria de Brito, foi liberado de Garavelo para o ministério em Moçambique, assim como Barnabé e Saul foram liberados de Antioquia.

**TABELA 12: IEM - REGIÃO III**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fech- ado</u>
<b>Guanabara</b>	Goiânia	AEM	1975	1990	
<b>Itatiaia</b>	Goiânia	MCCW, Guanabara	1983	Anos 90	
<b>Garavelo</b>	Goiânia	MCCW, Guanabara, Itatiaia	1986	Anos 2000	
<b>Vale dos Sonhos*</b>	Goiânia	Guanabara	1999		
<b>Ágape – Setor Coimbra</b>	Goiânia	Itatiaia	2009		
<b>Cerrado 7, Trindade</b>	Goiânia	Itatiaia	2014		
* Não mais afiliada à AEM					

### **Região IV (Tocantins, Pará)**

Ao mesmo tempo em que a MMN estava iniciando o trabalho missionário no Sudeste, uma missão norte-americana independente com forte base de apoio menonita estava começando um campo na região Centro-Norte do Brasil. A *Amazon Valley Indian Mission* (AVIM, Missão Indígena do Vale Amazonas) colocou seus primeiros missionários em 1956 na cidade fronteira de Araguacema ao longo do rio Araguaia, no Noroeste do estado de Goiás (hoje Tocantins, TO). Esses missionários eram: Howard e Dorothy Hammer, Richard e Novelda Kissell, Mildred Eichelberger e Evelyn Kinsinger. Dois fatores levaram à adoção deste campo pela MMN no final de 1957. Primeiro, a morte prematura e trágica do diretor de campo Hammer ocorreu no início

daquele ano. Em segundo lugar, as extensas necessidades espirituais e sociais exigiam uma base de apoio mais ampla em termos de pessoal e finanças do que a AVIM conseguia fornecer.<sup>79</sup>

Os Hammers chegaram a Belém (Pará, PA) em 1954. A equipe restante chegou no ano seguinte, concentrando-se nas atividades iniciais da organização e na aquisição da linguagem. A equipe mudou-se para **Araguacema** em 1956 e, uma vez que Hammer era antes de tudo evangelista, eles imediatamente começaram a evangelizar e a plantar uma igreja.<sup>80</sup> Os missionários da AVIM usaram extensas pregações, escolas dominicais e assistência médica em sua divulgação. Uma combinação da eficácia desta abordagem e um campo fértil para a colheita espiritual levou a muitas conversões e batismos correspondentes no primeiro ano. Inicialmente, um salão alugado tornou-se o ponto de encontro da



**José Fernandes Brito & family**

### José Fernandes Brito

José estava armado e procurava seu inimigo na cidade interior de Araguacema. Quando não o encontrou, ele entrou na Igreja Menonita, onde o pastor missionário estava pregando. José estava meio bêbado, mas de alguma forma percebeu o seu distanciamento de Deus e tomou a decisão de seguir a Cristo. José tornou-se sério e estudava a Bíblia com diligência. Ele estava fascinado com a história anabaptista que aprendeu dos missionários. Tornou-se líder leigo e depois pastor. Embora sua instrução formal fosse equivalente à terceira série, ele passou a ser reconhecido pelas pessoas como sábio pastor e conselheiro.

(Jaime Prieto Valladares)

igreja para os cultos e escola dominical. Em 1960, já com fundos da MMN, foi construída uma instalação permanente que lá se encontra até hoje.

Dois períodos de expansão são notáveis. O primeiro foi durante os anos imediatamente após a chegada da AVIM (1956-1960). Hammer relata pontos de pregação e batismos em cidades vizinhas

<sup>79</sup> Mais detalhes são fornecidos por Hans Gerhard Peters, “Missões da Igreja Menonita – AEM,” em *Quem Somos? 1930-2010: A Saga Menonita: Rompendo a barreira cultural*, ed. Udo Siemens (Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2010), p. 98-100.

<sup>80</sup> O evangelismo e a plantação de igrejas foram o foco de uma série de ministérios que posteriormente incluíram uma clínica médica, uma escola, um processador de carne e a assistência agrícola, os quais serão descritos abaixo sob Missão Integral.

como Charqueada, Barreira de Santana e Dois Irmãos. Pioneira Mildred Eichelberger desenvolveu um circuito evangelístico de cinco pontos, incluindo Morro do Mato (mais tarde Goianorte), Colméia e Esperança Bendita, entre outros. Um segundo período ocorreu com a chegada dos missionários da MMN, Robert e Fran Gerber, em 1969-1971. Eles encorajaram a formação de equipes evangelísticas que pregavam o evangelho às cidades vizinhas e aldeias. Esses pontos de pregação incluíram Santa Maria das Barreiras (mais tarde Santana do Araguaia), Lajedo, Piquizero, Dois Irmãos, Abriolândia e Marianópolis. Em algumas dessas, a semente do evangelho foi simplesmente plantada. Em outras, havia conversões e batismos. Em algumas, os novos crentes foram nutridos e reunidos em congregações, tornando-se igrejas viáveis.

O primeiro contato com **Goianorte** (100 quilômetros a leste de Araguacema, inicialmente conhecida como Morro do Mato) ocorreu em 1960, quando a missionária da MMN, Mildred Eichelberger, levou enfermeiras da MMN e outros obreiros locais a realizarem uma clínica móvel na cidade. Os serviços médicos foram acompanhados pelo evangelismo, e logo havia novos cristãos e uma necessidade de alimentação espiritual. No ano seguinte, Eichelberger foi acompanhada pelos obreiros da igreja de Araguacema e cultos regulares foram iniciados. Dois avanços fundamentais ocorreram em 1962. O primeiro foi quando o missionário de MMN, Herbert Minnich, batizou os primeiros crentes. O segundo ocorreu quando começaram a escola. Embora os contatos iniciais parecessem promissores, o crescimento foi mais lento do que o esperado.

Os começos da igreja em **Colméia** (140 quilômetros a leste de Araguacema) são mais bem descritos pelo fundador e pastor da igreja, João Rodrigues de Matos:

A Igreja Menonita em Colméia teve seu início em 1961, quando João e sua esposa se converteram a Cristo. Naquela época, eles estavam morando no interior de Goiás, mas quando João ouviu que alguns missionários em Araguacema vendiam revólveres, ele não esperou para fazer perguntas e partiu imediatamente para Araguacema. Lá, em vez de um revólver, ele encontrou a mensagem da salvação. Em 1965, ele e sua esposa e outras quatro pessoas foram batizados. Como viviam tão longe de Araguacema, João convidou o grupo a encontrar-se em sua casa para estudar a Bíblia. Quando se mudou para Colméia, a congregação mudou-se com ele. Em 1974, ele foi eleito pastor. Sua casa logo ficou pequena para o crescente grupo.<sup>81</sup>

---

<sup>81</sup> Citado por Cecil e Margaret Ashley, "Brazil," em *Disciples on the Way* (Elkhart, EUA: Mennonite Board of Missions, 1976), OM15-OM16.

Desde os primeiros anos das missões menonitas na região de Araguacema, viagens de pregação foram realizadas por Hammer e outros em **Dois Irmãos**, uma cidade pequena de 100 quilômetros ao sudeste. Em 1962, ouviu-se que alguns crentes batistas estavam solicitando assistência médica e espiritual. Finalmente, sob a liderança do missionário Robert Gerber, uma capela foi construída e um obreiro colocado para a congregação incipiente em 1970. No entanto, o entusiasmo inicial desapareceu e a apatia foi exacerbada pela falta de cuidado pastoral e liderança. Em 1980, a congregação fechou.

**Santana do Araguaia**, subindo o rio a poucos quilômetros de Araguacema, é caso semelhante. As missões esporádicas de pregação no final da década de 1950 e nos anos 1960 resultaram em conversões e batismos ocasionais. Em 1970, sob a liderança do pastor de Araguacema, Theodoro Penner, uma congregação foi reunida e uma capela erguida. A liderança parecia instável e alternava entre brasileiros locais e missionários estrangeiros, de modo que, em 1980, sua continuidade era duvidosa. Pouco depois, grande inundação eliminou a maior parte da cidade, destruiu a capela e fechou-se a igreja.

O circuito pastoral da Eichelberger (1962) incluiu visitar e evangelizar uma fazenda perto de Morro do Mato, chamada **Esperança Bendita**. Nos anos seguintes, ela comprou a fazenda e prosseguiu com sucesso a autossustentação como missionária-fazendeira. Ela continuou um ministério evangelizador e educador na Esperança Bendita e, em 1973, pôde começar uma escola para atender famílias carentes em sua fazenda ou nas proximidades dela.



Mildred Eichelberger na sua fazenda

Pelo seu testemunho cristão, vários crentes começaram a se reunir, e em 1975 o número era aparentemente grande o suficiente para chamar um pastor e começar formalmente uma congregação. Com a partida de Eichelberger, a igreja de **Goianorte** assumiu o patrocínio. No entanto, não se desenvolveu mais e foi encerrada em 1983.

Outra tentativa de plantar uma igreja ocorreu em **Paraíso do Norte**, uma cidade crescente conhecida hoje como Paraíso do Tocantins, localizada ao sudeste de Araguacema, na rodovia Belém-Brasília. Os membros da IEM Araguacema mudaram-se para esta cidade em busca de oportunidades econômicas, foram iniciadas reuniões e uma congregação foi formada em 1977. No entanto, a distância da igreja mãe e conflitos de liderança levaram ao fechamento.

**Conceição do Araguaia** é uma cidade portuária localizada no lado paraense do rio Araguaia aproximadamente 75 quilômetros ao Norte de

Araguacema. Membros da IEM Araguacema e outras igrejas regionais mudaram-se para esta cidade crescente em busca de empregos e oportunidades. Com a chegada dos missionários Robert e Fran Gerber em 1978, foram feitos esforços para localizar esses membros e convidá-los para os cultos em sua casa. Esses esforços foram bem sucedidos, e em 1979 um pastor foi enviado pela AEM (João Dirceu da Luz) para ajudar os Gerbers. Os anos seguintes (1980-1983) foram destacados pelo primeiro batismo e construção de um templo. Os esforços destacados no testemunho cristão incluem a distribuição de roupas doadas (da AMAS), a abertura de uma escola cristã em 1991 e as missões de pregação fora da cidade.

Uma história semelhante ocorreu em **Redenção**, uma crescente área de madeira e gado localizada a 100 quilômetros ao oeste da Conceição. Tendo se mudado de Araguacema para Redenção em 1978, Franco e Maria de Souza tentaram, sem sucesso, encontrar um lar espiritual em Redenção. No ano seguinte, procuraram um ex-obreiro da congregação Dois Irmãos, Abraão Cavalcanti, também morando em Redenção. As reuniões domiciliares começaram e continuaram entre 1979 a 1982. No ano seguinte, o grupo cresceu o suficiente para construir seu próprio templo, com alguma assistência da Região IV. Cavalcanti serviu como seu primeiro pastor de 1983 a 1986. Seguindo o padrão de Araguacema, uma escola primária foi iniciada e funcionou entre 1984-1991.

**TABELA 13: IEM – REGIÃO IV**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Araguacema</b>	Araguacema, TO	AVIM/MMN	1956	1981	
<b>Goianorte</b>	Goianorte, TO	MMN/ Araguacema	1960	Anos 2000	
<b>Colméia</b>	Colméia, TO	Araguacema	1961	Anos 2000	
<b>Esperança Bendita</b>	Goianorte, TO	MMN/ Goianorte	1962		1983
<b>Dois Irmãos</b>	Dois Irmãos, TO	Araguacema	1970		c. 1980
<b>Santana do Araguaia</b>	Santana do Araguaia, PA	Araguacema	1970		c. 1980
<b>Paraíso do Norte</b>	Paraíso do Tocantins, TO	Araguacema	1977		c. 1983
<b>Conceição do Araguaia</b>	Conceição do Araguaia, PA	MMN/AEM	1978	Anos 2000	
<b>Redenção</b>	Redenção, PA	Souzas, AEM	1979	Anos 2000	
<b>Santa Clara</b>	Araguacema, TO	Araguacema	1999		
<b>Palmas</b>	Palmas, TO	Nelson Torres, Colméia	2003	Anos 2000	

### Região V (Pernambuco)

Desde o final da década de 1960, o envolvimento do CCM no Nordeste do Brasil tendeu a se concentrar nos aspectos da “ação” do evangelho cristão,

mais do que apresentar a testemunha da “Palavra”. Muitos voluntários do CCM estavam desconfortáveis em levar interessados à Igreja Católica Romana, onde acreditavam faltar uma relação de fé pessoal com Cristo. Eles também estavam hesitantes em integrar aqueles que serviam em igrejas evangélicas locais, onde a ênfase era salvar a alma, à exclusão dos aspectos socioeconômicos do evangelho. Seu objetivo de apresentar o evangelho integral foi dificultado por essas polaridades.

As discussões com seu parceiro brasileiro, a AMAS, no final da década de 1970, levaram ao interesse em começar igrejas menonitas em Recife e na região circundante. A AMAS, por sua vez, contactou a AEM e solicitou sua contribuição de pessoal, administração e relações fraternas. A AEM, não capaz de entrar em uma parceria completa na época, contactou os parceiros norte-americanos MMN e MCCW, que também mostraram forte interesse. Um estudo exploratório foi concluído em 1980 por Glenn Musselman (representando AEM e MMN) e Rodolfo Enns (representando a AMAS). A decisão foi tomada mais tarde naquele ano pelo CCM e pela AMAS para utilizar Rodolfo e Edeltaudt Enns em regime de meio período (Rodolfo também estudava no seminário batista) na plantação de igrejas em Recife e nas cidades vizinhas onde o CCM já estava ativo.

A primeira tentativa de igreja na nova região ocorreu em uma favela, onde o pessoal do CCM já tinha um ministério, qual seja: **Campos Tabaiães**. A partir de 1981, ao acompanhar os contatos e os estudos bíblicos realizados pelos voluntários do CCM, os Enns conseguiram batizar alguns novos crentes no mesmo ano. No ano seguinte, Daniel e Rose Waltner-Graber chegaram como os primeiros missionários enviados pela MCCW para a região. Em 1983, eles estavam prontos para assumir a liderança, já que os Enns voltaram para Curitiba. Seguindo a visão da missão integral, os Waltner-Grabers procuraram edificar a congregação principiante, além de construir e remodelar casas para os moradores da favela. Um segundo casal da MCCW, Abraham e Chris Buhler, juntou-se a eles em 1986.<sup>82</sup> No entanto, a congregação instável nunca experimentou um crescimento significativo, não desenvolveu liderança local adequada e não conseguiu alcançar a autonomia. A liderança regional fechou essa iniciativa em 1993.

Os Buhlers, em 1988, estavam prontos para começar uma segunda igreja. O subúrbio de Ibura foi selecionado pelo CCM para diversos ministérios integrais. Com os contatos do CCM e com algum auxílio de voluntários, os Buhlers começaram a evangelizar a comunidade **Lagoa Encantada** de Ibura. Como tem sido um padrão comum nesta região, estagiários dos seminários batista e presbiteriano também ajudaram nas atividades semanais. Uma das

---

<sup>82</sup> Os Buhlers tomaram passos iniciais para uma plantação de igreja na comunidade de Ouro Preto, Olinda, PE, em 1985. Devido a uma série de assaltos e ameaças de extorsão, este trabalho foi parado em 1986.

estagiárias batistas, Izaete Romão de Araújo, tornou-se a primeira pastora brasileira da igreja em 1995.

Os Waltner-Grabers começaram a alcançar, em 1990, o bairro de **Janga** em Paulista, uma cidade satélite do Recife. Fizeram uma abordagem diferente da primeira plantação em Campos Tabaiaras. Esta área foi escolhida independentemente do CCM, o foco era chegar à classe média, e um edifício atraente foi erguido imediatamente, mesmo antes de ter reunido um grupo básico viável. Em 1991, a congregação realizou seu primeiro batismo na praia próxima. Diferentes obreiros e evangelistas brasileiros foram empregados com fundos da MCCW para levantar a membresia da igreja. Embora ainda uma igreja nova, uniu forças com a IEM Lagoa Encantada para patrocinar um ponto de pregação em uma comunidade próxima chamada **Riacho de Prata**, que desde então se tornou uma igreja autônoma sob a liderança de Cristiano Maximiano de Oliveira.

**TABELA 14: IEM - REGIÃO V**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Campos Tabaiaras</b>	Recife	CCM/AMAS/MCCW	1981		1993
<b>Lagoa Encantada</b>	Recife	MCCW/CCM	1988	Anos 2000	
<b>Janga</b>	Paulista	MCCW	1990	Anos 2000	
<b>Riacho de Prata</b>	Paulista	Lagoa/Janga/ PRONAM	2005	Anos 2000	
<b>Caruaru</b>	Caruaru	PRONAM, Region 5	2009		
<b>Paço do Lumiar</b>	Paço do Lumiar, MA	PRONAM	2011		c. 2012

### **Região VI (Distrito Federal)**

Como mencionado anteriormente, esta é a região mais nova, formada a partir da Região III em 2011. Tem a característica exclusiva de ser a única missão menonita de ter um conjunto de igrejas na capital do país. Sua presença é pequena, mas significativa.

**Gama** é uma cidade satélite de Brasília localizada a cerca de 40 quilômetros ao sudoeste da capital. Esta primeira igreja começou nos corações e nas mentes dos missionários da MMN, Allen e Irene Martin, enviados a Brasília em 1962 para abrir duas livrarias cristãs.<sup>83</sup> Em 1964, uma escola dominical tinha começado no bairro Vila Planalto de Brasília na casa de

<sup>83</sup> As livrarias patrocinadas pela MMN, sob o nome Livraria Cristã Unida, foram posteriormente abertas em Campinas e Ribeirão Preto (SP), e Brasília e Taguatinga (DF). Numerosos missionários da MMN e obreiros brasileiros trabalharam nessas lojas. Na década de 1990, elas foram fechadas ou vendidas.

Manoel e Maria Rosa de Souza, uma família influente que se mudou de Araguacema. Em 1967, Otis e Betty Hochstetler assumiram a responsabilidade pelas livrarias e pela nova missão. A família Souza comprou uma casa na cidade de Gama em 1969 e logo pediu que a igreja principiante se mudasse para Gama, o que aconteceu. Em 1971, a igreja foi organizada e a MMN ajudou na compra de um terreno para um futuro templo, o qual foi construído no final da década de 1970 sob a supervisão do missionário Erwin Rempel.

Além da livraria em Brasília, outra livraria foi aberta durante a década de 1960 na cidade satélite de **Taguatinga**. Os missionários da MMN, Otis e Betty Hochstetler, estavam servindo na livraria nesta região quando a família Aguiar se mudou para a área, também da IEM de Araguacema. Os Hochstetlers começaram as reuniões na casa dos Aguiars em 1976. Eles continuaram como líderes até 1981, quando Gary e Ellie Loewen (missionários da MCCW) assumiram a responsabilidade. Em meados da década de 1980, a MCCW havia comprado um terreno para construir



Otis & Betty Hochstetler

na cidade vizinha de **Ceilândia**. A igreja experimentou um considerável crescimento numérico. Isso foi devido às formas criativas de divulgação, incluindo distribuição de alimentos, um congresso de paz e atividades de artes teatrais, bem como atividades esportivas. Outra cidade satélite de Brasília, **Samambaia**, tornou-se o local para uma igreja filha da IEM Ceilândia. Em 1993, um grupo celular começou a se reunir na casa de Raimundo e Rita M. Santos, membros da Ceilândia que haviam se mudado recentemente para Samambaia. O pastor da Ceilândia, Cláudio Pereira, ficou na liderança inicial, auxiliado por outros membros. Com assistência adicional da MMN, a igreja de Ceilândia comprou um lote em 1994, no mesmo ano em que os missionários da MCCW, Steve e Janet Plenert, chegaram para treinar a liderança da congregação.

TABELA 15: IEM - REGIÃO VI

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Gama</b>	Gama	MMN, MCCW	1964	Anos 90	
<b>Ceilândia</b>	Ceilândia	MMN, MCCW	1978	1984	
<b>Samambaia</b>	Samambaia	Ceilândia, MMN, MCCW	1993	1999	
<b>Lago Azul</b>	Lago Azul, GO	Gama	1999		
<b>Céu Azul</b>	Valparaíso, GO	Ceilândia	2005		Anos 10
<b>Águas Quentes</b>	Recanto das Emas, DF	Ceilândia	2012		

## **Evangelismo e Plantação de Igrejas Transcultural**

Em 1999, a Junta Menonita de Missões Internacionais da AEM (JMMI) enviou seus primeiros missionários transculturais, João Batista e Rosa Maria de Brito a Moçambique, e Norma Teles à Albânia. Os Britos foram enviados para assessorar um grupo incipiente de igrejas menonitas com desenvolvimento de liderança, estruturação das igrejas e treinamento geral. Ao seu regresso, outros missionários foram enviados das igrejas AEM e de outras igrejas por meio da JMMI, para consolidar as Igrejas Menonitas de Moçambique.

Teles, tendo servido um curto prazo na Albânia com a agência menonita EMM (EUA), pediu para ser enviada de volta pela AEM àquele país aflito. Após o devido processamento, visitação nas igrejas e angariação de fundos, ela foi enviada para trabalhar em ministérios infantis na cidade de Lezhë, com patrocínio conjunto da AEM e da Junta de Missões Menonitas Virginia (EUA). Outros dois casais brasileiros enviados pela JMMI também serviram na Albânia como plantadores de igrejas.

### ***Missão Integral***

Embora a MMN e a AEM tenham focado a maior parte dos recursos no evangelismo e na plantação de igrejas, havia esforços consideráveis para ministrar as necessidades integrais das pessoas desde o início. A região que é provavelmente a mais

## **Alcançando os Roma**

Norma Teles é diretora do Centro Josué, uma pré-escola para crianças roma (ciganos) em Lezhë, na Albânia. O Centro Josué desenvolveu-se como um centro de aprendizagem para preparar os pré-escolares para as escolas públicas. O Centro ganhou uma reputação positiva para proporcionar habilidades em prol de garantir o sucesso na escola e na vida. Atualmente Norma trabalha com três funcionários albaneses para cuidar dos mais de 20 que participam.

Norma tem expandido seu ministério para envolver as mães dos pré-escolares em reuniões bimensais para discutir questões da família e da saúde, aproveitando a oportunidade para ler a Bíblia e ensinar-lhes canções sobre Jesus. Ela também está ensinando algumas das mães a ler. Seu desejo é tornar Cristo conhecido na comunidade roma.

Esta missão traz três continentes junto. Como uma missionária sul-americana em parceria com uma agência norte-americana que trabalha na Europa, Teles ilustra a nova onda de atividade missionária que flui em muitas direções ao redor do mundo.

carente e conseqüentemente recebeu mais atenção foi a Região IV, em Araguacema e seus arredores. Os esforços ocasionais nas outras regiões também ocorreram e são descritos nas seções seguintes.

### Ministérios Médicos

Depois de iniciar os ministérios de pregação, o próximo serviço a ser fornecido pela equipe da AVIM em Araguacema foi o estabelecimento de uma clínica. Evelyn Kinsinger, uma enfermeira, foi pioneira nesse esforço. A clínica imediatamente encontrou uma necessidade sentida, pois forneceu a única assistência médica disponível na cidade e nas áreas circundantes. As clínicas móveis foram conduzidas em outras cidades. Ao longo das próximas quatro décadas, dezenas de obreiros médicos estrangeiros e nacionais (médicos, enfermeiros e assistentes) serviram, abnegadamente em nome de Cristo, os milhares pacientes que vieram para tratamento. A cura para o coração foi oferecida mediante oração, aconselhamento, leitura da Bíblia, literatura cristã e até reuniões nos lares dos pacientes. O patrocínio da Clínica Menonita mudou da AVIM para a MMN em 1957, da MMN para a AMAS em 1968, e da AMAS para a AEM em 1988. O apoio financeiro veio principalmente da MMN, da AMAS, da *Internationale Mennonitische Organisation* (IMO, agência de assistência social dos menonitas europeus), e da Arabras (uma fundação alemã). Em 1990, a Clínica entrou em parceria com órgãos médicos do estado TO. A Clínica atingiu o ponto de atender 1400 pessoas por mês durante 1998. Devido à abertura de um hospital em Araguacema no ano seguinte, a clínica foi fechada.



Enfermeiras Dorothy Yoder, Evelyn Kinsinger, e Esther Reesor (1961)

### Escolas Cristãs

Após o estabelecimento da igreja e da clínica em Araguacema, o próximo projeto foi o início de uma escola cristã em 1960. A Escola Evangélica Ruy Barbosa<sup>84</sup> inicialmente atendia os filhos de famílias evangélicas (muitas vezes negligenciadas por professores católicos na escola pública), porém logo o espaço permitiu que a escola abrisse suas portas a todas as crianças. Os pioneiros missionários neste ministério de educação cristã foram Mildred Eichelberger, Herbert Minnich e John Blough. Após a retirada do apoio da MMN, a escola foi fechada de 1969-1970. Com a chegada e a liderança de Theodoro Penner, a escola reabriu sob o patrocínio da AMAS, em 1971, e depois operou sob o nome de Escola Menno Simons. Penner e AMAS procuraram e encontraram apoio financeiro para a escola em Leer, Alemanha,

<sup>84</sup> Ruy Barbosa era um político republicano influente. No início da década de 1890, promoveu uma nova constituição, inspirada na dos EUA, para a nova república.

de Erich e Margrit Kupfer, os principais benfeitores da escola desde 1971. Desde 1983, a escola recebeu assistência estatal que apoiou a expansão sem interferir na filosofia e instrução cristã da escola.

Uma escola filha da experiência em Araguacema foi iniciada na fazenda Esperança Bendita, comprada por Mildred Eichelberger na década de 1960. Em 1973, com terras doadas pela Eichelberger, assistência administrativa de Theodoro Penner e professores voluntários, a Escola Cidade Leer<sup>85</sup> começou a atender famílias carentes da região. A AMAS prestou assistência administrativa até 1992, após a qual a AEM assumiu a responsabilidade. Desde 1995, a escola recebe subsídios estaduais.

Uma terceira escola que segue um padrão semelhante com os mesmos patrocinadores é a Escola Comunidade Loga<sup>86</sup> em Conceição do Araguaia, PA. Fundada em 1991, por iniciativa de Theodoro Penner, a escola beneficiou da fundação Arabras como principal patrocinadora e hoje recebe ajuda estatal. Como as outras escolas, a mensagem cristã vem por meio da vida de professores cristãos, um devocional diário pela manhã, as aulas bíblicas e a conexão com a igreja menonita local.

Os missionários da MMN, bem como os líderes nacionais da AEM, estabeleceram outras escolas cristãs que operaram por alguns anos e depois fecharam. Entre estas foram: 1) a escola em Morro do Mato (Goianorte, TO), fundada no início dos anos 1960 por Mildred Eichelberger; 2) a escola em Redenção (PA), fundada por Theodoro Penner e operativa entre 1984-1991; e 3) a escola em Goiânia (GO), fundada pela IEM Itatiaia e operativa entre 1985-1990.

### **Treinamento Profissionalizante**

Pelo menos três locais entre a AEM patrocinaram algum treinamento profissionalizante desde a década de 1960. São Araguacema (TO), Vila Guarani (SP) e Campinas (SP). Sem dúvida, outras igrejas patrocinaram esforços informais nesta área. No entanto, o escopo da informação disponível limita-nos aos citados acima.

Desde a sua criação, a missão em Araguacema procurou oferecer alívio e desenvolvimento aos necessitados. Richard Kissell foi o líder-chave nesta área.



**Benfeitores Erich & Margrit Kupfer**

<sup>85</sup> Cidade Leer refere-se à cidade de Leer, Alemanha, onde os benfeitores da escola Erich e Margrit Kupfer residem. Eles também são os fundadores da Arabras, uma fundação beneficente que presta assistência social na região de Araguacema.

<sup>86</sup> Comunidade Loga refere-se ao subúrbio de Loga em Leer, Alemanha, onde residiam os Kupfers.

O desenvolvimento nos primeiros anos incluiu treinamento agrícola, plantação experimental, uma oficina com assistência mecânica e aulas de alfabetização. Este último continuou por vários anos por meio da Escola Menno Simons. Na década de 1960, Anna Schroeder começou a ministrar em Vila Guarani (São Paulo), oferecendo aulas de costura e alfabetização para mães carentes. Nos últimos anos, foram realizadas aulas de música e cidadania. Embora seja difícil de medir a sua eficácia, essas classes atenderam a uma necessidade e proporcionaram à igreja uma imagem positiva na comunidade. Finalmente, a IEM Campinas (SP) entrou em parceria com uma organização filantrópica local chamada Direito de Ser. Entre as várias atividades educativas e recreativas oferecidas a crianças carentes, estão as oficinas vocacionais, incluindo artes visuais, informática e artesanato.

### **Outros Ministérios Sociais**

A tentativa única de ministério holístico ocorreu nos anos 1960 e 1970, utilizando um processador de carnes em Charqueada, perto de Araguacema. Quando esta fábrica comunitária fechou em 1966, o missionário local da MMN, Richard Kissell, uniu forças com o empresário americano menonita, C. L. Graber, para comprá-la com o propósito de testemunho e serviço cristão. Foi formada uma organização norte-americana de suporte chamada *Aurora Associates*. Como esta experiência valiosa, encontrou apenas um sucesso misto; em 1977, a fábrica e o rancho foram fechados e vendidos.

Vários outros ministérios sociais foram tentados com vários graus de influência e sucesso. Entre estes, pode-se citar a construção de casas em Campos Tabaiães (Recife, PE) e Samambaia (DF), bem como um ministério para moças em risco em Colônia Francesa (Palmeira, PR). Além disso, muitos nas IEM enviam espontaneamente doações de alimentos, roupas e medicamentos. Finalmente, a AEM tem procurado ministrar à pessoa integral em parceria com outras missões menonitas que se especializam nesses ministérios. Este foi o caso da AMAS nas Regiões II e IV, com a Associação Menonita Beneficente (AMB) na Região II e o CCM na Região V.

### ***Reflexão Missiológica***

A AEM não tem dedicado esforços substanciais à reflexão missiológica formal. No entanto, vários esforços menores foram feitos e esses merecem menção, os quais incluem: 1) publicações sobre a igreja e a missão; 2) conferências de estudo; 3) teses e dissertações; e 4) reflexão informal.

A editora da AEM, a Livraria Cristã Unida,<sup>87</sup> começou a traduzir e publicar livros na década de 1960 sob a liderança de Ken e Grace

---

<sup>87</sup> Em 1996, o ministério editorial foi vendido ao ex-diretor David Falk, que o renomeou de United Press. Poucos anos depois, a United Press foi vendida para a atual Editora Hagnos.

Schwartzentruber. Foram publicados vários títulos importantes que contribuíram para a reflexão missiológica entre os menonitas brasileiros e outros cristãos.<sup>88</sup> Um periódico durante a década de 1990, *Intercâmbio Menonita*, também foi fórum para notícias e reflexões relacionadas com a missão.

As conferências de estudo dedicadas à reflexão concentrada sobre igreja e missão têm ocorrido periodicamente. Às vezes, essas reflexões foram internas entre membros e líderes da AEM. Pelo menos de dois em dois anos, a AEM participa dos congressos da Conferência Mundial Menonita que são realizados entre diferentes países do Sul da América do Sul. Muitas vezes, esses congressos abordam temas da igreja e da missão.

Pelo menos dois esforços acadêmicos de associados da AEM refletiram de forma missiológica sobre a AEM no Brasil. O primeiro é uma dissertação de René Horst, analisando o crescimento das igrejas entre a AEM (1991). O segundo é uma tese de Marcos Roberto Inhauser, com foco na identidade e missão da AEM (1997).<sup>89</sup>

Finalmente, as reflexões informais sobre o trabalho missionário têm sido integradas na vida da igreja e provavelmente são mais comuns do que ocasiões formais de reflexão. As igrejas da AEM estão realizando cada vez mais conferências missionárias, nas quais há constante reflexão e diálogo por meio de mensagens, relatórios e necessidades apresentadas. Existe o ministério semanal das Escrituras, no qual a missão de Deus é ensinada e abraçada. Finalmente, relatórios e interação informal na Internet são cada vez mais comuns. Um exemplo é o blog da JMMI que estimulou a reflexão missionária e a intercessão entre 2010-2012 (<http://missoesmenonitas.blogspot.ca>).



**Ken & Grace Schwartzentruber,  
Dia da Bíblia na livraria, ca. 1961**

<sup>88</sup> Entre os títulos traduzidos e publicados, os mais conhecidos foram Donald B. Kraybill, *The Upside-Down Kingdom* (Scottsdale, EUA: Herald, 1990); Arthur G. McPhee, *Friendship Evangelism: The Caring Way to Share Your Faith* (Grand Rapids, EUA: Zondervan, 1978); e David W. Shenk e Ervin R. Stutzman, *Creating Communities of the Kingdom: New Testament Models of Church Planting* (Scottsdale, EUA: Herald, 1988).

<sup>89</sup> Respectivamente, "The Associação Evangélica Menonita: The Growth of the Brazilian Mennonite Church" (diss. MA, Indiana University, 1991), e "The Evangelical Mennonite Church in Brazil: Identity and Mission" (tese de DMin, Northern Baptist Theological Seminary, 1997).

***Resumo e Conclusões***

A AEM está presente no Brasil desde 1954 e deu maior atenção ao evangelismo e à plantação de igrejas, seguido de ministérios sociais e de alguma reflexão missiológica (o treinamento para a missão será discutido no Capítulo 15). Quatro fases de desenvolvimento são evidentes quando se consideram os parceiros da AEM e as expansões regionais. Primeiro, um período de inícios é óbvio a partir de 1954 até 1961. Durante esse tempo, a MMN e a AVIM entraram no Sudeste e no Norte do Brasil e iniciaram o trabalho missionário, no que se tornaria Regiões I (SP) e IV (TO, PA). Em segundo lugar, 1962-1975 foi um período de expansão das parcerias e dos locais missionários, já que a AIMB iniciou a cooperação com a AEM. Esta expansão acrescentou a Região II (PR) e a participação da AIMB-AMAS em Araguacema reforçou a Região IV. Terceiro, 1976-2004 foi um período de expansão ainda maior, desta vez com assistência primária proveniente da MCCW e resultando em Regiões III (GO), V (PE) e VI (DF). Finalmente, a partir de 2005 (quando a Associação se tornou a Aliança) até o presente momento, a AEM desenvolveu-se cada vez mais sem recursos significativos de parceiros internacionais, e, de fato, desenvolveu sua própria agência de missão (já em 1999), tornando-se um parceiro contribuinte no âmbito internacional. Outra evidência desta crescente autonomia é que todas as novas igrejas desde a década de 1990 foram plantadas por obreiros brasileiros e a maioria dessas igrejas seguiu o padrão mãe filha.

Certos fatores têm sido significativos no desenvolvimento missionário da AEM. Em primeiro lugar, as missões estrangeiras (especialmente a MMN e a MCCW) tomaram a maior parte da iniciativa e fizeram investimentos pesados de pessoal e finanças durante a maior parte da história da AEM. Em segundo lugar, a AIMB também forneceu apoio financeiro e de liderança. Desde a década de 1960 até a década de 1980, muitos dos líderes nacionais da AEM vieram originalmente da AIMB. Em terceiro lugar, a adoção não planejada do campo de Araguacema, ao mesmo tempo que exigiu consideráveis recursos humanos e financeiros, levou ao desenvolvimento de três regionais de igrejas, uma das quais inclui a capital da nação. Nenhuma outra igreja da AEM tem patrocinado novos começos como a IEM Araguacema. Em quarto lugar, tanto a expansão estratégica como a expansão espontânea levaram a AEM a ser principalmente uma denominação urbana. Das seis regiões, cinco estão centradas em grandes centros urbanos (São Paulo/Campinas, Curitiba, Goiânia, Recife, Brasília). Finalmente, as distâncias geográficas entre os grupos regionais de igrejas e ministérios, embora não necessariamente erro estratégico, tornaram mais difícil o desenvolvimento da unidade e do apoio mútuo.

**Leituras Recomendadas**

- Hochstetler, Otis E. e Sam Steiner. “Aliança Evangélica Menonita, Brazil.” Consultado em 31-8-2016.  
[http://gameo.org/index.php?title=Alian%C3%A7a\\_Evang%C3%A9lica\\_Menonita,\\_Brazil&oldid=132439](http://gameo.org/index.php?title=Alian%C3%A7a_Evang%C3%A9lica_Menonita,_Brazil&oldid=132439)
- Inhauser, Marcos Roberto. “The Evangelical Mennonite Church in Brazil: Identity and Mission.” Tese de DMin, Northern Baptist Theological Seminary, 1997.
- Musselman, Glenn E. “História da Associação Evangélica Menonita (AEM).” Em *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*, editado por Peter Pauls Jr., p. 204-208. Witmarsum, PR: Festkomitees für die Jubilaumsfeier, 1980.
- Peters, Hans Gerhard Peters. “Missões da Igreja Menonita – AEM.” Em *Quem Somos? 1930-2010: A Saga Menonita: Rompendo a barreira cultural*, editado por Udo Siemens, p. 93-108. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2010.
- Plenert, Steve. “Mennonites in Brazil celebrate transition from a receiving to a sending church.” Consultado em 31-8-2016.  
<http://www.mennonitechurch.ca/news/releases/2005/10/Release01.htm>.

**Perguntas de Estudo**

1. Identifique três mulheres notáveis na história da AEM? Que lições podem ser aprendidas de suas vidas?
2. Você concorda com esta afirmação: “Dadas as distâncias geográficas e a diversidade teológica entre as seis regiões da AEM, a tendência natural é se separar”? Por que ou por que não? Quão importante é que a AEM continue esforçando-se por unidade e cooperação por causa de sua missão? Discuta e ofereça sugestões para o caminho a seguir.
3. Considere a história da igreja em Araguacema. Esta “filha” nasceu em uma crise. Existem precedentes bíblicos de povos de Deus que enfrentaram crises na fase infantil? Quais fatores levaram Araguacema a sobreviver e prosperar como mãe e igreja missionária?

## 8. IGREJA DE DEUS EM CRISTO - MENONITA

A Igreja de Deus em Cristo - Menonita (IDCM) é presente no Brasil desde 1968. Embora até a década de 2000 a IDCM brasileira fosse classificada como um esforço missionário, na verdade foi iniciado por um reassentamento motivado pela preocupação com a corrupção moral presente nas escolas públicas e pelo alto custo da terra agrícola nos EUA.

### *Contextos Históricos*

Em 1834, John Holdeman nasceu em uma família tradicional menonita em Ohio, EUA. Durante os anos que se seguiram ao seu batismo (1854), ele ficou especialmente perturbado com a crescente decadência moral que ele observou em sua própria igreja menonita e em outras visitadas ou lidas por ele. Ele começou a ter visões e sonhos sobre a natureza da “igreja verdadeira”. Ele também relatou ter um chamado para o ministério, bem como poder e amor especiais como nunca experimentados antes. Além disso, tornou-se estudante sério da Bíblia, dos escritos de Menno Simons e dos outros anabatistas. Seus esforços de reforma encontraram pouco sucesso. Ele não foi reconhecido como candidato para o ministério nem foi convidado para palestrar em reuniões da igreja. Finalmente, ele convocou sua própria reunião de reforma com os poucos indivíduos que tinham a mesma opinião e que ele conseguira persuadir. Em 1859, a igreja da “verdadeira linhagem” nasceu e recebeu o nome de “Igreja de Deus em Cristo - Menonita”. Esta igreja, de acordo com Holdeman, seria a portadora do candelabro de Cristo.

### **Tragédia & Testemunho**

Um trágico evento com um impacto evangelístico ocorreu em 19 de março de 1973. Os pioneiros Denton Burns e Pete Loewen foram mortos em um acidente de trânsito perto de Goiânia. Não ocorreu aos colonos norte-americanos seguir o costume brasileiro de publicar a hora e o local do funeral. No entanto, obviamente impressionado com seu estilo de vida e em solidariedade à sua dor, o prefeito de Rio Verde fez tudo o que pôde para anunciar o primeiro funeral do assentamento. Centenas de pessoas estavam presentes, de Rio Verde, de comunidades circunvizinhas e até mesmo missionários menonitas (Otis e Betty Hochstetler) de Brasília. A perda de dois homens-chave para o assentamento foi compensada pela audiência do evangelho obtida por centenas de pessoas naquele dia.

(Charles Becker)

O crescimento foi mínimo durante as duas primeiras décadas. No entanto, com a migração de um grande grupo de menonitas russos (“russos poloneses” da região de Ostrog e *Kleine Gemeinde* ou “Pequeno Rebanho” da região de Molotschna), novos adeptos foram conquistados e grande surto de crescimento ocorreu. Esses membros da linhagem russa agora formavam a maioria da IDCM norte-americana. O trabalho missionário foi iniciado no início dos anos 1930 e, até 1978, seu programa de literatura cristã havia se espalhado para cerca de 50 países.

Em novembro de 1968, duas famílias chegaram ao Brasil dos EUA. Parece que o interesse deles era principalmente ético. Eles queriam se localizar em uma área rural onde poderiam criar suas famílias de acordo com os princípios bíblicos. No ano seguinte, uma grande fazenda perto de Rio Verde, GO, foi comprada e dividida entre oito famílias. Outras famílias da IDCM continuaram a chegar e compraram fazendas vizinhas, onde começaram a produção de soja. Os cultos de adoração foram inicialmente realizados em inglês. No entanto, dentro de dois meses, os cultos progrediram para o inglês com tradução para o português. Enquanto a motivação inicial para a mudança para o Brasil parecia ser ética e econômica, o interesse missionário logo se acendeu e as igrejas começaram a ser desenvolvidas entre os brasileiros.

### *Características Denominacionais*

Muitos distintivos e ênfases introduzidos pelo profeta-fundador John Holdeman ainda são seguidos. Estes incluem assuntos teológicos e éticos.

Teologicamente, a IDCM mantém a maioria das doutrinas aceitas entre menonitas e evangélicos. Entre estas estariam incluídas a inspiração das Escrituras, a necessidade de genuíno renascimento e o batismo do crente (por afusão). Exclusivo para a IDCM é a sua doutrina central de ser “a verdadeira igreja”, a natureza autoritativa de sonhos e outras revelações especiais, e “sua adesão à cristologia docética da ‘carne celestial’ de Menno.”<sup>90</sup>

Eticamente, com outros menonitas, a IDCM enfatiza o discipulado de seguir a Cristo, a não resistência física, a não conformidade com o mundo e a disciplina consistente na igreja. Como os anabatistas e a maioria dos menonitas dos séculos passados, eles continuam praticando a evitação daqueles que são excomungados (a proibição), e a lavagem dos pés. A comunhão ecumênica e a cooperação com cristãos de outras convicções são pelo menos desencorajadas.

---

<sup>90</sup> Clarence Hiebert, *The Holdeman People: The Church of God in Christ, Mennonite, 1859-1969* (South Pasadena, EUA: William Carey Library, 1973), p. 386-387.

## ***Evangelismo e Plantação de Igrejas***

Nas cinco décadas que se seguiram à sua chegada, a IDCM conseguiu estabelecer cinco igrejas e quatro congregações em sete estados do Brasil. No entanto, a espinha dorsal de seu esforço missionário é o ministério de literatura.

### **Monte Alegre**

O assentamento agrícola de Monte Alegre é localizado a cerca de 30 quilômetros ao noroeste da cidade de Rio Verde, GO. Os cultos dominicais foram iniciados em 8 de junho de 1969, imediatamente após a chegada dos primeiros colonos (as famílias de Dick Toews e Denton Burns). Mais famílias continuaram a chegar naquele ano, incluindo a do primeiro ministro ordenado, John N. Penner. Embora os primeiros cultos fossem realizados ao ar livre, em setembro, o grupo crescente pôde se encontrar na casa recém-construída do ministro Jona Dyck. Esse padrão continuou até 1972, quando a construção de uma casa de culto permanente começou. Os cultos de adoração incluíram norte-americanos e brasileiros desde o início. Os primeiros

## **Um Folheto em Moçambique**

A Igreja Evangélica Menonita de Moçambique começou em 1991 depois que líderes de uma igreja africana leram um folheto da IDCM do Brasil.

A igreja pertencia a uma denominação chamada Velhos Apóstolos, que havia começado na África do Sul. Dois membros da igreja, Plácido Razo Meneses e Fernando Abreu Sitande, encontraram um folheto evangelístico da IDCM brasileira. Meneses e Sitande foram atraídos pela teologia apresentada no panfleto (o batismo do crente, as Escrituras para todos, a paz). Resolveram escrever para esta igreja brasileira, pedindo afiliação.

A igreja brasileira ofereceu-lhes afiliação, mas estipulou várias regras [...]. Eles decidiram não se juntar a este grupo menonita. No entanto, eles não podiam mais adorar pacificamente com os Velhos Apóstolos. Então, um pequeno grupo deixou a igreja e, chamando-se menonitas, começou outra igreja. Este grupo foi logo seguido por cerca de 800 pessoas.

Em 1994, um menonita canadense que trabalhava pela Visão Mundial, Rudy Wiens, começou a se reunir e a adorar com esta igreja, dando apoio e orientação à teologia e à prática menonita. Durante esse tempo, a igreja crescente [...] começou a buscar contato com outros menonitas, o que os levou ao CCM e, por sua vez, à AEM do Brasil, com quem agora são parceiros.

(Janet Plenert e  
João de Brito)

batismos dos norte-americanos foram realizados em 1970 e dos brasileiros em 1974.

A igreja de Monte Alegre desempenhou papel fundamental no estabelecimento de igrejas filhas em **Rio Verde** e **Rio Verdinho**. Além disso, forneceu liderança e recursos à Junta de Missão da IDCM. Um bom número de missionários foi enviado de Monte Alegre para missões de plantação de igrejas em **Pirenópolis** (GO), **Goiânia**, **Acarau** (CE) e **Mirassol** (SP). Em um esforço para apoiar a membra da igreja, Maria Barros, e seus esforços evangélicos ao se mudar para Goiânia, os cultos foram iniciados em sua casa em 1984. Desde então, essa expansão transformou-se em uma congregação com missionários residentes em tempo integral.

### **Ministério de Literatura Cristã**

Central à divulgação evangélica da IDCM é o programa de literatura cristã, iniciado em 1974 por iniciativa de Dean Becker e Eldon Smith. No ano seguinte, foi inaugurado o primeiro centro de literatura na cidade de Rio Verde, com Mark e Glenda Loewen como obreiros literários. Começando com folhetos traduzidos do inglês e patrocinados até 1997 pelo programa de folhetos dos EUA, este ministério agora atinge centenas de milhares por ano no Brasil e além. Por meio de obreiros patrocinados pela IDCM e outros distribuidores evangélicos, os folhetos alcançam os interessados. Se começa uma correspondência e continua o interesse na parte do buscador, uma visita pessoal é agendada. Isso pode levar a encontros evangélicos na casa do buscador e, possivelmente, à colocação de um missionário<sup>91</sup> e à plantação de uma nova congregação. Esse foi o padrão em **Acarau** (CE), **Mirassol** (SP), **Patos** (PB) e **Pirenópolis** (GO).

Além de folhetos evangélicos, o ministério de literatura cristã publica outros materiais (especialmente livros cristãos) que são distribuídos e vendidos. Em 1999, um curso de correspondência bíblica foi iniciado. Alguma desta literatura chega às prisões brasileiras. Durante um ano (nos anos 1990), 170 Bíblias e 67.876 folhetos foram enviados a prisioneiros, 49.900 folhetos foram vendidos a distribuidores evangélicos e 503.925 folhetos foram distribuídos por funcionários da IDCM.

### **Rio Verde**

O primeiro centro de literatura da IDCM aberto nesta cidade em 1974 lançou as bases para uma futura igreja.<sup>92</sup> Com a colocação dos Loewens como

---

<sup>91</sup> Inicialmente, os missionários receberam apoio da Junta de Missão Geral da América do Norte da IDCM. No entanto, há vários anos, todos os missionários são enviados e apoiados pela Junta de Missão da IDCM no Brasil.

<sup>92</sup> O historiador da IDCM, Charles Becker, também vê o papel significativo desempenhado pelo médico missionário Donald Gordon. Este presbiteriano norte-americano chegou em 1926 e passou as próximas décadas construindo um hospital evangélico que serviria tanto as necessidades físicas quanto espirituais. Becker

os primeiros obreiros literários (1975-1979), o interesse cresceu e logo os Loewens estavam transportando um carro cheio de visitantes para adorar aos domingos na igreja de Monte Alegre. Percebendo o interesse espiritual na cidade, a igreja de Monte Alegre patrocinou uma semana de reuniões evangelísticas em um auditório da escola em 1977. Posteriormente, uma pequena casa foi comprada e reformada para o local do encontro. O primeiro culto foi realizado em junho de 1979, com Daniel Kramer e Charles Becker como líderes.

Embora o crescimento tenha sido lento, o retorno dos Loewens como missionários residentes levou ao estabelecimento de uma igreja, à construção de um edifício permanente (1985) e aos primeiros batismos. Em 1987, Cláudio Gonçalves Silva foi o primeiro pastor brasileiro a ser ordenado na IDCM e imediatamente assumiu a responsabilidade pastoral na igreja de Rio Verde.

### **Rio Verdinho**

Esta foi a segunda igreja a ser estabelecida com famílias de imigrantes norte-americanos. Em 1976, um esforço sem êxito foi feito para iniciar uma igreja no assentamento agrícola Rio Verdinho. No entanto, em 1986, a ideia surgiu novamente. Desta vez houve concordância sobre a necessidade de mais espaço na igreja de Monte Alegre. Foi tomada a decisão de transferir um terço dos membros para a nova igreja em Rio Verdinho. Quando o pioneiro Jonas Schultz doou um lote para uma escola e uma igreja, a construção começou no início de 1987. O primeiro culto foi realizado no final daquele ano tendo Richard Mininger como primeiro ministro da igreja.

A igreja tem sido um parceiro missional ativo com a igreja de Monte Alegre. Mais tarde a Rio Verdinho assumiu a responsabilidade por uma escola dominical iniciada por Monte Alegre na cidade vizinha Jataí. Além disso, trabalha ativamente com Monte Alegre para apoiar o ministério da Junta de Missão e enviou casais membros em várias missões de longo prazo para Goiânia, Acaraú (CE), Patos (PB), Fortaleza (CE) e Moçambique. Outros programas incluem cultos carcerários, itens costurados para hospitais e lares de idosos, bem como cestas básicas de Natal.

### **Pirenópolis**

A estratégia de evangelismo e plantação de igrejas descrita acima (Ministério da Literatura Cristã) é ilustrada no caso desta congregação, por um tempo uma igreja autônoma. Pirenópolis é uma pequena cidade localizada entre Goiânia e Brasília. Os primeiros contatos foram feitos pelos obreiros literários em 1989. A correspondência foi iniciada, as visitas foram feitas e os primeiros missionários (Myron e Martha Kramer) foram enviados. Como a congregação foi capaz de atrair e reunir membros com potencial de liderança

---

acredita que isso deixou uma impressão positiva que preparou a cidade para o próximo grupo de cristãos norte-americanos a chegar, ou seja, os menonitas.

e meios econômicos, alcançou o *status* de autonomia em 1997. No entanto, uma série de dificuldades levou ao fechamento nos últimos anos.

### Boa Esperança e Palmas

Seguindo o padrão familiar de famílias mais jovens em busca de novas oportunidades agrícolas a um custo acessível, um grupo mudou-se para Boa Esperança do Norte, Mato Grosso (MT) em 1994. O assentamento é localizado a cerca de 50 quilômetros a sudeste da vila de Boa Esperança, no município de Nova Ubiratã. Até 1996, uma igreja havia sido organizada e, no ano seguinte, os primeiros batismos foram realizados. Um padrão similar de migração econômica e estabelecimento de igreja ocorreu recentemente em Palmas, TO.

**TABELA 16: IGREJA DE DEUS EM CRISTO - MENONITA**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
Monte Alegre	Rio Verde, GO	Imigrantes	1969	1969	
Rio Verde	Rio Verde, GO	Monte Alegre	1975	1985	
Goiânia	Goiânia, GO	Monte Alegre, Junta de Missão	1984		
Rio Verdinho	Rio Verde, GO	Colonos, Monte Alegre	1987	1987	
Acaraú	Acaraú, CE	Junta de Missão	1987		
Patos	Patos, PB	Junta de Missão	1988		
Pirenópolis	Pirenópolis, GO	Junta de Missão	1989	1997	Anos 2000
Mirassol	Mirassol, SP	Junta de Missão	1990		
Boa Esperança	Nova Ubiratã, MT	Colonos	1996	1996	
Curitiba	Curitiba, PR	Junta de Missão	1999		Anos 2000
Palmas	Palmas, TO	Colonos	2003	2003	

### *Missão Integral*

Além do socorro espontâneo para pessoas e famílias necessitadas da igreja local, bem como algumas doações feitas para o Hospital Evangélico de Rio Verde, a IDCM envolveu-se principalmente na operação de escolas primárias como seu foco principal de ministério social. Atualmente, quatro escolas são operadas sob o patrocínio da IDCM: Monte Alegre, Rio Verdinho, Rio Verde (todas em GO) e Boa Esperança (MT). A primeira foi iniciada em 1970, a Rio Verdinho em 1983 e as duas últimas nos anos 2000. Como as escolas foram fundadas inicialmente para atender às necessidades educacionais dos filhos dos imigrantes, a instrução é oferecida em inglês e (por lei) em português. No entanto, as crianças brasileiras sempre foram admitidas e receberam educação cristã de qualidade. O primeiro dos muitos batismos da juventude brasileira (1974) foi de uma jovem que frequentou a escola de Monte Alegre.

### **Reflexão Missiológica**

Como é verdade nas outras missões menonitas, a maior parte da reflexão sobre a missão de Deus e seu papel nessa missão ocorre informalmente em encontros semanais e periódicos. Incluídos nesses encontros são os cultos, as conferências missionárias e as visitas aos campos. Além disso, pensativos artigos missionários, tanto devocionais quanto informativos, são frequentemente encontrados na publicação mensal da IDCM, *O Mensageiro*.

### **Resumo e Conclusões**

A missão da IDCM está presente e ativa no Brasil desde 1968, particularmente no evangelismo por meio da literatura e plantação de igrejas. Os principais fatores em seu desenvolvimento missionário incluem a visão missional dos colonos imigrantes, a assistência da IDCM norte-americana e o ministério literário pré-evangelístico.

### **Leituras Recomendadas**

Hiebert, P.G., e Clarence Hiebert. "Church of God in Christ, Mennonite (CGC)." Consultado em 4-9-2016.

[http://gameo.org/index.php?title=Church\\_of\\_God\\_in\\_Christ,\\_Mennonite\\_\(CGC\)&oldid=135547](http://gameo.org/index.php?title=Church_of_God_in_Christ,_Mennonite_(CGC)&oldid=135547).

Hiebert, Clarence. *The Holdeman People: The Church of God in Christ, Mennonite, 1859-1969*. South Pasadena, EUA: William Carey Library, 1973.

"Igreja de Deus em Cristo - Menonita." Consultado em 21-3-2018.

<http://www.menonita.org.br>.

Koehn, Rueben. "Church of God in Christ, Mennonite (Holdeman)." Em *Mennonite World Handbook: A Survey of Mennonite and Brethren in Christ Churches*. Paul N. Kraybill, ed. Lombard, EUA: Mennonite World Conference, 1978.

### **Perguntas de Estudo**

1. Teologia: como as convicções teológicas da IDCM influenciaram sua abordagem à missão? Dê exemplos e discuta.
2. Contextualização: os imigrantes trouxeram a semente do evangelho ou uma planta em vaso? Até que ponto as igrejas da IDCM são autenticamente brasileiras? Discuta.
3. Estratégia: à luz de I Coríntios 3:5-8, considere e discuta a história da IDCM de plantar a semente do evangelho por meio de seu ministério de publicações.



## 9. ASSOCIAÇÃO MENONITA BENEFICENTE

A Associação Menonita Beneficente (AMB) teve seu início informal em 1984, quando o fundador Peter Pauls Junior foi movido a fazer algo pelo crescente número de sem terra que acampava ao lado da estrada perto de Witmarsum, PR. Ele começou a mobilizar voluntários para aliviar suas necessidades, fornecendo-lhes comida, roupas, amizade e amor de Deus. Em 19 de agosto de 1988, sob a liderança de Pauls e o patrocínio de 35 indivíduos menonitas na região de Witmarsum-Palmeira do PR, a AMB foi legalmente organizada. É uma missão integral interdenominacional que fornece aos indivíduos e famílias necessitados a assistência espiritual, educacional e material. Tem atendido comunidades rurais em até 25 municípios na região sudeste do PR (atualmente ativa em sete deles), e por meio de seu ministério de literatura, estende-se por todo o Brasil e para a África lusófona. Atualmente a AMB possui escritórios em Witmarsum e Palmeira.



Peter & Anna Pauls

### *Evangelismo e Plantação de Igrejas*

A AMB não tem a plantação de novas igrejas como um aspecto expresso de sua missão; no entanto, o evangelismo é central.<sup>93</sup> Nas palavras de Pauls e do ex-diretor Abrão Friesen, “em todos os projetos de assistência e desenvolvimento, o evangelismo é incluído como a força condutora que leva à transformação do homem interior, a fim de melhorar seu bem-estar socioeconômico”.<sup>94</sup>

Atividades evangelísticas são realizadas usando quatro métodos principais. Primeiro, os **cultos evangelísticos** acompanham cada distribuição de roupas em massa. Até 2015, a AMB distribuía roupas para mais de 200 comunidades rurais. Como o contato não era frequente, uma celebração especial incluindo o culto evangelístico era realizada em cada visita da equipe

---

<sup>93</sup> Novos convertidos são encorajados a crescer em uma igreja cristã de sua escolha, seja evangélica ou católica. Havia interesse por parte do fundador Pauls em fazer com que menonitas ou outros evangélicos plantassem igrejas em comunidades onde elas não existem. Várias congregações foram plantadas por missões relacionadas à igreja como resultado.

<sup>94</sup> Peter Pauls Jr. e Abrão Friesen, “Entidade auxilia carentes,” *Cidade Clima*, 22-8-1998, p. 11.

missionária. Encontros especiais também são realizados durante feriados e períodos de férias, como Natal e Páscoa. Em segundo lugar, o **aconselhamento espiritual** é dado de maneira espontânea sempre que possível. Isso ocorre com maior frequência quando o contato com pessoas carentes é contínuo, como nos programas de patrocínio de crianças e famílias ou nas maternidades. Terceiro, a **literatura cristã** é editada, publicada e distribuída pela AMB. Isso inclui Bíblias e o calendário devocional, *O Mensageiro*. Este último tem distribuição total de até 500.000 e atinge leitores no Brasil, Angola e Moçambique. Finalmente, um **curso de correspondência bíblica evangelística** é oferecido aos buscadores e novos leitores da Bíblia. Este está baseado na sede da AMB em Witmarsum (PR), mas chega a todo o Brasil.

### ***Missão Integral***

A AMB, embora seja uma missão relativamente jovem, conduz impressionante variedade de ministérios para alcançar a pessoa integral com as boas novas de Jesus Cristo. Pelo menos dez projetos diferentes foram operativos. O **Projeto Distribuição de Roupas** (terminado em 2015) foi realizado em doze viagens mensais entre 19

municípios atendidos pela AMB. O objetivo deste projeto era levar roupas usadas para famílias carentes pré-cadastradas. Além de roupas, outros itens pessoais e domésticos eram incluídos, tais como: sapatos, cobertores e utensílios de cozinha. Este projeto alcançava até 20.000 famílias, ou aproximadamente 80.000 pessoas anualmente. Os seguintes municípios foram

### **Pequenos Embaixadores de Deus**

Eu ouvi a voz:

“Vede, Eu enviarei o meu MENSAGEIRO”. Em 1984, o livreto *O Mensageiro* nasceu, produzido na comunidade de Witmarsum, no Paraná. Este era o quartel general de onde esta carta de Deus ao povo brasileiro começou a se espalhar e sua leitura gradualmente sendo adotada nas famílias e escolas, em hotéis e hospitais, nas universidades e indústrias, nas comunidades e nas sociedades. Muitos postos de gasolina tornaram-se centros de distribuição deste livreto. Ele também foi adotado por algumas estações de rádio, em escolas, em eventos, bem como em prisões e em quartéis [...]. Em 1984, cinco mil cópias impressas puderam ser distribuídas. Era como uma pequena faísca que precisava se transformar em rando fogueira. A impressão cresceu ano após ano e, em 2012, mais ou menos 370.000 cópias puderam ser distribuídas no Brasil e na África, em Moçambique e em Angola. Estes pequenos livros devocionais, com versículos oferecendo soluções para o dia a dia e testemunhos da vida prática, são pequenos embaixadores de Deus, que levam a mensagem da salvação de Jesus Cristo pela nação.

(Peter Pauls Jr.)



**Doações de roupas distribuídas**

incluídos neste projeto: Palmeira, São João do Triúnfo, Antônio Olinto, São Mateus do Sul, Rio Azul, Rebouças, Fernando Pinheiro, Irati, Teixeira Soares, Ibituva, Guamiranga, Ivai, Ipiranga, Reserva, Tibagi, Ponta Grossa, Campo Largo, Balsa Nova, e Porto Amazonas.

No **Projeto Saúde**, medicamentos e equipamentos médicos são doados por indivíduos e igrejas da Alemanha, para postos de saúde e hospitais municipais de Palmeira. Além disso, são oferecidas consultas em dois postos fora da cidade de Palmeira, além de visitas e encaminhamentos.

No **Projeto Ação Contra a Fome**, são servidas 100 refeições quentes para os famintos em Palmeira, uma cidade de aproximadamente 34.000 habitantes. Os que são servidos incluem principalmente mães e crianças que foram abandonadas ou cujos maridos/pais estão desempregados. Um aspecto importante deste projeto é que as mulheres são capazes de aprender habilidades culinárias adicionais enquanto ajudam a preparar as refeições. Este projeto também inclui a distribuição de alimentos não perecíveis para famílias carentes contatadas por meio de outros projetos.

O **Projeto Construção** foi inicialmente um projeto independente, mas foi recentemente incorporado ao Projeto Apadrinhamento de Criança. Facilita a assistência material às famílias que precisam de moradia. Materiais de construção, bem como móveis e utensílios domésticos são doados. Aconselhamento familiar e espiritual é oferecido para construir uma casa e um lar. O **Projeto Apadrinhamento de Criança** atinge 360 crianças individuais por meio de patrocinadores do Brasil, Alemanha e Canadá. A assistência monetária contribui para a alimentação adequada, vestuário, saúde e educação. O pessoal da AMB visita regularmente essas crianças e suas famílias. Outro aspecto deste projeto é para auxiliar no transporte de crianças portadoras de deficiência para uma escola especial em Palmeira.

O **Projeto Bolsista**, que funciona desde 1990, ajuda estudantes pobres a receber formação profissional, seja técnica ou acadêmica. Os estudantes frequentam faculdades técnicas, universidades, aulas de música ou seminário. Muitos patrocinadores são da Alemanha, mas a ajuda também é recebida do governo brasileiro e de doadores individuais. Em 2013, cerca de 40 estudantes recebiam bolsas de estudo.

As famílias alemãs adotam famílias brasileiras carentes, tendo a AMB como mediadora e facilitadora do **Projeto Apadrinhamento Familiar**. O pessoal da AMB que visita as famílias adotadas regularmente administra doações de recursos financeiros e materiais, além de oferecer cursos e orientação espirituais e focados na família. Recursos de produção de alimentos são fornecidos, como sementes, árvores frutíferas e animais domésticos. Uma

relação entre as famílias é encorajada e perseguida, incluindo correspondência e até visitas do exterior. Mais de 110 famílias estão neste programa, com outras 130 recebendo assistência ocasional.

Algumas das mesmas características estavam presentes no **Projeto Agrícola**, um programa de autoajuda que se empenhou em apoiar os pequenos produtores rurais com sementes e orientação técnica. Um programa de empréstimo rotativo forneceu vacas leiteiras e alguns cavalos. Árvores frutíferas foram doadas para melhorar a dieta e nutrição. O objetivo maior era manter o agricultor de subsistência na fazenda, em vez de ele emigrar para um futuro incerto nos grandes centros urbanos. Este projeto foi fundido no **Projeto AgroFam** em 2014, que também facilita a produção e venda de mel.

Em 1997, 143 **Clubes de Mães** estavam em operação nas comunidades onde a AMB atua. Mais de 3.000 mulheres e adolescentes reuniram-se para aprender técnicas de costura, culinária e educação dos filhos. Máquinas de costura e materiais foram fornecidos como parte da motivação para as mulheres e moças. Uma parte de qualquer receita é devolvida à AMB. Cantar e aconselhar completavam as atividades dos clubes, os quais foram descontinuados em 2013 devido à falta de voluntários, no entanto muitos dos serviços foram integrados em outros projetos.



AMB alcança muitas crianças

**Lar Levi** era uma casa de acolhimento familiar, operada pela AMB. Na comunidade de Pugas, quatro casas foram construídas para fornecer um lar a mais de 40 crianças em risco. As crianças viviam em um ambiente familiar cristão, em que cada casa tinha um casal de pais e cada filho tinha irmãos e irmãs. Todo esforço era feito para restaurar as crianças aos pais ou parentes próximos. Desde 2011, o Lar Levi tornou-se um serviço de uma casa só na cidade de Palmeira, cuidando de no máximo dez crianças, com idades entre um dia e doze anos. Opera sob os serviços sociais do governo.

Obviamente, muitos serviços exigem volume substancial de recursos humanos. Voluntários locais dão generosamente o seu tempo, no entanto os muitos serviços da AMB também oferecem oportunidades para jovens adultos **voluntários da Alemanha**. Em um período recente de sete anos, 60 voluntários vieram da Alemanha por meio dos parceiros *Freundeskreis Christlicher Mission* (Amigos da Missão Cristã) e *Christliche Dienste* (Serviço Voluntário Menonita). Voluntários normalmente vêm por seis a doze meses.

A AMB continua a ajustar e adaptar seus programas integrais de acordo com as realidades e necessidades sociais atuais. Novas iniciativas recentes incluem o **Projeto Fortalecendo Conexões**, que fornece assistência social e

espiritual a idosos solitários, e o **Projeto Construindo Valores**, que oferece aulas de ética com base cristã em sete escolas públicas.

### ***Reflexão Missiológica***

A reflexão missiológica formal por parte desta jovem missão já começou e pode ser vista em pelo menos duas publicações: *AMB na Comissão de Deus, 25 Anos, 1988-2013*; e *Embaixadores de Cristo*, o periódico informativo publicado bimestralmente. Por meio do treinamento contínuo, certa quantidade de reflexão semiformal está ocorrendo. Além disso, nos tempos diários e semanais separados para a devoção e o diálogo, a reflexão e a projeção informais da missão certamente estão acontecendo de forma contínua.

### ***Resumo e Conclusões***

A AMB é a única missão menonita que se concentra principalmente em pequenas cidades e vilas rurais. Como missão, encontrou um nicho não alcançado na sociedade e está procurando alcançar a pessoa integral com o evangelho integral. Embora à primeira vista seja uma missão de alívio e desenvolvimento, um olhar mais atento revela que ela é abertamente cristã e ousadamente evangelística. Ao mesmo tempo, é ecumênica, pois reconhece o papel de outras igrejas cristãs e as recomenda a novos seguidores.

Por ser uma missão nova e relativamente pequena, a AMB administra uma série impressionante de programas de assistência como parte de seu ministério integral. Aproximadamente a metade dos programas é de natureza de alívio, e metade está focada no desenvolvimento. Isto é notável em uma sociedade em que os pobres frequentemente esperam doações dos ricos. A crescente ênfase na autoajuda e na capacitação é essencial nesse sentido. Destaca-se também a crescente proporção de recursos provenientes do Brasil. Uma estimativa recente indica que 55% das finanças da AMB são agora levantadas no Brasil.

Três fatores foram essenciais no início e no desenvolvimento desta missão holística. O primeiro fator foi o papel destacado do fundador/diretor Peter Pauls no fornecimento de visão, na compaixão e na organização. O segundo fator tem sido a extensa base de apoio que inclui diversidade de parcerias entre cristãos, denominações e países. Isso facilitou o rápido crescimento e influência em um período relativamente breve. O terceiro fator é a devoção e compromisso sacrificial de voluntários locais da colônia de Witmarsum (PR) e igrejas vizinhas. É verdade que voluntários e doações internacionais são componente essencial para alcançar as milhares de pessoas necessitadas que a AMB inclui em seu campo missionário, mas é o amor consistente e persistente por parte dos obreiros locais que formam a espinha dorsal dessa jovem missão.

***Leituras Recomendadas***

“Associação Menonita Beneficente.” Consultado em 5-9-2016.

<http://missaoamb.org>.

Pauls, Christian, Hans Werner Pauls, Ute Funck Warkentin, and Heinz Egon Philippsen, eds. *AMB na Comissão de Deus, 25 Anos, 1988-2013*. Palmeira, PR: Associação Menonita Beneficente, 2013.

***Perguntas de Estudo***

1. Às vezes, os menonitas são vistos como isolacionistas. Como a história da AMB aborda esse estereótipo? Reflita sobre as relações entre germânicos e brasileiros, entre voluntários não brasileiros e as igrejas brasileiras, bem como entre menonitas e outros cristãos.
2. Quais aspectos de uma teologia anabatista da missão são claramente evidentes na abordagem missional da AMB, e quais, se houver, são mais difíceis de encontrar?
3. Quais ingredientes tiveram os menonitas da região de Witmarsum (PR) que os prepararam bem para alcançar os grupos sociais que a AMB alcança? Há lições missiológicas a ser aprendidas aqui?

## 10. IGREJA EVANGÉLICA IRMÃOS MENONITAS RENOVADA

### *Contextos Históricos*

Esta é a mais jovem denominação menonita no Brasil, já que surgiu apenas em 1988.<sup>95</sup> É também notável por ser a única denominação menonita com um caráter decididamente pentecostal. Ela surgiu como resultado de uma divisão na IEIM de Jd. Santo Eduardo em 1988. Após um período de reavivamento caracterizado por manifestações clássicas de pentecostalismo (veja abaixo), a liderança regional das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas de São Paulo solicitou ao grupo pentecostal que se desassociasse da convenção regional, deixasse o prédio da igreja e adorasse em outro lugar. Sua intenção em tomar essa ação foi preservar a unidade das IEIM mais tradicionais naquela região. Noventa e cinco membros da igreja local respeitaram esse pedido. A separação ocorreu sem hostilidade e como registrada, em “amor fraternal”.<sup>96</sup>

Liderados por José Eguiny Manente, o grupo separado decidiu formar uma nova igreja. Eles se chamaram a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada (IEIMR).<sup>97</sup> A nova igreja foi fundada em maio de 1988 e assumiu o *status* legal no ano seguinte. Uma sala temporária foi utilizada até que um templo pudesse ser construído e inaugurado em 1992. A IEIM Jd. Santo Eduardo, a instalação temporária e o prédio permanente são todos localizados em Embu das Artes, uma cidade satélite de São Paulo.



José & Neuza Manente

### *Pentecostal e Menonita*

O reavivamento possuía certas características que criaram tensão com as igrejas tradicionais na regional de SP. Entre essas características, estava o fomento de uma segunda experiência normativa do batismo do Espírito Santo

---

<sup>95</sup> Em março de 2016, ocorreu uma fusão significativa entre a COBIM e a Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada. Essa fusão acrescentou regiões, igrejas e membros ao *status* da COBIM, além de outras dinâmicas. Como a maior parte da história e do desenvolvimento desta denominação ocorreu independentemente da COBIM, eu devo lidar com os desenvolvimentos históricos e as análises missiológicas separadamente.

<sup>96</sup> José Eguiny Manente, “A História Menonitas Renovada em sua forma abreviada,” consultado em 9-9-2016, <https://sites.google.com/site/irmaosmenonitasrenovada/what-we-believe>.

<sup>97</sup> Doravante, usarei a abreviatura IEIMR quando a referência é de natureza geral, ou da organização.

evidenciada por falar em línguas, com ênfase em manifestações de profecias e curas, bem como animadas orações simultâneas que alguns viam como excessivamente emocionais. Estas características têm continuado. Outras expressões que revelam um caráter pentecostal incluem tempos frequentes e prolongados de orações e jejuns corporativos, o uso de líderes leigos treinados informalmente em pontos de pregação e congregações, e meios ousados de evangelismo que constantemente leva o evangelho às ruas.

Ao mesmo tempo, a IEIMR leva a sério suas origens na IEIM e se vê como instrumento de renovação para todas as denominações menonitas. Como apresentado em sua introdução pública (veja *site* na Nota de rodapé n. 96), a IEIMR alinha-se explicitamente com os movimentos anteriores de renovação, ou seja, os anabatistas e os irmãos menonitas. Existe clara convicção de que o que une a IEIMR a outras missões menonitas é maior que as divergências.

### ***Evangelismo e Plantação de Igrejas***

A expansão começou imediatamente para este novo grupo, visto que ousadamente evangelizaram, plantaram novas congregações e pontos de pregação. Os métodos usados incluíam a pregação evangélica dentro e fora das instalações da igreja, visitação, ministérios de cura e libertação. Além disso, equipes de saturação trabalham nas ruas, utilizando pregação, aconselhamento, oração, literatura e ajuda material. Para desenvolver o interesse missionário e chamar fazedores de tendas, um serviço missionário é realizado uma vez por mês.



**Sede da IEIMR, Embu das Artes, SP**

Desde 2011, a nova forma de evangelização tem resultado em muitas conversões, a saber, o “Encontro com Deus”. É um retiro de fim de semana em que aproximadamente 150 pessoas se reúnem a cada dois meses para uma intensa experiência com Deus longe de tudo que distrai. Inclui mensagens focadas nas necessidades sentidas pelos participantes (casamento, família, vícios, emprego etc.), oração e adoração, e uma atmosfera de amor e aceitação. Há sempre conversões e começos de transformação da vida. Outro método frutífero tem sido o “Lar da Paz”, em que uma família conflituosa recebe uma equipe da igreja para reuniões em casa uma vez por semana, durante sete semanas. Oração, adoração, estudo bíblico, aconselhamento, bem como modelagem saudável do casamento cristão e da família são oferecidos, após o qual a família é desafiada a escolher se querem Cristo em sua casa e, se sim, se um grupo célula pode começar. A IEIMR usa abordagens de grupos células

modificadas de acordo com a necessidade e o contexto. Os batismos mensais na igreja matriz convidam muitos a uma nova vida em Cristo e na igreja.

O resultado tem sido uma extensão em pelo menos seis estados. As descrições a seguir são necessariamente breves, pois poucas informações concretas estão disponíveis, dado o *status* mais novo e dinâmico desse movimento. A ordem de apresentação segue a ordem cronológica de expansão.

### São Paulo

Após a fundação da nova igreja, os pontos de pregação multiplicaram-se nos anos seguintes. A estrutura segue o típico padrão pentecostal brasileiro de uma igreja matriz central que inicia pontos de pregação. Algumas delas se tornam congregações e, posteriormente, igrejas semiautônomas. Outros se fundiram com congregações vizinhas ou fecharam.

**TABELA 17: IEIMR - SÃO PAULO**

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
<b>Embu (matriz)</b>	Embu das Artes	IEIM Jd. Santo Eduardo	1988	1988	
<b>Jd. Julia</b>	Embu das Artes	Embu	1988		Anos 2000
<b>Jd. Valo Verde/ Vazame</b>	Embu das Artes	Embu	1989		
<b>Jd. Castilho/ Jd. São Luiz</b>	Embu das Artes	Embu	1991		
<b>Jd. Valo Velho</b>	Embu das Artes	Embu	Anos 90		1999
<b>Jd. Dom José</b>	Embu das Artes	Embu	Anos 90		1999
<b>São José do Rio Pardo</b>	São José do Rio Pardo	Embu	2000		Anos 2000
<b>Branca Flor</b>	Itapeperica da Serra	Embu	Anos 2000		
<b>Santa Emília</b>	Embu das Artes	Embu	Anos 2000		
<b>Piracicaba</b>	Piracicaba	Embu	Anos 2000		
<b>Espaço Menonita</b>	Embu das Artes	Embu	2014		
<b>Mimás</b>	Embu das Artes	Embu	2015		

### Paraná

O movimento de renovação espalhou-se de São Paulo para Curitiba em 1990. Os cultos foram iniciados na casa de Manfred e Ana Klassen, e logo uma igreja central desenvolveu-se no bairro do Alto Boqueirão. A partir daí, novas congregações foram desenvolvidas nas cidades e comunidades próximas, como mostra a tabela a seguir:

TABELA 18: IEIMR - PARANÁ

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Autonomia</u>	<u>Fechado</u>
Alto Boqueirão	Curitiba	Embu	1990	1995	
Sítio Cercado	Curitiba	Boqueirão	1992		Anos 2000
Porto Amazonas	Porto Amazonas	Boqueirão	1993		Anos 2000
Palmeira	Palmeira	Boqueirão	Anos 90		Anos 2000

### Bahia

Um grande salto foi dado pela IEIMR em 1994, quando os missionários pioneiros Dejair e Maria da Silva foram enviados para a distante cidade de Barreiras, na BA. No entanto, o risco provou valer a pena, uma vez que numerosas congregações e pontos de pregação foram estabelecidos nesta região interior, como mostra a tabela a seguir.

TABELA 19: IEIMR – BAHIA

<u>Igreja/ Congregação</u>	<u>Município</u>	<u>Origem/ Patrocinador</u>	<u>Início</u>	<u>Auto- nomia</u>	<u>Fechado</u>
Barreiras	Barreiras	Embu	1994	1994	
Wanderley	Wanderley	Barreiras	Anos 90		Anos 2000
Baianópolis	Baianópolis	Barreiras	Anos 90		Anos 2000
Cotegipe	Cotegipe	Barreiras	Anos 90		Anos 2000
São Desidério	São Desidério	Barreiras	Anos 90		Anos 2000
Caetité	Caetité	Embu	2000	2000	
Pedro Cruz	Caetité	Caetité	2008		
Guanambi	Guanambi	Caetité	2014		

### Outros Estados

Embora SP, PR e BA sejam os estados da maioria das atividades evangelísticas e de plantação de igrejas até o momento, vários outros estados foram visados. Uma igreja central e congregações foram estabelecidas desde 1997 em Palmas, a capital do TO. Congregações foram estabelecidas em Campo Grande, MS, (1999) e Frutal, Minas Gerais (2012). Congregações foram tentadas nos estados do Espírito Santo, Piauí e Distrito Federal. Inúmeros pontos de pregação foram iniciados, e posteriormente fechados em todos os estados citados acima.

### Missão Integral

O envolvimento da IEIMR em ministérios holísticos ocorre principalmente de forma espontânea. Quando surgem necessidades, há tentativas de aliviar o sofrimento humano, em nome de Cristo. Isso é limitado principalmente aos gestos como: cestas básicas, distribuição de roupas e a

coleta mensal durante os cultos de alimentos não perecíveis para a distribuição aos necessitados. Um esforço mais organizado é o ministério “Madrugada”. Duas vezes por mês, equipes de jovens partem da igreja matriz de madrugada e dispersam-se pela Grande São Paulo em busca de pessoas da rua. Quando encontradas, eles oferecem cobertores, roupas, comida, café e sempre uma palavra apropriada de Deus.

Ao descrever a presença missional da IEIMR, não mencionar o Monte Menonita seria uma omissão gritante.<sup>98</sup> Pelo menos em SP, e provavelmente além, Menonitas no Brasil tornaram-se bem conhecidos por causa deste ministério de oração que a IEIMR disponibiliza a todos os crentes. É literalmente uma zona montanhosa em Embu das Artes que a IEIMR alugou durante a maior parte de sua existência, que se transformou em um espaço amplamente usado para as igrejas evangélicas virem e orarem. A IEIMR construiu uma grande capela, dormitórios e estacionamento. Praticamente todo fim de semana, a capela e os espaços ao ar livre são usados por centenas de pessoas. Embora não seja explicitamente um

### **Comentários do “Monte Menonita”**

- Os menonitas são uma bênção em nossas vidas [...] estamos em parceria com poderosas vigílias no monte de luz [...] será sempre um prazer estar perto deste povo abençoado.
- Que noite abençoada na presença do Senhor, de propósito com Deus; qual inimigo virá contra nós?
- Estamos continuamente no monte, pagando um preço alto para que Deus venha e abençoe a sua vida. Hoje é uma poderosa campanha de oração.
- Aqueles que clamam a Deus têm uma resposta [...], vamos procurá-lo em outra noite de oração no monte.
- Que bênção! Eu amo esta montanha; eu recebi uma ótima bênção lá e também visões de Deus; testemunhos surpreendentes [...], glória a Deus Todo-Poderoso e digno de louvor!
- Algo sobrenatural aconteceu! Nós somos o doce perfume de Cristo!  
(Página do Facebook)

---

<sup>98</sup> Veja no Facebook, “Monte Menonitas – Embu das Artes,” consultado em 9-9-2016. <https://www.facebook.com/pages/Monte-Menonitas-Embu-das-Artes/469758773103617>.

ministério da missão, sem dúvida muitos encontraram fé nesse cenário, assim como inúmeras orações foram proferidas para a salvação de muitos.

### ***Reflexão Missiológica***

Este aspecto da missão recebe pouco foco neste movimento missionário emergente. A ênfase está em fazer a missão e fazê-la espontaneamente sob a direção do Espírito Santo. No entanto, como acontece com as outras missões mais recentes, pode-se presumir certa quantidade de reflexão informal ocorrendo nas frequentes vigílias de oração, nos diálogos entre os obreiros, nas viagens missionárias e nos relatórios de missões.

### ***Resumo e Conclusões***

Sem dúvida, este novo movimento missionário menonita tem como prioridade evangelizar e plantar igrejas. Caracteriza-se por uma expansão agressiva, e como resultado, na primeira década, a IEIMR começou pontos de pregação, congregações e igrejas em pelo menos seis estados em diferentes regiões do Brasil.

Vários fatores surgem como significativos no desenvolvimento da IEIMR. Primeiro, o papel do fundador José Eguiny Manente foi e continua a ser central. Esse é um padrão familiar entre o pentecostalismo brasileiro, em que a visão, a liderança, o carisma e os recursos de um homem são fundamentais para reunir grande número de seguidores. Em segundo lugar, a dinâmica espiritual também é central, pois tanto os líderes quanto os seguidores mostram compromisso extraordinário com as disciplinas de oração, jejum, comunhão, dízimo e divulgação. Finalmente, a ênfase frequente na espontaneidade e no avanço pela fé - embora, às vezes, termine em resultados menos que desejáveis - na maioria das vezes terminou em novos convertidos e novas igrejas.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Na história menonita de missões no Brasil, qual tem sido a relação entre o avivamento e a missão? A este respeito, há paralelos entre a história da IEIMR e outros movimentos anabatistas ou evangélicos?
2. Por que os movimentos de renovação pentecostal causaram divisão nas igrejas evangélicas tradicionais? A divisão é inevitável ou existem outras maneiras de superar o conflito e abraçar a renovação? Discuta.
3. Cerca de metade das congregações e igrejas da IEIMR fecharam. Quais foram alguns fatores que levaram a isso? Discuta o que é necessário para um equilíbrio saudável entre proliferação e consolidação de novas igrejas.

## 11. ESFORÇOS MISSIONAIS INTERMENONITAS

Menonitas de origens étnicas europeias são conhecidos em todo o mundo por seus esforços para realizar juntos o que nenhum grupo poderia fazer sozinho. Esse padrão cooperativo também se repetiu no Brasil, particularmente nas regiões onde os menonitas germânicos se instalaram em maior número. Apesar de suas denominações separadas, escolheram trabalhar juntos em vários projetos. Neste capítulo vou descrever brevemente os projetos que podem legitimamente ser chamados de missionais.

Como indicado anteriormente, o período pioneiro (as décadas de 1930 e 1940) foi de pouco alcance para fora. Isso foi especialmente o caso nos assentamentos originais. Um forte debate ocorreu com aqueles que consideravam deixar Krauel e Auhagen. As preocupações mais frequentes centraram-se nos efeitos econômicos para aqueles que permaneceriam e na diluição de um povo homogêneo. As cidades de Blumenau, Curitiba e São Paulo foram vistas como más influências. Argumentava-se que, se alguém fosse obrigado a trabalhar lá, ficaria o mais breve possível para logo retornar aos assentamentos maternos. Pouco ou nenhum pensamento foi dado às oportunidades missionárias nesses lugares. O foco estava na sobrevivência e no assentamento.

Por outro lado, havia expressões ocasionais do espírito missional mesmo durante este período de pioneirismo. Em 1936, o editor Peter Klassen relatou à assembleia da Conferência Mundial Menonita nos Países Baixos que os menonitas no Brasil “estão interessados em entrar em contato com todos os que estão nesta terra, que seriamente e sinceramente buscam a retidão. Nem queremos de maneira alguma ser cristãos de mentes fechadas”.<sup>99</sup>

### *Evangelismo e Plantação de Igrejas*

Considerando que os esforços diretos de plantação de igrejas foram realizados principalmente separados, a IM e a IEIM ocasionalmente cooperaram em atividades evangelísticas. Três exemplos serão suficientes. Primeiro, nas comunidades de Boqueirão e Witmarsum (PR), campanhas evangelísticas conjuntas foram realizadas em várias ocasiões. Em segundo lugar, a colônia de Concórdia no estado



Campanha Janz Team, 1969

<sup>99</sup> “The Mennonites of Brazil,” *Mennonite Quarterly Review* 11 (1937):117.

da Bahia é um esforço intermenonita. Os cultos e serviços educacionais cristãos são realizados em uma congregação não afiliada nas proximidades de Luis Eduardo Magalhães. Os colonos tentam reunir crentes e evangelizar os colonos não cristãos, bem como os posseiros e suas famílias. Terceiro, os membros da IM e da IEIM serviram juntos na Associação Interconfessional de Educação, patrocinada pelo estado, onde eles têm uma porta aberta para ensinar a Bíblia e oferecer serviços de capelania nas escolas públicas.

Embora a maioria dos esforços intermenonitas tenha ocorrido entre a IM e a IEIM, a cooperação da IM com a AEM também é notável, particularmente durante os anos 1960 e 1970. A cooperação foi principalmente na área de plantação de igrejas, e ocorreu entre igrejas irmãs mais velhas (a IM) e as mais jovens (a AEM). Aqui, a IM forneceu substanciais recursos financeiros e de liderança à mais jovem AEM.

### ***Missão Integral***

Esta é, sem dúvida, a área em que os membros da IM e da IEIM encontraram maior afinidade e facilidade de cooperação. Dois ministérios são notáveis: as escolas cristãs e os serviços cristãos de saúde.

### **Os Isaques do Século XX**

As áreas compradas pelos menonitas foram invadidas, inclusive por gente armada. Os conflitos afugentaram os pacíficos colonizadores, como acontecia com Isaque, no Antigo Testamento, quando lhe roubavam os poços cavados. O formato do projeto inicial da colônia recém-comprada foi mudando: em vez de ficar com um núcleo e seu entorno de 10 km, ficou uma área estreita e comprida com mais de 30 km de ponta a ponta. Ficou complicada a logística e a união das famílias em relação à escola, à igreja e à futura cooperativa.

Um episódio exemplar para o pacifismo menonita ocorreu entre o pastor Abraham Dück e um vizinho invasor, que ameaçou usar de violência contra o pastor se ele entrasse em “suas” terras. O Sr. Abraham lhe respondeu: “E, se o senhor entrar em minhas terras, será muito bem-vindo”. Acabou-se a truculência do outro.

(Walter Töws e Irmgard August Siemens em *Quem Somos? A Saga Menonita*, p. 183)



**Colégio Erasto Gaertner**

**(templo original no centro esquerda)**

Embora uma escola secundária menonita tenha sido estabelecida no assentamento original de Krauel, era uma escola somente de língua alemã e restrita às crianças imigrantes. A primeira escola menonita que começou a admitir não cristãos foi a Escola Erasto Gaertner<sup>100</sup> na colônia do Boqueirão de Curitiba. A Escola do Boqueirão foi fundada por líderes da IM e da IEIM em 1936 como uma escola primária, ela acrescentou uma pré-escola em 1953, e um curso secundário em 1966. Durante a última parte da Segunda Guerra Mundial e nos anos seguintes, a escola foi fechada pelo governo devido a sentimentos antialemães no Brasil na época. Por força da lei, foi reaberta como a

Escola Erasto Gaertner - desta vez para a comunidade em geral. A concessão feita pelas autoridades foi permitir a supervisão dos menonitas.

## A Missão de Educar

Peter Pauls Jr. era o mais velho dos 11 filhos de Peter e Ana Pauls [...]. Aos 15 anos, os pais lhe disseram: “Não temos condições para mandar todos os filhos para a escola. Então vá você tirar um estudo e volte para ser professor dos seus irmãos”. A comunidade ajudou [...]. Seis anos depois de estudar em um seminário em São Leopoldo (RS), Peter Pauls voltou e foi professor de todos os seus irmãos e de milhares de outros jovens até se aposentar, em 1989. Ainda assim, não se pode dizer que parou de ensinar.

Era 1959 e Peter tornou-se o primeiro professor nomeado pelo Estado na colônia (Witmarsum), pois era o primeiro de nacionalidade brasileira. Lecionava em barracões de gado transformados em salas de aula, onde os alunos chegavam a pé, de bicicleta, de charrete, a cavalo, muitas vezes percorrendo dez, quinze quilômetros, pisando no barro, cruzando rios sem pontes. Mas chegavam. O próprio Peter fazia sacrifícios. De lá para cá Peter Pauls combinou atividades pedagógicas, intelectuais e de serviço social. Em 1960 criou o ginásio e, em 1975, o segundo grau em Witmarsum. “Senti que Deus me chamou para essa missão”.

(Luiz Manfredini)

<sup>100</sup> Erasto Gaertner era um conhecido médico e líder político em Curitiba, popular por sua realização pública, bem como por seu caráter piedoso.

A escola é abertamente cristã, como pode ser visto em sua declaração de missão, publicada no *site* da escola: Formar cidadãos com valores éticos e princípios cristãos, por meio de ensino de qualidade com preparação para a vida profissional, social, familiar e também para a vida eterna.<sup>101</sup> Além dos devocionais matutinos diários e das aulas bíblicas, alguns professores oferecem estudos bíblicos voluntários e retiros para estudantes interessados. Isso tem levado a várias conversões. Estes alunos são encorajados a participar de uma igreja evangélica, menonita ou outra.

O Colégio Fritz Kliewer<sup>102</sup> no assentamento de Witmarsum (PR) começou em 1952. Seguiu padrão semelhante de acesso restrito, reconhecimento pelo estado (1960) e finalmente a abertura da escola a crianças não menonitas. Como o Colégio Erasto Gaertner, a maioria dos alunos não é menonita, continua a ser uma escola cristã sob a direção de um conselho menonita composto por membros da IM e da IEIM.

Os primeiros a ser mencionados como serviço cristão de saúde são os hospitais estabelecidos pelos menonitas para servir seus assentamentos rurais. Entre essas instituições, o hospital original em Witmarsum (SC) é digno de nota. Um pequeno hospital foi construído em 1937 para os assentamentos Krauel e Auhagen. Os menonitas holandeses ajudaram nesse esforço, enviando um presente substancial ao médico encarregado desse serviço - Peter Dyck. Quanto ao seu significado missionário, Bender deixa claro que serviu tanto menonitas quanto outros:

Seus 12 leitos foram de grande benefício não só para a colônia, mas também para os não menonitas, cuidando de 250 pacientes anualmente, além daqueles que vieram apenas para um tratamento [...]. As despesas para o cuidado dos doentes foram suportadas pela colônia como um todo e não pelos pacientes.<sup>103</sup>

Com a transferência para o assentamento de Neu Witmarsum (PR) no início da década de 1950, muitos dos recursos do hospital original também foram transferidos ao hospital atual em Witmarsum (PR). O hospital chama-se 25 de Novembro, recordando a data em que o parlamento alemão aprovou o acolhimento de refugiados, permitindo assim o seu êxodo da União Soviética em 1929. Aplica-se o mesmo padrão descrito acima para as escolas menonitas. Ou seja, um hospital foi construído para atender os colonos germânicos; no entanto, com o tempo, as portas foram abertas para não menonitas e não

---

<sup>101</sup> “Missão, Visão e Valores,” consultado em 23-8-2016, <http://www.erasto.com.br/nosso-ensino/missao-visao-e-valores>.

<sup>102</sup> Fritz Kliewer era um influente educador e editor menonita durante a primeira metade do século XX, servindo na Alemanha, no Paraguai e no Brasil.

<sup>103</sup> Bender, Harold S., Henrique Ens e Peter Pauls, Jr, "Brazil," consultado em 24-8-2016, <http://gameo.org/index.php?title=Brazil&oldid=128404>.

cristãos nas comunidades circunvizinhas. Como a filosofia e as equipes dos hospitais eram abertamente cristãs, tanto o corpo quanto a alma recebiam o cuidado cristão à medida que a oportunidade e o idioma permitiam. Nos últimos anos, a operação do hospital foi transferida para o município de Palmeira.



Hospital "25 de Novembro," Witmarsum, PR

Um segundo serviço de saúde é o de um lar intermenonita de idosos em Curitiba, chamado Lar Betesda. Novamente, a partir de 1979, seguiu o padrão de restrição inicial, e posteriormente mais assimilação. Hoje, os residentes incluem tanto os germânicos como os não germânicos, tanto cristãos como não cristãos. Estudos bíblicos, cultos e serviços de capelania são oferecidos a todos os residentes.

Finalmente, nos anos 1990 e 2000, o inovador Núcleo Terapêutico Menno Simons (NTMS) ofereceu um serviço comunitário de saúde mental. Foi dirigido e composto por profissionais cristãos da IM e da IEIM. Suas origens remontam a 1987, quando as igrejas menonitas germânicas de Curitiba, sob a liderança de Albert Friesen, iniciaram o Serviço Menonita de Saúde Mental. Os serviços incluíam um ambulatório, treinamento de conselheiros leigos, instrução de saúde mental para grupos, um programa para vítimas de violência, assistência às crianças das pré-escolas da AMAS, ministérios às crianças de rua e educação pública em saúde mental comunitária. Com o tempo, os serviços e custos cresceram de tal forma que a assistência do governo municipal foi necessária. Um subseqüente conflito de valores e especialmente atrasos de pagamento levaram ao fechamento do NTMS em 2014.

### ***Reflexão Missiológica***

Embora não se possa afirmar que esse aspecto da missão recebeu atenção significativa nas relações intermenonitas, pelo menos três atividades indicam algum esforço nesse sentido, quais sejam: 1) a publicação conjunta do periódico *Bibel und Pflug* pelas igrejas e membros de língua alemã; 2) a participação intermenonita nas conferências missionárias da *Entschiedenes Christentum*; e 3) a acolhida e participação na nona Conferência Mundial Menonita.

O *Bibel und Pflug: Zeitschrift für Gemeinde und Haus* (Bíblia e Arado: Jornal para Comunidade e Lar) é um periódico menonita de língua alemã. Desde sua fundação em 1953, seu objetivo básico tem sido facilitar a comunicação entre os menonitas germânicos, registrar sua história e refletir sobre seu futuro. Cada edição contém notícias sobre o trabalho missionário e,

ocasionalmente, artigos refletem sobre o chamado missional de Deus aos menonitas no Brasil. Sua edição quinzenal é mantida pela COBIM e pela AIMB.

Com o passar dos anos, desenvolveu-se um relacionamento fraterno entre os menonitas de Curitiba e a liderança da Missão *Entschiedenes Christentum* (EC, Cristianismo Decidido) até o ponto em que os pregadores menonitas eram convidados a falar nas conferências missionárias patrocinadas por este movimento luterano pietista de origem alemã. Nessas conferências, os missionários da EC apresentaram relatórios, os oradores da EC e dos menonitas deram mensagens de inspiração e reflexão. Essas conferências continuaram até o início dos anos 80. Embora difícil de determinar, essa reflexão conjunta entre os líderes das missões da EC, IM e IEIM indubitavelmente influenciou suas atividades missionárias.

A nona Conferência Mundial Menonita foi hospedada por menonitas brasileiros e realizada em Curitiba em 1972. O tema geral foi “Jesus Cristo Reconcilia”.<sup>104</sup> Além de sediar o evento, menonitas do Brasil participaram ativamente, discutindo o tema em apresentações formais, sermões, grupos de estudo bíblico, pequenos grupos e muitos ambientes informais.



**Conferência Mundial Menonita, Curitiba, 1972**

<sup>104</sup> Os trabalhos desta conferência, incluindo as apresentações missionárias de menonitas brasileiros, foram reunidos e editados por Cornelius J. Dyck, *Jesus Christ Reconciles: Proceedings of the Ninth Mennonite World Conference* (Elkhart, EUA: Mennonite World Conference, 1972).

***Resumo e Conclusões***

Os esforços mencionados de missões intermenonitas são notáveis, mesmo que limitados. Especialmente notável é a diversidade de esforços que vão desde evangelismo a ministérios holísticos e ainda a reflexão missiológica.<sup>105</sup> Esses esforços revelam que as diferenças históricas, bem como quaisquer variações éticas ou doutrinárias existentes, são secundárias em importância ao próprio trabalho; o resultado tem sido dezenas de milhares de incrédulos vendo e ouvindo o evangelho. Somente a eternidade revelará o impacto transformador dessa colaboração. Assim, o precedente para a cooperação missional intermenonita no Brasil é evidentemente positivo.

***Perguntas de Estudo***

1. Como responderia a pergunta: Até que ponto existe DNA missional entre aqueles considerados “os quietos na terra”? Dê justificativa histórica para sua resposta.
2. Como a cooperação intermenonita expressa aspectos de uma teologia anabatista de missão para o Brasil?
3. Identifique três agências intermenonitas que tiveram impacto missional. Quais são algumas diretrizes para o desenvolvimento de agências e instituições sustentáveis que podem ser aprendidas da experiência menonita?

---

<sup>105</sup> Na área de treinamento para a missão, durante a maior parte da década de 1970, a AEM tentou cooperar com a IEIM em seu instituto bíblico e seminário (ISBIM), fornecendo um membro ao corpo docente e tendo alguma contribuição no conselho. A cooperação intermenonita mais recente no treinamento (Faculdade Fidelis) será abordada no Capítulo 15.

## **PARTE III – ENTENDIMENTOS E TEOLOGIAS**

## 12. CONTEXTOS TEOLÓGICOS

É um truísmo que vale a pena repetir que existe vínculo direto entre o entendimento e o ambiente. Tal é verdade na vida, e tal é verdade no entendimento teológico. A formação teológica, a reflexão e a execução acontecem no contexto da igreja e da cultura. Em nossa busca de identificar os elementos-chave do entendimento da missão dos menonitas no Brasil, é necessário examinar brevemente dois contextos essenciais nos quais tais entendimentos têm se desenvolvido. Estes são o contexto imediato do Protestantismo brasileiro e o contexto mais amplo das teologias anabatistas-menonitas da missão.

### *Teologias Protestantes Brasileiras da Missão*

O que se segue é uma breve revisão dos tipos e desenvolvimentos da teologia da missão entre o movimento protestante no Brasil, no qual os menonitas foram inseridos e dentro dos quais desenvolveram seus próprios entendimentos. O foco principal deste capítulo é a tipologia de tais ênfases missioteológicas. Um foco secundário visa a seus pensadores representativos e sua literatura.

Várias tipologias de protestantes latino-americanos já foram sugeridas.<sup>106</sup> Vou referir-me a cinco tipos de protestantes no Brasil e na América Latina. Eles são apresentados em ordem ao surgimento de sua articulação teológica: 1) evangélicos históricos; 2) ecumênicos liberacionistas; 3) evangélicos conservadores; 4) neoevangélicos; e 5) evangélicos pentecostais. Deve-se enfatizar que as linhas entre esses tipos não são sólidas. Além disso, enquanto algumas denominações podem geralmente ser classificadas de acordo com um tipo, é frequente o caso que, dentro de uma dada denominação, todos os tipos podem estar presentes. No entanto, para fins de análise e ênfase, o uso das tipologias continua sendo útil.

#### **Evangélicos Históricos**

Dentro do período de estudo deste capítulo, 1916-2000, os evangélicos históricos foram proeminentes de 1916 até os anos 1960. Nessa altura, começaram a divergir entre os tipos liberacionista e neoevangélico. Para os evangélicos históricos, três ênfases teológicas se destacam.

Primeiro, em sua compreensão da missão, o evangelismo era central para a missão. A proclamação verbal da mensagem do evangelho, resultando em perdão do pecado, paz com Deus, liberdade pessoal do domínio do pecado e a vida eterna eram o centro da missão – mesmo que não em sua totalidade. A

---

<sup>106</sup> Por um resumo útil, veja Pablo Alberto Deiros, *Historia del Cristianismo en América Latina* (Buenos Aires, Argentina: Fraternidad Teologica Latinoamericana, 1992), p. 783-789.

abertura da Comissão sobre a Mensagem e o Método no Congresso de Ação Cristã do Panamá (1916) dizia: “A suprema necessidade da América Latina é a proclamação do evangelho a cada república e a cada indivíduo”.<sup>107</sup> Reconhecendo o valor dos movimentos sociais e religiosos para o bem-estar da sociedade, a carta aos povos latino-americanos do Congresso Evangélico Latino-Americano (CELA I em Buenos Aires, 1949) declara:

Afirmamos que, assim como a verdadeira vida tem sua origem e desenvolvimento em Deus, somente em Deus pode ser encontrada uma solução adequada para os problemas que emergem exclusivamente como consequência da rebelião humana contra os princípios estabelecidos pelo Todo-Poderoso. O conceito simples de bem-estar deve juntar-se à dinâmica do espírito regenerado; somente com um coração purificado pelo poder do Evangelho, pode-se conhecer e experimentar a verdadeira vida (CELA 1949:13).<sup>108</sup>

Em segundo lugar, o evangelismo era central, e também os aspectos sociais do evangelho eram essenciais. Isto é evidente ao longo deste período, começando já no Panamá. Em retrospecto, parece-me ter havido um movimento, no entanto de um foco em melhorias individuais para um foco na missão de sal e luz da igreja na sociedade. O pensamento inicial durante este período enfatizou que o evangelho fosse levado junto com agências de educação e cura. Em décadas e declarações posteriores, o evangelho deve fazer sua presença conhecida mediante a promoção da opinião pública cristã, da liberdade religiosa, do combate aos vícios sociais e das questões mais amplas de paz social, justiça e dignidade humana. A declaração clássica a este respeito vem da Comissão sobre Igreja e Comunidade em Montevidéu (1925): “Visto que os assim chamados evangelhos 'individuais' e 'sociais' constituem dois aspectos essenciais e complementares do evangelho de Cristo, consideramos que nenhuma igreja cristã cumpra plenamente sua missão a menos que ministre ao bem-estar humano tanto no sentido físico quanto espiritual.”<sup>109</sup>

Em terceiro lugar, os evangélicos históricos foram os pioneiros na articulação teológica e na realização prática da unidade na missão. Começando no Panamá e estendendo-se até a Confederação Evangélica do Brasil (CEB, iniciada em 1934) e os congressos do CELA (especialmente 1949 e 1961), os evangélicos históricos brasileiros acreditavam que o trabalho missionário unido era mais do que uma necessidade pragmática. Era algo no coração de

<sup>107</sup> Committee on Cooperation in Latin America, ed., *Christian Work in Latin America*, 3 vols. (New York, EUA: Missionary Education Movement, 1917), p. 326.

<sup>108</sup> CELA, *El Cristianismo Evangélico en la América Latina* (Buenos Aires, Argentina: Editorial La Aurora, 1949), p. 13.

<sup>109</sup> Committee on Cooperation in Latin America, *Christian Work in South America*, Vol. 2 (New York, EUA: Fleming H. Revell Company, 1925), p. 72.

Deus, na oração intercessória de Cristo e integrado nos meios pacíficos do Espírito de missão. Dessa unidade, o brasileiro Benjamín Moraes escreve em sua carta aberta aos protestantes latino-americanos: “No futuro, é nosso firme propósito continuar a manifestar com crescente clareza e evidência, essa unidade que já temos em Jesus Cristo. Para este fim, chamamos o povo evangélico a uma cooperação mais estreita, uma comunhão mais íntima e, acima de tudo, uma oração fervorosa e perseverante pela unidade do povo de Deus.”<sup>110</sup>

No entanto, o foco dessa unidade foi limitado ao Protestantismo. A retórica anticatólica foi moderada após (os congressos de) Panamá e Montevidéu. As profundas mudanças do Vaticano II foram geralmente bem-vindas. No entanto, os propósitos e pressuposições de Panamá, a saber, que os católicos romanos também precisavam do evangelho bíblico, permaneceram intactos entre os evangélicos históricos até a década de 1960.

Um destacado representante teológico do ecumenismo protestante durante este período foi Erasmo Braga, de quem a primeira escola missionária menonita foi nomeada na década de 1950. Braga fez contribuições notáveis em seus esforços incansáveis para unir os brasileiros para a missão. Sua compreensão do ecumenismo era ao mesmo tempo cristocêntrica, social e missionária. Ele representou o Brasil no Conselho Missionário Internacional, em 1931 uniu os evangélicos históricos na Federação das Igrejas Evangélicas do Brasil e, em geral, uniu a compreensão da missão ecumênica entre o Brasil e o resto do mundo protestante.



Erasmo Braga, 1877-1932

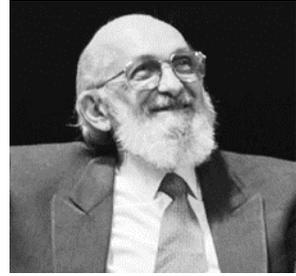
### **Ecumênicos Liberacionistas**

Esse tipo surgiu diretamente dos elementos mais progressistas do Evangelicalismo histórico. Sua expressão mais visível começou em meados da década de 1950, atingiu um clímax na década de 1960 e começou a declinar no início dos anos 70. Atualmente, as regiões brasileiras do Conselho Latino-Americano de Igrejas (CLAI) e do Conselho Nacional de Igrejas Cristãs (CONIC) continuam a integrar alguns aspectos da compreensão liberacionista da missão. Entre suas origens e influências poderiam ser citadas: 1) as teologias europeias de Barth, Bonhoeffer, e Moltmann, bem como teologias seculares; 2) a ideologia, análise e revolução marxista; 3) a pedagogia

<sup>110</sup> CELA, *Cristo, La Esperanza para América Latina* (Buenos Aires, Argentina: Confederación Evangélica del Río de La Plata, 1962), p. 23.

conscientizadora e autoliberadora do educador brasileiro Paulo Freire; e 4) o movimento ecumênico e o Conselho Mundial de Igrejas.<sup>111</sup>

As ênfases missiológicas dos liberacionistas são pelo menos quatro. Primeira, a salvação não é entendida primariamente em termos individuais da reconciliação da humanidade pecadora com um Deus santo. Em vez disso, ela é entendida em termos sociais, econômicos e políticos de libertação de estruturas, forças e oligarquias opressivas. A salvação vertical, se necessário, ocupa o segundo lugar ante a libertação horizontal. A prioridade horizontal é também expressa no sinônimo “humanização”. Fundamental para essa compreensão da salvação é ver Deus presente e ativo nos movimentos de libertação da história humana: Deus revela-se a nós nos movimentos e nas pessoas que lutam pela humanização do homem. Deus revela-se, dessa maneira, na revolução e nos revolucionários – Deus é traduzido como revolução. O povo de Deus como as forças revolucionárias. O propósito de Deus como humanização. E a Palavra de Deus como os escritos revolucionários.<sup>112</sup>



**Paulo Freire, 1921-1997**

Em segundo lugar, a missão acontece quando os cristãos e a igreja se envolvem na reforma sócio-econômico-política e na revolução. A igreja deve discernir pelas análises sociológicas (geralmente marxistas), em que movimentos libertadores estão ocorrendo e unir-se às forças seculares do mundo para promover a reforma e, de fato, a revolução. Da segunda assembleia do movimento Igreja e Sociedade na América Latina (ISAL), a expressão mais visível deste tipo, vêm estas palavras: “O impulso que busca transformar as estruturas da sociedade [...] é a missão total, única e verdadeira, e não apenas um aspecto parcial dela”.<sup>113</sup>

Terceiro, a hermenêutica da teologia surge da realidade histórica concreta em que os oprimidos se encontram. É uma reflexão teológica do lado de baixo da sociedade (o oprimido), não a teologização supostamente imparcial da elite e dos poderosos (os opressores). Entender Deus, seu povo e sua missão é melhor se feito a partir da perspectiva daqueles que Ele escolheu ao longo da história da salvação – os pobres e os oprimidos. Embora os bispos católicos tenham inventado a frase “a opção preferencial pelos pobres” em sua

<sup>111</sup> Emilio Antonio Núñez C., *Liberation Theology* (Chicago, EUA: Moody Press, 1985), p. 54-64.

<sup>112</sup> Pedro Arana Quiroz, “La Revelación de Dios y la teología en Latinoamérica,” em *El debate contemporáneo sobre la Biblia* (Barcelona, Espanha: Ediciones Evangélicas Europeas, 1972), p. 77-78.

<sup>113</sup> Citado em C. Peter Wagner, *Latin American Theology: Radical or Evangelical?* (Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans, 1970), p. 32.

conferência em Puebla, México (em 1979), a ideia por trás disso estava presente entre os liberacionistas latino-americanos e brasileiros muito antes.

Finalmente, diferente de seus predecessores, os liberacionistas foram ecumênicos ao ponto de incluir, em sua reflexão e missão, os católicos romanos historicamente excluídos. Os pontos em comum entre os teólogos protestantes e católicos da libertação tornaram-se maiores do que as diferenças históricas (em seu entendimento, irrelevantes) que antes os separavam. O inimigo comum contra o qual uma frente unida seria necessária era a crescente opressão e o *status quo* eclesiástico que a nutria. A presença de pensadores católicos, como Hugo Assman e Paulo Freire, nas discussões do ISAL era comum. Mais tarde, denominações inteiras com simpatias liberacionistas (Evangélica Luterana, Metodista, Reformada, Anglicana e Presbiteriana Unida<sup>114</sup>) juntaram-se com a Conferência Nacional dos Bispos do Brasil no amplamente ecumênico CONIC.<sup>115</sup>

### **Evangélicos Conservadores**

O distintivo do tipo evangélico conservador pode ser mais bem descrito como aquela porção do Protestantismo brasileiro mais influenciada pelo fundamentalismo norte-americano e pelo Evangelicalismo.<sup>116</sup> De fato, muitas das instituições (por exemplo, de educação teológica e de publicação) que são representativas desse tipo até recentemente foram lideradas ou administradas por missionários norte-americanos. Ao falar de evangélicos *conservadores* ante os *neoevangélicos*, é necessário apontar as diferenças para justificar duas identificações em vez de uma. Evidentemente, existe uma linha tênue entre os dois tipos. No entanto, tentarei isolar algumas áreas em que divergências significativas estão presentes na compreensão conservadora da missão que pode então ser comparada com os neoevangélicos na seção seguinte.

Primeiro, os evangélicos conservadores mantêm a autoridade das Escrituras para a missão, com base em sua inspiração verbal e plenária, e a hermenêutica de inerrância. Diante das ameaças debilitantes à autoridade bíblica dos modernistas anteriores e liberais modernos, os conservadores

---

<sup>114</sup> A Igreja Presbiteriana Unida do Brasil, uma das menores denominações presbiterianas do Brasil, com início em 1978, não deve ser confundida com a maior Igreja Presbiteriana do Brasil, iniciada em 1859. Esta última é caracterizada por entendimentos evangélicos conservadores de missão e teologia em geral.

<sup>115</sup> Antonio G. Mendonça, "South America: Brazil," em *Dictionary of the Ecumenical Movement*, Nicholas Lossky, et al., eds. (Geneva, Suíça: WCC Publications, 1991), p. 945.

<sup>116</sup> O Evangelicalismo foi definido na Introdução. Pelo fundamentalismo, refiro-me ao movimento norte-americano que reagiu ao modernismo do final do século XIX e início do século XX, promovendo pelo menos os seguintes fundamentos: a inerrância da Bíblia; a natureza literal dos relatos de milagres bíblicos; o nascimento virginal de Cristo; a ressurreição corporal e o retorno físico de Cristo; e a expiação substitutiva de Cristo na cruz.

concentraram-se consistentemente na defesa das doutrinas ortodoxas relativas à autoridade da Palavra e às palavras de Deus. Os dois congressos missionários que melhor representam esse tipo de teologia de missão seriam Wheaton e Berlin, ambos em 1966. Uma parte da declaração de encerramento de Berlin revela a paixão em torno deste assunto: “Alegramo-nos que a verdade da Bíblia permanece inabalável pela especulação humana, e que permanece a eterna revelação da natureza de Deus e sua vontade para a humanidade. Rejeitamos toda a teologia e crítica que se recusa a se colocar sob a autoridade divina da Sagrada Escritura, e todo o tradicionalismo que enfraquece sua autoridade, acrescentando à Palavra de Deus”.<sup>117</sup>

Uma segunda e relacionada ênfase dos conservadores diz respeito à doutrina. A unidade e o ecumenismo evangélico geralmente não são desvalorizados, e às vezes são promovidos. No entanto, isso nunca acontece às custas da ortodoxia doutrinária. Uma das maiores críticas dirigidas ao movimento ecumênico e ao CMI é a de colocar a unidade acima da verdade bíblica revelada. Em termos missionários, o sincretismo é um dos maiores perigos para a propagação do evangelho. O congresso de Wheaton – com a participação de poucos brasileiros, mas inteiramente representativo dos evangélicos norte-americanos que trabalhavam no Brasil – dedicou considerável parcela de sua declaração a preocupações e advertências sobre a Igreja Católica Romana, o movimento ecumênico, o neouniversalismo, as seitas pseudocristãs e o sincretismo.

Os evangélicos conservadores mantêm em alta a primazia e a prioridade do evangelismo. A proclamação verbal do evangelho da salvação individual é a missão suprema da igreja. A Declaração de Wheaton expressou a relação de evangelismo e a preocupação social pelos evangélicos conservadores da seguinte forma: “Os evangélicos buscam nas Escrituras a orientação sobre o que devem fazer e até onde devem ir expressando essa preocupação social, sem minimizar a prioridade de pregar o evangelho da salvação individual.”<sup>118</sup> O evangelismo que leva à salvação individual também é entendido como chamado para uma experiência de conversão pessoal. Os evangelistas apelam para isso, as igrejas exigem isso para quem quer ser membro e os teólogos refletem sobre isso.

Além disso, os evangélicos conservadores têm sido os principais proponentes do movimento de crescimento da igreja no Brasil. Em Wheaton

---

<sup>117</sup> Carl F. H. Henry e W. Stanley Mooneyham, eds., “Closing Statement of the World Congress on Evangelism,” em *One Race, One Gospel, One Task. Official Reference Volume of the World Congress on Evangelism, Berlin 1966*, Vol. 1, (Minneapolis, EUA: World Wide Publications, 1967), p. 6.

<sup>118</sup> Harold Lindsell, ed., “The Wheaton Declaration,” em *The Church's Worldwide Mission. Proceedings of the Congress on the Church's Worldwide Mission, Wheaton, 1966* (Waco, EUA: Word Books, 1966), p. 234.

(1966), as sementes foram semeadas quando foi recomendado “que pesquisas fossem realizadas por nacionais e missionários em todas as partes do mundo para aprender por que as igrejas estão ou não estão crescendo, e disponibilizar esse conhecimento”.<sup>119</sup> Nos 50 anos desde então, muito foi feito e escrito a esse respeito. Estudos de plantação de igrejas e crescimento de igrejas encontraram terreno fértil tanto por obreiros nacionais como por missionários evangélicos conservadores no Brasil.

Por fim, esse tipo promoveu com mais clamor a prioridade de alcançar os povos não alcançados. Particularmente desde o Congresso Missionário Iberoamericano (COMIBAM) em 1987, essa ênfase tornou-se um movimento. Alinhou-se ao movimento AD2000, que sediou o Congresso de Belo Horizonte em 1997. Visto que esse movimento é mais focado em informação e mobilização, ele atua a partir de importante entendimento teológico de que Deus quer salvar não só os indivíduos, mas também os povos étnicos e linguísticos.

Teólogos brasileiros representativos da teologia de missão evangélica conservadora são difíceis de encontrar. Por que isso se trata de uma questão para refletir? Seria por que as questões missionais que caracterizam os conservadores são estrangeiras e não intrinsecamente brasileiras? Seria por causa da presença poderosa de missionários e autores norte-americanos que deixa pouco espaço para os brasileiros? Ou será que os teólogos de missão brasileiros afirmam muito do que os conservadores prezam, mas sentem a necessidade de ir além dessas ênfases, contextualizando-as para a realidade brasileira e acrescentando suas próprias convicções colhidas de uma teologia bíblica da missão? Suspeito que a última dessas perguntas retóricas seja a mais indicada. Isso nos leva ao próximo tipo.

### Neoevangélicos

Com raízes no fundamentalismo e no Evangelicalismo conservador, é natural que forte foco na autoridade bíblica iria caracterizar os neoevangélicos. No entanto, ao contrário dos fundamentalistas, os neoevangélicos escolheram concentrar-se mais no “quem?” e “e daí?” de inspiração bíblica, em vez de no “como?”. Os neoevangélicos brasileiros não mergulharam nos debates sobre a mecânica e sobre os detalhes de inspiração. Eles aceitam as Escrituras como autoritativas e inspiradas, e passam para outras questões de fé e vida. Uma declaração oficial do CBE ilustra bem a questão: “Afirmamos [...] nossa submissão às Sagradas Escrituras, em cuja inspiração e verdade acreditamos,



COMIBAM, São Paulo, 1987

<sup>119</sup> Ibid., p. 229.

e a cuja autoridade nos submetemos. Como a Palavra escrita de Deus, constitui-se como o único guia infalível de fé e prática para o povo de Deus. O centro da revelação bíblica é Jesus Cristo”.<sup>120</sup>

Uma palavra frequentemente usada dentro das discussões neoevangélicas de missão é *integral*. Isso contrasta com a linguagem de *prioridade* ou o que é *primário e secundário*. Descreve a missão como integral ou *tanto quanto*. Missão, para os neoevangélicos, é tanto evangelismo quanto serviço social, tanto salvando a alma quanto o corpo, tanto próxima quanto distante, tanto da igreja quanto do Reino e, para muitos (não todos), tanto evangélica quanto ecumênica. O parágrafo sobre Missão Integral no documento final da CLADE III expressa essa abrangência:

A visão missionária, ação e reflexão da Igreja deve se basear no evangelho que, quando compreendido em sua integridade, se proclama em palavra e obra e se dirige a todo o ser humano. Nossa missiologia deve se formar a partir da Palavra, da nossa realidade latino-americana e em diálogo com outras missiologias, buscando superar as deformidades ou dicotomias que possam ter afetado o evangelho que recebemos.<sup>121</sup>

Uma terceira ênfase na missiologia neoevangélica brasileira diz respeito à contextualização. Uma atenção considerável tem sido direcionada ao significado do evangelho para o Brasil. O terceiro objetivo do CBE foi “identificar as necessidades e desafios do homem brasileiro e avaliar os recursos disponíveis para a realização de uma evangelização integral, a fim de alcançá-lo em todas as dimensões”.<sup>122</sup> Os neoevangélicos concluíram, com razão, que a cosmovisão, os valores centrais e as necessidades sentidas dos brasileiros do século XXI são únicas e diferem das de outros povos cristãos nos séculos I, XVI e XX. Sendo isto verdade, eles não apenas começaram novamente a fazer a pergunta antropológica: “Quem é o brasileiro?”, mas também a questão missiológica: “Que boas novas o evangelho traz para o brasileiro?” Além disso, à medida que os evangélicos brasileiros cruzam cada vez mais as fronteiras missionárias, a nova questão contextual é: “Que bagagem brasileira os missionários acrescentam ao evangelho entre os outros povos?”

Os neoevangélicos evitarão o termo *ecumênico* por causa das conotações negativas que ele evoca para muitos evangélicos conservadores e pentecostais.

---

<sup>120</sup> Valdir Steuernagel, ed., *A Evangelização do Brasil: Uma Tarefa Inacabada* (São Paulo, SP: ABU Editora, 1985), p. 271.

<sup>121</sup> Fraternidad Teológica Latinoamericana, comp., *Tercer Congreso Latinoamericano de Evangelización, Quito, 24 de Agosto a 4 de Septiembre de 1992* (Buenos Aires, Argentina: Fraternidad Teológica Latinoamericana, 1993), p. 6.

<sup>122</sup> Steuernagel, *Evangelização*, p. 274.



Valdir Steuernagel

No entanto, eles são caracterizados por um inegável ecumenismo em prol da missão. O quinto e último objetivo do CBE é claro a este respeito: “Incentivar a fraternidade e a cooperação entre os evangélicos brasileiros, buscando a manifestação visível do Corpo de Cristo e uma melhor utilização dos recursos disponíveis para a expansão do Evangelho.”<sup>123</sup>

Finalmente, um alto nível de articulação teológica informa a compreensão neoevangélica da missão. Nos últimos 40 anos, numerosos congressos de alto impacto foram realizados. Movimentos como a Fraternidade Teológica Latino-Americana (FTL) – Setor Brasileiro –, começaram. Surgiram teólogos, missiólogos e um crescente corpo de literatura missioteológica está aparecendo. Esses teólogos-missionários incluem Robinson Cavalcanti, Valdir Steuernagel, Israel Belo, Manfred Grellert, Paul Freston e C. Timóteo Carriker, entre outros. Por trás dessas manifestações mais visíveis da vitalidade de suas contribuições missioteológicas, está a convicção de que a discussão, o debate e o diálogo sobre a missão de Deus não podem substituir a prática missionária, mas, sim, contribuem como complemento essencial e enriquecedor.

### **Evangélicos Pentecostais**

Dois pontos devem ser esclarecidos antes de tentar um breve resumo da teologia de missão pentecostal no Protestantismo brasileiro. Primeiro, o pentecostalismo no Brasil, semelhante à América Latina e ao resto do mundo, é imensamente diverso. As seguintes ênfases missionais são comuns ao pentecostalismo brasileiro, mas presentes em vários graus. Outras ênfases em grandes denominações não são mencionadas, pois não são compartilhadas pela maioria dos pentecostais. Exemplos destes incluem a ênfase na centralidade das Escrituras entre as Assembleias de Deus ou a ênfase no uso evangelístico de promessas de prosperidade pela igreja pentecostal que mais cresce – a Igreja Universal do Reino de Deus. Assim, o resumo a seguir é, na melhor das hipóteses, um núcleo muito básico para a maioria dos pentecostais brasileiros. Um segundo ponto diz respeito à articulação teológica, que só surgiu entre os pentecostais do Atlântico Norte nos últimos 30 anos e só recentemente começou entre os pentecostais da América Latina e do Brasil. Portanto, as seguintes afirmações são baseadas mais em declarações ocasionais e observação pessoal do que em explicações cuidadosamente redigidas.

Um ponto óbvio para começar a compreensão pentecostal brasileira da missão é o papel do Espírito Santo. Os pentecostais compreendem que o Espírito atrai as pessoas para Cristo, então regenera, batiza no corpo de Cristo, batiza com poder para testemunhar, evidencia esse segundo batismo com o

<sup>123</sup> Ibid., p. 13.

dom de línguas e as envia como missionários de volta ao mundo. Pelo menos tão importante quanto as *doutrinas* mencionadas acima é a *experiência* do Espírito de todo crente. A conversão e o fortalecimento não são apenas assentimentos intelectuais às verdades de Cristo, mas sim experiências emocionais e até físicas do Espírito de Cristo na própria vida. Embora todos os dons do Espírito sejam entendidos como necessários e disponíveis para a missão, os dons de línguas, cura e profecia parecem ser os mais procurados e utilizados.

Uma segunda ênfase refere-se ao uso da guerra espiritual pelos pentecostais como a principal metáfora para a missão. Missão é entendida como lutar junto com Deus e seu Reino contra o reino de Satanás, que inclui seus demônios, os males deste mundo e as tentações da carne. A libertação é entendida em um sentido pessoal e individual como liberdade do domínio de Satanás, do pecado e dos vícios sociais. O confronto com os espíritos demoníacos que mantêm as pessoas em cativeiro não é nem ocasional nem periférico. É frequente e central para a missão pentecostal. Enquanto a Igreja Universal do Reino de Deus é mais sensacional que outros pentecostais a esse respeito, a descrição a seguir de sua missão é típica da maioria dos grupos:

A guerra espiritual entre Deus e os anjos, de um lado, e o Diabo e os demônios do outro, envolve ativamente os seres humanos. Os cultos mediadores, como o Kardecismo, a Umbanda e o Candomblé, servem como instrumentos para o Diabo causar os males que afligem a humanidade. Por esta razão, é dever dos cristãos se alistarem no combate contra as tropas do mal.<sup>124</sup>

Uma terceira ênfase está na prioridade do evangelismo. Enquanto a maioria dos líderes pentecostais entende a missão bíblica como sendo de evangelismo e serviço, na literatura e na prática, o serviço parece ocupar um lugar secundário. Isso não quer dizer que a preocupação social não seja importante, como Douglas Petersen esclareceu em seu tratado sobre a teologia pentecostal na América Latina.<sup>125</sup> No entanto, a preocupação óbvia e urgente da maioria dos pentecostais é a salvação espiritual dos perdidos e a libertação espiritual dos oprimidos. O seguinte entendimento de um praticante veterano e teólogo da missão na América Latina também seria representativo do pentecostalismo brasileiro:

A verdadeira libertação vem no reino do Espírito no coração do homem e não no domínio político. Por fim, os reinos deste mundo

---

<sup>124</sup> Miguel Angelo Albanex, “Introdução à História do Movimento Pentecostal no Brasil” (diss. MTh, Fuller Theological Seminary, 1996), p. 88.

<sup>125</sup> Douglas Petersen, *Not by Might Nor by Power: A Pentecostal Theology of Social Concern in Latin America* (Oxford, Inglaterra: Regnum Books International, 1996).

se tornarão os reinos do nosso Deus e do seu Cristo. No entanto, antes que isso aconteça, deve haver um julgamento apocalíptico sobre os governantes das trevas deste mundo e Cristo deve vir para estabelecer Seu próprio reino. Enquanto isso, nosso dever cristão é proclamar o evangelho de Jesus Cristo, ganhar almas para o Reino, estabelecer igrejas, e tanto quanto possível fazer o bem a todos os homens, não negligenciando suas necessidades físicas e materiais, mas colocando a prioridade onde Deus a colocou - a nova criatura em Cristo Jesus.<sup>126</sup>

Um quarto aspecto da compreensão missional é o sacerdócio universal de todos os crentes. É verdade que a maioria das igrejas protestantes pode nomear essa importante doutrina como parte de sua herança teológica da Reforma do século XVI, mas os pentecostais tiveram sucesso, mais do que outros protestantes na América Latina, em praticar esse aspecto da teologia missional. Nem todos os membros são evangelistas, mas todos devem evangelizar. Embora haja motivação e mobilização intencionais, há também o contínuo testemunho espontâneo daqueles que experimentaram uma nova vida em Cristo pelo poder do Espírito Santo.



Melvin Hodges, 1909-1988

Uma ênfase final que deve ser mencionada é o poder motivador de uma escatologia urgente. Desde o início do pentecostalismo no Brasil (1910), o iminente retorno de Cristo tem levado os pentecostais à missão. Essa motivação foi tão forte entre alguns dos primeiros missionários pentecostais da América do Norte que uma adequada preparação linguística foi deixada de lado em favor da crença sincera de que o dom de línguas seria suficiente para comunicar a verdade do evangelho no curto tempo restante. No Brasil, há pouco registro dessa visão extrema; no entanto, a motivação escatológica foi um fator primordial na decisão dos missionários de não investir na preparação missiológica.

### **Um Núcleo Comum?**

Até aqui, analisei a diversidade das teologias missionais entre os protestantes brasileiros. Agora é hora de perguntar se existe algum núcleo comum que caracterize a compreensão da missão entre o Protestantismo brasileiro.

Existe um consenso de que as Escrituras devem ser o guia oficial para o Reino, igreja e missão. É verdade que os liberacionistas divergiram dessa posição por um período (anos 1960 e 1970), mas parece-me, no presente, terem

<sup>126</sup> Melvin L. Hodges, *A Theology of the Church and Its Mission: A Pentecostal Perspective* (Springfield, EUA: Gospel Publishing House, 1977), p. 111.

retornado a uma posição mais conservadora, como evidenciado nos encontros de Melbourne e San Antonio do CMI. Ao mesmo tempo, os conservadores – e certamente os fundamentalistas entre eles – prefeririam a linguagem da inerrância, mas podem aceitar a linguagem “autorizada” como um mínimo. Enquanto a hermenêutica continua a ser muito diversificada, há aceitação de um “manual de missão” comum.

Em segundo lugar, há um núcleo básico de concordância quanto ao conteúdo do evangelho. Isto é, a proclamação do evangelho da salvação individual em Jesus Cristo é central. Alguns diriam que é primário, mas todos concordam que está no centro da missão. Além disso, todos concordariam que os aspectos sociais do evangelho (ou seja, alívio, desenvolvimento, justiça, paz e outras preocupações humanitárias) são essenciais e não podem ser negligenciados nas sociedades brasileira e global. Os liberacionistas os colocam em um lugar mais central do que os conservadores, mas todos concordam que fazem parte da missão de Deus e, conseqüentemente, da nossa.

Outro núcleo da teologia missional no Brasil tem a ver com a importância de contextualizar o evangelho e a missão para a realidade brasileira. Na primeira metade do século, parecia haver menos compreensão e reflexão sobre esse aspecto do trabalho missioteológico. No entanto, desde a década de 1950, e em parte devido à influência das questões levantadas pela Teologia da Libertação, tem havido esforço considerável para entender as boas novas de Cristo em termos brasileiros e para a situação brasileira.

Não se pode falar de consenso sobre a teologia do Reino entre os protestantes brasileiros. Parece-me haver divergência considerável, particularmente entre liberacionistas e evangélicos, em termos de quem pertence ao Reino, como se entra e qual prioridade deve ser dada às preocupações ecológicas. Esta é uma área em que maior reflexão e diálogo são necessários.

O triunfalismo de denominações ou movimentos individuais já passou. Os protestantes brasileiros agora concordam que precisam um do outro para cumprir sua missão. O crescente número de congressos e consultas missionárias em solo brasileiro é o principal indicador disso. Não há consenso quanto à extensão e forma dessa unidade, mas há consenso de que maior unidade e cooperação são urgentemente necessárias diante da enorme tarefa da missão global.

O elemento final do núcleo que descobri é que os protestantes brasileiros compreendem cada vez mais seu papel na missão global. Enquanto o movimento missionário global ainda é jovem e amadurece no Brasil, é um movimento que indica como unanimemente os brasileiros veem seu papel mudando de receptores para emissores. Pode-se chamar essa tendência de sacerdócio missional de todos os crentes.

Além dessas áreas comuns, muita diversidade permanece. Algumas questões que foram refletidas entre os protestantes brasileiros permanecem na

agenda de estudo e diálogo. Entre elas estão a importância da ortodoxia *versus* ortopraxia, o tipo de crescimento da igreja a ser perseguido, a prioridade a ser dada aos povos não alcançados, a expressão dos dons do Espírito Santo na missão, a natureza da missão como guerra e o papel da escatologia na motivação da igreja para a missão.

Tendo em mente a questão maior da compreensão menonita da missão, é justo fazer as seguintes perguntas à luz dos antecedentes resumidos até agora: Em que medida os menonitas participaram de movimentos que moldaram o Protestantismo brasileiro e seus compromissos na missão, isto é, movimentos como CELA (para os evangélicos históricos), ou ISAL (para os liberacionistas), ou Lausanne e COMIBAM (para os conservadores), ou a FTL (para os neoevangélicos), ou algum tipo de renovação pentecostal? Eles participaram dos eventos desses movimentos, leram seus livros, convidaram seus porta-vozes etc.? Os menonitas são, em algum grau, protagonistas de algum desses movimentos? E finalmente, dentro da tipologia sugerida, em que categoria ou categorias os menonitas podem ser colocados? No entanto, antes de nos aventurarmos a considerar possíveis respostas a essas questões, é necessário mais fundo missioteológico, desta vez dentro das tradições teológicas dos menonitas.

### ***Entendimentos Menonitas Históricos da Missão***

O objetivo aqui é poder comparar a atual compreensão da missão entre os menonitas brasileiros com a de outros menonitas, particularmente os de origem europeia e norte-americana. Estes últimos não constituem padrão para medir as compreensões brasileiras, mas representam, por experiência e articulação literária, o que pode ser chamado de “entendimento menonita histórico da missão”.

Um esclarecimento adicional sobre a teologia anabatista é necessário. Nesta seção, eu não incluo a compreensão anabatista do século XVI da missão como parte da visão geral.<sup>127</sup> Embora haja considerável sobreposição entre os

---

<sup>127</sup> As principais publicações sobre a missiologia anabatista do século XVI são: Franklin H. Littell, “The Anabaptist Theology of Missions,” *Mennonite Quarterly Review* 21 (1947): 5-17; J. D. Graber, “Anabaptism Expressed in Missions and Social Service,” em *The Recovery of the Anabaptist Vision*, Guy F. Hershberger, ed. (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1957), 152-166; Wolfgang Schaeufele, “The Missionary Vision and Activity of the Anabaptist Laity,” *Mennonite Quarterly Review* 36 (1962): 99-115; e *Das missionarische Bewusstsein und Wirken der Täufer, dargestellt nach oberdeutschen Quellen* (Neukirchen-Vluyn, Alemanha: Neukirchener Verlag des Erziehungsvereins, 1966); Wilbert R. Shenk, ed., *Anabaptism and Mission*, Institute of Mennonite Studies, Missionary Studies, no. 10 (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1984); e Colin Godwin, *Baptizing, Gathering, and Sending: Anabaptist Mission in the Sixteenth-century Context* (Kitchener, Canadá: Pandora Press, 2012).

entendimentos da missão dos anabatistas do século XVI e os menonitas do século XX, eles não podem ser considerados iguais. Como nossa preocupação são os menonitas brasileiros dos séculos XX e XXI, limitaremos a visão histórica ao mesmo período de entendimentos menonitas da missão.

Não se pode falar de uma compreensão menonita definitiva da missão. Wilbert R. Shenk conclui corretamente que “os menonitas investiram pouco esforço no desenvolvimento de uma compreensão teológica da missão a partir de sua própria tradição. Em vez disso, eles confiaram no que outras tradições produziram”.<sup>128</sup> Entre essas tradições, estariam incluídas o Anabatismo do século XVI, o pietismo alemão do século XIX e o Evangelicalismo do século XX. Mesmo assim, nos últimos 60 anos, muitas reflexões, consultas e consequentes publicações foram realizadas entre os pensadores e praticantes de missões menonitas. O efeito cumulativo produziu o que legitimamente pode ser chamado de uma compreensão menonita emergente da missão. A visão geral a seguir resume as ênfases desse entendimento que foi articulado mais plenamente nos anos 90.<sup>129</sup>

### **O Deus Triúno e a Missão**

Deus é o autor e consumidor da missão. Ele é o sujeito da missão. Depois de analisar as declarações missiológicas de 15 agências missionárias menonitas norte-americanas, Hans Kasdorf conclui “[...] a missão é em primeiro lugar de Deus; ela se origina com ele, emana dele, é realizada por ele e lhe dá glória”.<sup>130</sup> E este Deus de missão começa, continua e conclui suas obras de criação, redenção e consumação por causa do seu amor infinito.

Das três Pessoas da Trindade, os menonitas historicamente se concentraram mais no Filho. Jesus é visto como Deus Encarnado, Servo Sofredor, Salvador, Senhor e Consumador. Seu habitar entre nós é modelo para todos os aspectos da missão hoje. Sua humildade, seu sofrimento e caminho da cruz são chamados para seus seguidores hoje. Ele é Aquele a quem unicamente Deus se revelou, e Ele é exclusivamente o único caminho para Deus. Seu senhorio soberano é digno de nossa absoluta obediência, e no final Ele irá definitivamente restaurar todas as coisas para si mesmo, recompensando os justos e punindo todo o mal.

---

<sup>128</sup> S. F. Pannabecker, Harold S. Bender e Wilbert R. Shenk, "Mission (Missiology)," Global Anabaptist Mennonite Encyclopedia Online, 1987, consultado em 7-10-2016, [http://gameo.org/index.php?title=Mission\\_\(Missiology\)&oldid=134704](http://gameo.org/index.php?title=Mission_(Missiology)&oldid=134704).

<sup>129</sup> Calvin E. Shenk, ed., *A Relevant Anabaptist Missiology for the 1990s*, (Elkhart, EUA: Council of International Ministries, 1990); Wilbert R. Shenk, *By Faith They Went Out: Mennonite Missions, 1850-1999*, Occasional Papers No. 20 (Elkhart, EUA: Institute of Mennonite Studies, 2000).

<sup>130</sup> “Towards an Anabaptist Missiology for the 1990s: A Missiologist’s Perspective,” em *Relevant Anabaptist*, p. 4.

Embora o movimento anabatista do século XVI tivesse elementos que enfatizavam o papel do Espírito, historicamente os menonitas não foram dados para refletir ou articular profundamente sobre o Espírito Santo na missão. No entanto, em meio a movimentos pentecostais e carismáticos durante a última metade do século XX, os menonitas estão respondendo às questões levantadas e experimentando a revitalização por meio da influência desses movimentos. Enquanto no passado uma compreensão do Espírito em missão estava mais implícita, hoje menonitas afirmam explicitamente que o Espírito regenera os espiritualmente mortos, renova a igreja letárgica, fortalece e envia a igreja ao mundo e convence o mundo do evangelho de Cristo. Mesmo assim, embora haja maior compreensão do papel do Espírito, há também a lembrança de que o Espírito é de Cristo e enviado pelo Pai. “Uma compreensão trinitária da missão nos ajuda a discernir onde o Espírito está trabalhando [...] Nós não definimos Cristo com base nos supostos trabalhos do Espírito. Nossa cristologia determina o que é verdadeiramente do Espírito”.<sup>131</sup>

### **As Escrituras e a Missão**

As Escrituras do Antigo e do Novo Testamento são o guia oficial para fé, vida e missão. Essas Escrituras formam a Bíblia cristã e são chamadas a Palavra de Deus. O cânon de 66 livros é considerado ao mesmo tempo inspirado por Deus e fechado a acréscimos ou subtrações. “Sendo que as Escrituras são a Palavra de Deus, sua mensagem é supracultural e normativa; e sendo que elas são a mensagem de Deus para a humanidade, são transculturais e aplicáveis a todas as situações humanas em todos os contextos culturais”.<sup>132</sup>

Dois outros comentários são necessários sobre a compreensão menonita das Escrituras e da missão. Primeiro, em continuidade com um dos pilares da Reforma do século XVI, ou seja, o sacerdócio de todos os crentes, os menonitas afirmam que todos os crentes podem e devem estudar as Escrituras. Além disso, todos os seguidores de Cristo têm o mesmo Espírito que inspirou as Escrituras, e assim podem participar da comunidade hermenêutica para entender e aplicar as Escrituras à vida diária e ao testemunho. Em segundo lugar, o movimento da teologia bíblica tem influência positiva na maioria dos círculos missionários menonitas. Isto leva a menos texto-prova de versículos isolados, e mais identificação de temas da missão em toda a Escritura. Ao mesmo tempo, os dois textos bíblicos que continuam a aparecer como fundamental para a compreensão da missão são a autocomissão de Jesus (Lc 4:18-19) e sua Grande Comissão (especialmente em Mt 28:18-20).

### **O Reino, a Igreja e a Missão**

Nos séculos passados, e ainda em grande parte na primeira metade do século XX, os menonitas eram conhecidos como os quietos na terra. Nas

---

<sup>131</sup> “Essential Themes for an Anabaptist Missiology,” em *Relevant Anabaptist*, p. 72.

<sup>132</sup> Kasdorf, “Towards,” p. 5.

últimas décadas, uma mudança em direção à teologia do Reino vem ocorrendo. “A mudança é de chamar a igreja (de viver apenas) fora do mundo para a proclamação do governo de Deus sobre o mundo, e a igreja como a realidade antecipada e sinal do Reino escatológico”.<sup>133</sup> Esse Reino foi inaugurado por Jesus, o Rei dos reis. No entanto, é um Reino escatológico que se completará para a eternidade quando o Rei vier pela segunda vez. É tanto agora como ainda não.

A igreja é a comunidade humana visível do Reino. Ela oferece uma sociedade alternativa do Reino de Deus às sociedades e aos reinos deste mundo. Nesse sentido, é uma antevisão do futuro Reino. Assim, entra-se no Reino quando se entra na igreja, por arrependimento do pecado e fé obediente em Cristo.

Embora o Reino seja maior que a igreja, a igreja é essencial para a missão de Deus e seu Reino. Por sua própria natureza, a igreja é apostólica, isto é, enviada ao mundo por seu fundador e chefe, Jesus Cristo. “A Bíblia não descreve nenhum outro meio pelo qual Deus esteja alcançando o mundo do que por meio do povo de Deus. Pela presença deste povo, o testemunho se torna concreto e encarnado. Estas pessoas atualizam o amor de Deus”.<sup>134</sup> Assim, entende-se que a igreja é baseada na missão e a missão é baseada na igreja.

Enquanto o objetivo final da missão é o cumprimento do Reino de Deus, a meta mais imediata, ou objetivo operacional, é a plantação de igrejas. Estas comunidades locais de crentes são expressões concretas da igreja universal e do Reino eterno. Elas buscam evangelizar e servir os sem-igreja, reunir e nutrir novos crentes, equipar e enviar todos os crentes, louvar e adorar o Senhor da igreja. Elas também são comunidades que fazem alianças uns com os outros para edificação mútua, prestação de contas e testemunho. Assim como cada igreja local é uma família de seguidores, as igrejas locais unem-se em famílias regionais, nacionais e internacionais para realizar juntos o que nenhuma poderia fazer sozinha.

Ministérios holísticos ou a missão integral não devem ser vistos como secundários ao evangelismo e à plantação de igrejas. Nem a igreja do primeiro século nem os anabatistas do século XVI fazem tal distinção ou priorização. Os menonitas do século XX tendo sido influenciados por movimentos que de fato dicotomizam, não eram inteiramente unânimes neste assunto. Não obstante, as articulações mais claras do pensamento missionário menonita chamam por integridade na missão.<sup>135</sup>

---

<sup>133</sup> C. Norman Kraus, “A Theological Analysis of Mennonite Statements of Mission,” em *Relevant Anabaptist*, p. 20.

<sup>134</sup> Shenk, *By Faith*, p. 131.

<sup>135</sup> Kasdorf, “Towards,” 16; Kraus, “Theological Analysis,” 22; Shenk, “Essential Themes,” 75-81; Shenk, *By Faith*, p. 132.

## **Humanidade e Salvação**

A humanidade, apesar de ter sido criada perfeita à imagem de Deus, pecou intencionalmente contra Deus desde Adão até o presente. A queda criou conflito e destruição em todas as esferas da criação de Deus - espiritual, física, cultural e social. As consequências de uma natureza humana caída e pecaminosa, um mundo alienado de Deus e um diabo que se opõe a Deus são pessoas e povos perdidos, escravizados e condenados. No entanto, por causa do amor infinito de Deus por sua criação, com a humanidade no centro, Ele busca redimir pessoas e restaurar relacionamentos quebrados, e Deus começa com o relacionamento vertical para si mesmo.

A salvação que Deus fez possível enviando Jesus para sofrer e morrer vicariamente também é o evangelho que a igreja proclama. É uma boa notícia, já que as pessoas podem encontrar perdão de seus pecados e paz com Deus. É uma boa notícia, já que há libertação das cadeias de culpa, vícios e espíritos demoníacos. Esta libertação traz paz consigo mesmo. É uma boa notícia, já que quebra barreiras pecaminosas entre pessoas e povos, e cria relacionamentos pacíficos. É uma boa notícia, já que o povo de Deus se torna presença profética de sal e luz na sociedade, resistindo e, por vezes, removendo o avanço da injustiça e da opressão. É verdadeiramente o evangelho de paz com Deus, consigo, com outros e com a sociedade.

O chamado para a salvação é um chamado à conversão e ao discipulado. Cristo chama as pessoas a deixar a vida do egoísmo e do prazer mundano, tomar sua cruz de sacrifício e sofrimento, e segui-lo em uma vida de obediência e serviço. A vida cristã é uma vida custosa. O Sermão da Montanha (Mateus 5-7) é o resumo mais frequentemente citado por menonitas do discipulado e da ética cristãos. Embora não neguem as bênçãos e os benefícios da vida cristã, os menonitas em missão têm enfatizado historicamente que o caminho para a vida abundante, seja agora, seja no futuro, é o caminho da cruz.

Seguir a Cristo em uma vida de discipulado não é apenas uma questão individual. Cristo chama as pessoas para segui-lo em comunidade. Após a conversão (experimentada diferentemente como evento, vários eventos, ou processo), os novos crentes preparam-se para o batismo voluntário, entendido como expressão externa e simbólica da nova realidade interna. O batismo nas águas é também a ocasião para a entrada formal no corpo local dos crentes. A conversão voluntária, o batismo e a membresia na igreja local são vistos como inseparáveis e essenciais para uma vida de discipulado bíblico. O modo de batismo (seja por afusão, aspersão ou imersão) é secundário ao significado do batismo do crente, ou seja, a solene declaração de fé em Cristo e a identificação pública com ele.

## **O Pessoal da Missão**

O sacerdócio de todos os crentes, redescoberto por Martinho Lutero e revitalizado pelos anabatistas do século XVI, também, é central para a compreensão menonita da missão quando se pergunta: “Quem deve ir?” Todos

os crentes são sacerdotes de Deus. Todos são dotados e capacitados, e todos são enviados para testemunhar. O *apostolado dos leigos*, embora não seja um termo amplamente divulgado, é entendido como normativo para a igreja em todos os tempos.

Assim como todos são chamados, dotados e enviados para testemunhar, alguns são designados pelo Espírito e pela igreja para missões especiais que exigem maior preparo, apoio e, às vezes, sacrifício. Muitas vezes esses *missionários* são enviados através das fronteiras maiores de cultura, distância e religião. Assim, enquanto todos são chamados a dar seu testemunho missionário, alguns são designados e chamados *missionários*. Isso era verdade mesmo quando toda a igreja primitiva era apostólica, mas apenas alguns eram designados como *apóstolos*.

Uma consideração final sobre o pessoal da missão tem a ver com a motivação missional. O que motiva os menonitas a cooperar com Deus na missão mundial? A principal motivação continua a ser a obediência à Grande Comissão, especialmente conforme registrado em Mt 28:18-20. A Comissão é vista como convincente, autoritativa e incumbente. Outras motivações, igualmente apropriadas, mas aparentemente secundárias, são: 1) sentimento de gratidão a Deus por sua encarnação salvadora; 2) senso de conhecer o Deus Triúno e querer que os outros conheçam e adorem o único Deus verdadeiro; 3) senso de preocupação pelos perdidos e seu destino eterno de separação de Deus; e 4) sentimento de compaixão por aqueles cujas vidas estão agora cheias de sofrimento.<sup>136</sup>

### ***Leituras Recomendadas***

Deiros, Pablo Alberto. *Historia del Cristianismo en América Latina*.

Buenos Aires, Argentina: Fraternidad Teologica Latinoamerica, 1992.

Godwin, Colin. *Baptizing, Gathering, and Sending: Anabaptist Mission in the Sixteenth-century Context*. Kitchener, Canadá: Pandora Press, 2012.

Hodges, Melvin L. *A Theology of the Church and Its Mission: A Pentecostal Perspective*. Springfield, EUA: Gospel Publishing House, 1977.

Núñez C., Emilio Antonio. *Liberation Theology*. Chicago, EUA: Moody Press, 1985.

Shenk, Wilbert R., ed. *Anabaptism and Mission*, Institute of Mennonite

Studies, Missionary Studies, n. 10. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1984.

Steuernagel, Valdir, ed. *A Evangelização do Brasil: Uma Tarefa Inacabada*. São Paulo, SP: ABU Editora, 1985.

---

<sup>136</sup> Kasdorf, "Towards," p. 7-8.

***Perguntas de Estudo***

1. Você concorda com as tipologias do autor sobre teologias missionais protestantes no Brasil? Essas distinções são verdadeiras hoje? Novas tipologias estão surgindo? Com qual você mais se identifica?
2. Quem são as novas vozes da teologia protestante ou evangélica da missão no Brasil hoje? O que estão dizendo é novo e relevante?
3. O histórico entendimento menonita da missão parece se alinhar com um tipo protestante ou é mais variado e seletivo? Discutir.



## 13. ENTENDIMENTOS MISSIONAIS MENONITAS

Este capítulo é baseado nas descobertas da pesquisa realizada por mim em 1998.<sup>137</sup> Os objetivos surgiram do seguinte propósito: Analisar os atuais entendimentos menonitas da missão para que os obreiros missionais do Brasil e no Brasil possam conduzir melhor seu ministério de maneira bíblica, unida, focada e eficaz. As conseqüentes perguntas de pesquisa incluíram: 1) O que os obreiros menonitas no Brasil entendem sobre a missão mundial cristã? 2) Quanta diversidade teológica existe entre os obreiros e qual a sua importância? 3) Quais foram as influências mais significativas na formação de sua compreensão da missão? 4) Se for o caso, como a compreensão menonita da missão no Brasil é distinta do Evangelicalismo geral brasileiro? Segue o resumo dos resultados mais relevantes. Algumas conclusões são oferecidas no final do capítulo. O leitor é encaminhado para a pesquisa completa no APÊNDICE B para revisar as perguntas mencionadas abaixo.

### *Uma Visão Geral Teológica*

#### **O Deus Triúno e a Missão**

Das 87 perguntas feitas no questionário, pelo menos 11 estavam direta ou indiretamente relacionadas à compreensão dos entrevistados sobre Deus em relação a diferentes aspectos da missão. Em algumas delas, as respostas são bastante comuns e ortodoxas. Em outras, as respostas são únicas e exigem mais comentários.

A Pergunta 10 tinha a ver com a soberania missionária de Deus. As opções oferecidas foram geralmente alinhadas ao Anabatismo/Arminianismo, ao Calvinismo e ao Universalismo. Das 142 respostas, 135 escolheram a resposta anabatista/arminiana, 5 escolheram uma resposta mais calvinista e apenas 1 entendeu que todos acabariam sendo salvos. Este entendimento missional da natureza de Deus foi apenas parcialmente confirmado na Pergunta 41, que tratou da origem da missão da igreja. Mas, a maioria – apenas 51% – entendeu que a missão se origina no coração de um Deus missionário (32% viram sua origem na Grande Comissão e 5% no Pentecostes).

Uma visão mais forte de Deus e da missão surgiu na Pergunta 42, que tratou do propósito da missão. As opções dadas apontaram um foco divino, um foco humano e um foco satânico. Em outras palavras, os propósitos da missão seriam glorificar a Deus, evitar a punição da humanidade ou envergonhar Satanás. Setenta por cento sentiram que o propósito da missão era salvar a humanidade, em última instância, para o louvor da glória de Deus. Vinte e

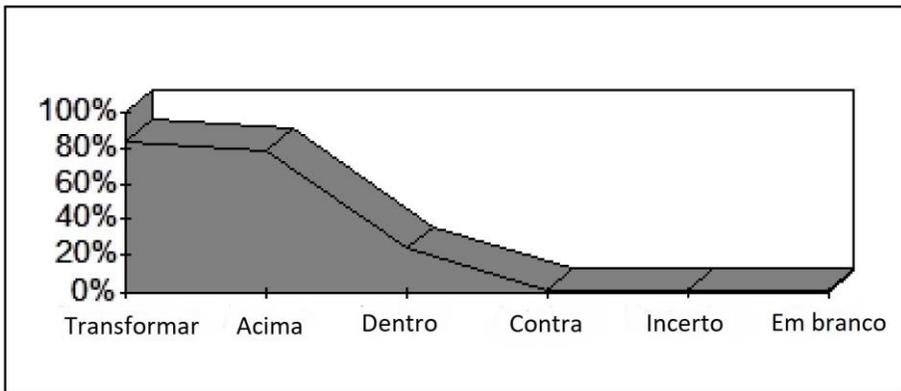
---

<sup>137</sup> Detalhada explicação da metodologia e o questionário completo encontram-se no Apêndice B.

quatro por cento viram o foco estar na humanidade, evitando a eterna separação de Deus.

As perguntas relativas a Cristo e a missão revelaram uma cristologia inconfundivelmente alta. Em um país influenciado pela Teologia da Libertação, podia-se esperar uma cristologia “inferior” (isto é, com mais foco na humanidade de Cristo). A Pergunta 11 procurou descobrir o quanto devemos enfatizar a humanidade e/ou a divindade de Cristo ao apresentá-lo aos não cristãos. Setenta e seis por cento sentiram que deveríamos enfatizar os dois de acordo com as necessidades do ouvinte; 19% queriam mais ênfase em sua divindade. Da mesma forma, na Pergunta 12, referente a Cristo e às religiões mundiais, 98% afirmaram a exclusividade de Cristo como o “único caminho” para Deus.

Outra confirmação desta alta cristologia veio na Pergunta 49, que indagou sobre a relação de Cristo com a cultura. Como a FIGURA 1 indica seu poder de "transformar" a cultura e sua posição "acima" da cultura foram claramente favorecidos, em vez de uma compreensão mais baixa dele "dentro" da cultura.



**FIGURA 1 – CRISTO E CULTURA**

Eu não achei a pneumatologia dos obreiros menonitas no Brasil tão alta quanto a sua cristologia. As Perguntas 14-16 tratam desse assunto. Ao perguntar quando o Espírito se move entre os não alcançados, apenas cerca de dois terços (69%) entenderam que o Espírito chega antes do missionário. Treze por cento sentiram que ele chegou com o missionário, e o mesmo percentual era incerto. Maior clareza surgiu na Pergunta 15 sobre as atividades missionárias do Espírito, a saber: 1) chamar, preparar e enviar obreiros por meio da igreja (93%); 2) levar os cristãos a orar, apoiar e enviar (85%); e 3) preparar os não cristãos para o evangelho (75%). Curiosamente, para um movimento historicamente forte em eclesiologia, apenas 45% estavam certos de que o Espírito reúne novos cristãos na igreja para adoração, crescimento e

serviço. Finalmente, na Pergunta 16, uma maioria saudável (87%) viu a necessidade de enfatizar no ministério missionário do Espírito tanto os dons quanto os frutos.

### **As Escrituras e a Missão**

Alta visão das Escrituras acompanha alta teologia entre os obreiros menonitas no Brasil. Pelo menos cinco perguntas (6-9, 48) trataram da compreensão das Escrituras e da missão cristã.

A base bíblica para a missão foi buscada na Pergunta 7. Seguindo os anabatistas do século XVI, 85% compreenderam que a Grande Comissão era a passagem mais fundamental para a missão. Sessenta e oito por cento viam a base também em certas “pepitas missionárias” (textos especiais) do Antigo e do Novo Testamento. A abordagem relativamente nova em uma teologia bíblica da missão, a de ver temas de missão em todas as Escrituras, foi adotada por apenas 61% dos entrevistados. Uma visão menos certa da missão no AT surgiu na Pergunta 9. Dezesesseis por cento sentiram que Deus demonstrou menor ou algum interesse progressivo em salvar as nações do AT, 6% eram incertos e 78% viam contínua intenção de salvar as nações nas Escrituras.

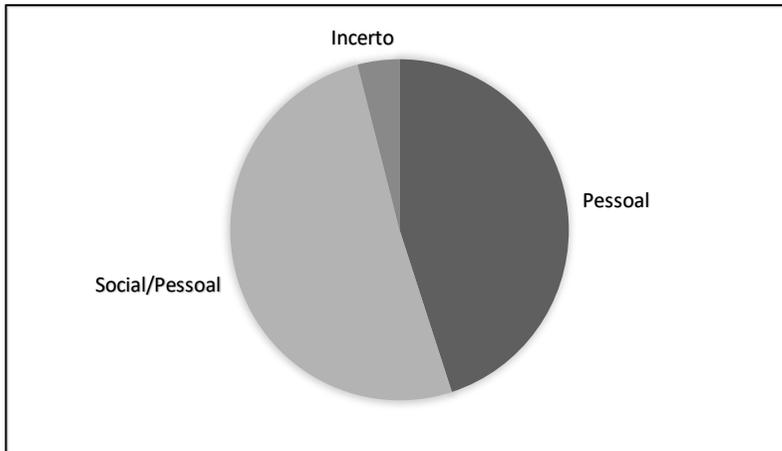
O modo de se interpretar o livro de Atos é crítico no Brasil, pois quatro quintos da igreja evangélica é de sabor pentecostal. As Perguntas 8 e 48 enfocaram esta questão hermenêutica. Aqui, novamente, uma visão mais elevada predomina, embora não seja esmagadora. A Pergunta 8 compara as visões hermenêuticas do livro de Atos de perspectivas prescritivas, prescritivas/descriptivas e descriptivas. Os entrevistados escolheram 51%, 35% e 5%, respectivamente. Uma pergunta similar (48) revelou que 63% dos obreiros menonitas entendiam Atos 1:8 como padrão universal, embora não houvesse direção clara sobre se a expansão cultural deveria ser sequencial ou simultânea. Vinte por cento entendiam isso como um comando, e apenas 4% viam isso apenas como uma profecia de expansão da igreja primitiva.

### **Reino, Igreja e Missão**

Quatro perguntas diziam respeito à compreensão do Reino de Deus em relação à igreja e à missão (31, 32, 33, 37). O que emerge é que os menonitas no Brasil têm uma compreensão bastante evangélica da natureza do Reino e da igreja, embora não seja um entendimento muito dispensacional, como eu pensava que poderia ser o caso. Sessenta e um por cento compreendiam que a igreja é a comunidade humana do Reino e 16% viam os dois como iguais. Apenas 11% acreditavam que o Reino é inteiramente no futuro, e um número igual era incerto. Uma compreensão mais clara parecia evidente na resposta à Pergunta 32, em que 80% indicavam que o Reino de Deus começou com a primeira vinda de Cristo, mas só seria completado em sua segunda vinda.

Uma questão-chave (37) procurou definir a natureza da retidão/justiça do Reino (a mesma palavra, *justiça*, é usada para ambos). A FIGURA 2 ilustra uma divisão quase igual entre os entendimentos da justiça do Reino como

sendo social/pessoal e apenas pessoal. Ninguém sentiu que era apenas a correção das injustiças sociais.

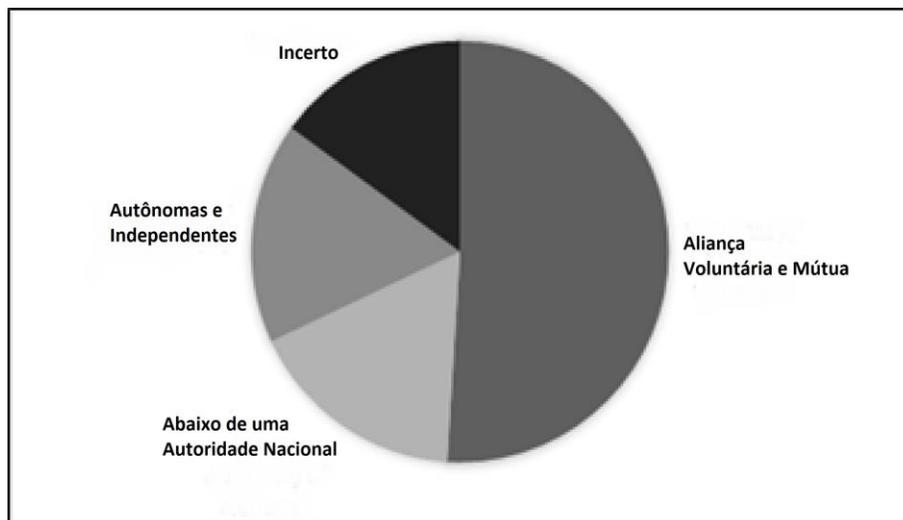


**FIGURA 2 – A JUSTIÇA DO REINO: SOCIAL OU PESSOAL**

Como era de se esperar, os menonitas no Brasil apresentaram senso bastante forte de eclesiologia. As Perguntas 34-36 e 38-45 tinham a igreja em missão como foco. Noventa e um por cento dos entrevistados concordaram que chegou o momento de todas as igrejas em todos os continentes envolverem-se na missão mundial, ao contrário de as igrejas em nações desenvolvidas ou em desenvolvimento terem maior responsabilidade. Setenta e cinco por cento viram a necessidade de a igreja local envolver-se simultaneamente em edificação e missão, embora 13% achassem que a maioria dos esforços deveria ser investida em evangelismo, seja perto, seja longe. Na Pergunta 35, procurou-se descobrir pontos de vista da prioridade da missão ante outras prioridades na vida da igreja. Forçar o entrevistado a priorizar pode ter sido excessivamente acadêmico, já que 18% indicaram "incerto" ou marcaram mais de uma resposta. Daqueles que priorizaram, a missão holística obteve a maior pontuação (50%), seguida pela adoração (19%) e pela doutrina bíblica (11%).

Alguma dúvida na eclesiologia foi mostrada nas perguntas relativas à singularidade da igreja em missão (38) e à relação das igrejas locais umas com as outras (36). Na primeira, curiosamente, apenas 61% entenderam que a igreja de Cristo é o único instrumento humano de Deus para a salvação dos outros. Trinta e um por cento sentiram que Deus tinha outros instrumentos além da igreja. Quais são os outros instrumentos nas mentes dos entrevistados? São ministérios paraeclesiásticos e indivíduos cristãos, ou instrumentos não cristãos? Dada a alta cristologia, eu suspeitaria do primeiro.

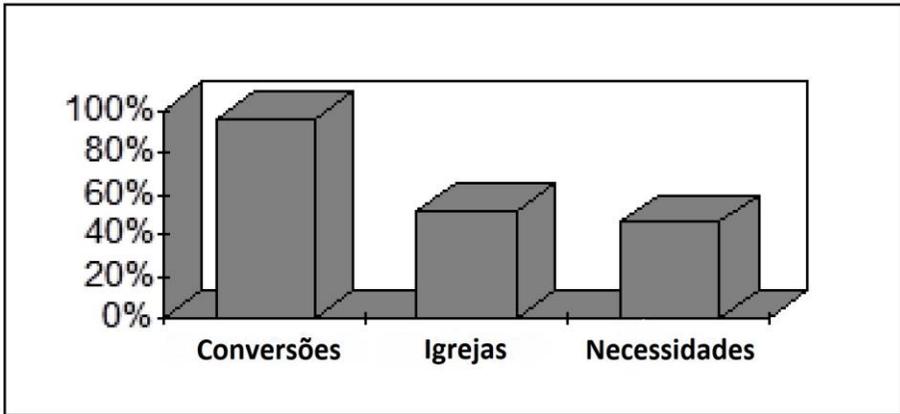
A eclesiologia menonita parecia mais fraca na compreensão de como as igrejas locais se relacionam umas com as outras (Pergunta 36). Como pode ser visto na FIGURA 3, embora a resposta preferida para os menonitas fosse a mais indicada, apenas cerca de metade dos respondentes escolheu essa resposta.



**FIGURA 3 – RELACIONAMENTO ENTRE IGREJAS**

As Perguntas 41-45 tratam de origem, propósito, objetivos, motivação e significado da missão. As Perguntas 41-42, aludidas anteriormente, são de natureza mais teológica, com foco principal no início e no final da missão. Enquanto a maioria entendia que Deus era o começo e o fim da missão, os percentuais não eram altamente significativos: 51% viam a missão como tendo início no próprio coração de Deus. A convicção de que Deus é o fim da missão emergiu mais fortemente, com 70% favorecendo esse ponto de vista, comparado a 24% que viram o propósito da missão como o de evitar a separação humana de Deus.

Um tanto diferente do propósito maior da missão foram os objetivos imediatos da missão. Nesta pergunta “selecione tudo que se aplica” (43), forte perspectiva conversionista era óbvia, com 96% escolhendo a conversão de almas perdidas, 52% escolhendo a multiplicação de igrejas e apenas 46% escolhendo também a demonstração do amor de Cristo por meio de atender todo o tipo de necessidade humana.

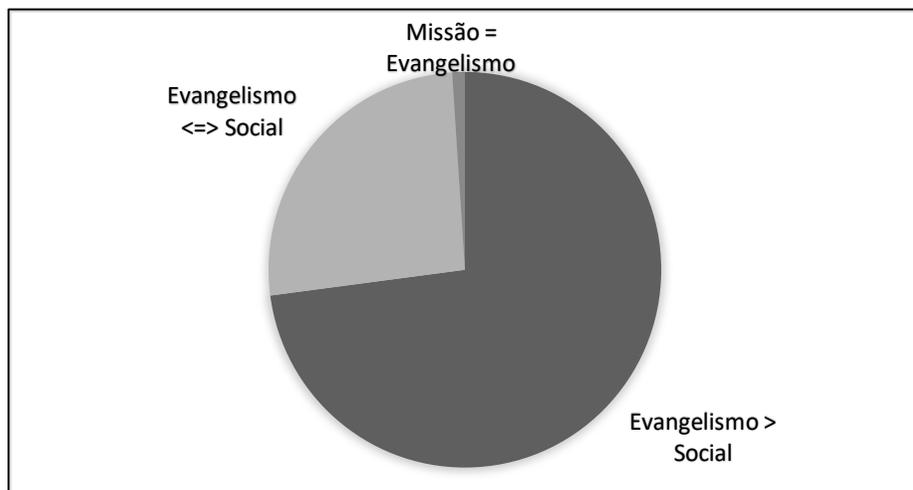


**FIGURA 4 – OBJETIVOS DA MISSÃO**

A motivação para a missão (Pergunta 44) é vista basicamente de forma tripla. Porcentagens quase iguais (ambas cerca de 80%) escolheram o amor irresistível de Cristo, a compaixão pelos perdidos e necessitados, e a obediência à Grande Comissão. Uma motivação mais recente e talvez mais triunfalista – a de acelerar a segunda vinda de Cristo – recebeu apenas 51% dos respondentes.

Finalmente, uma das perguntas mais significativas (45) foi averiguar como os obreiros menonitas entendiam o significado da missão em relação a um dos grandes debates entre os missiólogos do século XX. O resultado revela que a influência do Evangelicalismo conservador é maior entre os menonitas brasileiros do que o anabatismo do século XVI e o menonitismo do século XX.<sup>138</sup> Setenta por cento entendiam que missão significa evangelismo e assistência social, com o evangelismo como objetivo principal. Apenas 25% viam a missão como consistindo igualmente em evangelismo e assistência social, a mais tradicional (embora teórica) posição menonita. Um por cento via a missão como sendo unicamente a evangelização, e ninguém via a missão como unicamente a melhoria social.

<sup>138</sup> Neste capítulo, estou usando o termo menonitismo para referir-me às compreensões missioteológicas dos articuladores menonitas norte-americanos e europeus do século XX, conforme apresentado no Capítulo 12.



**FIGURA 5 – MISSÃO, EVANGELISMO E ASSISTÊNCIA SOCIAL**

### Humanidade e Salvação

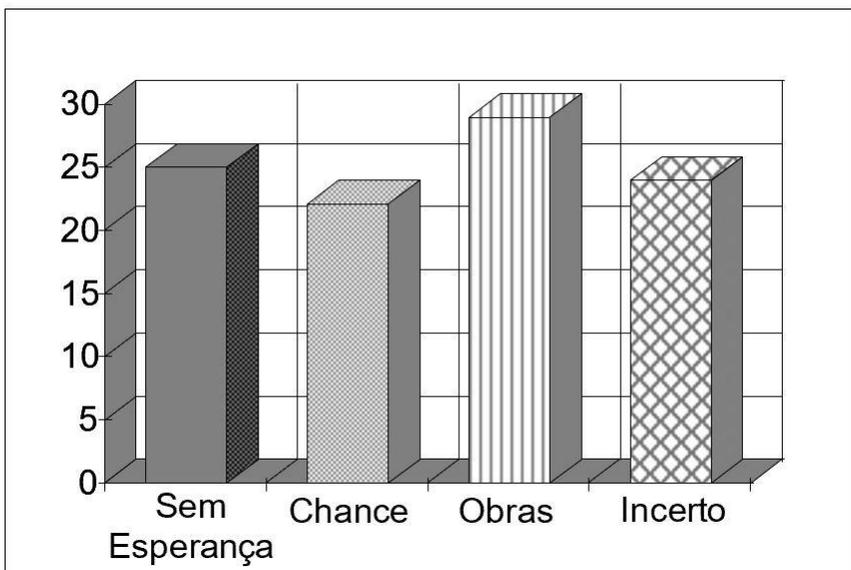
Os objetivos das Perguntas 13, 20-30 e 37 eram obter uma visão mais clara de como os menonitas no Brasil entendem a condição da humanidade diante de Deus, a natureza da salvação, o evangelho da paz, a vida após a morte e a conversão.

Como Jesus é visto e apreciado era o foco da Pergunta 13. Jesus é mais apreciado como Salvador do pecado e da culpa (93%), seguido mais distante por suas qualidades de Libertador da tentação e dos demônios (52%), Amigo dos solitários e confusos (48%) e Libertador das injustiças sociais (35%). Essa ênfase em Cristo como Salvador é claramente confirmada pela resposta à Pergunta 20 sobre o *status* moral da humanidade, em que 96% viram a humanidade como moralmente caída e necessitada da salvação de Deus. Além disso, a Pergunta 21 (tudo o que se aplica) revela a visão de que nossa maior separação de Deus é devida à nossa própria pecaminosidade e culpa (99%). Vinte e seis por cento indicaram que a separação se deve a medos demoníacos e vícios; apenas 11% culpavam as injustiças sociais. Portanto, a salvação nesta vida (Pergunta 22) é vista virtualmente por todos como perdão e vitória sobre o pecado. É visto pela metade (50%) como liberdade da opressão demoníaca, e por um quinto (19%) como libertação da opressão humana.

A pergunta (23) que provoca maior discussão entre os menonitas norte-americanos conscientes da raça, embora não seja menos relevante entre os menonitas brasileiros conscientes da classe, referiu-se ao evangelho da paz. Apenas cerca da metade entendeu que o evangelho da paz tem dimensão horizontal; como evangelho que traz paz entre indivíduos e grupos anteriormente separados mediante a reconciliação de Cristo. A maioria (94%)

viu o evangelho da paz como se referindo principalmente à paz individual com Deus; três quartos dos entrevistados sentiram que também incluía a paz interior em todas as situações.

Quatro perguntas examinaram crenças sobre a vida após a morte. De acordo com a Pergunta 24, 89% acreditavam que os crentes verdadeiros passariam a eternidade no céu com Deus, os santos e os anjos. Menos, mas com significativos 63%, acreditava que isso seria um novo céu em uma nova terra. Surpreendentemente, apenas 20% indicaram posição pré-milenista de passar a eternidade no céu depois de mil anos na terra. Se isso se deve à crença em outras posições milenares, ou se o debate milenar não ocupou a reflexão teológica dos menonitas brasileiros, seria mera especulação. Na Pergunta 25, 89% acreditavam que o destino dos não cristãos era literalmente um inferno, enquanto 15% indicavam incerteza, ou escolhendo esta opção (9%) ou permitindo a possibilidade de segunda chance após a morte (6%). Um número igual (4%) escolheu as opções similares da não existência do inferno e a aniquilação dos não cristãos. A reencarnação, uma crença popular para muitos brasileiros, foi rejeitada por 92% dos obreiros menonitas entrevistados. A atual incerteza sobre o destino dos não evangelizados entre os cristãos ao redor do mundo foi compartilhada pelos menonitas brasileiros nesta pesquisa. Das quatro opções listadas na Pergunta 26 (1- sem esperança, 2- uma chance de ouvir e responder, 3- de acordo com suas obras e 4- incerto), os respondentes escolheram quase igualmente entre eles. A figura a seguir mostra a falta de concordância sobre essa questão crucial para a missão mundial.



**FIGURA 6 – O DESTINO DOS NÃO EVANGELIZADOS**

As Perguntas 28-30 lidam menos com a teologia formal e mais com questões de teologia prática – a saber, as da conversão e do batismo na igreja local. Em uma resposta óbvia ao significado da verdadeira conversão, todos os entrevistados concordaram que deveria haver um crescimento contínuo no amor e no seguimento de Cristo. No entanto, apenas 55% igualaram a conversão com uma decisão clara e definitiva. Uma pergunta relacionada (29) sobre o momento da conversão revelou falta de consenso sobre o como e o quando da conversão. Sessenta e sete por cento sentiram que a conversão é uma experiência única e memorável. Em contradição parcial, 65% sentiram que a conversão poderia ocorrer durante uma série de experiências, cada uma trazendo mais clareza e convicção. Além disso, 49% acharam que a conversão poderia ocorrer como um processo gradual, sem uma ou mais experiências particulares. Pode-se concluir que há uma falta de certeza sobre a conversão. Acho melhor concluir que há mais ênfase no “o que então?” do que no “como e quando?” da conversão.

Uma das ênfases pós-conversão entre os menonitas é o batismo em água, tratado brevemente na Pergunta 30. Setenta e dois por cento sentiram que o convertido deveria esperar um pouco por um período de observação e ensino sobre a vida cristã e a membresia na igreja. Isso corresponderia à prática histórica dos menonitas. Talvez devido a certas influências pentecostais no Brasil, 61% achava que o batismo nas águas deveria ocorrer o mais rápido possível depois que o candidato tivesse a certeza da salvação. Uma antiga prática menonita germânica, a de considerar a adolescência como o momento certo para batizar a juventude da igreja, recebeu apenas 18% de afirmação.

### **Cultura e Missão**

Dadas as diferenças de etnia entre os obreiros menonitas no Brasil, e particularmente o padrão histórico de isolamento cultural entre menonitas de origem germânica, pode-se esperar uma compreensão muito diversa de cultura e missão. Este não foi claramente o caso. Das cinco perguntas (46-50) feitas sobre cultura e missão, uma compreensão unificada e saudável apareceu entre as respostas. Sobre o valor das culturas (Pergunta 46), 96% afirmaram o valor igual de todas as culturas aos olhos de Deus. Enquanto as culturas pareciam ser altamente valorizadas, os respondentes também entenderam a necessidade de serem transformadas por Cristo. A Pergunta 49 foi discutida e ilustrada (FIGURA 1) anteriormente.

Uma descoberta irônica foi que, no contexto de um Evangelicalismo altamente influenciado pelo movimento de crescimento da igreja, o muito debatido *princípio da unidade homogênea* (Pergunta 50) havia convencido poucos de sua legitimidade. Em situação de plantação de igrejas, ninguém sentiu que o missionário deveria se concentrar sempre em reunir pessoas semelhantes. Sessenta e sete por cento sentiram que deveríamos abrir nossos braços para todas as pessoas e 30% acharam que podemos escolher entre as duas primeiras opções, dependendo do caso.

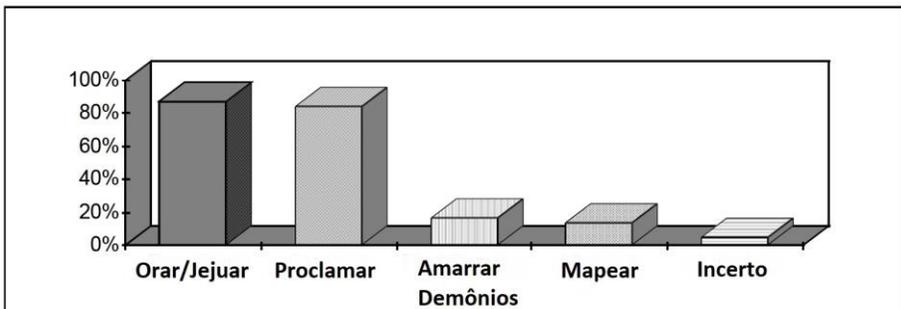
Finalmente, a Questão 47 tratou da comunicação do evangelho nas culturas. Aqui, novamente, surgiu uma compreensão bastante saudável sobre a relação entre conteúdo e forma. Setenta e quatro por cento entenderam que era importante reter a essência do evangelho, mas também se concentrar em mudar as formas em resposta às necessidades culturais. Dezoito por cento sentiram que o foco deveria estar no conteúdo e menos na forma como a Palavra de Deus e o Espírito Santo são as chaves para levar alguém a Cristo.

### O Mundo dos Espíritos

Quatro perguntas (17-19, 27) procuraram determinar em que medida os menonitas foram influenciados pela cosmovisão animista do Espiritismo brasileiro, por um lado e, por algumas tendências populares em relação à guerra espiritual da igreja e dos cristãos, por outro. As respostas revelam muito pouca influência do Espiritismo e alguma influência das tendências da guerra espiritual.

Sobre a existência de diferentes tipos de espíritos, 88% acreditam que existem espíritos malignos que são anjos caídos de Deus. Da mesma forma, 87% acreditam em bons espíritos que são anjos servindo atualmente a Deus. Apenas 2% tinham espaço em sua cosmovisão para bons espíritos de deuses, da natureza ou de seres humanos que partiam. Da mesma forma, 92% acreditavam que Satanás é um diabo pessoal e um anjo caído – ativo –, mas certamente condenado. O mesmo número rejeitou a doutrina espírita da reencarnação.

Uma pergunta-chave (18) indagou como devemos conduzir a guerra espiritual. A grande maioria respondeu escolhendo métodos tradicionais de oração, jejum e proclamação do evangelho. Alguns, no entanto, sentiram que deveríamos estar amarrando demônios e espíritos territoriais (17%), e um grupo menor (14%) sentia que deveríamos estar conduzindo mapeamento espiritual e social para esforços especiais em locais carentes. A FIGURA 7 ilustra as convicções dos entrevistados sobre a guerra espiritual.



**FIGURA 7 – GUERRA ESPIRITUAL**

**Pessoal Missional**

As primeiras seis perguntas da pesquisa tinham a ver com a liderança da missão e os participantes em geral. O objetivo era ver como os obreiros menonitas compreendem os papéis de pastor, apóstolo e missionário, bem como determinar a presença da doutrina bíblica e anabatista do sacerdócio de todos os crentes.

As Perguntas 1e 2 enfocaram papéis específicos de liderança na missão. O papel do pastor é praticar a missão e treinar outros neste processo, de acordo com 78% dos entrevistados. Outros 20% acharam suficiente apenas que os pastores equipassem os membros para o serviço missional.

Quase dois terços (65%) dos obreiros menonitas no Brasil acreditavam que o dom apostólico está sendo dado hoje e deve ser afirmado pela igreja. Isso foi consideravelmente maior do que o esperado em um contexto evangélico altamente influenciado pela teologia dispensacionalista. De acordo com este último, 18% entendem que este dom cessou, seja com a passagem dos doze apóstolos originais (8%) seja com o fechamento do cânon (10%). Dezessete por cento foram incertos.

A vocação missionária parece ter tanto um significado geral como um particular entre os respondentes. Oitenta e seis por cento indicaram que, para ser missionário, o cristão deve testemunhar de Cristo onde quer que esteja localizado. Ao mesmo tempo, 79% indicaram que um grupo especial de missionários é chamado e dotado por Deus, e enviado pela igreja. No entanto, não mais que 8% consideraram que estes missionários especiais são limitados a obreiros interculturais ou estrangeiros. Apenas 32% sentiram que o termo “missionário” descreve todo e qualquer voluntário para o serviço cristão. O papel da igreja local parece ser importante para este tipo particular de missionário. Setenta e sete por cento disseram que este grupo deve ser chamado, testado e enviado pela igreja. No entanto, 22% consideraram a igreja local como não essencial. Ou seja, 16% acham que o chamado de Deus, a preparação adequada e o apoio da agência missionária seriam suficientes. Outros 6% consideraram que voluntariar, encontrar apoio e direção de Deus seriam adequados.

A posição relativamente forte do sacerdócio de todos os crentes no testemunhar não foi tão forte no recrutamento missionário e menos ainda na interpretação das Escrituras para a missão. Setenta e dois por cento entendiam que todos os cristãos deveriam estar envolvidos em orar, encorajar e treinar a classe missionária. Quatorze por cento sentiram que isso era mais bem feito pela liderança da igreja, da agência e da denominação. No entanto, foi na interpretação das Escrituras que a liderança treinada no seminário foi mais valorizada. Oitenta e três por cento queriam que as Escrituras fossem interpretadas por este grupo, enquanto apenas 57% dos entrevistados estavam confortáveis com todos os cristãos no círculo hermenêutico.

**Comparações Internas**

Nesta seção, procuramos respostas para a questão relacionada à diversidade teológica entre os menonitas no Brasil. A variância foi analisada entre as variáveis demográficas de gênero, idade, nacionalidade, etnia, escolaridade, renda e afiliação por igreja ou missão.<sup>139</sup> Com poucas exceções, as variações entre nacionalidade e etnia eram tão semelhantes que foram agrupadas. Este também foi o caso da educação e da renda. Assim, estaremos comparando cinco variáveis demográficas – gênero, idade, nacionalidade / etnia, educação / renda e igreja / agência – com 15 variáveis missionais.<sup>140</sup> TABELA 20 resume as 15 variáveis missionais.

**TABELA 20: COMPARAÇÕES INTERNAS DE VARIÁVEIS**

<b>Categoria</b>	<b>Variável</b>	<b>Pergunta #</b>
Cristologia	Apreciação das qualidades de Cristo	13
Cristologia	Relação entre Cristo e cultura	49
Escrituras	Quem interpreta as Escrituras para a missão?	6
Escrituras	Natureza do livro de Atos	8
Reino	Justiça do Reino: Social ou pessoal?	37
Igreja	Maior prioridade da Igreja	35
Igreja	Relacionamento entre igrejas locais	36
Missão	Objetivo imediato	43
Missão	Significado da missão	45
Salvação	Evangelho da paz	23
Salvação	Destino dos não evangelizados	26
Espíritos	Guerra espiritual	18
Pessoal	Dom de apóstolo	2
Pessoal	Vocação missionária	4
Pessoal	Recrutamento e treinamento missionário	5

<sup>139</sup> A variância entre as variáveis demográficas foi considerada estatisticamente significativa quando uma diferença de dez ou mais pontos percentuais ocorreu em relação ao total da categoria. Além de procurar por variâncias de pelo menos dez pontos, sempre que possível, correlações positivas e negativas também foram buscadas e serão anotadas.

<sup>140</sup> As 15 variáveis missionais foram selecionadas de um total de cinquenta, com base nos seguintes critérios. Primeiro, uma ou duas variáveis foram selecionadas de cada uma das categorias missionais gerais: Cristologia, Escrituras, Reino, Igreja, Missão, Salvação, Espíritos e Pessoal. Em segundo lugar, algumas variáveis foram selecionadas com base em sua importância entre as questões e tendências da missão hoje. Em terceiro lugar, outras variáveis foram selecionadas devido à variação significativa entre as respostas gerais – mais análises foram desejadas. Finalmente, algumas variáveis foram selecionadas porque a resposta geral foi bem diferente da esperada.

### **Comparações de Gênero**

Dos 142 entrevistados, 54% eram homens e 44% mulheres. Essa categoria de variância foi menos significativa, pois em nenhuma variável o homem ou a mulher diferiram em pelo menos 10% do total geral. Além disso, nenhuma tendência consistente poderia ser citada. A próxima categoria, no entanto, revela variações mais significativas.

### **Comparações de Idade**

Os entrevistados foram divididos em quatro faixas etárias: 18-29, 30-49, 50-65 e mais de 65 anos. Para facilitar a identificação, chamei as faixas etárias de juniores, meia idade, maduros e anciãos, respectivamente. Do total de entrevistados, 7% eram juniores, 63% eram de meia idade, 23% eram maduros e 6% eram anciãos.

As faixas etárias que *mais se desviaram das pontuações médias* nas variáveis da missão foram as mais jovens e as mais idosas. Os juniores obtiveram altas pontuações em novos entendimentos da cristologia (Cristo como Amigo, Libertador e dentro das culturas), alto no alargamento do círculo de hermenêutica comunitária, alto nos aspectos sociais da missão (exceto na dimensão horizontal do evangelho da paz), e alto na prioridade e urgência do evangelismo. Os obreiros juniores deram pouca importância em deixar a interpretação das Escrituras aos profissionais e em interpretar o livro Atos como inteiramente prescritivo. Tinham pouca certeza sobre o dom do apóstolo e menos compreensão sobre a preparação para a vocação missionária. Os anciãos estavam no alto sobre o sacerdócio de todos os crentes, marcando consistentemente acima dos outros em todos os crentes interpretando as Escrituras, todos os crentes testemunhando, e todos os crentes recrutando e treinando missionários. Eles eram mais a favor da plantação de igrejas como objetivo imediato da missão. Eles também estavam no topo de uma cristologia conservadora, isto é, em como eles viam (mais que outros) Cristo acima da cultura, e (menos que outros) Cristo dentro da cultura. Eles foram os mais altos em compreender Atos como um padrão autoritário para a missão hoje. Finalmente, embora os anciãos fossem consistentemente baixos nos aspectos sociais da missão, eles conseguiram a pontuação mais alta em incluir a reconciliação social como parte do evangelho da paz.

### **Comparações de Nacionalidade e Etnia**

Assim como na variância entre os grupos etários, houve considerável variação de acordo com a nacionalidade e/ou etnia. Como estas duas variáveis demográficas estão intimamente ligadas, elas são tratadas juntas nesta seção. Em 1998, as nacionalidades representadas eram 81% brasileiras, 11% norte-americanas (EUA e Canadá), 4% alemãs e 3% “outras”. As etnias são muito mais diversificadas: 42% luso-brasileira, 40% alemã/russa, 8% alemã, 7% norte-americana e 7% “outros”. Várias observações surgem.

Em primeiro lugar, o entendimento maioritário da missão é formado por nacionais brasileiros, que por sua vez são constituídos igualmente por etnias

luso-brasileira e alemã/russa. Em segundo lugar, dado o grau de divergência da opinião da maioria, é evidente que a nacionalidade e a etnia desempenham algum papel na formação da compreensão da missão. Em terceiro lugar, os dois grupos mais divergentes foram os norte-americanos e os alemães. Entre estes dois grupos, muitas das variações não são pequenas, mas significativas. Uma divergência de 40 a 70 pontos percentuais ocorreu entre norte-americanos e alemães e, na maioria das vezes, diz respeito aos aspectos sociais da missão. O primeiro marcou alto em Cristo como Libertador, Cristo como Transformador de culturas, o Reino como social e pessoal, missão como prioridade da igreja, missão como igualmente evangelismo e assistência social, o evangelho da paz incluindo a paz social, e a necessidade de mapeamento espiritual e social. O último teve uma alta pontuação em ver a missão como principalmente evangelismo e apenas secundariamente assistência social; além disso, eles pontuaram baixo em apreciar Cristo como Libertador, Cristo como Transformador da cultura, e em mostrar o amor de Cristo para aliviar o sofrimento como um objetivo da missão.

### **Comparações de Escolaridade e Renda**

Destas duas variáveis, o nível de escolaridade foi claramente a mais influente, a julgar pelo número de variações do entendimento da maioria. Ao analisar os níveis educacionais em 1998, encontramos 11% dos respondentes no nível primário, 39% no nível secundário, 32% no nível superior, 14% no nível de mestrado e apenas 2% no nível de doutorado. Seguindo minha análise de variância, especialmente na variável educacional, diversas conclusões se apresentam.

Primeiro, a escolaridade parece ter maior grau de influência na criação da variância da opinião da maioria do que a renda. Em segundo lugar, como foi o caso das variáveis de nacionalidade e etnia, os entrevistados nos grupos minoritários têm a maioria das variações. Isto confirma a validade e relevância de procurar diversidade de acordo com estas variáveis demográficas. Terceiro, parece haver correlação positiva entre o nível educacional e as respostas que favorecem o evangelho integral. Isto é, quanto mais escolaridade se tem, mais se tende a ver o evangelho holisticamente. Finalmente, a correlação positiva é aparente entre o nível educacional e as respostas que geralmente estão alinhadas com a compreensão anabatista da missão. Estas incluem igrejas locais que se relacionam umas com as outras em uma aliança de mutualidade, o papel central da igreja local em chamar e enviar missionários, bem como em um evangelho espiritual e social.

### **Comparações de Agências Eclesiásticas e Paraeclesiásticas**

Seis grupos de missionários foram pesquisados. Três pertenciam a agências de igrejas e três estavam envolvidos em agências paraeclesiásticas. As eclesiásticas foram a COBIM, com 50% dos respondentes, a AEM, com 39%, e a IM com 8%. As paraeclesiásticas foram o CCM, com 5%, a AMB, com 5%, e o NTMS com 3%.

Várias conclusões podem ser tiradas a partir desta análise de agências. Primeiro, há diversidade significativa entre as seis missões pesquisadas. De um mínimo de duas variâncias (AEM) da resposta média a um máximo de 29 (CCM), as diferenças nos entendimentos missionais são dignas de nota. Em segundo lugar, entre os seis grupos, os dois maiores, a COBIM e a AEM, são mais parecidos. Finalmente, as quatro missões menores, embora as mais divergentes da maioria, são surpreendentemente parecidas entre si. Parece significativo que duas das missões baseadas na igreja fossem mais parecidas; que entre as missões baseadas na igreja e as paraeclesiais houvesse considerável variação; e que entre as missões paraeclesiais houvesse muita compatibilidade.

### ***Influências Formativas***

Este capítulo procura identificar e examinar as influências, tanto sagradas como seculares, que se aplicam à formação do entendimento menonita da missão no Brasil. As conclusões são baseadas nas respostas à pesquisa acima mencionada. O grau de influência foi julgado pelos próprios respondentes. Uma tabela de resumo é fornecida no final desta seção.

Como seria de se esperar, dada a alta visão das Escrituras entre os obreiros menonitas no Brasil, a influência da Bíblia no entendimento missional foi considerada alta em até 81% dos entrevistados. As três variáveis (Perguntas 51-53) em relação às influências bíblicas pontuaram bem acima de qualquer uma das outras influências indicadas na pesquisa (veja TABELA 21). Assim como os anabatistas europeus do século XVI, os menonitas brasileiros do século XX continuam a ver a Grande Comissão de Cristo como fundamento para a missão cristã, embora outros textos e temas estejam enriquecendo sua compreensão.

### **Influências Teológicas**

Cinco influências teológicas foram sugeridas (Perguntas 54-58) como possíveis formadores do entendimento da missão: 1) o Anabatismo do século XVI; 2) o menonitismo do século XX; 3) o Evangelicalismo norte-americano; 4) o Evangelicalismo latino-americano/brasileiro; e 5) a Teologia da Libertação Católica da América Latina. Nenhum deles foi avaliado pela maioria dos entrevistados como tendo “muita” influência. A influência teológica mais elevada foi o Anabatismo do século XVI (30%), seguido do menonitismo do século XX, do Evangelicalismo latino, do Evangelicalismo norte-americano e, finalmente, da Teologia da Libertação.

### **Influências Culturais**

As influências culturais (Perguntas 59-61) sobre o entendimento missional foram consideradas pela maioria como “algumas” ou “nenhuma”. Trinta e sete por cento achavam que a cultura brasileira tinha apenas alguma influência. Das influências culturais consideradas como nenhuma, 28% dos entrevistados

sentiram assim sobre a cultura brasileira, 37% sobre a cultura alemã e 40% sobre a cultura norte-americana.

### **Influências Socioeconômicas**

Da mesma forma, nesta categoria de influências (Perguntas 62-64), o maior número de respondentes (embora nem mesmo a maioria) respondeu “sem influência” para: 1) crescer e viver na classe trabalhadora; 2) passar da classe trabalhadora para a classe média; e 3) crescer e viver na classe média. Destas três, a maior influência parece ter sido a de crescer e viver na classe trabalhadora, na qual 25% indicaram “muita” influência e 29% indicaram “alguma” influência.

### **Influências Políticas**

Em conjunto, estas influências (Perguntas 65-67) foram vistas como tendo o menor impacto. Embora pelo menos 40% dos entrevistados tenham raízes ancestrais recentes no comunismo soviético, apenas 15% sentiram que houve influência neste setor em sua compreensão da missão. Um quadro quase idêntico surgiu em relação às influências mais recentes das ditaduras militares no Brasil. No entanto, 18% e 32% consideraram a democracia como tendo muita ou alguma influência, respectivamente. Portanto, aproximadamente a metade dos entrevistados concordou que as influências políticas de uma democracia estão tendo pelo menos alguma influência sobre sua compreensão da missão.

### **Influências Educacionais**

Tal como acontece com as influências culturais, socioeconômicas e políticas, os sujeitos consideraram as influências educacionais mínimas (Perguntas 68-71), com exceção da educação teológica que merece uma categoria separada. Para as influências educacionais de nível primário, secundário e universitário, cerca de um terço dos respondentes respondeu “nenhuma”. Com pouca variação entre os níveis educacionais, cerca de um quinto dos entrevistados restantes considerou a influência como “muita” e um quarto sentiu que esta influência foi “alguma”.

### **Influências de Educação Teológica**

Com exceção das três influências bíblicas citadas acima, esta categoria (Pergunta 70) obteve a maior pontuação. Cinquenta e nove por cento dos respondentes consideraram que sua educação teológica teve “muita” influência em seu entendimento missioteológico. Outros 20% acharam que tinha “alguma” influência. Assim, correspondendo aos 86% dos respondentes que possuem alguma educação teológica, 79% do total concluíram que esse investimento tinha muito ou pelo menos alguma formação em sua compreensão da missão.

Talvez de maior relevância fosse a questão de que tipo de educação teológica receberam (Pergunta 73). Sessenta e um por cento haviam estudado em escolas irmãos menonitas (33%) ou menonitas (28%), e os 39% restantes estudavam em escolas interdenominacionais (21%) ou outras denominacionais

(18%). Das três missões denominacionais, enquanto os irmãos menonitas formaram a maioria dos obreiros em geral (33%), a IEIM tem o menor percentual de obreiros treinados em suas próprias escolas (52%), o que também significa que eles tinham o maior número de alunos treinados do lado de fora. A IM de língua alemã tem o maior percentual de trabalhadores (91%) treinados em escolas menonitas/irmãos menonitas. A IEM envolve o maior número de obreiros treinados em escolas menonitas/irmãos menonitas (40 entrevistados, ou 71%).

### **Influências Litúrgicas**

Dadas a prioridade e a energia aplicadas ao cântico no culto, supunha-se que este aspecto da liturgia era influente na formação da compreensão missional entre os menonitas no Brasil. O que foi tentado nas Perguntas 74-75 não foi medir o nível de influência, mas averiguar as fontes primárias do canto, juntamente com as canções mais cantadas, a serem seguidas por uma breve análise temática dessas canções.

Das fontes mais citadas para a música missional cantada pelos menonitas em suas reuniões para o culto em 1998, o hinário mais comum foi o *Cantor Cristão* (batista). Em segundo lugar estavam coros evangélicos populares de origens diversas, e o terceiro mais citado foi o livro de coros da AEM, *Cantemos Louvores*, contendo principalmente corinhos e alguns hinos.<sup>141</sup>

Cada entrevistado foi convidado a listar três músicas cantadas com frequência. Após uma análise mais detalhada dessas músicas, surgem várias características. Primeiro, a maioria é de origem anglo dos séculos XVIII e XIX. Apenas dois ou três são de origem brasileira, escritos durante a segunda metade do século XX. Em segundo lugar, a maioria é um chamado urgente ao trabalho evangélico e por trabalhadores. “Mãos ao trabalho, crentes [...] Onde os obreiros pra trabalhar? [...] O Senhor da ceifa está chamando” são frases típicas nestes hinos e coros. Em terceiro lugar, as músicas revelam alta cristologia. A encarnação de Cristo, a expiação substitutiva, a crucifixão, a exaltação e a segunda vinda são frequentemente mencionadas, assim como o amor, a luz e o perdão. No entanto, pouco se fala de sua ressurreição, sua vitória sobre as trevas ou sua identificação com os pobres e oprimidos. Em quarto lugar, enquanto a cristologia é alta, as outras Pessoas da Divindade recebem pouca menção (Deus, o Pai) ou nenhuma (Espírito Santo). Finalmente, dos temas predominantes, a maioria limita-se à salvação individualista que, embora certamente apropriada, é um tanto incompleta. Os temas de almas perdidas, portas abertas para as nações pagãs na escuridão e o trigo maduro no campo da colheita eram comuns nos reavivamentos rurais do Atlântico Norte do século XIX, onde a maioria destes hinos tem sua origem. Felizmente, os dois

---

<sup>141</sup> *Cantor Cristão*, 4. ed., (Rio de Janeiro, RJ: JUERP, 1971); Elaine Kauffman e Eleanor Loewen, eds., *Cantemos Louvores* (Campinas, SP: Associação Evangélica Menonita, s.d.).

coros que fazem menção de compartilhar com os necessitados, encorajar novos cristãos, a igreja em expansão, a multidão celestial multiétnica e o Reino de Deus, são ambos de origem brasileira do século XX.

**TABELA 21: INFLUÊNCIAS SOBRE OS ENTENDIMENTOS**

	Quão influentes foram os seguintes em sua compreensão da missão?				
		Muito	Algum	Nenhum	Incerto
51.	Os textos da Grande Comissão	81	10	1	8
52.	Textos explícitos sobre missão tanto no AT como no NT	70	18	1	11
53.	Temas da missão (implícitos / explícitos) pela Bíblia	64	21	1	13
54.	Teologia e história anabatista do século XVI	30	45	11	13
55.	Menonitas do século XX	23	44	18	14
56.	Evangélicos norte-americanos (ex. batista, presbiteriano)	11	37	35	16
57.	Evangélicos brasileiros / latino-americanos	19	44	20	17
58.	Católicos brasileiros / latinos (Teologia da Libertação)	6	17	59	17
59.	Cultura brasileira	19	37	28	15
60.	Cultura alemã	11	34	37	18
61.	Cultura norte-americana	12	30	40	18
62.	Crescendo e vivendo na classe trabalhadora	25	29	29	17
63.	Passando da classe trabalhadora à classe média ou v.v.	6	33	35	26
64.	Crescendo e vivendo na classe média	12	32	34	21
65.	Tendo raízes familiares no comunismo	4	11	60	25
66.	Viver sob o governo de Vargas ou ditaduras militares	4	10	59	26
67.	Vivendo em uma democracia	18	32	30	20
68.	Educação primária	18	30	31	21
69.	Educação secundária	20	28	31	21
70.	Educação teológica	59	20	7	13
71.	Educação universitária	20	22	30	26
72.	Outras influências	23			

### *Entendimento Missional Menonita: Quão Distinto?*

Um dos objetivos da pesquisa foi tentar determinar o quão distinto ou diluído o entendimento missional tornou-se entre os menonitas no Brasil. Os resultados deste questionário, embora certamente não sejam a palavra final sobre o assunto, oferecem alguns dados tangíveis que podem ser úteis para reflexão e planejamento em diferentes níveis da vida e missão da igreja. Quatro perguntas (76-79) foram feitas sobre a distinção da compreensão da missão menonita.

#### **Revisando as descobertas**

Os entrevistados estavam quase igualmente divididos quanto à distinção da compreensão missional menonita. Quarenta e três por cento não viram distinção alguma, enquanto 41% sentiram que havia algo único em como os menonitas veem e praticam a missão. O restante era incerto. Após uma análise mais aprofundada, de acordo com a afiliação por igreja/agência, verificou-se

que, dos entrevistados que responderam “sim, distinto”, a AMB e a IEIM foram os mais baixos, enquanto o CCM e a IEM foram os mais altos.

Aqueles que responderam “sim” foram convidados a responder à segunda e terceira perguntas (77-78), indagando até que ponto a nossa compreensão da missão é conhecida e compreendida fora dos círculos menonitas, e como esse entendimento foi disseminado. Apenas cinco por cento sentiram que era bem conhecido do lado de fora, enquanto 47% achavam que era conhecido pelo menos um pouco. O entendimento menonita da missão, segundo os entrevistados, espalha-se (em ordem decrescente) por meio de demonstração prática, nossos centros de treinamento teológico, publicações, convites para palestras e trabalhadores menonitas que servem em outras missões.

A última pergunta (79) dizia respeito à quantidade de relações intercristãs que os menonitas deveriam ter na busca de entendimento e prática missionária. Esta é uma questão importante para um povo que há apenas duas gerações era visto principalmente como seita imigrante rural. Uma pequena maioria (62%) deu um “sim” incondicional ao diálogo mais intercristão para os benefícios mútuos que poderiam resultar deste intercâmbio. Mais uma vez, o CCM liderou o caminho, seguido, curiosamente, pela IM de língua alemã. Outros 16% deram um “sim” cauteloso, preferindo relações com os evangélicos a “liberais ou católicos”. A IEIM era o grupo dominante nessa categoria. Apenas 10% sentiram que deveríamos ter mais cautela para não enfraquecer nossas doutrinas distintas.

### **Chegando a uma Conclusão**

Entre as convicções históricas menonitas testadas nesta pesquisa, estavam: 1) o sacerdócio de todos os crentes na leitura das Escrituras, na exortação mútua e no testemunho; 2) o evangelho da paz espiritual e social; 3) as relações das igrejas locais entre si na comunidade da aliança; 4) a natureza integral da missão; e 5) a natureza inclusiva da igreja local. Embora os menonitas brasileiros mostrem um alinhamento considerável com algumas dessas convicções missionais históricas, o alinhamento não pode ser caracterizado como forte. Isto foi confirmado pelo fato de que apenas 41% dos próprios participantes sentiram que a compreensão missional menonita era diferente. Além disso, está claro que diversas influências teológicas entraram na compreensão menonita da missão por meio de muitas fontes, incluindo educação teológica não menonita, liturgia e literatura. Levando em conta todos estes fatores, pode-se concluir que o entendimento missional menonita no Brasil não é significativamente distinto. Isto não é um julgamento crítico do menonitismo brasileiro, pois todos os menonitas do século XVI até o final do século XX beberam das fontes teológicas e eclesiais ao redor deles, como Kraus demonstrou habilmente.<sup>142</sup> Pretende-se, no entanto, ser uma avaliação

---

<sup>142</sup> C. Norman Kraus, “Shifting Mennonite Theological Orientations,” em *Anabaptist-Mennonite Identities in Ferment*, Leo Driedger e Leland Harder, eds.,

inicial de quão distintos os menonitas são no Brasil. Parece-me que eles foram fortemente influenciados pelo revivalismo do século XIX e pelo fundamentalismo do século XX.<sup>143</sup> Ambos tinham um sabor norte-americano considerável. Assim, os menonitas brasileiros identificar-se-iam, de perto, com o Evangelicalismo conservador descrito no Capítulo 12. Ele é caracterizado pela abordagem individualista da salvação, pela abordagem literal das Escrituras e pela preferência do evangelismo sobre os ministérios sociais. Da América Latina, especialmente nos últimos 25 anos, tanto o Pentecostalismo quanto a Teologia da Libertação fizeram algumas incursões – embora não na mesma proporção que o revivalismo do século XIX e o fundamentalismo do século XX.

Influências externas são inevitáveis, nem sempre devem ser vistas como negativas. No entanto, também deve ser dito que algumas dessas influências podem ser negativas no sentido de que elas corroem as convicções bíblicas que foram redescobertas pelos anabatistas do século XVI. J. Howard Kauffman e Leland Harder chegaram a essa conclusão em sua pesquisa sobre menonitas norte-americanos em 1972, assim como Kauffman e Leo Driedger na pesquisa de seguimento feita em 1989.<sup>144</sup> Eles acharam que tal corrosão das convicções bíblicas era especialmente verdadeira em relação ao fundamentalismo. Minha própria pesquisa entre menonitas no Brasil confirma isso.

A partir da observação como participante, também posso concluir que certas tendências que trazem outras influências teológicas para compreensão menonita da missão estão aumentando. Isso pode ser dito sobre educação teológica, liturgia, literatura e aumento das relações intercristãs. Muito disso pode continuar sendo positivo. Contudo, o discernimento e a cautela são necessários para que estas correntes enriqueçam nossa compreensão bíblica da missão, visto através de óculos anabatistas, em vez de corrompê-la.

---

Occasional Papers No. 14 (Elkhart, EUA: Institute of Mennonite Studies, 1990), p. 32-49.

<sup>143</sup> O revivalismo evangélico concentra-se em práticas que produzem atmosfera de intensidade espiritual com dois objetivos em mente: convencer os não cristãos a se converterem e convencer os cristãos a revitalizarem sua fé. O avivamento do Atlântico Norte, neste período, centrava-se na pregação vigorosa, cantando canções populares do evangelho, santidade pessoal e reuniões de oração. O fundamentalismo é referido e definido no Capítulo 12.

<sup>144</sup> J. Howard Kauffman e Leland Harder, *Anabaptists Four Centuries Later: A Profile of Five Mennonite and Brethren in Christ Denominations* (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1975), p. 341; J. Howard Kauffman e Leo Driedger, *The Mennonite Mosaic: Identity and Modernization* (Scottsdale, EUA: Herald Press, 1991), p. 254.

***Resumo e Conclusões***

As conclusões deste capítulo baseiam-se na pesquisa primária realizada em 1998, na forma de um questionário administrado, a 264 obreiros menonitas servindo em seis agências no Brasil. Cento e quarenta e dois questionários foram devolvidos. Os objetivos eram identificar a compreensão geral da missão, comparar a diversidade teológica de acordo com variáveis demográficas, buscar influências formativas na compreensão da missão e analisar a distinção da compreensão da missão menonita no Brasil.

O obreiro menonita mediano no Brasil sustenta alta cristologia, visão elevada das Escrituras como autoritárias, alto interesse na missão e compreensão saudável da cultura. Entendimentos da pneumatologia, da comunidade hermenêutica expandida, da teologia bíblica da missão, da abordagem integral da missão a incluir a plantação de igrejas e aspectos sociais e da eclesiologia da aliança precisam ser fortalecidos. É necessário maior clareza sobre o destino dos não evangelizados e como isso se relaciona com a motivação da missão, sobre a metodologia da guerra espiritual e sobre o papel atual do dom apostólico.

Comparações internas entre obreiros menonitas foram analisadas de acordo com as variáveis demográficas de gênero, idade, nacionalidade, etnia, escolaridade, renda e afiliação de igreja/missão. Verificou-se que o gênero não faz diferença significativa nos entendimentos missionais, enquanto todas as outras variáveis emergiram como formadores parciais da compreensão da missão.

Entre as influências formativas na compreensão menonita da missão, as Escrituras foram consideradas mais influentes, seguidas pela educação teológica. Entre as influências teológicas, os entrevistados achavam que o Anabatismo do século XVI e o menonitismo do século XX eram os mais influentes. A maioria dos entrevistados achava que as influências culturais, socioeconômicas, políticas e educacionais eram mínimas. Finalmente, a influência presumida da liturgia é caracterizada por hinos do século IX de origem do Atlântico Norte.

Uma avaliação inicial de quão distinta é a compreensão missional menonita no Brasil sustenta a conclusão de que, em geral, há alinhamento com os entendimentos históricos menonitas. No entanto, não parece ser um forte alinhamento. Os menonitas brasileiros foram fortemente influenciados pelo revivalismo do século XIX e pelo fundamentalismo do século XX. Ambos têm um sabor norte-americano considerável. Da América Latina, particularmente nos últimos 25 anos, o Pentecostalismo e a Teologia da Libertação fizeram algumas incursões, embora não tenham sido tão influentes quanto o revivalismo do século XIX e o fundamentalismo do século XX. Esforços contínuos em direção a entendimentos de missão que são ao mesmo tempo bíblicos, anabatistas e autenticamente brasileiros são necessários. Reflexões

críticas sobre como os menonitas chegaram a seus entendimentos atuais e como as atuais influências estão moldando-os, certamente, podem enriquecer tais entendimentos para maior eficácia missional.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Dê exemplos de como o entendimento da missão afeta a motivação, o envolvimento e as metodologias na prática missionária.
2. Acima, no segundo parágrafo da seção “Resumo e Conclusões”, nas listas de entendimentos que precisam de fortalecimento ou maior clareza, quais as áreas que para você precisam de atenção urgente? Por quê? Como isto pode ser abordado?
3. Quais entendimentos menonitas da missão podem enriquecer a comunidade evangélica maior no Brasil? Como os menonitas devem compartilhar estas convicções?

**PARTE IV – ANÁLISES MISSIOLÓGICAS**  
**SELECCIONADAS**



## 14. CRESCIMENTO DA IGREJA

O que segue é uma revisão do crescimento numérico da igreja entre as igrejas menonitas no Brasil de 1950-2009. Estas foram as perguntas de pesquisa: 1) Qual tem sido a Taxa de Crescimento Decadal (TCD) de cada denominação menonita desde 1950? 2) Qual tem sido o TCD de cada região de igrejas dentro de cada denominação menonita? 3) Como as TCDs das denominações menonitas comparam-se umas com as outras e com outros evangélicos no Brasil? 4) Quais são os fatores que facilitaram ou impediram o crescimento da igreja entre as igrejas menonitas no Brasil?

Vários termos comuns de crescimento da igreja usados neste capítulo requerem esclarecimento. Primeiro, o termo **crescimento da igreja**, como usado aqui, refere-se ao crescimento da igreja que é numericamente mensurável. Incluído neste crescimento numérico está o de acréscimo por conversão do mundo (**crescimento por conversão**), por transferência de membros de outras igrejas evangélicas (**crescimento por transferência**) e por batismo de jovens que cresceram na igreja (**crescimento biológico**). O crescimento da igreja será analisado, sempre que possível, tanto em termos de indivíduos que são membros de uma igreja local, quanto de igrejas locais que são membros de uma determinada denominação. O acréscimo de membros à igreja será denominado **crescimento por expansão** e o acréscimo de igrejas será chamado de **crescimento por extensão**. Para efeitos de comparação das TCDs, utilizarei as sugestões genéricas de C. Peter Wagner: de 0 a 25 por cento é o crescimento **marginal**; 26 a 50 por cento é crescimento **médio**; 51 a 100 por cento é um **bom** crescimento; 101-200 por cento é **excelente**; 201-300 por cento é **excepcional**; e 301-500 por cento é **incrível**.<sup>145</sup> Finalmente, o uso do termo **região** refere-se a um distrito geográfico de igrejas dentro de uma dada denominação menonita. Normalmente, as regiões são definidas por limites de estado. Quando isto não for assim, um esclarecimento seguirá.

A análise estatística de ambas – denominações e regiões – começa somente depois de completada a primeira década de existência. Por exemplo, enquanto a Igreja Menonita Evangélica começou em meados da década de 1950, minha análise começará apenas na década de 1960. Isto é para evitar citar taxas de crescimento inicial elevadas, uma vez que qualquer crescimento a partir do zero parece impressionante. Minha análise incluirá o crescimento decadal de membros e igrejas. Esta última também inclui congregações dependentes (novas missões) que são consideradas igrejas potencialmente autônomas. Se uma determinada congregação se tornasse autônoma e optasse por não se afiliar a uma das denominações, ela seria excluída dos dados depois que a autonomia fosse alcançada.

---

<sup>145</sup> C. Peter Wagner, *Strategies for Church Growth* (Ventura: Regal Books, 1987), p. 162.

Tenho seguido certos princípios interpretativos, incluindo: 1) considerar a confiabilidade de fontes e informantes; 2) quando as estatísticas conflitantes são consideradas confiáveis, escolher as opções mais conservadoras; 3) usar interpolação matemática quando necessário (estimativas e interpolações são indicadas em parênteses especiais “{}”); e 4) dar preferência à análise de dados decadais sobre dados anuais. A discussão dos fatores que influenciam o crescimento da igreja tem sido baseada nos dados estatísticos, bem como nas entrevistas e na observação participante.

### *A Igreja Menonita*

A IM, apesar de não mostrar uma forte expansão no número real de igrejas, expandiu-se em membros e tem sido instrumental na plantação de igrejas que são afiliadas a outras denominações menonitas ou são independentes.

**TABELA 22: MEMBRESIA DA IM, 1949-2009<sup>146</sup>**

	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>Boqueirão</b>	75	213	229	{267}	383	276	256
<b>Witmarsum</b>	159	160	159	{230}	291	313	369
<b>Água Verde</b>				{53}	153	133	216
<b>Congregações</b>					{99}	244	209
<b>TOTAL</b>	<b>234</b>	<b>373</b>	<b>388</b>	<b>550</b>	<b>{926}</b>	<b>966</b>	<b>1050</b>

A TABELA 22 revela um crescimento de membros que tem sido lento e estável. Antes de tentar explicações para esse crescimento, é necessário exame mais detalhado da TCD para a membresia (TABELA 23).

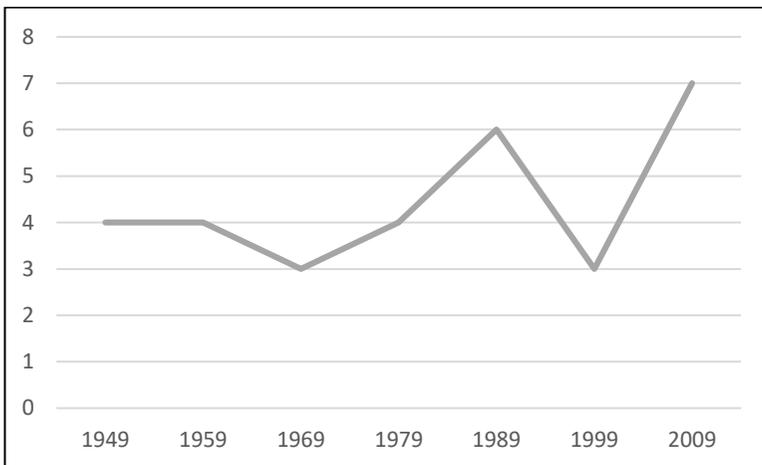
A IM tem experimentado, normalmente, um crescimento de marginal a médio de membros, isto é, entre 0 e 50 por cento por década. A melhor década foi a de 1980; a pior foi a década de 1990, com duas igrejas em declínio e uma igreja com crescimento apenas marginal. A mediana para o crescimento do número de membros da IM ao longo de cinco décadas foi cerca de 26%, um pouco acima do nível marginal, na categoria de médio.

<sup>146</sup> Estatísticas de membresia foram recolhidas principalmente do *Mennonite Yearbook and Directory* (Scottsdale: Herald Press, 1950, 1960, 1970, 1980); Paul N. Kraybill, ed., *Mennonite World Handbook* (Lombard: Mennonite World Conference, 1978); Diether Goetz Lichdi, ed., *Mennonite World Handbook* (Carol Stream: Mennonite World Conference, 1990); René Horst, “The Associação Evangélica Menonita: The Growth of the Brazilian Mennonite Church” (dissertação de MA, Indiana University, 1991); relatórios das assembleias da AIMB (1987-1999); e dados recentes fornecidos pelo presidente da AIMB, Fridbert August.

**TABELA 23: TCD DE MEMBRESIA DA IM, 1950-2009**

	<b>1950- 1959</b>	<b>1960- 1969</b>	<b>1970- 1979</b>	<b>1980- 1989</b>	<b>1990- 1999</b>	<b>2000- 2009</b>	<b>Mediana</b>
<b>Boqueirão</b>	184	17	7	43	-28	-7	12
<b>Witmarsum</b>	1	-1	45	27	8	18	13
<b>Água Verde</b>				188	-13	62	62
<b>Congregações</b>					146	-14	66
<b>TOTAL</b>	<b>59</b>	<b>4</b>	<b>42</b>	<b>68</b>	<b>4</b>	<b>9</b>	<b>26</b>

Quais podem ser algumas das razões por esta medida de crescimento e declínio? Eu ofereço quatro interpretações. Primeiro, exceto pelas duas congregações que foram incluídas nos totais dos membros (anos 80), as estatísticas refletem a membresia das três igrejas germânicas que, por sua natureza étnica, tendem a crescer apenas biologicamente. Segundo, grande parte do crescimento experimentado pela IM Boqueirão nos anos 1950 pode ser devido à migração de famílias da colônia Witmarsum (SC), recentemente esvaziada. Terceiro, o alto crescimento da IM Vila Guaíra e o bom crescimento geral na década de 1980 deveu-se provavelmente, entre outros fatores, ao início dos cultos em língua portuguesa e, no caso da IM Witmarsum (PR), ao desenvolvimento de uma congregação brasileira separada. Finalmente, o fraco crescimento nos anos 90 seguiu-se ao fraco proveito do crescimento dos anos 80. Isto é, cada uma das três igrejas mãe patrocinou igrejas filhas de língua portuguesa nos anos 80. Estas, por sua vez, tornaram-se autônomas na década de 1990, mas não se sentiam em casa na AIMB de língua alemã, portanto não se afiliaram. Duas permanecem como Igrejas Menonitas independentes, enquanto a outra se juntou à COBIM. Além disso, o aumento da aculturação, particularmente pelas gerações mais jovens, levou ao aumento da insatisfação com as igrejas germânicas e provocou um êxodo para outras igrejas menonitas ou evangélicas. Felizmente, nos últimos 15 anos, a AIMB tomou medidas para remediar estas tendências e tem experimentado um novo crescimento na membresia e nas igrejas, como a figura a seguir indica.



**FIGURA 8 – IGREJAS MENONITAS, 1949-2009**

Da FIGURA 8, as seguintes observações e conclusões emergem. Somente igrejas e congregações formalmente afiliadas à AIMB estão incluídas. Cada uma das três igrejas mães da AIMB tem sido instrumental no início de igrejas menonitas de língua portuguesa. Estas igrejas foram encorajadas a afiliar-se à Igreja Evangélica Menonita (AEM) e algumas escolheram permanecer independentes. Pode-se perguntar: se tivessem aberto a porta cultural para comunhão e cooperação, não poderia ter sido benéfico para as igrejas mães e filhas? A partir dos anos 70, a IM investiu pesadamente em creches e outros tipos de assistência social. Esta direção, enquanto expressão necessária e legítima da missão integral, até recentemente parece ter deslocado uma visão para a plantação de igrejas.

### ***A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas***

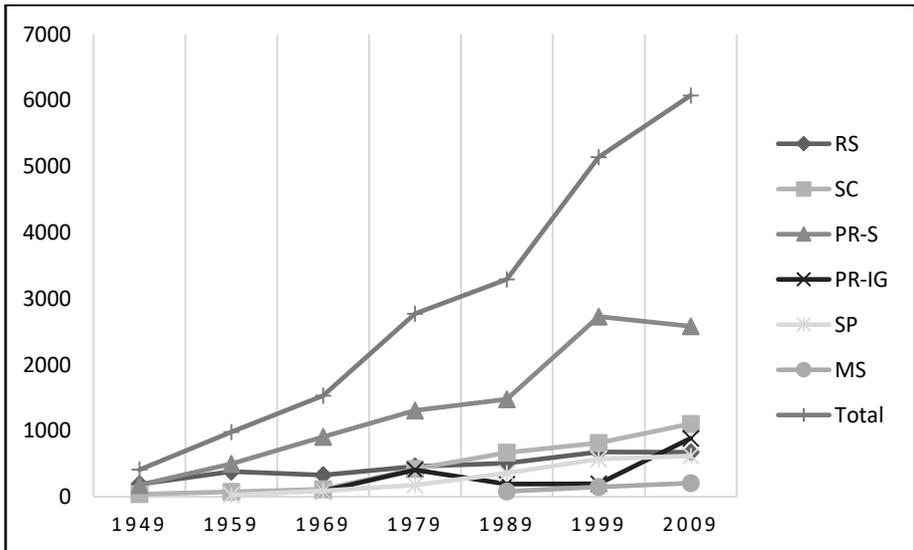
O crescimento da IEIM pode ser estudado a partir de, pelo menos, três perspectivas culturais e históricas. Primeiro, a Associação da IEIM (AIIMB) começou em 1960 e incluiu somente igrejas de língua alemã, e posteriormente suas filhas da cultura germânica. Em segundo lugar, a Convenção anterior da IEIM (CBIIM) começou em 1966 e reuniu igrejas de língua portuguesa plantadas pela missão norte-americana (MB Mission) e por igrejas germânicas. Terceiro, a IEIM total incluiu tanto a AIIMB quanto a CBIIM até 1995, quando as duas se fundiram para formar a presente Convenção da IEIM (COBIM). Limitações de espaço permitem a discussão somente da terceira perspectiva, a da IEIM total.

Tanto a TABELA 24 como a FIGURA 9 indicam que o crescimento do número de membros da IEIM demonstrou aumento constante, com

crescimento mais forte aparecendo nos anos 90. As duas regiões que tiveram crescimento aparentemente mais lento, até em declínio em duas décadas, foram RS e PR-S. A TABELA 25 e a FIGURA 10 darão uma imagem mais nítida do crescimento por década e região, pois representam porcentagens.

**TABELA 24: MEMBRESIA DA IEIM, 1949-2009<sup>147</sup>**

	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>RS</b>	191	381	327	461	{507}	679	{676}
<b>SC</b>	{40}	{74}	115	421	670	816	{1105}
<b>PR-S</b>	179	498	907	1307	1475	2728	{2581}
<b>PR-IG</b>			89	407	{195}	196	{886}
<b>SP</b>		26	91	177	360	574	{619}
<b>MS</b>					83	150	{208}
<b>Total</b>	<b>{410}</b>	<b>{979}</b>	<b>1529</b>	<b>2773</b>	<b>{3290}</b>	<b>5143</b>	<b>{6075}</b>



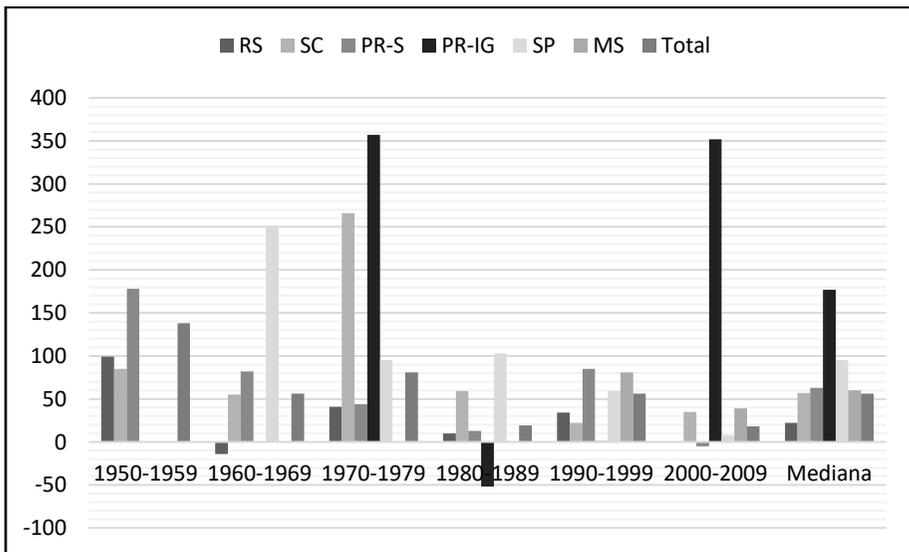
**FIGURA 9 – MEMBRESIA DA IEIM, 1949-2009**

<sup>147</sup> Estatísticas de membresia da AIIMB foram coletadas principalmente dos anuários da AIIMB (1961-1995) e da COBIM (1995-2000). As estatísticas dos anos anteriores a 1961 foram extraídas do *Mennonite Yearbook* (1950-1960), e das atas de igrejas locais. As estatísticas da CBIIM foram coletadas principalmente de John J. Klassen, “Two Methods”, e das atas nos anuários da CBIIM (1979-1986), relatórios da COBIM (1995-2009), anotações pessoais e interpolações.

Notável na TABELA 25 e na FIGURA 10 são quatro observações. Primeiro, a mediana geral da TCD é de 56% em cinco décadas – pelas classificações de Wagner no lado baixo do “bom”. Segundo, as melhores décadas de crescimento ocorreram nas décadas de 1950 e 1970, em grande parte devido ao despertar de uma nova visão missionária na década de 1950 e investimento pesado em novos campos missionários (SC e PR-IG) durante a década de 1970. Terceiro, a pior década foi a década de 1980, quando houve sério declínio nas igrejas da CBIIM. Em quarto lugar, as regiões com o registro mais constante de crescimento são SP, SC e, mais recentemente, MS.

**TABELA 25: TCD DE MEMBRESIA DA IEIM, 1950-2009**

	1950-1959	1960-1969	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	Mediana
<b>RS</b>	99	-14	41	10	34	0	22
<b>SC</b>	85	55	266	59	22	35	57
<b>PR-S</b>	178	82	44	13	85	-5	63
<b>PR-IG</b>			357	-52	1	352	177
<b>SP</b>		250	95	103	59	8	95
<b>MS</b>					81	39	60
<b>Total</b>	<b>138</b>	<b>56</b>	<b>81</b>	<b>19</b>	<b>56</b>	<b>18</b>	<b>56</b>

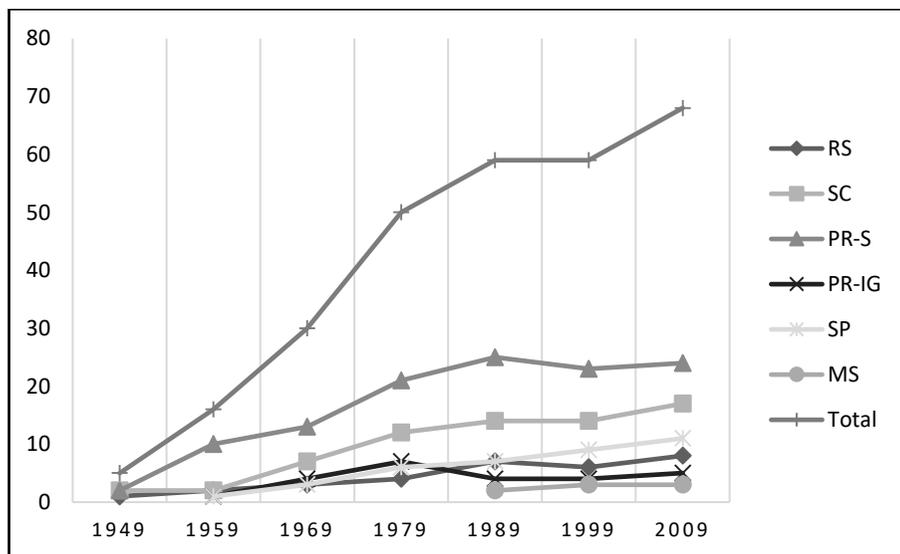


**FIGURA 10 – TCD DE MEMBRESIA DA IEIM, 1950-2009**

O número de igrejas e congregações da IEIM (TABELA 26, FIGURA 11) mostrou aumento constante durante os anos 50, 60 e 70. Um processo de redução gradual começou nos anos 80, o crescimento por extensão estacionou nos anos 90, e na última década começou a emergir novamente. Na década de 1990, quatro das seis regiões mostraram declínio ou patamar. O que levou a essa estagnação nos anos 90 e à renovação do crescimento nos anos 2000?

**TABELA 26: IGREJAS DA IEIM, 1949-2009**

	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>RS</b>	1	2	3	4	7	6	8
<b>SC</b>	2	2	7	12	14	14	17
<b>PR-S</b>	2	10	13	21	25	23	24
<b>PR-IG</b>		1	4	7	4	4	5
<b>SP</b>		1	3	6	7	9	11
<b>MS</b>					2	3	3
<b>Total</b>	<b>5</b>	<b>16</b>	<b>30</b>	<b>50</b>	<b>59</b>	<b>59</b>	<b>68</b>



**FIGURA 11 – IGREJAS DA IEIM, 1949-2009**

Uma observação final é que existe apenas uma correlação parcialmente positiva entre o aumento de membros e o crescimento por extensão. Especialmente na década de 1990, a correlação é negativa, ou seja, uma taxa de crescimento por expansão de médio-bom comparado a uma taxa de

crescimento por extensão sem aumento. Isso parece atípico e pode ser explicado pelo seguinte: 1) o fechamento e/ou a perda de várias igrejas menores que não afetariam seriamente o número total de membros; 2) o crescimento excepcional de uma ou duas igrejas maiores (como a IEIM Curitiba<sup>148</sup>) que escolheram não gerar igrejas filhas; e 3) a ênfase geral na consolidação (em oposição à extensão) em vista da fusão em meados da década entre as duas denominações Irmãos Menonitas (AIIMB e CBIIM).

### *A Igreja Evangélica Menonita*

Incorporando 37 igrejas em 2009, a IEM organizou-se em cinco regiões geográficas de acordo com estes estados: 1) SP; 2) PR e SC; 3) GO e DF<sup>149</sup>; 4) TO and PA; and 5) PE.

À primeira vista, a TABELA 27 e a FIGURA 12 indicam crescimento constante em todas as regiões durante cada uma das cinco décadas medidas. A região que demonstrou o crescimento mais lento é a Região IV. A Região IV começou já nos anos 50, e ainda hoje é uma das regiões menores. As descrições de TCD na TABELA 28 e na FIGURA 13 fornecem análise mais detalhada.

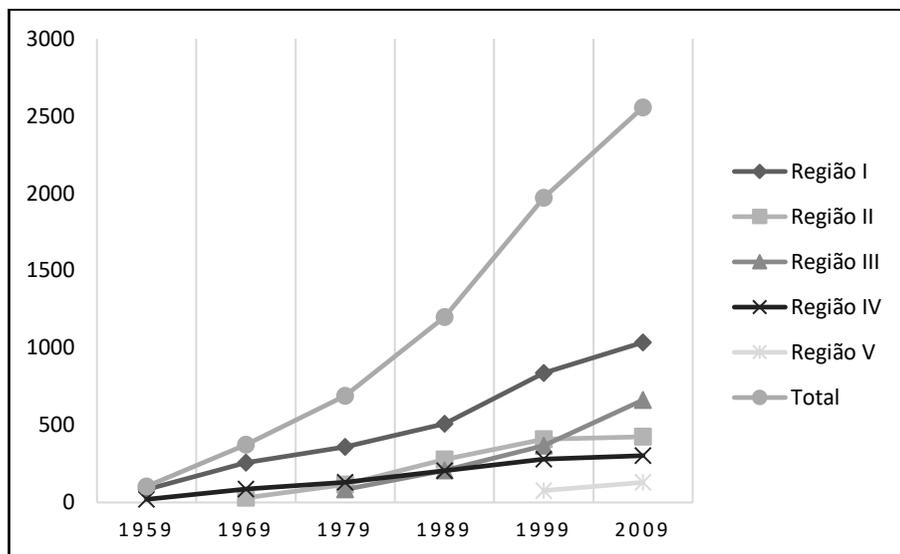
**TABELA 27: MEMBRESIA DA IEM, 1959-2009<sup>150</sup>**

	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>Região I</b>	{84}	{258}	{360}	{509}	837	{1036}
<b>Região II</b>		{30}	{117}	{278}	410	{425}
<b>Região III</b>			{84}	{208}	368	{663}
<b>Região IV</b>	{20}	{87}	130	{205}	280	{303}
<b>Região V</b>					77	{130}
<b>Total</b>	<b>{104}</b>	<b>{375}</b>	<b>{691}</b>	<b>1,200</b>	<b>1,972</b>	<b>{2557}</b>

<sup>148</sup> A IEIM Curitiba contava com 262 membros em 1992 e 806 membros em 1999.

<sup>149</sup> Conforme registrado no Capítulo 7, em 2011 esta região foi dividida em duas. A Região III continua com as igrejas de GO e a Região VI foi formada com as igrejas do DF. Minha pesquisa foi realizada antes de 2011, portanto aqui continuam juntas.

<sup>150</sup> Fontes para estas estatísticas incluem relatórios anuais da MMN (1959-1987); Kraybill, *Mennonite World Handbook*; Lichdi, *Mennonite World Handbook*; Musselman, "História"; Horst "Associação"; e correspondência pessoal com o líder veterano da AEM, Hans Gerhard Peters.



**FIGURA 12 – MEMBRESIA DA IEM, 1959-2009**

É interessante observar a partir da tabela a seguir e descobrir que, durante a primeira década completa de existência, todas as quatro regiões iniciais apresentam uma taxa de crescimento de mais de 100%, com as Regiões II e IV próximas de 300. Isso pode ser explicado por pelo menos três fatores. Primeiro, com toda a criatividade, energia e motivação que estão presentes nos anos iniciais de uma igreja local, frequentemente há uma taxa de crescimento maior correspondente. Segundo, a MMN colocou muitos missionários em cada região durante pelo menos as duas primeiras décadas da atividade missionária. Uma exceção a esta regra foi a Região II, onde as igrejas mães da AIMB foram particularmente instrumentais nas décadas de 1960 e 1970. Terceiro, a TCD média excepcional de cada uma das quatro regiões iniciais (245%) deve-se em parte à pequenez da estatística inicial, que era abaixo de 100 em cada região. Quanto maior a igreja (seja local, regional ou nacional), mais difícil manter uma TCD elevada, como as décadas seguintes revelam.

TABELA 28: TCD DE MEMBRESIA DA IEM, 1960-2009

	1960-1969	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	Mediana
<b>Região I</b>	207	40	41	64	24	41
<b>Região II</b>		290	138	47	4	93
<b>Região III</b>			148	77	80	80
<b>Região IV</b>	335	49	58	37	8	49
<b>Região V</b>					69	69
<b>Total</b>	<b>261</b>	<b>84</b>	<b>74</b>	<b>64</b>	<b>30</b>	<b>74</b>

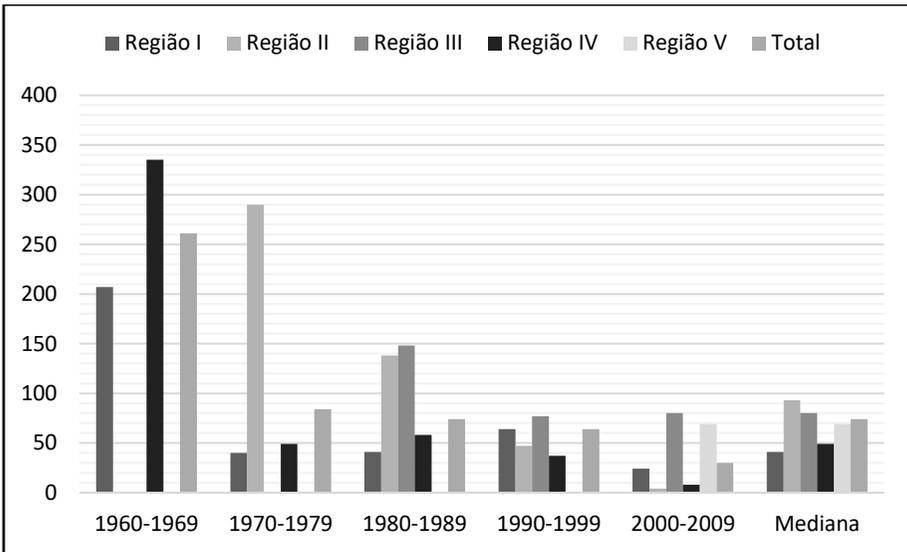


FIGURA 13 - TCD DE MEMBRESIA DA IEM, 1960-2009

Enquanto a primeira década foi excepcional em termos de crescimento numérico, as sucessivas TCDs foram apenas de médias a boas. Quais fatores podem ter contribuído para o crescimento mais lento nas próximas décadas? Eu ofereço quatro respostas provisórias como possíveis explicações. Primeiro, após a expansão inicial, é realmente saudável dar atenção à consolidação. No caso de muitas igrejas locais, o pêndulo pode ter ido longe demais na direção da consolidação (educação, institucionalismo, construção de instalações) em detrimento do contínuo evangelismo e expansão.

Em segundo lugar, em todas as regiões, têm havido frequentes mudanças pastorais e períodos em que as igrejas locais ficaram sem pastores. A mobilidade e longevidade pastoral afetaram o crescimento numérico. Isto é parcialmente explicável pela adoção de um modelo profissional norte-americano do ministério pastoral, em que tanto a igreja quanto o pastor

esperam um ministério e compensação de tempo integral, o que simplesmente não é realista para a maioria das igrejas brasileiras. Na transição dos missionários norte-americanos (plantadores da maioria das igrejas da IEM) até pastores subsidiados pelas missões e pastores sustentados localmente, tem havido muitas baixas, incluindo o crescimento da igreja.

Terceiro, no caso das Regiões I e IV, pode ter havido muita expansão e pouca consolidação nas décadas de 1960 e 1970. Como veremos na FIGURA 14, houve diminuição significativa de igrejas e congregações no final dos anos 1970 e 1980. Cinco igrejas na Região I e quatro na Região IV fecharam durante este período. Tanto os missionários da MMN quanto os obreiros da AEM começaram as congregações, mas, por uma variedade de razões, eles as deixaram antes de estarem maduras o suficiente para andarem sozinhas. Esperava-se que a AEM assegurasse a continuidade; no entanto não havia suficientes obreiros treinados nem suficientes fundos disponíveis. As atrasadas tentativas de consolidação envolveram o fechamento dessas igrejas em dificuldades. Inevitavelmente, isso trouxe crescimento numérico diminuído.

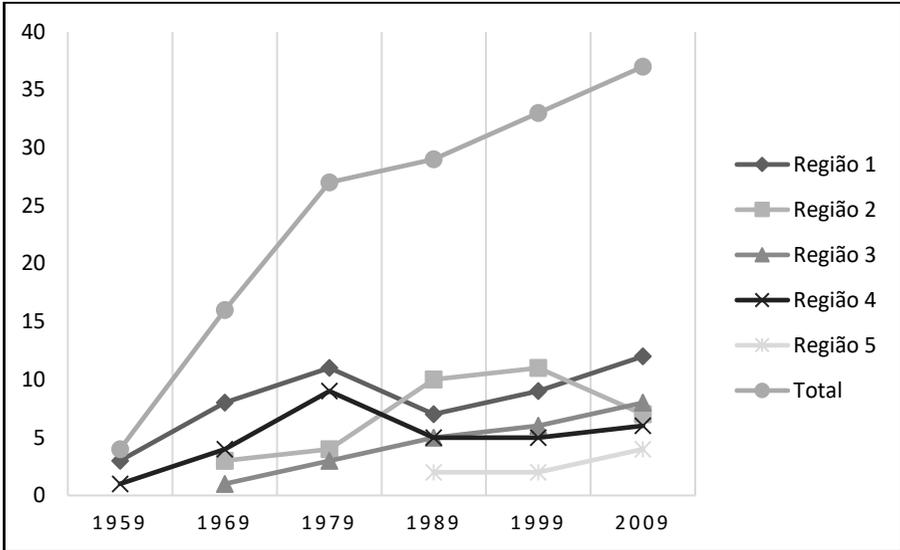
Quarto, a ênfase eclesiológica da igreja local como comunidade fraternal unida pode ser um fator para manter as igrejas menores numericamente. A maioria dos templos foi construída para acomodar aproximadamente 100 fiéis. O tamanho médio da igreja em um total de 37 igrejas é de 70.

Observando o crescimento do número de igrejas por região e década, como mostrado na FIGURA 14, fica claro que o maior crescimento por extensão ocorreu nas décadas de 1960 e 1970. Estas foram as décadas de investimento mais pesado em missionários plantadores de igrejas pela MMN. Além disso, em meados da década de 1970, a agência da Conferência Geral da Igreja Menonita da América do Norte (Comissão de Missões Estrangeiras, COM) começou a enviar missionários plantadores de igrejas para trabalhar com a AEM. A maioria das igrejas que hoje compõem a AEM foram plantadas nestas duas décadas.

Por outro lado, as décadas de 1980 e 1990 foram, na maior parte, décadas de transição e consolidação. As Regiões I e IV mostraram diminuição real de igrejas devido aos encerramentos mencionados anteriormente. Exceções a esta regra foram as Regiões II, III e V, nas quais tanto as igrejas mães brasileiras quanto os missionários norte-americanos continuaram a enfatizar o plantio de igrejas. Os fechamentos nas antigas regiões contrabalançaram seriamente as aberturas nas últimas regiões, resultando em um ganho líquido de dez igrejas em 30 anos.<sup>151</sup>

---

<sup>151</sup> A diminuição na Região II parece ser uma exceção à regra durante os anos 2000. No geral, o número reduzido tinha mais a ver com igrejas deixando a AEM do que com o fechamento de igrejas.



**FIGURA 14 – IGREJAS DA IEM, 1959-2009**

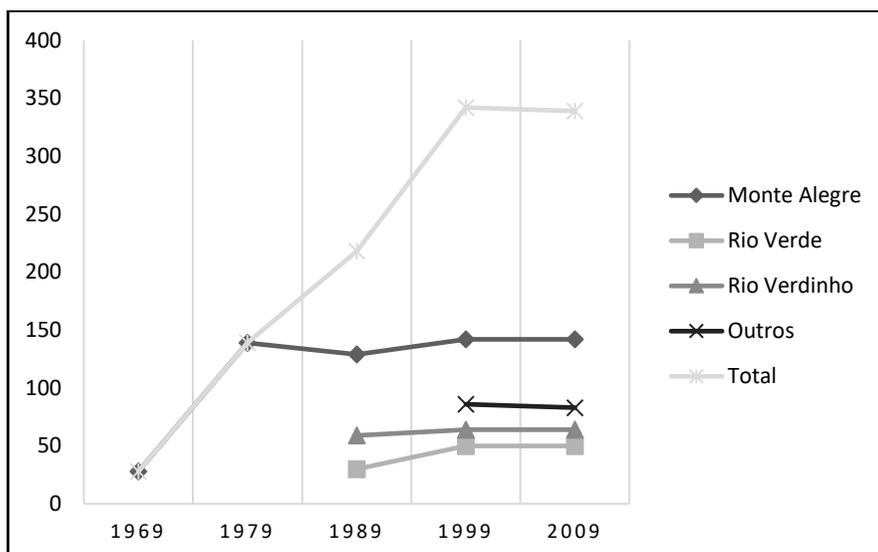
Uma observação final está relacionada ao crescimento de extensão por meio da adoção de novos grupos regionais de igrejas. Para esclarecer, as Regiões I e IV começaram na década de 1950, a Região II na década de 1960, a Região III principalmente na década de 1970 e a Região V na década de 1980. Embora não planejada e administrativamente difícil devido às distâncias geográficas entre as regiões, a adoção de novas regiões contribuiu para o crescimento constante do número de igrejas e, como geralmente é o caso, para o aumento de membros. Só podemos nos perguntar se um plano mais estratégico de começar novos grupos de igrejas perto das regiões do Sul teria resultado em maior crescimento e maior unidade. No entanto, isso é mera especulação, já que tal plano, se existente, nunca foi seguido.

### ***A Igreja de Deus em Cristo - Menonita***

Esta é a menor das denominações menonitas no Brasil. A maioria das igrejas autônomas começou na área de Rio Verde (GO). Congregações missionárias menores continuam dependentes da estrutura centralizada das igrejas próximas a Rio Verde. A membresia é relativamente pequena. No entanto, devido ao constante alcance para fora, houve algum crescimento. As tabelas e figuras a seguir são ilustrativas disso. A análise é por igreja local.

**TABELA 29: MEMBRESIA DA IDCM, 1969-2009<sup>152</sup>**

	1969	1979	1989	1999	2009
<b>Monte Alegre</b>	28	139	129	142	{142}
<b>Rio Verde</b>			30	50	{50}
<b>Rio Verdinho</b>			59	64	{64}
<b>Outros (6)</b>				86	{83}
<b>Total</b>	<b>28</b>	<b>139</b>	<b>218</b>	<b>342</b>	<b>339</b>

**FIGURA 15 – MEMBRESIA DA IDCM, 1969-2009**

Uma observação inicial merece alguns comentários introdutórios. Primeiro, pelo menos até a década de 2000, o crescimento geral de membros parecia constante. Em segundo lugar, os avanços de crescimento não parecem estar nas duas igrejas de imigrantes rurais de Monte Alegre e Rio Verdinho. Em vez disso, o crescimento numérico está ocorrendo na igreja da cidade de Rio Verde, bem como nas seis congregações missionárias que tendem a estar localizadas em vilas ou cidades (veja TABELA 15). Terceiro, embora o contato tenha começado quase imediatamente desde a primeira igreja de Monte Alegre, o plantio intencional de igrejas começou cerca de duas décadas depois, em meados da década de 1980. Uma análise mais detalhada do TCD permitirá mais observações e interpretações.

<sup>152</sup> A informação estatística foi fornecida por Faith L. Becker.

**TABELA 30: TCD DA MEMBRESIA DA IDCM, 1970-2009**

	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	Mediana
<b>Total</b>	396	57	57	-1	57

Anteriormente, notou-se que o crescimento numérico parecia relativamente constante (veja FIGURA 15). Acima, vemos que a TCD foi quase 400% na década de 1970 e mais 57% constante nas décadas de 1980 e 1990. Na década de 1970, viu-se um crescimento “incrível” e as décadas de 1980 e 1990 foram apenas de crescimento médio a bom. Por que a diferença entre a TCD na primeira década e as duas subsequentes? Três interpretações são oferecidas como possíveis explicações. Primeiro, a década inicial incluiu forte imigração de famílias para a nova colônia em Monte Alegre. A maior parte do crescimento foi resultado de transferências de imigrantes. Em segundo lugar, nas décadas de 1980 e 1990, a imigração havia diminuído para um gotejamento. De fato, várias famílias começaram a voltar para a América do Norte devido a dificuldades econômicas, motivos familiares ou preferência de aposentadoria. Terceiro, o crescimento necessário por conversão foi mais lento, devido à metodologia evangelística limitada (principalmente distribuição de folhetos e visitação) e aos requisitos rigorosos de membresia (estes incluem proibições de rádio, televisão, certas vestimentas e comunhão com outras igrejas). Apesar desses fatores, o crescimento permaneceu estável nessas duas décadas. Sem dúvida, muito desse crescimento teve a ver com o plantio de novas igrejas. Lamentavelmente, o crescimento atingiu um patamar na última década. Quais podem ser os fatores que levam a isso? A prosperidade material levou à letargia espiritual entre os imigrantes? A redução no financiamento do conselho missionário norte-americano também reduziu o alcance no Brasil? A abordagem da IDCM ao discipulado e à igreja parece radical no contexto do Evangelicalismo brasileiro? Mais reflexão é necessária?

**TABELA 31: IGREJAS DA IDCM, 1969-2009<sup>153</sup>**

	1969	1979	1989	1999	2009
<b>Imigrante</b>	1	1	2	3	4
<b>Nacional</b>			1	2	1
<b>Congregações</b>		1	4	5	4
<b>Total</b>	<b>1</b>	<b>2</b>	<b>7</b>	<b>10</b>	<b>9</b>

<sup>153</sup> "Imigrante" aqui se refere a comunidades agrícolas de menonitas imigrantes que incluem uma igreja local. "Nacional" descreve igrejas autônomas com membros e liderança brasileiros. "Congregações" refere-se a igrejas missionárias dependentes, normalmente lideradas por missionários norte-americanos enviados das igrejas imigrantes ou de uma igreja norte-americana.

A tabela acima confirma algumas observações anteriores e suporta outras. Confirma-se o fato de haver menos atividade missionária nos anos 1970 e maior proliferação de missão nas décadas de 1980 e 1990, incluindo o plantio de oito das dez igrejas. No entanto, a TABELA 31 indica poucas igrejas nacionais. De quatro congregações em 1989, apenas uma se tornou autônoma em 1999. Além disso, como as igrejas e congregações de imigrantes são lideradas pelos norte-americanos, isso deixaria apenas as duas igrejas nacionais lideradas por brasileiros. A predominância da liderança estrangeira parece ser uma preocupação cultural. Pode também explicar parcialmente o crescimento mais lento nos anos 80 e 90.

Em resumo, podemos apontar para vários fatores que favoreceram o crescimento da igreja entre a IDCM, e para outros que retardaram o crescimento da igreja. Um fator que favoreceu o crescimento da igreja foi o considerável influxo de imigrantes durante o final dos anos 60 e 70. Além disso, a IDCM tem a produção e distribuição de folhetos evangelísticos como sua principal atividade missional. Esta sementeira extensiva abriu várias portas para a eventual plantação de igrejas. Finalmente, as tentativas de plantação de igrejas nas cidades nas últimas duas décadas adicionaram dezenas de membros e forneceram base para o crescimento futuro.

Pelo menos cinco fatores foram fundamentais para retardar o crescimento da igreja. Primeiro, as igrejas imigrantes crescem principalmente por meio da conversão e inclusão das crianças da igreja. Isso é legítimo, mas um crescimento muito lento. Em segundo lugar, o retorno ao país de origem das famílias de colônias muitas vezes contraria os ganhos obtidos pelo crescimento biológico. Terceiro, enquanto a distribuição de folhetos é um método importante, é apenas um método. Além disso, muitas vezes é mais um método pré-evangelístico do que um de colheita. Métodos evangelísticos restritos limitaram o crescimento da igreja para a IDCM. Quarto, os requisitos rigorosos de membresia, embora não negociáveis, retardam o crescimento da igreja em um contexto em que a maioria das outras igrejas não tem tais exigências. Finalmente, o fator da liderança estrangeira inevitavelmente inclui entendimentos e práticas estrangeiras, dificultando assim o crescimento da igreja nacional.

### ***A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada***

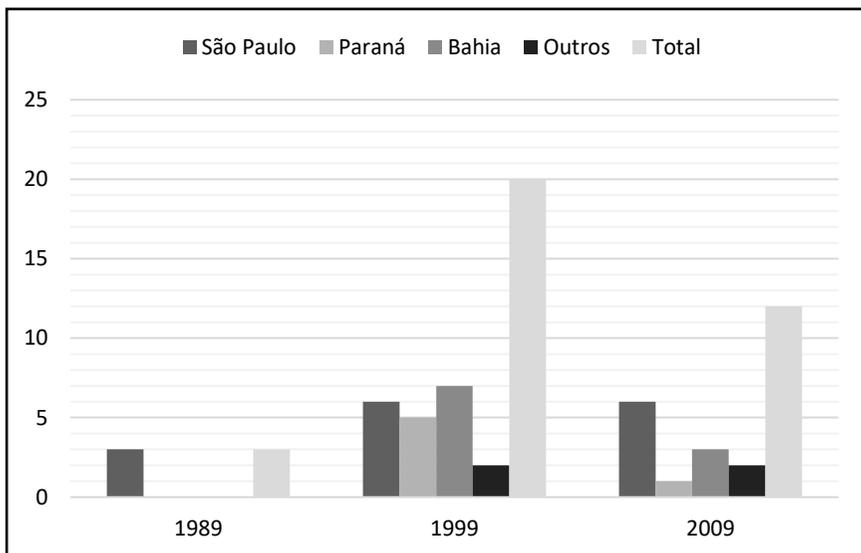
A IEIMR é peculiar entre as denominações menonitas no Brasil, em virtude de suas posições pentecostais tanto na doutrina quanto na prática. É também peculiar no crescimento numérico espetacular experimentado em pouco mais de duas décadas de existência e missão. Este crescimento é ilustrado e analisado nos parágrafos seguintes.

O aumento de membros da IEIMR foi inicialmente na categoria “incrível” e desde então diminuiu para “bom”. TABELA 32 registra estatísticas

aproximadas.<sup>154</sup> Qualquer análise deste crescimento deve incluir uma revisão do crescimento por extensão, conforme ilustrado na FIGURA 16.

**TABELA 32: MEMBRESIA DA IEIMR, 1989-2009**

	1989	1999	2009
<b>Total</b>	<b>100</b>	<b>1200</b>	<b>1914</b>



**FIGURA 16 – IGREJAS DA IEIMR, 1989-2009**

Antes de tentar interpretações deste crescimento, deve-se mencionar que os membros entram na IEIMR principalmente por meio da conversão e do batismo. Em pouco mais de uma década, o movimento expandiu-se da igreja original na Grande São Paulo para os estados de PR, BA, TO, MS e Espírito Santo. Finalmente, como é típico da maioria dos grupos pentecostais no Brasil, os membros vêm das massas da classe trabalhadora.

O que causou este crescimento, tanto na expansão quanto na extensão das igrejas? Os seguintes fatores são citados como influentes neste crescimento notável. Primeiro, há espiritualidade intensiva presente em todas as reuniões. Da adoração cheia de emoção a vigílias de oração durante toda a noite, os participantes são sinceros em experimentar a presença de Deus e esperar a

<sup>154</sup> As estatísticas de membresia são estimativas fornecidas pelo fundador da IEIMR, José Eguiny Manente, e interpolações baseadas nas estatísticas do MWC de 2012: [http://www.commonword.ca/FileDownload/18884/mwc\\_world\\_directory\\_w\\_links\\_minus\\_cover\(1\).pdf?t=1](http://www.commonword.ca/FileDownload/18884/mwc_world_directory_w_links_minus_cover(1).pdf?t=1) (consultado em 26-10-2016).

manifestação do Espírito. Esta atividade espiritual motiva os membros atuais e atrai novos membros. Em segundo lugar, a maioria dos membros está ativa na edificação da igreja e no evangelismo. Esta mobilização cria alto senso de satisfação e facilita influxo constante de recém-chegados. Em terceiro lugar, o evangelismo é intencional e intensivo. Além de convidar regularmente os não cristãos a frequentarem os cultos, equipes evangelísticas são ativas semanalmente. Quarto, uma diversidade de métodos é empregada, variando de visitação a pregações ao ar livre até retiros de alta intensidade. Quinto, o foco nas massas mais pobres facilita o crescimento da igreja, uma vez que esses indivíduos e comunidades tendem a ser mais receptivos à mensagem da nova vida, ao alívio do sofrimento e à vitória sobre os vícios e outras formas de mal. Estas são apenas algumas das atrações do evangelho levado pela IEIMR.

Então, existem fatores relacionados à liderança. Por um lado, há liderança forte e centralizada que fornece orientação, supervisão e base financeira da igreja central em Embu das Artes, uma cidade satélite da Grande São Paulo. Por outro lado, há constante reprodução de lideranças por meio dos meios não formais de aprendizado. Isso permite a expansão constante dos ministérios locais e a extensão de novas igrejas.

Finalmente, dois fatores merecem menção em relação à extensão da igreja. Primeiro, em um padrão que é semelhante à igreja no livro de Atos, há espaço significativo dado a um modo espontâneo de plantação de igrejas. Por esta razão, depois de estender sua missão para o estado vizinho de PR, o próximo a entrar foi o distante estado de BA. Às vezes, o plantador de igrejas bivocacional entra em uma capital do estado (Curitiba, Palmas, Campo Grande), e em outras vezes a meta é uma cidade menor (Porto Amazonas, Barreiras e São José do Rio Pardo). Em segundo lugar, a estrutura pentecostal de igreja-congregação-ponto de pregação tem sido empregada pela IEIMR. Isto é, uma igreja estabelecida começa uma congregação que, por sua vez, começa pontos de pregação. A maioria das congregações acaba se tornando em igrejas autônomas, e alguns pontos de pregação se transformam em congregações. Um ciclo constante de expansão e extensão é iniciado, o que pode resultar no crescimento fenomenal experimentado pela IEIMR e outras denominações pentecostais.

Três questões devem ser levantadas sobre fatores que podem impactar negativamente o crescimento da igreja. Primeiro, a nutrição adequada é dada a todas estas igrejas, congregações e pontos de pregação? Ou muitos estão destinados a morrer por falta de consolidação? Observe a redução das igrejas de vinte para doze na segunda década. Segundo, como tantas igrejas pentecostais brasileiras, o movimento parece estar centrado em uma igreja matriz central (Embu das Artes, SP) e um líder carismático (José Eguiny Manente). É sustentável na ausência de um ou de ambos? Em terceiro lugar, a rápida proliferação resultará em diluição da visão e identidade originais? Se

isso acontecer, o inevitável colapso da união e da comunhão afetará negativamente o crescimento em quantidade e qualidade?<sup>155</sup>

### *Comparações Intermenonitas*

O objetivo desta seção é oferecer comparações entre as cinco denominações menonitas. No período em discussão, 1949-2009, o número total de membros das igrejas menonitas no Brasil aumentou de 669 para 11.935. A tabela e a figura a seguir incluem as variáveis de denominação e década.

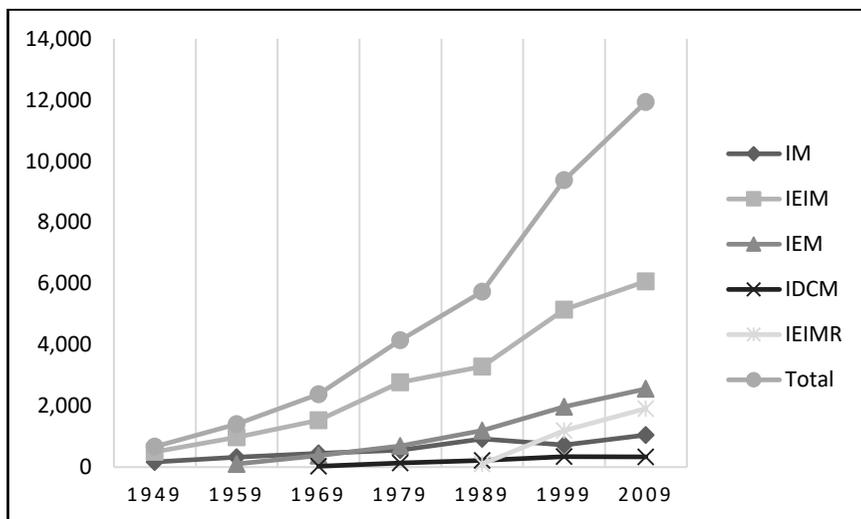
**TABELA 33: MEMBRESIA MENONITA TOTAL, 1949-2009**

	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>IM</b>	169	323	450	550	926	722	1,050
<b>IEIM</b>	500	979	1,529	2,773	3,290	5,143	{6,075}
<b>IEM</b>		104	375	691	1,200	1,972	{2,557}
<b>IDCM</b>			28	139	218	342	339
<b>IEIMR</b>					100	1,200	{1,914}
<b>Total</b>	<b>669</b>	<b>1,406</b>	<b>2,382</b>	<b>4,153</b>	<b>5,734</b>	<b>9,379</b>	<b>{11,935}</b>

Como pode ser observado na TABELA 33 e na FIGURA 17, a IEIM começou e continua como a maior das denominações menonitas no Brasil. No entanto, um olhar mais atento revela que, enquanto até a década de 1970 a IEIM compreendia cerca de dois terços do total de membros, a proporção desde os anos 80 é mais próxima de metade. Esta análise de observação revela uma taxa de crescimento mais lenta em relação aos outros grupos. A outra denominação mais antiga, a IM, ocupou o terceiro lugar nas fileiras até 1989. Depois disso, foi superada pela nova IEIMR.

---

<sup>155</sup> Conforme mencionado na Nota de rodapé 95, em março de 2016, a IEIMR aderiu a denominação da qual se separou em 1989, a IEIM. Entre as razões citadas, estava a necessidade percebida de maior nutrição e treinamento, a preocupação com a divisão na posterior saída do fundador Manente e o desejo de maior consolidação das igrejas existentes. Todas estas confirmam as reflexões mencionadas acima, originalmente desenvolvidas no ano 2000.



**FIGURA 17 – MEMBRESIA MENONITA TOTAL, 1949-2009**

A TCD é outra perspectiva necessária. Como pode ser visto na TABELA 34, a década de crescimento mais notável foi a da IEIMR nos anos 90. No outro extremo do espectro está a IM, que experimentou um crescimento negativo nos anos 90 e a menor TCD total (mediana de 39%) durante cinco décadas. Em geral, pode-se facilmente observar que a TCD típica nas denominações menonitas é entre 50 e 100%, incluindo a mediana total de membresia (62%). Isto pode ser classificado como bom crescimento.

**TABELA 34: TCD DA MEMBRESIA TOTAL, 1950-2009**

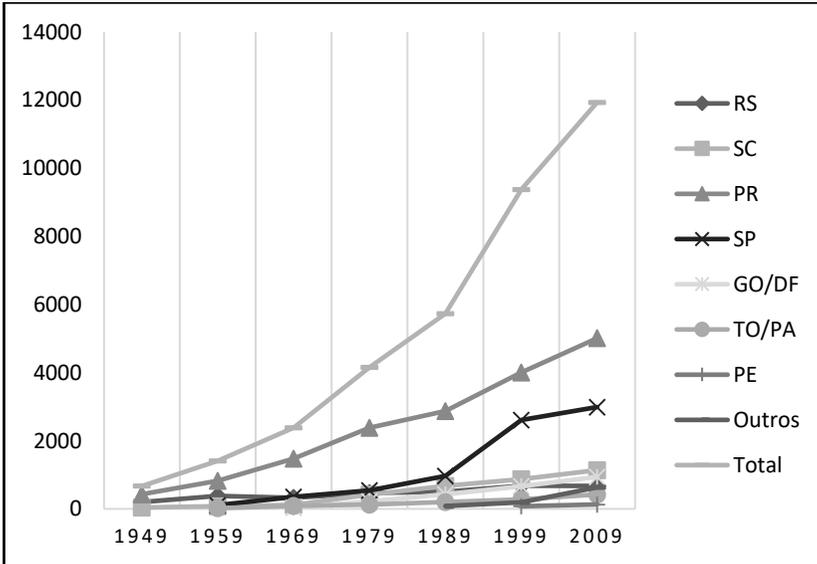
	1950-1959	1960-1969	1970-1979	1980-1989	1990-1999	2000-2009	Mediana
<b>IM</b>	59	4	42	68	4	9	26
<b>IEIM</b>	138	56	81	19	56	18	56
<b>IEM</b>		261	84	74	64	30	74
<b>IDCM</b>			396	57	57	-1	57
<b>IEIMR</b>					1100	60	NA
<b>Total</b>	<b>126</b>	<b>59</b>	<b>79</b>	<b>38</b>	<b>64</b>	<b>27</b>	<b>62</b>

Outro conjunto de variáveis é o de comparações estado a estado da membresia total. A TABELA 35 dá algumas dicas sobre esta perspectiva, assim como a FIGURA 18. O estado do PR teve a maior concentração de menonitas da década de 1940 até o presente. Nas décadas anteriores, do RS foi o segundo. No entanto, desde a década de 1970, o crescimento mais lento de menonitas no RS foi ultrapassado pelo crescimento em SP e SC. Os estados

com a menor adesão são, compreensivelmente, aqueles que contêm os mais novos campos de missão, ou seja, MT, PE e MS.

**TABELA 35: MEMBRESIA POR ESTADO, 1949-2009**

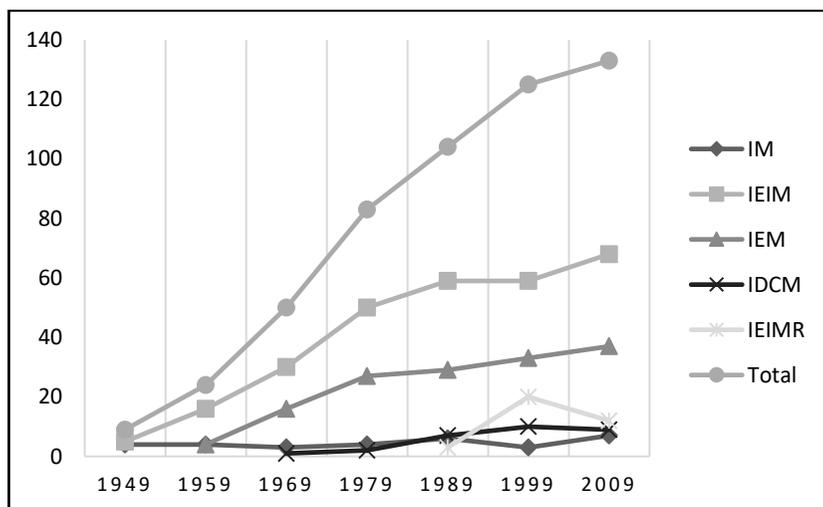
	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
<b>RS</b>	200	381	327	461	507	679	676
<b>SC</b>	40	74	115	421	670	870	1,137
<b>PR</b>	429	821	1,476	2,381	2,874	4,002	5,010
<b>SP</b>		110	349	537	969	2,611	2,989
<b>GO/DF</b>			28	223	426	667	939
<b>TO/PA</b>		20	87	130	205	280	423
<b>PE</b>						77	130
<b>Outros</b>					83	193	631
<b>Total</b>	<b>669</b>	<b>1,406</b>	<b>2,382</b>	<b>4,153</b>	<b>5,734</b>	<b>9,379</b>	<b>11,935</b>



**FIGURA 18 – MEMBRESIA POR ESTADO, 1949-2009**

O segundo conjunto de variáveis é o número de igrejas. Muitas, embora nem todas, observações da expansão de membros serão confirmadas por estatísticas sobre extensão de igrejas. A FIGURA 19 confirma a posição majoritária da IEIM entre as denominações menonitas. Mais uma vez, no entanto, o crescimento da IEIM é relativamente mais lento do que a soma total dos outros grupos – tal membresia, tal número de igrejas. Considerando que a IEIM, nas décadas anteriores, formava dois terços do total, na década de 1980, este diminuiu para cerca de metade; nos anos 90, o total foi menos da metade. Embora esta redução seja uma preocupação para a maior denominação, ela

representa desenvolvimento positivo para a maioria dos outros grupos. A IEM, desde os anos 60, teve o segundo maior número de igrejas. Nos anos 90, a IEIMR superou tanto a IM quanto a IDCM em sua rápida proliferação de novas igrejas, e mesmo com a consolidação necessária nos anos 2000, permaneceu como a terceira maior denominação menonita em 2009.

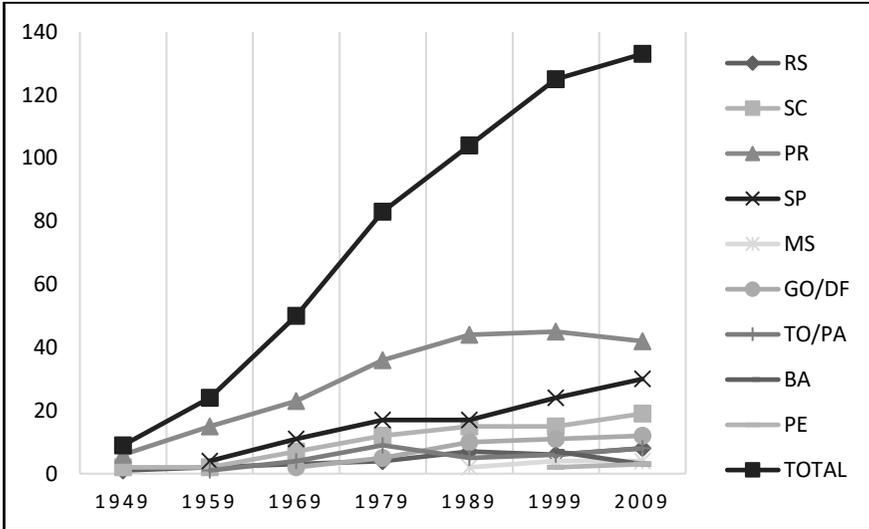


**FIGURA 19 - TOTAL DE IGREJAS MENONITAS, 1949-2009**

O último conjunto de estatísticas a ser analisado neste capítulo diz respeito ao crescimento de igrejas menonitas por estado. A TABELA 36 e a FIGURA 20 examinam o número total de igrejas menonitas por estado. Mais uma vez, o estado do PR predomina no grande número de igrejas. É seguido por SP e depois por SC. Alinhado com a análise da membresia, os estados com menos igrejas são os novos campos missionários de MT, PE e MS.

**TABELA 36: IGREJAS MENONITAS POR ESTADO, 1949-2009**

	1949	1959	1969	1979	1989	1999	2009
RS	1	2	3	4	7	6	8
SC	2	2	7	12	15	15	19
PR	6	15	23	36	44	45	42
SP		4	11	17	17	24	30
MS					2	4	4
GO/DF			2	5	10	11	12
TO/PA		1	4	9	5	6	8
BA						7	3
PE						2	3
Outros					4	5	4
<b>TOTAL</b>	<b>9</b>	<b>24</b>	<b>50</b>	<b>83</b>	<b>104</b>	<b>125</b>	<b>133</b>



**FIGURA 20 - IGREJAS MENONITAS POR ESTADO, 1949-2009**

As tendências de estado por estado indicam futuro favorável para as igrejas de SP. Este é o único estado com aumento substancial nas igrejas nas últimas duas décadas. Assim como na membresia, o crescimento por extensão está diminuindo nos estados do Sul, ou seja, RS, SC e PR.

Algumas observações e interpretações finais são oferecidas aqui. Primeiro, um padrão é aparente na primeira década da atividade missionária acompanhada por alta taxa de aumento de membros (geralmente acima de 200%). Isto geralmente é seguido por uma TCD em declínio constante. Embora seja compreensível que começar com uma base pequena resulte em uma TCD inicialmente muito mais alta e TCDs subsequentes mais baixas nas décadas seguintes, parece inaceitável para este analista que o declínio contínuo deva ser considerado normativo. Em segundo lugar, exatamente o mesmo padrão é evidente no crescimento da igreja por extensão. O ciclo bíblico de proliferação-consolidação parece parar após a fase de consolidação. Muitas igrejas parecem se contentar em alcançar a autonomia, mas negligenciam a função reprodutiva. Terceiro, a IM estava em crise de crescimento da igreja nos anos 90, tanto em termos de membresia quanto de plantação de igrejas. No entanto, nos anos 2000, parece ter virado a página. Esta denominação germânica abriu as portas mais para seus vizinhos brasileiros e, pelo menos numericamente, experimentou uma medida de renovação.

Quarto, a IEIMR estava do outro lado do espectro, explodindo em crescimento de membros e plantação de igrejas. Havia motivos para celebrar este tipo de crescimento e as centenas de ovelhas perdidas que entravam no rebanho. Também havia motivo para preocupação de que a liderança

denominacional desse atenção adequada à consolidação por meio do discipulado, educação, treinamento de liderança de nível superior e disciplina – para citar apenas alguns itens essenciais para o crescimento sustentado da igreja (veja Nota de rodapé 155). Quinto, a IEIM continua como a denominação menonita majoritária no Brasil, tanto em número de membros quanto em igrejas. No entanto, está perdendo seu ímpeto e as novas denominações estão crescendo mais rapidamente. Finalmente, a linha de frente entre os menonitas no Brasil não está mais nos estados sulistas RS, SC e PR. Estes foram os centros históricos da igreja e missão menonita no Brasil. No entanto, assim como o centro do Novo Testamento mudou de Jerusalém para Antioquia, e como o centro de missões mundiais mudou da Europa e da América do Norte para o hemisfério sul, o mesmo parece estar acontecendo entre os menonitas no Brasil. A mudança está ocorrendo lentamente, mas o foco de crescimento (e as iniciativas acompanhantes da missão) está se movendo claramente para os estados mais centrais de SP e GO/DF.

### *Comparações entre Evangélicos e Menonitas*

Nesta última seção de análises comparativas, o foco está em como o crescimento do número de membros de igrejas menonitas compara-se ao da igreja evangélica maior no Brasil desde 1950. Conforme TABELA 37<sup>156</sup> e A FIGURA 21 revela que o crescimento da igreja evangélica no Brasil tem sido consistentemente bom nas últimas décadas. Isso é ainda mais verdadeiro quando comparado com a TCD da população em geral. Sob essa luz, o crescimento da igreja evangélica tem sido consistentemente quase três vezes o crescimento da população desde os anos 1950. Quando a variável menonita é inserida, descobrimos que sua TCD está bem próxima da TCD evangélica. Em duas das seis décadas, os menonitas estavam bem acima (anos 50 e 70). Em duas décadas, os menonitas estavam um pouco abaixo (as décadas de 1960 e 1990) e, em duas décadas, estavam bem abaixo (as de 1980 e 2000). Quando

---

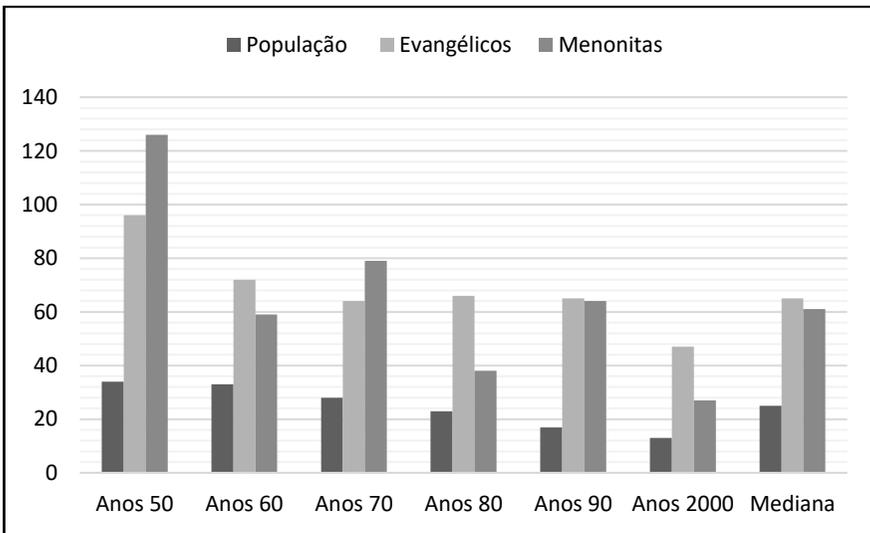
<sup>156</sup> Estatísticas de população foram colhidas da "United States Census Bureau-- International Data Base,"

<https://www.census.gov/population/international/data/idb/informationGateway.php> (consultado em 26-10-2016). Estatísticas evangélicas vêm de William R. Read, *New Patterns of Church Growth in Brazil* (Grand Rapids: William B. Eerdmans, 1965), 214-215; William R. Read e Frank A. Ineson, *Brazil 1980: The Protestant Handbook* (Monrovia: MARC, 1973), 46; Lourenço Kraft, "Crescimento dos Evangélicos no Brasil," <http://www.infobrasil.org/brasil/resumo.htm>, (1998, consultado em 29-11-2001); e "População Evangélica do Brasil em 2009," <http://olharcristao.blogspot.ca/2011/08/populacao-evangelica-brasil-2009.html>, (consultado em 26-10-2016). Estatísticas menonitas são as já utilizadas neste capítulo.

se compara as TCDs evangélicas - menonitas (na última coluna), a proximidade é confirmada.

**TABELA 37: TCD EVANGÉLICOS E MENONITAS  
1950-2009**

	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Mediana
<b>População</b>	34	33	28	23	17	13	<b>25</b>
<b>Evangélicos</b>	{96}	72	64	66	{65}	47	<b>65</b>
<b>Menonitas</b>	126	59	79	38	64	27	<b>61</b>



**FIGURA 21 - TCD DE EVANGÉLICOS E MENONITAS  
1950-2009**

É útil neste momento examinar mais de perto a TCD menonita e comparar denominações individuais com a TCD evangélica. O uso deste não é para estabelecer um padrão, mas sim ter uma referência relevante para medir e comparar as denominações menonitas individuais em relação ao aumento de membresia. A perspectiva semelhante, vista quando se compara o total da TCD evangélica ao total da TCD menonita (acima), não é confirmada quando as denominações individuais são analisadas. A TABELA 38 compara as cinco denominações. Três estão abaixo da mediana evangélica, e apenas uma está

acima.<sup>157</sup> A IM tem estado regularmente abaixo da mediana durante seis décadas (uma exceção foi na década de 1980). Além disso, a sua TCD total é de 39 pontos abaixo da TCD evangélico, medida pela mediana. A maior denominação menonita, a IEIM, tem se saído melhor, embora ainda esteja abaixo da TCD evangélica maior. Nos anos 50 e 70, a IEIM estava acima da TCD nacional. No entanto, nas outras quatro décadas, e especialmente nas décadas de 1980 e 2000, a IEIM ficou aquém dos evangélicos brasileiros no crescimento da igreja, conforme medido pelo número de membros. No geral, a IEIM está nove pontos abaixo da mediana evangélica da TCD.

O único grupo de menonitas que cresceu regularmente acima da TCD nacional (exceto nos anos 2000) é a IEM. Este registro positivo é confirmado quando a mediana geral é de 74%, comparada à mediana evangélica de 65%.

**TABELA 38: TCD - IGREJAS EVANGÉLICAS E MENONITAS**

	Anos 50	Anos 60	Anos 70	Anos 80	Anos 90	Anos 2000	Mediana
<b>Evangélicos</b>	96	72	64	66	65	47	<b>65</b>
<b>IM</b>	59	4	42	68	4	9	<b>26</b>
<b>IEIM</b>	138	56	81	19	56	18	<b>56</b>
<b>IEM</b>		261	84	74	64	30	<b>74</b>
<b>IDCM</b>			396	57	57	-1	<b>57</b>
<b>IEIMR</b>					1100	60	<b>NA</b>

A análise estatística precedente permite um conjunto de comentários conclusivos que sintetizam os resultados. Primeiro, o crescimento geral de membros evangélicos e menonitas nos últimos 60 anos tem sido relativamente similar. Dada uma divergência ocasional (como a década de 1980 para os menonitas), as TCDs são notavelmente próximas. Em segundo lugar, a maioria das denominações menonitas não acompanhou a taxa evangélica. Este é o caso em três das quatro denominações analisadas (IM, IEIM, IDCM). Apenas a IEM tem crescido regularmente mais rápido que a TCD evangélica. Terceiro, a TCD evangélico permaneceu estável durante as últimas quatro décadas, enquanto a tendência para as denominações menonitas tem sido errática na melhor das hipóteses, ou em declínio, em vez de estabilizar ou aumentar.

<sup>157</sup> Eu escolhi não calcular nem usar uma mediana para a IEIMR, uma vez que estatísticas não confirmadas estão disponíveis por apenas duas décadas, e a disparidade entre elas levaria a uma mediana inconclusiva de TCD.

***Fatores do Crescimento da Igreja***

Nesta seção conclusiva, eu resumi os fatores de crescimento da igreja que surgiram neste e nos capítulos precedentes. Os fatores que facilitaram o crescimento da igreja, bem como os fatores que impediram o crescimento da igreja estão incluídos. Os fatores mencionados são principalmente aqueles que são comuns à maioria das denominações menonitas incluídas neste estudo, com alguns comentários sobre fatores menos comuns.

**Fatores Facilitadores**

Os seguintes fatores são agrupados em categorias para melhor entendimento, análise e aplicação. As categorias incluídas são espirituais, missiológicas, eclesiológicas, sociais e culturais.

Os fatores espirituais que facilitaram o crescimento da igreja entre os menonitas no Brasil incluem uma visão missionária inspirada na Bíblia e na oração, fé expressa em ação e obediência à Grande Comissão. Onde o crescimento da igreja ocorreu em qualquer grau significativo, estes fatores fundamentais estiveram presentes. Talvez a única denominação que melhor ilustre a dinâmica espiritual no crescimento da igreja seja a nova IEIMR. Este movimento de base está saturado com vigílias de oração, adoração inspiradora e uma fé Abraâmica em Deus para fazer o impossível pela igreja e pelo Reino.

Os fatores missiológicos presentes incluem foco claro na plantação de igrejas, evangelismo intencional, métodos evangelísticos variados de acordo com o contexto e a eficácia, bem como investimento pesado no envio de missionários. Embora estes fatores caracterizem todas as denominações que cresceram e continuam crescendo, a IEIM pode ilustrar melhor esta categoria. A começar na década de 1950, o objetivo de começar novas igrejas tem estado na linha de frente, seja que o patrocínio era de uma igreja mãe, de uma convenção nacional, ou da agência missionária norte-americana. O evangelismo tem sido mais intencional em algumas décadas do que em outras; o crescimento tende a corresponder ao nível de intencionalidade do evangelismo. Os métodos têm variado desde a distribuição de folhetos até campanhas, e desde acampamentos de retiro até a ênfase atual em grupos células. Os missionários surgiram e foram treinados, testados e enviados desde a década de 1940. Estes incluíram americanos, canadenses, alemães nascidos na Rússia, brasileiros germânicos e brasileiros portugueses.

Fatores eclesiológicos também tiveram seu lugar. Entre estes, deve ser citado o papel de uma convicção fundamental dos anabatistas, ou seja, o sacerdócio de todos os crentes e a consequente mobilização de membros. Um segundo fator nesta categoria seria o de líderes fortes, mas servidores. Desde denominações até igrejas locais, os grupos que foram abençoados com uma liderança forte e seguidores mobilizados normalmente cresceram a uma taxa saudável.

Dois fatores sociais devem ser mencionados. Primeiro é a confirmação entre os menonitas no Brasil de que uma receptividade urbana ao evangelho é real e relevante. O bom crescimento da IEM, predominantemente presente nos grandes centros urbanos, é testemunha deste fator. Por outro lado, na região mais rural, a Região IV, o crescimento foi mais lento nas últimas décadas. Segundo, o fator de receptividade da classe trabalhadora é importante para entender o crescimento da igreja dos menonitas no Brasil. Enquanto o princípio da “redenção e sustentação” desempenhou seu papel entre os que já estavam presentes na igreja, e embora tenha havido alguns esforços recentes para estabelecer igrejas de classe média, a grande maioria do crescimento por expansão e por extensão veio das massas.

A categoria de cultura é fundamental para entender os menonitas no Brasil. Isto é ainda mais verdadeiro por causa da diversidade de culturas (imigrantes russos alemães, missionários norte-americanos, brasileiros germânicos, luso-brasileiros, migrantes internos brasileiros). Certamente há mais na cultura do que apenas o idioma; no entanto, para os menonitas, os grupos que foram a segunda milha para aprender português aculturaram-se mais rapidamente e tiveram mais sucesso em levantar igrejas. Os exemplos mais claros seriam a IEIM e a IDCM. Estas duas denominações têm forte base étnica (alemã e norte-americana, respectivamente), mas dentro de limitações, têm intencionalmente buscado se integrar e, como resultado, experimentaram um bom crescimento. O exemplo mais recente é a IEIMR, um movimento totalmente brasileiro caracterizado por forte contextualização... e forte crescimento.

Outros fatores, menos comuns, podem ser mencionados. Isto incluiria o crescimento por imigração e migração, a ênfase na consolidação, a adoção de grupos de igrejas já desenvolvidos (IEM) e a extensão a estados e regiões mais receptivos.

### **Fatores de Impedimento**

Fatores espirituais também contribuem para impedir o crescimento da igreja. Provavelmente a maior delas é uma perda de visão para a missão e/ou a plantação de igrejas. O provérbio “onde não há visão, o povo perece”, também, pode ser aplicado ao crescimento da igreja. Durante as décadas de 1980 e 1990, algumas denominações abrandaram consideravelmente ou até pararam de plantar igrejas. Felizmente, tanto a IM quanto a IEIM retomaram este foco nos últimos anos.

O único fator missiológico que se destaca na análise do crescimento das igrejas menonitas no Brasil é o desequilíbrio entre a proliferação e a consolidação de novas igrejas. Embora o número de igrejas iniciadas (pela CBIIM e a IEM) nos anos 1970 e (pela IEIMR) nos anos 90 tenha sido notável, o número de fechamentos de igrejas nos anos seguintes foi lamentável. Uma atenção adequada não foi dada à nutrição e ao cuidado destas congregações inipientes. O crescimento da igreja foi impedido.

Da mesma forma, na análise de fatores eclesiológicos, destaca-se o das crises de liderança. Correndo o risco de simplificar demais, alguns exemplos serão suficientes. Na IM, tem havido escassez de líderes de missão. Na antiga CBIIM, durante os anos 80, alguns líderes não testados receberam grandes responsabilidades. Na IEM, a mobilidade de liderança ignorou a importância da longevidade necessária da liderança para o crescimento da igreja. Na IDCM, a liderança estrangeira ainda domina. Na IEIMR, a liderança é perigosamente centralizada. Estas crises de liderança têm impedido e podem ainda impedir o crescimento da igreja. Elas revelam deficiência na compreensão e prática dos padrões bíblicos de liderança.

Finalmente, há o fator cultural da etnia. Quando há imigração e migração, um período de integração é inevitável durante o qual o crescimento da igreja será necessariamente prejudicado. Muitas vezes, durante esse período, o crescimento da igreja é limitado ao tipo biológico. No entanto, quando este período se estende por mais de setenta anos (os imigrantes menonitas chegaram em 1930), a etnia foi além de um valor para se tornar uma barreira.

Houve outros fatores que podem ter dificultado o crescimento da igreja em um ou mais grupos. Entre estes poderiam ser incluídos um deslocamento excessivo de recursos para assistência social, emigração por razões socioeconômicas, divergência doutrinária, mentalidade para pequenas igrejas, métodos evangelísticos limitados, requisitos rigorosos de membresia, locais rurais e concentração de esforços missionais e plantação de igrejas em estados ou regiões de baixo crescimento.

### ***Perguntas de Estudo***

1. À luz da análise acima, que princípios e práticas de crescimento da igreja podem ser úteis na missão de sua igreja local?
2. Campos não receptivos: Quando a resposta ao evangelho é baixa, como devem reagir as igrejas e plantadores de igrejas? Quando é apropriado “sacudir a poeira” e mudar para campos mais receptivos, e quando é necessário “pregar a Palavra [...] a tempo e fora de tempo?”
3. Selecione dois dos “fatores de impedimento” para o crescimento da igreja acima. Atribua exemplos de sua experiência ou seu conhecimento que ilustram estes fatores. À luz desta reflexão, como você lideraria estas igrejas de maneira diferente?

## 15. TREINAMENTO MISSIONAL

Este capítulo oferece uma avaliação do treinamento missional entre menonitas no Brasil desde 1930. A descrição e a análise baseiam-se nas seguintes questões. Primeiro, até que ponto o treinamento missional de liderança ocorreu entre os menonitas no Brasil desde 1930? Segundo, quais foram os principais modelos e métodos deste treinamento? Terceiro, que tipo de contribuições surgiram destes modelos diferentes? Quarto, quais são os pontos fortes e fracos do treinamento missional menonita de acordo com alguns entendimentos atuais da educação missiológica internacional?

O treinamento neste estudo refere-se à preparação abrangente pré- e em-serviço para ministérios missionais em geral. Como tal, incluem-se necessariamente aspectos formais, não formais e informais. Estes termos são entendidos como segue:

Basicamente, a educação formal refere-se à educação institucional organizada e reconhecida pela sociedade. Informal refere-se ao treinamento que ocorre no contexto das atividades normais da vida. O treinamento não formal refere-se à formação semi-organizada que normalmente ocorre fora da jurisdição do treinamento formal.<sup>158</sup>

### *Contextos de Treinamento Missional*

A educação institucional formal era altamente valorizada entre os menonitas russos. Um historiador menonita registra que em 1914 havia cerca de 250 estudantes menonitas frequentando instituições russas e 50 em seminários e universidades no exterior. No entanto, a maioria dos treinamentos ministeriais e missionais formais ocorreu em escolas não russas e não menonitas, como o Seminário Batista de Hamburgo. Uma exceção foi o Instituto Bíblico Tschongraw (1918-1924) na Crimeia. Embora sua história fosse breve (fechado pelo governo soviético), sua influência durou muito tempo e, segundo um pesquisador, estendeu-se à experiência brasileira:

Algumas das pessoas que estudaram no Instituto Bíblico Tschongraw eram líderes e pregadores da Igreja Irmãos Menonitas, e também líderes do primeiro movimento da escolas bíblicas no Brasil. Portanto, a primeira e mais decisiva influência para uma escola bíblica na Igreja brasileira veio do Instituto Bíblico Tschongraw da Criméia.<sup>159</sup>

---

<sup>158</sup> J. Robert Clinton, *Leadership Training Models* (Altadena: Barnabas Publishers, 1984), p. 135.

<sup>159</sup> Heinrich Esau, "A History and Analysis of the Mennonite Brethren Bible Institute in Brazil" (dissertação de MA, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1971), p. 14.

No entanto, tanto a preparação teológica quanto a prática parecem ter surgido principalmente por meios não formais e informais, como cursos bíblicos mensais e escolas missionárias de curta duração organizadas pelo missionário batista August Liebig. Influências informais de pregadores pietistas alemães, missionários, literatura missionária da Morávia, festivais missionários, grupos de estudo missionário e círculos missionários de costura eram bastante comuns.<sup>160</sup>

As duas primeiras décadas no Brasil (ca. 1930-1950) foram anos de sobrevivência e assentamento para os imigrantes menonitas russos. Embora houvesse alguma atividade missionária, em geral, a visão da missão era obscura. Além de um baixo nível de visão e atividade missionária, havia uma carência de treinamento para o ministério em geral e para a missão em particular. Pelo menos dois fatores podem ser citados. Primeiro, apesar do alto valor colocado na educação na Rússia, os anos de guerra, as dificuldades econômicas e a vida de refugiados pós-revolução colocaram a educação formal em uma categoria não essencial. Sobrevivência era da maior importância. Em segundo lugar, o Brasil aprovou uma lei de nacionalização em 1938, que fez do português a única língua de instrução e proibiu o uso da língua alemã em igrejas e escolas eclesiais. O resultado foi um empobrecimento das oportunidades educacionais para a vida, o ministério e a missão.<sup>161</sup>

Muitos menonitas conseguiram emigrar para a América do Norte antes que as portas se fechassem no final dos anos 20. O valor dado à manutenção das relações familiares e eclesiais, bem como à prática da ajuda mútua, promoveu uma comunicação considerável entre os menonitas norte-americanos mais economicamente estáveis e seus irmãos e irmãs na América do Sul. Uma rede internacional de assistência mútua desenvolveu-se entre os menonitas canadenses e americanos no norte, e os menonitas paraguaios, brasileiros e uruguaios no sul.

Uma parte desta assistência foi o treinamento ministerial. Esta assistência envolvia ajudar líderes talentosos a estudar em instituições de ensino norte-americanas, bem como a prática de missionários norte-americanos iniciando e desenvolvendo centros de treinamento formal no Brasil. Dadas as origens norte-americanas de muitos professores, o conteúdo curricular e as metodologias de treinamento, é natural assumir uma influência considerável nestas escolas do Norte ao Sul.

---

<sup>160</sup> George W. Peters, *Foundations of Mennonite Brethren Missions*, (Fresno: Board of Christian Literature, General Conference of Mennonite Brethren Churches of North America, 1984), p. 16-24.

<sup>161</sup> Para um relato autobiográfico e reflexões sobre essa experiência, veja Hans Kasdorf, *Design of My Journey: An Autobiography* (Fresno: Center for MB Studies; Nürnberg, Germany: VTR Publications, 2004), p. 157-163.

Além da herança alemã/russa e das influências norte-americanas, o contexto brasileiro também foi significativo na formação de padrões de treinamento missional. Negativamente, a preparação ministerial protestante foi dominada por uma visão profissional do ministério. Assim, o treinamento para o ministério foi entendido em termos principalmente formais, isto é, a matrícula em um instituto bíblico ou seminário. Outro ponto negativo foi o que o pedagogo brasileiro Paulo Freire denominou como uma abordagem “bancária” na metodologia de ensino.<sup>162</sup> Nesta, não se espera que o aluno analise, pesquise ou personalize conceitos elevados – apenas deveria ser um receptáculo cognitivo daquilo que o (supostamente) professor onisciente deposita. Essa abordagem da educação centrada no professor ainda domina na maioria dos níveis em todo o Brasil.

Positivamente, desde a década de 1970, os evangélicos brasileiros experimentaram um tremendo crescimento tanto no número de candidatos ministeriais (incluindo a liderança missional) quanto no número de institutos bíblicos e seminários. Além disso, um acréscimo muito saudável e necessário à cena de treinamento foi o surgimento da Educação Teológica por Extensão (ETE) no final dos anos 60 e início dos anos 70. Embora atualmente os modelos centralizados de educação teológica formal pareçam ser os mais visados, a ETE ainda é amplamente usada entre os evangélicos, incluindo os menonitas.

Assim como é o padrão com a maioria dos evangélicos no Brasil, a tendência geral entre as igrejas e agências menonitas é de maior autonomia em relação aos seus parceiros missionários norte-americanos, bem como maior responsabilidade missionária em relação aos povos dentro e fora do Brasil. Esta mudança de receptores para enviados é significativa para o treinamento missional. É necessário que haja mudança correspondente na ênfase e quantidade de recursos educacionais relacionados à missão. Muito pode ser aprendido fora do contexto menonita e brasileiro. No entanto, muito pode ser aprendido dos menonitas refletindo sobre sua própria experiência no Brasil. Para tal reflexão, agora voltamos.

### ***Menonitas Treinando para a Missão: Uma Visão Geral***

As sete missões menonitas, em diferentes graus, conduziram algum tipo de treinamento para a missão. Esta revisão inclui seus esforços de treinamento de missão de acordo com categorias informais, não formais e formais.

#### **A Igreja Menonita**

Muito, se não a maioria, do treinamento missional realizado na IM foi feito informalmente. Isso inclui métodos de observação e imitação de missionários pioneiros surgidos nos anos 50 e 60. Também inclui os programas semanais

---

<sup>162</sup> *Pedagogia do Oprimido* (Rio de Janeiro; São Paulo: Paz & Terra, 2014).

de educação cristã altamente valorizados (estudos bíblicos, escola dominical e reuniões de jovens). Métodos de alta responsabilidade também têm sido comuns, particularmente no caso daqueles que se voluntariam por um período de serviço com a AMAS. Aqui, as tarefas do ministério e os estágios na assistência social aos não cristãos fornecem um contexto para o treinamento missional e para a aquisição de numerosas habilidades práticas. Finalmente, o treinamento informal a partir de eventos tem sido frequentemente utilizado entre a IM, e varia desde as conferências missionárias anuais na igreja local até os congressos denominacionais.

Nos últimos anos, maior atenção é dada à utilização de treinamento missional não formal. Entre estes modelos, estão incluídos seminários sobre o estudo da Bíblia, homilética, evangelismo, clínicas pastorais e aconselhamento familiar etc. Palestras, bem como congressos temáticos, estabelecem certos aspectos dos ministérios e elevam a motivação dos trabalhadores.

A AIMB não iniciou programas específicos ou centros de treinamento para o treinamento formal. Nas décadas anteriores, os candidatos estudavam no seminário menonita em Montevidéu, no Uruguai. Desde que esta escola foi fechada em 1974, muitos estudantes vão ao *Centro Evangélico Menonita de Teología Asunción* (CEMTA) no Paraguai, iniciado para a IM de língua alemã no Paraguai, Uruguai e Brasil. Um número de obreiros foi preparado no

seminário da IEIM em Curitiba (ISBIM), e alguns foram a outros seminários evangélicos no Brasil. Nos últimos anos, as igrejas têm usado o compêndio da teologia pastoral *Seja Um Obreiro Aprovado* por meio da ETE. Entre as 150 lições autodidáticas, há inúmeras lições que lidam com evangelismo, plantação de igrejas, ação social e missão em geral. Por fim, a AIMB foi membro fundador da Faculdade Fidelis, uma faculdade intermenonita que atualmente oferece cursos de teologia, pedagogia e psicologia.



**Centro Evangélico Menonita de Teología Asunción  
(CEMTA), Paraguai**

### **A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas**

Assim como na IM e também na IEIM, o papel do treinamento informal na missão tem sido central. As atividades de treinamento incluem observação, prestação de contas, mentoreio, educação cristã e eventos especiais (retiros, acampamentos, conferências).

Uma ilustração do treinamento informal é o orfanato Lar das Crianças, iniciado por missionários norte-americanos em 1947. Este lar desempenhou um papel importante no fornecimento de visão de missão e treinamento prático

para obreiros emergentes entre as igrejas alemãs. Muitos dos voluntários tornaram-se plantadores de igrejas e pastores.

Outro meio extraordinário de treinamento missional informal tem sido as conferências missionárias anuais realizadas nacional, regional e, com frequência, localmente. Por muitos anos, o mês de outubro foi considerado “mês de missões”. Durante este mês, em encontros regionais e igrejas locais, foram realizadas conferências especiais, com oradores especiais (muitas vezes missionários), e ofertas especiais para apoiar diversas formas de alcance missionário.

Entre as atividades não formais, a educação no campo (estágios) tem sido uma tradição de treinamento ligada a escolas e seminários. Já em 1956, encontra-se uma referência a estudantes da escola bíblica de língua alemã que conduziram reuniões ao ar livre, evangelização, escola dominical e missões de folhetos. Uma década mais tarde, no Instituto Bíblico Paranaense (IBP), vemos



**Instituto Bíblico Paranaense, Curitiba**

que a escola, durante os anos de 1963 a 1967, exigiu que todos os alunos estivessem envolvidos em trabalhos evangelísticos práticos, como visitas porta a porta, clubes bíblicos e EBF. Mais recentemente, os jovens da IEIM participam regularmente de um programa de 30 dias de imersão missionária (Movendo a História), patrocinado pela Expresso Ação, e do estágio de nove meses (Discipulado Prático – DIP), patrocinado pela COBIM.

Treinamento especializado é dado tanto para eventos missionais de alta visibilidade, quanto para missões contínuas. Exemplos de treinamento focado incluem: 1) a preparação para campanhas em massa e plantação de igrejas após o evangelismo de saturação nos anos 70; 2) o treinamento de conselheiros para os buscadores nas campanhas do Janz Team, 3) o uso dos folhetos Quatro Leis Espirituais, 4) Evangelismo Explosivo, 5) evangelismo infantil e 6) guerra espiritual. Mais recentemente, alguns obreiros da IEIM participam regularmente de conferências anuais de plantação de igrejas em São Paulo.

Mais do que qualquer outra missão menonita no Brasil, a IEIM fazia uso extensivo de treinamento formal para a missão. Este treinamento formal começou em 1947 e inclui esforços principalmente centralizados, mas também alguns modelos à distância. Modelos centralizados começaram com as escolas bíblicas da igreja local em 1947. Estas foram estabelecidas em Witmarsum (SC), Boqueirão, Guarituba e Colônia Nova.

A partir de 1956, os institutos bíblicos das convenções foram estabelecidos. O primeiro deles foi um instituto móvel criado para servir a denominação sul-americana da IEIM nos países: Brasil, Paraguai e Uruguai.

A cada ano, ele se deslocava entre Bagé, no Brasil, e Filadelfia, no Paraguai. Esta escola móvel operou até 1961, quando o Instituto Teológico Evangélico (ITE) foi estabelecido em Curitiba, Brasil. O objetivo desta escola também era o treinamento de pastores e missionários entre as igrejas de língua alemã dos três países mencionados acima. No mesmo ano, o IBP começou na língua portuguesa. Estes dois institutos operaram em dois trilhos na mesma cidade e para a mesma denominação. Este arranjo durou apenas uma década e, em 1972, os dois institutos foram totalmente integrados no Instituto e



Primeiros diplomados, ISBIM, 1972

Seminário Bíblico Irmãos Menonitas (ISBIM). Por cerca de trinta anos, o ISBIM foi o único instituto e seminário bíblico menonita no Brasil.

Em 2002, a liderança do ISBIM iniciou conversas com quatro denominações anabatistas (AEM, AIMB, COBIM e a Igreja Evangélica Livre do Brasil – CIELB) e a Fundação Educacional Menonita (FEM) sobre o desenvolvimento, desde o ISBIM, de uma faculdade de artes liberais credenciada. A transição foi finalizada em 2004 quando a Faculdade Fidelis foi aprovada pela agência de credenciamento do governo. Embora Fidelis não tenha um programa formal de estudos missionais ou de preparação missionária, ela procura incluir um caráter missional nos principais programas de teologia, pedagogia e psicologia.

Desde 1990, a regional IEIM em São Paulo fez várias tentativas de criar seu próprio centro de treinamento para ministérios e missões urbanos. O primeiro foi o Centro de Treinamento Irmãos Menonitas (1990-2002), depois a Faculdade Bíblica Paulistana (2005-2007) e o Centro de Treinamento de Liderança Cristã (2008-2015) que foi renomeado Instituto Vocati (2016).

Este último, interdenominacional em alcance e ainda anabatista em conteúdo, é um modelo recente de educação a distância, oferecendo treinamento em todo o Brasil e materiais *online*. Modelos anteriores de ensino a distância começaram nos anos 60, quando o IBP oferecia cursos de extensão nas igrejas locais. Alguns professores do ISBIM desenvolveram textos de ETE que foram distribuídos entre grupos de estudo nas igrejas locais. Outros textos programados têm sido amplamente utilizados, especialmente o curso “Seja Um Obreiro Aprovado”.

### **O Comitê Central Menonita**

No caso desta missão paraeclesial, o treinamento missional ocorreu de maneira um pouco diferente do que nas missões baseadas no Brasil e na igreja. A missão e o lema da CCM são “serviço em nome de Cristo”. Até 2011,

pessoas qualificadas e especializadas ofereciam-se voluntariamente para um período de três anos de serviço, principalmente no Nordeste do Brasil, atingido pela pobreza. Eles se chamam de “voluntários” em vez de missionários.

Enquanto os voluntários vêm principalmente para servir, inevitavelmente eles também aprendem. De fato, isso é esperado, pois o manual do voluntário indica: “Nosso envolvimento ocorrerá em um espírito de respeito mútuo, reconhecendo que devemos nos esforçar tanto para aprender, quanto para ensinar.” Depois de 75 anos de CCM servindo ao redor do globo, um escritor avaliou que além da educação e da mudança que os voluntários levaram para outros, estes mesmos voluntários foram educados e mudaram:

O serviço de CCM criou milhares de momentos de aprendizado enquanto os voluntários buscavam traduzir sua fé em ação [...]. O CCM expôs os ricos norte-americanos às necessidades humanas e nos estimulou na luta frente as questões difíceis que surgem quando procuramos servir aos outros em nome de Cristo [...]. Isso levou centenas de menonitas a novas carreiras. As tarefas de serviço estimularam voluntários a ingressar em estudos de pós-graduação e vocações relacionadas ao serviço internacional.<sup>163</sup>

Este tipo de “treinamento missional” entre os menonitas no Brasil realmente começa na América do Norte com a preparação formal dos voluntários em suas áreas de especialização (incluindo agrônomos, educadores, construtores, enfermeiros e assistentes sociais). Após a educação formal e muitas vezes um período de experiência de trabalho, os candidatos aprovados recebem dez dias de orientação não formal na sede da CCM em Akron, Pensilvânia.<sup>164</sup>

A maior parte do treinamento missional do CCM ocorre no trabalho, por meio de tarefas informais de ministério realizadas no curso normal do serviço. É aqui que os voluntários aprendem as lições missionárias de serviço e sofrimento, de amor e trabalho, de fé e perdão e de esperança em meio a aparente desesperança. Além disso, as habilidades de linguagem e comunicação são adquiridas, a compreensão cultural é enriquecida e os dons para o ministério transcultural são testados.

### **A Igreja Evangélica Menonita**

Mais uma vez, alguns treinamentos missionais foram realizados por meio de métodos informais, incluindo: 1) observação de modelos missionários, educação cristã da igreja local e estágios informais; 2) responsabilidade nas

---

<sup>163</sup> Donald B. Kraybill, “From enclave to engagement: MCC and the transformation of Mennonite identity,” *Mennonite Quarterly Review* 70 (1996):23-58.

<sup>164</sup> A exceção aqui são aqueles voluntários de igrejas menonitas no Sul do Brasil que servem com o CCM por meio da AMAS. Para estes, o treinamento pré-serviço seria no Brasil.

tarefas supervisionadas dos ministérios missionais; e 3) eventos especiais (retiros, conferências etc.).

No entanto, na IEM, a maioria dos treinamentos parece ter seguido padrões formais. Nas décadas anteriores, os candidatos a ministérios pastorais e missionários foram incentivados a participar do seminário menonita em Montevideu, Uruguai. Com o fechamento deste seminário em 1972, a IEM precisou procurar outras opções para o treinamento ministerial. Naquela época, o ISBIM foi adotado como opção viável para treinamento de liderança e missão. Além disso, alguns estudantes frequentavam outros seminários, tanto denominacionais quanto interdenominacionais. No entanto, no início dos anos 80, ainda não havia sido encontrada uma abordagem unificada e uma solução satisfatória.

Em 1982, após extensa pesquisa entre igrejas e líderes, um programa bem desenvolvido de ETE foi iniciado. Foi chamado Centro Menonita de Teologia (CEMTE). Foi o próprio programa de treinamento de liderança da IEM e incluiu alguns treinamentos missionais. Como o modelo foi a ETE, os materiais autodidáticos formaram o curso principal e o método de aprendizagem. Três níveis foram oferecidos: básico, secundário e superior. O nível básico utilizou como núcleo os seis volumes de “Seja Um Obreiro Aprovado”. No nível secundário, de sete possíveis ênfases, a de Evangelização era explicitamente missional. Finalmente, o nível superior levou ao Bacharelado em Teologia. O CEMTE operou até o final dos anos 2000. A AEM também foi membro fundador da Faculdade Fidelis, que hoje é a opção preferida de educação formal para o serviço missional.



Curso Básico de ETE  
usado pelo CEMTE e outros

### **A Igreja de Deus em Cristo – Menonita**

A IDCM<sup>165</sup> utiliza principalmente métodos informais de treinamento para preparar candidatos ao serviço missionário. Muita ênfase é dada à preparação espiritual pessoal, incluindo a certeza de um chamado para o trabalho missionário nos casos daqueles que servirão fora da igreja local. A fidelidade no serviço na igreja local é considerada fundamental. Recomenda-se que o candidato seja fiel em pequenas coisas, como o ensino da escola dominical, o ensino de aulas bíblicas no meio da semana, o trabalho com jovens, a EBF ou, possivelmente, o trabalho missionário de curto prazo. Além das tarefas do ministério e dos estágios informais, alta prioridade parece ser dada ao estudo

<sup>165</sup> Esta seção é baseada inteiramente em um manual de treinamento missionário aprovado e publicado pela denominação IDCM: Irvy Goossen, *Go and Tell* (Hesston: Publication Board, Church of God in Christ, Mennonite, 1968).

pessoal, começando com a Bíblia, mas não se limitando apenas a ela. Além de ler livros bíblicos e teológicos, outros livros de interesse geral são recomendados. Finalmente, orienta-se que o candidato missionário desenvolva o máximo possível de habilidades práticas de trabalho.

Embora o treinamento formal não seja proibido, as reservas frequentes são citadas e muita cautela é exercida:

Temos visto missionários educados “para fora” de seus companheiros e daqueles a quem tentam alcançar. Eles tinham uma atitude de superioridade e não eram eficazes em seu trabalho no campo [...]. A educação formal pode ser prejudicial porque a atmosfera em um lugar de ensino superior nem sempre é conducente à vida cristã.<sup>166</sup>

Um modelo de treinamento formal recomendado é o dos cursos por correspondência. Finalmente, reconhece-se que certos tipos de trabalho missionário especializado requerem treinamento especial que também é formal. Isso é especialmente verdade no caso de tradutores da Bíblia, obreiros médicos e professores. No entanto, estas vocações e seus treinamentos acompanhantes parecem ser a exceção, e não a regra.

### **A Associação Menonita Beneficente**

Todas as três categorias de treinamento informal (observação, prestação de contas e eventos especiais) são representadas entre os métodos de treinamento da AMB. Entre os métodos de observação, o fundador da AMB, Pauls Jr., oferece que “muito treinamento foi feito no sistema de Paulo-Timóteo. Recebemos irmãos com pouca formação bíblica, mas eles aprendem muito na prática com outros irmãos mais experientes”. O treinamento por responsabilidade ocorre quando os obreiros recebem cada vez mais responsabilidade pelas tarefas do ministério. Pode-se começar como um classificador de bens doados, e crescer para ser líder ou evangelista nas viagens ministeriais diárias. O aprendizado informal em eventos ocorre diariamente durante o período devocional que começa o dia, em cada manhã. Este é um momento especial de adoração, instrução bíblica, inspiração, oração, testemunhos e aconselhamento.

Além do treinamento informal, o modelo de treinamento de missão mais frequente na AMB parece ser o treinamento não formal. Pauls Jr., ele mesmo altamente treinado, oferece esta convicção: “Não pode haver estagnação de aprendizagem para ninguém no trabalho [...]. É imperativo que cada um estude, leia livros, participe de cursos, ouça palestras, pois parar de aprender e buscar é regredir.” Os obreiros da AMB participam sempre que podem em seminários intensivos focados em habilidades, tanto no Brasil quanto em

---

<sup>166</sup> Goossen, *Go and Tell*, 51.

seminários menonitas no Paraguai. Exemplos seriam cursos de liderança, seminários sobre casamento e família, oficinas de evangelismo infantil e conferências de pastores.

Embora o treinamento informal e não formal seja enfatizado na AMB, o treinamento formal não é minimizado nem negligenciado. Este treinamento formal segue pelo menos dois métodos: Um é incentivar estudos na região de Curitiba. Quando a necessidade é de treinamento teológico, antes era recomendado o ISBIM e agora a Fidelis. O outro método é utilizar o curso de teologia pastoral “Seja Um Obreiro Aprovado”. Quando a necessidade é de outros tipos de formação profissional (trabalho social, pedagogia, administração), recomenda-se uma das universidades de Curitiba.

Finalmente, vale ressaltar que a AMB realiza um curso de correspondência bíblica como acompanhamento para novos convertidos ou jovens cristãos. Em nível muito elementar, mas essencial, este curso também está preparando pessoas (a maioria não menonitas) para a vida e a missão cristã.

### **A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada**

Sem dúvida, o meio predominante de treinamento ministerial e missional nesta nova denominação é o uso de métodos informais. Estes incluem a observação de obreiros experientes por obreiros mais jovens, a atribuição de tarefas diárias ou semanais de ministério e a participação em programas educacionais da igreja, como a escola dominical. Além disso, eventos frequentes (cultos mensais e conferências anuais) focados em missões são tempos de aprendizado informal adicional dos missionários da IEIMR, bem como de outras agências missionárias que frequentemente estão presentes.

Os meios formais de treinamento para a missão são limitados principalmente aos cursos de ETE e, geralmente, tomados por aqueles que estão na liderança, como pastores, evangelistas e missionários. Aqui, o material utilizado é “Seja Um Obreiro Aprovado” e outros currículos desenvolvidos pelas Assembleias de Deus, os batistas e, mais recentemente, a COBIM.

### ***Resultados do Treinamento***

É importante lembrar que o treinamento é apenas um fator no desempenho de qualquer atividade missional. Outros incluem a espiritualidade, o contexto cultural, o financeiro e a compreensão da missão. No entanto, supõe-se que o treinamento é um fator essencial que não pode ser negligenciado em qualquer discussão dos resultados da missão. Os resultados serão examinados por grupo missional de acordo com as seguintes categorias: líderes excepcionais de missão, tipos de liderança de missão, plantação de igrejas, missionários transculturais, missão integral e outros tipos de obreiros missionários. As contribuições de uma dada missão são selecionadas apenas como representativas. Elas podem estar em uma ou mais destas categorias.

O treinamento na **IM** levou a pelo menos três resultados missionais significativos. Um é o ministério integral da AMAS. Além de seis creches (anteriormente sete), a AMAS já prestou assistência em escolas, clínicas médicas, cooperativas agrícolas, alívio e desenvolvimento no Nordeste do Brasil e alívio a desastres naturais. Milhares foram tocados por este “serviço



**Theodoro Penner, dedicando a Escola Rui Barbosa, 1968**

no amor de Cristo”. Uma segunda contribuição notável tem sido o tipo de liderança missional, isto é, o obreiro infantil. Em 1998, havia 87 funcionários servindo as sete creches operadas pela AMAS. Um terceiro resultado significativo foi o surgimento e o serviço de dois importantes líderes missionais nas pessoas de Peter Pauls Jr. e Theodoro Penner. Pauls fez contribuições significativas tanto como evangelista quanto como plantador de igrejas perto da comunidade de Witmarsum (PR). Estas contribuições incluem seu papel como um dos primeiros líderes da AMAS, como historiador de igrejas e missões e, mais recentemente, como fundador e diretor da AMB. As contribuições de Penner também estão na liderança de novas igrejas (Colônia Francesa, PR, e Santana do Araguaia, PA), na liderança pastoral em novos campos (Araguacema), além do seu papel importante na abertura de escolas cristãs (Araguacema, Esperança Bendita, Conceição e Redenção) na Região IV da AEM.

O tipo de liderança que tem sido mais numeroso e aparentemente mais significativo como resultado dos esforços de treinamento da **IEIM** é o de evangelista e plantador de igrejas. O ministério de plantação de igrejas da IEIM também tem sido o mais destacado, com mais de 100 igrejas e congregações registradas nas TABELAS 3-8. Um segundo tipo notável de obreiro missional que recentemente começou a surgir é o do missionário transcultural. Recente ou atualmente, missionários treinados no contexto da IEIM estão servindo nas seguintes situações transculturais: Amazônia, Foz do Iguaçu, Rondônia e Roraima, no Brasil; além de outros países como Angola, Timor Leste, Equador, Guiné-Bissau, Índia, Senegal, Moçambique, Norte da África e Portugal.



**Pedro Huebert (meio) com amigos**

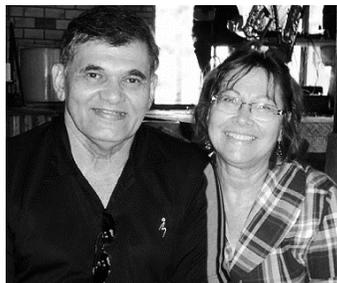
Finalmente, um líder excepcional de décadas anteriores era Pedro Huebert. Huebert serviu inicialmente como administrador e trabalhador infantil no orfanato. Fora deste ministério, na década de 1950 cresceu um segundo ministério de evangelismo e plantação de igrejas. Huebert liderou ou ajudou na plantação das igrejas de Uberaba, São Mateus do Sul e Clevelândia. No

início dos anos 60, Huebert mudou-se para Quito, no Equador, para ajudar nas transmissões alemãs (também para o Brasil) do ministério de rádio HCJB.

O tipo mais comum de obreiro missionar que foi treinado por meio dos ministérios do **CCM** é o do voluntário de curto prazo. Desde a chegada do CCM ao Brasil no final dos anos 40 até o final do século, ele mantém uma média de 14 voluntários a cada ano. O escopo variou de dois a quarenta e seis obreiros. Estes serviram na assistência espiritual, agricultura, desenvolvimento econômico, educação, saúde e serviços sociais. A maioria deles tem sido voluntários norte-americanos que receberam treinamento prático no Brasil. Alguns eram brasileiros encaminhados ao CCM pelas igrejas menonitas.

De acordo com um dos educadores e avaliadores da **IEM**, Peter Siemens, “a IEM [...] não se envolveu com a ideia de missões até recentemente [...], via-se como um campo missionário, e não como um agente de missão.” Por esta razão, nenhum tipo notável de obreiro missionar entre a IEM é óbvio neste momento.<sup>167</sup>

Um casal que deu forte liderança nas missões foi Paulo e Valdeti Campos. Eles foram fundamentais na plantação da IEM Parque Ribeirão Preto em SP, além de darem 14 anos (1998-2012) para a liderança da agência de missões da AEM (JMMI). Eles foram eficazes em mobilizar o povo a orar, a dar e a ir, tanto nos esforços nacionais como internacionais. Ainda lideraram a tentativa de iniciar um movimento nacional de plantação de igrejas, o PRONAM, do qual pelo menos sete igrejas foram iniciadas. A mais notável contribuição missionar que envolveu os obreiros da IEM treinados no Brasil seria a dos ministérios integrais. Entre esses, destacam-se a clínica médica de Araguacema, escolas da região de Araguacema e Goiás e o centro de aconselhamento familiar em Campinas. Além disso, os trabalhadores da IEM assistiram a AMAS em seus ministérios integrais em Curitiba e arredores, bem como nos ministérios do CCM em Recife.



Paulo & Valdeti Campos

Uma das principais metodologias de missão usadas pela **IDCM** é o uso de literatura cristã e evangelística, especialmente folhetos. Uma consequência lógica desta prioridade é o treinamento de obreiros literários. Estes, na minha opinião, são o tipo mais comum de trabalhador treinado entre a IDCM. Por

---

<sup>167</sup> A IEM fez contribuição importante para a igreja evangélica maior no Brasil por meio de seus esforços de publicação, incluindo vários livros sobre temas missionários. No entanto, os obreiros envolvidos neste ministério eram principalmente missionários norte-americanos que receberam a maior parte de sua formação em publicações antes de vir ao Brasil.

exemplo, no Anuário da Igreja de Deus em Cristo – Menonita de 1997, lista cinco destes trabalhadores, quatro deles brasileiros treinados no Brasil.

A **AMB** tem como foco a missão integral, com forte ênfase no evangelismo. Assim, seria razoável argumentar que, tanto na teoria quanto na prática, um tipo de missionário integral seria treinado com mais frequência e imerso no serviço. De fato, este é o caso dos 35 obreiros da AMB. Embora todos pareçam ter suas áreas de especialização e preferência, há exposição e participação em mais de um ministério. Estes ministérios vão desde a distribuição de roupas, o ensino de crianças e até o evangelismo direto.

Finalmente, a **IEIMR** está alinhada com a IEIM (da qual se separou) em sua ênfase em evangelismo e plantação de igrejas. Em pouco mais de duas décadas, mais de 25 igrejas e congregações foram estabelecidas em pelo menos seis estados. O tipo de missionário mais necessário e mais treinado nesta ênfase é naturalmente o evangelista/plantador de igrejas.

### *Comparações e Reflexões*

Como pano de fundo para esta seção, é necessário rever brevemente algumas das tendências mais notáveis na educação missiológica internacional. Da literatura pertinente a esta área, selecionei seis tendências que utilizarei como referências para comparar o treinamento missional entre menonitas no Brasil.<sup>168</sup>

#### **Tendências na Educação Missiológica**

Primeiro, há a tendência para uma filosofia desenvolvimentista da educação. Nesta filosofia, vê-se o conhecimento integralmente (cognitiva, afetiva e aquisição de habilidades) e tem-se como meta o desenvolvimento da pessoa como um todo. Além disso, nesta filosofia, entende-se que o ambiente educacional está em qualquer lugar e que a conquista do diploma é secundária. Ainda, utiliza-se da diversidade de métodos de aprendizagem, levando os alunos a participarem ativamente da aprendizagem, e consideram-se os treinadores como facilitadores, coalunos e amigos.

Em segundo lugar, há tendência crescente em direção à visão sistêmica do currículo. Em numerosas esferas, a visão analítica e compartimentada herdada da modernidade está agora dando lugar à visão mais sistêmica e holística da vida em geral. A equação educacional funciona como um sistema na formação de um produto. Nesta equação, cada aspecto educacional é uma variável

---

<sup>168</sup> Harvie M. Conn e Samuel F. Rowen, eds., *Missions and Theological Education in World Perspective* (Farmington: Associates of Urbanus, 1984); William David Taylor, ed., *Capacitando a Força Missionária Internacional* (Viçosa, MG: Ultimato, 1993); J. Dudley Woodberry, Charles Van Engen, e Edgar J. Elliston, eds., *Missiological Education for the 21st Century: The Book, the Circle and the Sandals* (Maryknoll: Orbis Books, 1996).

significativa. Isto inclui tudo, desde o propósito institucional, a seleção dos alunos e até os sistemas de entrega. Se se altera qualquer variável, o produto final é alterado.

Terceiro, a educação teológica deve ter a dimensão missional em seu núcleo. Pelo menos dois missiólogos latino-americanos, Federico Bertuzzi e Carlos Mraida, concluíram que o tradicional sistema de ensino teológico anglo-saxão é, na verdade, voltado para a formação de ministros monoculturais. Em referência à igreja latino-americana:

Mraida acredita que todo o currículo deve ser afetado pela redescoberta da natureza missionária da igreja, da obrigação missionária de todo crente, e da participação da América Latina na missão em nível global. Isto é muito mais do que simplesmente adicionar um curso de missiologia ao currículo. Significa uma reformulação das disciplinas, colocando a missão da igreja no centro de seu objeto de estudo.<sup>169</sup>

A quarta tendência move-se na direção de uma inclusão cuidadosa das ciências sociais no treinamento missionário. Darrell Whiteman aponta os tipos de contribuições que as ciências sociais estão fazendo atualmente:

1. Elas podem nos ajudar a entender a nós mesmos e aos antecedentes sociais e culturais que moldam quem somos, influencia nossa lealdade denominacional e/ou institucional, e afetam nossa reflexão teológica. 2. Elas podem nos capacitar a entender os contextos sociais, culturais, econômicos e políticos nos quais estamos engajados no ministério transcultural. 3. Elas podem contribuir para a nossa capacidade de distinguir entre o evangelho e a cultura, entre o universal e o particular.<sup>170</sup>

Quinto, uma tendência essencial para os menonitas no Brasil é a contextualização da educação missiológica. Depois de apontar pelo menos cinco efeitos negativos das pressuposições culturais ocidentais no ensino de missões no mundo maioritário (institucionalismo, elitismo, alienação, abstração e pragmatismo), Harvie M. Conn pede por renovação da educação missiológica internacional. Mudanças de acordo com o contexto são necessárias nos valores culturais transmitidos e metodologias de treinamento utilizadas, bem como estilos de aprendizagem e avaliações de prontidão ministerial.

---

<sup>169</sup> Samuel Escobar, "The Training of Missiologists for a Latin American Context," em Woodberry, Van Engen and Elliston, *Missiological Education*, p. 108.

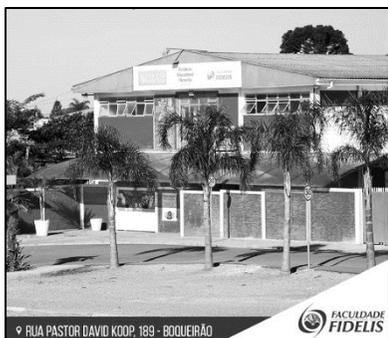
<sup>170</sup> "The Role of the Behavioral Sciences in Missiological Education," em Woodberry, Van Engen and Elliston, *Missiological Education*, p. 137.

Finalmente, há a necessidade urgente de parcerias autênticas no treinamento missionário. A motivação parece ser dupla. Primeiro, há a necessidade pragmática de compartilhar recursos escassos de treinamento, evitando duplicação. Em segundo lugar, há motivação maior que é a do nosso testemunho unificado do mundo. Em um mundo cada vez mais fragmentado e em guerra, qualquer testemunho cristão que esteja unido tem o potencial de mostrar o Príncipe da Paz do evangelho que proclamamos.

### **Algumas Avaliações e Recomendações**

A **IM** tem realizado a maior parte de seu treinamento missional usando modelos informais, com uso considerável de treinamento não formal e algum uso de educação formal. A impressão geral é que houve considerável treinamento de obreiros. O tipo mais notável de líder treinado tem sido aquele que trabalha com crianças. Havia alguns plantadores de igrejas treinados e, conseqüentemente, havia alguma plantação de igrejas. Treinamento significativo e atividade missional foram direcionados para a missão integral, particularmente na AMAS. Qualitativamente, a **IM** tem exercido diversidade e flexibilidade em locais e estruturas de treinamento. Além disso, eles estão abertos a formar parcerias entre igrejas e agências tanto para treinamento como para atividades missionais. Parece haver dimensão de missão óbvia em seus modelos de treinamento. Eles também estão buscando contextualizar, especialmente em usar recursos brasileiros e/ou latino-americanos.

A **IEIM** tem sido a mais ativa no treinamento missional durante a experiência menonita no Brasil. A maior parte desta formação foi implementada de acordo com modelos informais e formais, embora uma quantidade significativa também caia na categoria não formal. A maioria dos obreiros participou de algum nível de treinamento. O principal tipo de líder da missão tem sido o plantador de igrejas. Assim, grande número de novas igrejas foram plantadas. Também tem havido muita atividade missional em ministérios integrais. Quando se olha para a qualidade do treinamento, percebe-se algum movimento na direção do desenvolvimentista, particularmente na capacidade de ver o conhecimento integralmente. Como a **IM**, há óbvia dimensão de missão na educação ministerial, contextualização de recursos e disposição crescente de parcerias tanto no treinamento quanto na atividade missional. A **IEIM**, especialmente em seu alto investimento na Faculdade Fidelis, busca mover-se intencionalmente na direção de uma filosofia desenvolvimentista de educação, em oposição à abordagem bancária. Isso inclui: 1) diversidade e flexibilidade em locais e estruturas; 2) aprendizagem centrada no aluno; 3) diversidade na



metodologia de ensino; e 4) ver os professores como mentores e coalunos amigáveis.

Três perguntas permanecem para a IEIM e para as outras missões que consideram Fidelis como seu principal centro de treinamento para os obreiros missionais: (1) Visto que a escola se torna cada vez mais diversificada em seu currículo, será capaz de manter dimensão missional por toda parte, especialmente na ausência de um programa de treinamento explicitamente missional? (2) À medida que a IEIM se expande continuamente além do Sul do Brasil, a Fidelis será capaz de atender às necessidades de obreiros distantes? (3) Como serão treinados aqueles obreiros chamados e dotados, que não serão capazes de acessar a Fidelis por causa de qualificações ou habilidades acadêmicas mais baixas?

A agência intermenonita de serviço social, **CCM**, estava ativa no Brasil principalmente por meio de voluntários que serviam em setores pobres no Nordeste do Brasil. Embora o CCM não tenha o treinamento missional como objetivo principal, isto acontecia mesmo assim. O treinamento era em grande parte informal e prático, com pouca formação não formal e muito pouco formal, pelo menos no Brasil. O notável tipo de obreiro era o voluntário de curto prazo que servia os necessitados “em nome de Cristo”. Alguns plantadores de igrejas estavam engajados nos anos 80. Como a IM, e muitas vezes em parceria com ela, o principal resultado da missão era na área de ministérios integrais. Em termos de qualidade, o CCM tinha clara meta holística de crescimento para seus voluntários e enfatizava ambas as necessidades de treinar e aprender. As ciências sociais forneciam importante fonte de informação e conhecimento em serviços e treinamentos. O CCM evidenciava contextualização dos valores brasileiros de valorização de gente, independência econômica e simplicidade. O CCM também estava envolvido em numerosas parcerias em prol da atividade missional e do treinamento, dentro e além do movimento menonita.

A **IEIM** tem feito o menor treinamento missional entre seus membros brasileiros. Algum treinamento era realizado informal e formalmente por meio de seu programa de ETE, o CEMTE. Muito pouca atividade de treinamento não formal foi indicada. Ainda não emergiu nenhum tipo marcado de liderança de missão. Algumas plantações de igrejas lideradas por brasileiros ocorreram, e ainda mais ministérios integrais. Uma avaliação qualitativa do treinamento missional revela diversidade e flexibilidade em locais e estruturas, abordagem de aprendizado centrada no aluno, contextualização crescente dos recursos brasileiros/latino-americanos e amplo círculo de parcerias missionais. Uma dimensão de missão é claramente necessária na abordagem geral de treinamento. Com o surgimento de alguns missionários transculturais e a saída de missionários norte-americanos, espera e recomenda-se maior intencionalidade no treinamento missional em diferentes níveis. As perguntas acima para a IEIM em relação à Fidelis também se aplicam à IEIM.

O que pode ser verificado sobre a IDCM é que a maior parte do treinamento missional é feito informalmente. Alguns esforços também são feitos formalmente, enquanto muito pouco é realizado de modo não formal. Alguns missionários parecem ter sido treinados no Brasil, sendo a categoria mais comum o obreiro de literatura. Algumas plantações de igrejas estão acontecendo, assim como alguns ministérios integrais. O treinamento missional entre a IDCM tem a seu favor uma compreensão holística do conhecimento, flexibilidade nos locais e nas estruturas e aprendizado centrado no aluno. É particularmente fraco na área de parcerias para treinamento e ministérios missionais. Além de recomendar maior abertura para parcerias missionárias (pelo menos com outras missões menonitas), eu também sugeriria mais diversidade nos tipos de missionários treinados no Brasil. É de particular importância o treinamento contextual no Brasil para plantadores de igrejas e obreiros de serviços sociais.

A **AMB** é a missão menonita mais nova no Brasil, mas é uma das mais ativas no treinamento missional e nos resultados de missão. Aqui, novamente, a maior parte do treinamento é do tipo informal no local do trabalho. No entanto, é feito uso significativo de treinamento não formal, bem como algum uso de treinamento formal. Embora muitos obreiros tenham sido treinados, o tipo mais notável tem sido o missionário integral, habilitado em diversas áreas de missão. Poucos plantadores de igrejas surgiram, já que a AMB não se vê como agência missionária de plantação de igrejas. O maior resultado da missão que resultou do treinamento missional foi o dos ministérios integrais. Qualitativamente, a AMB está claramente se movendo para uma abordagem desenvolvimentista no treinamento. O desenvolvimento integral de cada trabalhador é um objetivo explícito. Há diversidade e flexibilidade nos locais e na estrutura de treinamento. Uma dimensão de missão integral permeia a associação. Há alguma atenção dada à utilidade das ciências sociais. Os recursos de treinamento estão sendo cada vez mais contextualizados e as parcerias de treinamento são o modo de operação.

Finalmente, a IEIMR é a outra nova missão menonita, muito ativa no treinamento e na atividade missional de maneiras diferentes. O principal meio de treinamento tem sido informal, com uso ocasional de ETE. O resultado mais óbvio da missão é o surgimento de evangelistas treinados informalmente e plantadores de igrejas para as muitas novas congregações que estão sendo plantadas. Em termos de qualidade, a IEIMR tem a seu favor uma filosofia de educação mais desenvolvimentista, a presença de uma dimensão missional em suas atividades limitadas de treinamento, a utilização de recursos principalmente brasileiros e a abertura a todos os tipos de parcerias de treinamento. No entanto, tem sido fraco no fornecimento de treinamento formal e não formal para membros e líderes. Além disso, existem poucas parcerias significativas com outras missões menonitas. Positivamente, estas

críticas provavelmente serão bem abordadas agora que a IEIMR se fundiu com a COBIM (2016).

### ***Leituras Recomendadas***

- Clinton, J. Robert. *Leadership Training Models*. Altadena: Barnabas Publishers, 1984.
- Conn, Harvie M., e Samuel F. Rowen, eds. *Missions and Theological Education in World Perspective*. Farmington: Associates of Urbanus, 1984.
- Heisey, Nancy R. *Theological education on five continents: Anabaptist perspectives*. Carol Stream: Mennonite World Conference, 1997.
- Taylor, William David, ed. *Capacitando a Força Missionária Internacional*. Viçosa, MG: Ultimato, 1993.
- Woodberry, J. Dudley, Charles Van Engen, e Edgar J. Elliston, eds. *Missiological Education for the 21st Century: The Book, the Circle and the Sandals*. Maryknoll: Orbis Books, 1996.

### ***Perguntas de Estudo***

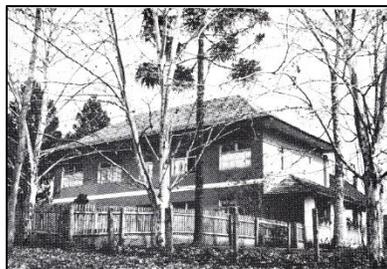
1. Discutir a correlação entre investimento em treinamento e frutos missionais? Quais princípios podem ser extraídos da experiência menonita no Brasil?
2. Das seis tendências em educação missiológica citadas acima, qual na sua opinião precisa de maior atenção entre os menonitas em geral e sua igreja em particular? Por quê?
3. À medida que os menonitas brasileiros se engajam cada vez mais em missões transculturais e globais, que ajustes devem ser feitos em seus esforços de treinamento?

## 16. MISSÃO INTEGRAL EM REVISÃO

Depois do investimento de recursos em evangelismo e plantação de igrejas, os ministérios sociais têm sido o outro componente principal do esforço missionário menonita no Brasil. Devido ao escopo dos ministérios holísticos realizados pelas missões menonitas nos últimos oitenta anos, esta revisão vai permanecer de natureza geral, mas é, no entanto, necessária. Eu selecionei seis áreas que merecem observação, interpretação e avaliação.

### *Proliferação e Concentração*

À primeira vista, fica-se impressionado com o alcance geográfico e quantitativo dos ministérios integrais tentados ou ainda conduzidos pelas missões menonitas. Do RS no Sul ao Pará no Norte, e do PE no Nordeste até o MT no Centro-Oeste, obreiros, igrejas e agências tentaram compartilhar o evangelho em ações e palavras. Além disso, os tipos de ministérios também são dignos de nota. Começando com um hospital (década de 1930) e um orfanato (década de 1940), os ministérios integrais expandiram-se para incluir escolas e assistência agrícola nas três décadas seguintes. A saúde mental e a resolução de conflitos foram acrescentadas nas décadas de 1980 e 1990. Estes exemplos representativos são indicativos de uma infinidade de ministérios oferecidos pelas sete missões, ou por alguma combinação das missões incluídas neste estudo.



**Primeiro Hospital Menonita (1937),  
Witmarsum, Krauel, SC**

À luz do grande alcance desta vasta gama de ministérios por missões com bases de recursos relativamente pequenas (humanas e financeiras), parece apropriado questionar a sabedoria deste grau de proliferação de missões. Em outras palavras, a profundidade e a consequente eficácia a longo prazo destes ministérios teriam sido aumentadas se houvesse maior concentração em menos ministérios? Esta é obviamente uma questão retórica e é especialmente dirigida ao CCM e à AMB. Ambas as missões têm alto grau de compromisso com o alívio e desenvolvimento e atingiram milhares com ajuda material e capacitação. No entanto, a sustentabilidade de seus muitos envolvimento é questionável, particularmente à luz de sua dependência de recursos estrangeiros e voluntários de curto prazo.

A este respeito, a AMAS (da AIMB) parece estar mais concentrada. Embora a AMAS tenha tido algum envolvimento no Nordeste, concentrou a maioria dos recursos em uma área (a Grande Curitiba) e em um ministério integral (seis creches). Com esse tipo de concentração, é menos dependente do

financiamento externo e praticamente todos os seus obreiros são brasileiros. Estes dois fatores facilitam significativamente a sustentabilidade do programa maior e projetos específicos.

### ***Ministério de Curto Prazo e Longevidade***

O número de jovens adultos que passam um curto período (de duas semanas a três anos) de suas vidas em serviços voluntários cresceu exponencialmente nas últimas décadas. Por enquanto, esta tendência parece ser irreversível. Missões ou serviços de curto prazo também fazem parte do cenário menonita no Brasil. A cada ano, indivíduos e/ou equipes vêm por um curto período. Às vezes, eles servem com uma igreja local. Mais frequentemente, eles servem com uma das agências paraeclesiais, sendo as mais comuns CCM, AMB e AMAS. Agora é entendido pela maioria dos voluntários e aqueles que os supervisionam que eles vêm tanto para aprender como para contribuir.

Quando o núcleo de um determinado ministério é sustentado por pessoal e financiamento de longo prazo, as contribuições de voluntários de curto prazo podem ser úteis. O obreiro de longo prazo (seja nacional ou estrangeiro) e os que estão sendo atendidos sabem que o ministério não é dependente do obreiro de curto prazo; ele sairá em breve, mas o ministério continuará. Este padrão parece estar em vigor nos ministérios da AMAS e AMB. Voluntários de curto prazo vêm do Canadá, dos EUA e da Alemanha; no entanto, o núcleo do programa é sustentado por pessoal brasileiro de longo prazo.

Este não foi o caso do CCM. O padrão típico era que o voluntário estrangeiro permanecesse por três anos (o líder da equipe permanecia por quatro). Havia alguns funcionários que permaneciam em vários mandatos e outros poucos funcionários brasileiros que eram considerados de longo prazo. No entanto, ao longo dos anos, o núcleo do programa era de curto prazo e estrangeiro. Uma extensa avaliação realizada em 1995 comentou sobre este desafio: “A realidade de que a maioria dos voluntários está no Brasil por um curto período (3-4 anos) foi uma queixa repetida das comunidades. O trabalho mal começa, as amizades mal se tornam sólidas, e o voluntário vai embora, deixando ‘um pequeno pedaço de si’.”<sup>171</sup>

Deve-se mencionar que, durante a década de 1980, e cada vez mais nos anos 90, os voluntários do CCM começaram a servir com organizações brasileiras, em parte para minimizar este problema de longevidade. No entanto, este padrão apresentou outros desafios, como falta de compatibilidade organizacional e/ou falta de supervisão adequada.

---

<sup>171</sup> Jane Menezes Blackburn, Kevin Neuhouser, e Lisa Schirch, “MCC-Brazil Program Evaluation 1995” (documento de avaliação não publicado, apresentado ao pessoal do CCM, Pernambuco, Brasil, 1995), p. 4.

***Caridade versus Desenvolvimento***

A história e a cultura brasileiras são tais que esta é uma questão essencial a ser entendida e tratada nos ministérios integrais. Desde os tempos coloniais, os pobres são ensinados a acreditar que são fracos, desamparados e precisam do apoio benevolente de alguém que é rico, poderoso e educado. Nos tempos coloniais, esta pessoa era o dono da fazenda, o padre ou o governador. Nos tempos modernos ele/ela (geralmente ele) é o líder da comunidade, o político, o empresário bem-sucedido ou alguém parecido. Nisso, a caridade é natural e esperada. O desenvolvimento da comunidade, a educação e a conscientização para a mudança social não são culturalmente naturais e muitas vezes são resistidos.

Neste contexto, as missões menonitas praticam ambos caridade e desenvolvimento. O alívio humanitário e material tem sido abundante. Exemplos incluem a assistência médica em clínicas e hospitais, doações de alimentos e roupas, alívio de enchentes e construção de casas. Além de programas organizados conduzidos por agências como CCM, AMAS e AMB, as igrejas locais e seus membros frequentemente relatam sobre bancos de alimentos e roupas. Simultaneamente, o desenvolvimento tem sido frequentemente um alvo nas relações menonitas com os não cristãos. Isto é evidente nas numerosas escolas iniciadas para brasileiros latinos por igrejas, convenções e agências paraeclesiais a partir dos anos 50 (Curitiba, Bagé, Araguacema). Além disso, a preocupação com o desenvolvimento tem sido evidente em treinamento vocacional, educação em saúde, assistência agrícola, programas de crédito e vários tipos de aconselhamento.

Das muitas instituições e agências criadas pelos menonitas para o testemunho cristão integral, duas são representativas das diferentes ênfases da caridade e do desenvolvimento. A missão que mais se concentrou na caridade é a AMB. Nas comunidades rurais perto de Witmarsum (PR), milhares de famílias recebiam comida, roupas e até assistência monetária. Pelo menos metade dos diversos ministérios concentrou-se na distribuição de algum tipo de ajuda material da Alemanha, Suíça e Canadá. Nos últimos anos, este padrão está mudando para maior ênfase no desenvolvimento e com a maioria dos recursos provenientes do Brasil. No outro extremo do espectro encontrava-se o CCM, que estava focado principalmente no desenvolvimento comunitário no empobrecido Nordeste e especialmente em Recife, PE. Ali, os voluntários concentraram-se em não simplesmente distribuir caridade. A missão era educar, conscientizar e desenvolver habilidades. Às vezes, alguma ajuda material era necessariamente parte da capacitação, como sementes para plantações, poços para conservação de água e crédito inicial para uma microempresa. No entanto, o CCM concentrou-se mais em ajudar os pobres a se ajudarem, melhorando sua autoimagem, organizando ações sociais e ensinando habilidades de geração de renda.



**Colégio Fritz Kliever,  
fundado em 1952**

É minha avaliação que, entre os muitos ministérios integrais tentados pelos menonitas, a fundação e o desenvolvimento das escolas foram os mais bem-sucedidos e podem muito bem ser o ministério integral mais adequado para os menonitas no Brasil. Quase todas as missões iniciaram escolas ou contribuíram significativamente para a educação das crianças. Algumas destas escolas são grandes, com centenas de

estudantes (como Erasto Gaertner em Curitiba, Fritz Kliever em Witmarsum e Menno Simons em Araguacema). Algumas escolas fecharam, mas a maioria das iniciadas continua a operar com sucesso hoje. Além disso, as escolas foram iniciadas para proporcionar às crianças cristãs educação de qualidade e às crianças não cristãs educação cristã. Sem exceção, estes propósitos permanecem centrais mesmo após décadas de operação e mudança.

### ***Ações e Palavras***

O próprio termo *integral* implica a inclusão e integração de vários aspectos do evangelho cristão que encontramos nas Escrituras; no entanto, infelizmente, na história e na teologia da missão cristã, estes aspectos muitas vezes foram polarizados e priorizados. Como indicado no Capítulo 13, os menonitas no Brasil também tendem a dar atenção primária ao evangelismo e plantação de igrejas, isto é, ao ministério da palavra. Mesmo assim, o registro dos ministérios integrais também indica considerável atenção e investimento a ações cristãs dirigidas aos não cristãos como expressão de serviço, amor e missão. Pode-se concluir que tem havido um ministério significativo da palavra e também ações significativas na missão cristã. No entanto, estes dois foram realizados juntos na verdadeira missão integral?

A resposta curta é sem reservas no afirmativo. Tanto na teoria como na prática, as missões menonitas têm procurado acompanhar a palavra com as ações e a ação com as palavras. Certamente, alguns grupos darão mais ênfase em uma área e menos na outra; no entanto, no geral, o registro indica uma prática básica da integridade do evangelho.

No entanto, um olhar mais atento revela algumas preocupações. Primeira, é que muitas igrejas locais estão deixando ministérios sociais para as agências da convenção ou paraeclesiásticas. Isto é especialmente um motivo de preocupação nos maiores centros urbanos, onde a doença social é desenfreada. A convicção generalizada de que o ponto de partida para a missão é a igreja local nem sempre é evidente quando se trata de um foco em ações missionais.

Esta é uma preocupação que se aplica igualmente a todas as missões relacionadas à igreja.

A segunda preocupação diz respeito à compreensão inadequada do ministério da palavra. Isto não se refere tanto à hesitação em evangelizar (verbalmente) entre aqueles que se especializam em ministérios de ações, embora isso seja uma preocupação. Em vez disso, entre muitos menonitas, parece haver certa complacência. A evangelização acontece e o ouvinte é convidado a se converter a Cristo; no entanto, o processo de discipulado muitas vezes para por aí. Supõe-se que o buscador ou o novo cristão encontrem nutrição e crescimento em alguma igreja cristã próxima. Esta suposição é questionável, pois muitas vezes não há igreja na vizinhança. Além disso, a igreja que existe por perto pode ser apenas nominalmente evangélica. Frequentemente, a igreja onde o novo crente deveria amadurecer é de variedade Católica popular. Este tipo de igreja concentra-se nos meios sacramentais de conhecer a Deus, enfatiza mais devoção a Maria do que a Jesus e inclui mais orações aos santos do que ao Pai. É simplista (se não irresponsável) meramente aconselhar o novo crente (normalmente semiletrado) a “apenas ler a Bíblia”. Essa compreensão inadequada separa o evangelismo do discipulado, bem como separa o alcance missionário da igreja. Nesta matéria, a AMAS tem um registro melhor do que o CCM ou a AMB. A primeira, uma agência baseada na igreja, tem procurado plantar ou apoiar outras pessoas na plantação de igrejas onde a palavra tenha dado frutos em conexão com as ações. Estas últimas agências fizeram alguns esforços a este respeito, mas parece a este avaliador que muito mais poderia ter sido feito.<sup>172</sup>

### ***Paraeclesiástico e Eclesiástico***

A discussão aqui não diz respeito à necessidade e legitimidade das organizações paraeclesiásticas. É reconhecido que tais organizações são capazes de especializar-se e satisfazer adequadamente as necessidades que igrejas ou grupos de igrejas não podem, ou historicamente não se engajaram. Em vez disso, a questão em análise é a relação das organizações paraeclesiásticas com os corpos da igreja. Dentro desta questão mais ampla, surgem várias questões pertinentes à nossa discussão sobre as missões menonitas no Brasil. Quão importante é para uma agência paraeclesiástica ter relações com igrejas compatíveis tanto no contexto de envio quanto no

---

<sup>172</sup> Depois de mais de 40 anos no Nordeste, a região menos evangelizada do Brasil, apenas quatro igrejas menonitas estão funcionando hoje. Por muitos anos, os voluntários do CCM lamentaram que as únicas duas opções da igreja fossem a Igreja Católica progressista e as igrejas evangélicas socialmente indiferentes. No entanto, depois que a AMAS iniciou uma plantação de igreja menonita juntamente com a MCCW, muitos voluntários do CCM ainda preferiram a Igreja Católica progressista.

contexto de serviço? Na ausência de igrejas compatíveis com as quais se relacionar no contexto de serviço, que critérios devem ser usados para determinar o grupo de igrejas com o qual a agência paraeclesiástica se relacionará de fato? Para o impacto e a sustentabilidade de longo prazo, os ministérios integrais precisam de um grupo de igrejas de apoio nas proximidades?

Ao aplicar estas questões às missões menonitas existentes, observa-se que tanto AMAS quanto AMB estão em situação mais favorável. Na maior parte, o contexto de envio e o contexto de serviço estão próximos, assim como um grupo de igrejas de apoio. A situação do CCM era bem diferente. Embora a AMAS fornecesse apoio legal e administrativo, o contexto de envio para o CCM eram Igrejas Menonitas e Irmãos em Cristo norte-americanas, e o contexto de serviço era o distante Nordeste do Brasil. Na ausência de igrejas evangélicas compatíveis e (até recentemente) igrejas menonitas maduras, o pessoal do CCM escolheu relacionar-se com as comunidades eclesiais de base da Igreja Católica progressista. Embora a cooperação de organizações menonitas (AMAS, MCCW, AEM) tivesse visão para um grupo de igrejas em Recife, o envolvimento do CCM era mínimo, mesmo se os relacionamentos fossem cordiais. Além disso, a estreita relação do CCM com a Igreja Católica ao longo dos anos foi um obstáculo para as igrejas menonitas mais conservadoras, baseadas principalmente no Sul.

À luz destas observações, ofereço as seguintes análises. Primeiro, é muito importante ter um grupo compatível de igrejas apoiando o ministério de uma agência paraeclesiástica, tanto na base de envio quanto perto do local do ministério. É importante que o pessoal da missão experimente este apoio, que os receptores compreendam e apreciem a conexão com a igreja, e que aqueles que escolhem seguir a Cristo como resultado deste ministério tenha uma igreja familiar viável à qual pertencer. Minha observação é que o programa do CCM no Nordeste não estava fortemente ligado às igrejas apoiadoras na América do Norte nem àquelas do Sul do Brasil. Isto pode ser tanto uma fraqueza das igrejas quanto do pessoal do CCM.

Em segundo lugar, a opção de se identificar com a Igreja Católica progressista pode ter sido a mais conveniente a curto prazo, pois facilitou as portas abertas para as comunidades. Além disso, vinculou os cooperadores brasileiros a uma visão e metodologia compatíveis para a mudança social. No entanto, não me parece ter sido a melhor abordagem a longo prazo. Não se pode separar ação da palavra. É pensamento compartimentalizado assumir que



**IEM Lagoa Encantada,  
fundada em 1988, Recife, PE**

se pode identificar e cooperar com a Igreja Católica para mudança social (ação), mas ignorar as diferenças gritantes em outras áreas (palavra). O CCM não tem lutado seriamente com a teologia, eclesiologia, missiologia da Igreja Católica Brasileira, ou sua relação com os evangélicos, incluindo as igrejas menonitas brasileiras.

Terceiro, todo o programa no Nordeste teria sido mais bem servido se tivesse havido um esforço sério e unido para acompanhar ministérios de ação com os da palavra, incluindo evangelismo e plantação de igrejas. O CCM teria uma missão mais forte e mais sustentável no Nordeste, com um grupo de igrejas menonitas. Este conjunto maior poderia ter fornecido apoio ministerial, pessoal brasileiro e algum financiamento, bem como uma ponte para as igrejas no Sul do Brasil. Além disso, os voluntários do CCM teriam igrejas com as quais se identificar e famílias da igreja para nutrir os novos. Lamentavelmente, o CCM não perseguiu este complemento ao seu próprio trabalho nem as missões norte-americanas ou as igrejas brasileiras tomaram qualquer iniciativa até 14 anos depois, e, mesmo assim, o investimento foi limitado.<sup>173</sup>

### *As Causas Superficiais Versus Estruturais do Sofrimento*

Mesmo que não se possa concordar com muitas das soluções que a Teologia da Libertação ofereceu para aliviar o sofrimento humano, muitos conservadores e neoevangélicos concordam que as causas vão muito além da responsabilidade individual. Muitos menonitas também concordariam que séculos de corrupção, ganância e egoísmo entre aqueles que mantiveram poder e influência no Brasil levaram ao empobrecimento e à opressão que muitos experimentam hoje. Além disso, à medida que aumenta a conscientização sobre a globalização, cresce também a compreensão da natureza sistêmica das causas sociais, econômicas e políticas do sofrimento humano atual. Faz parte da missão menonita ser uma voz profética para desafiar essas causas mais profundas do sofrimento?

A tradicional postura menonita no Brasil tem sido apolítica. Para seu crédito, o CCM tem sido a missão mais consciente destas causas e, até certo ponto, tem procurado abordá-las por meio da educação e conscientização, bem como por encorajar pensamento, trabalho e voto independentes.<sup>174</sup> Nesta área,

---

<sup>173</sup> O CCM decidiu desenvolver um programa em grande escala no Nordeste em 1967. Os primeiros plantadores de igrejas da AMAS, Rodolfo e Edeltraud Enns, chegaram a Recife em 1981.

<sup>174</sup> Veja a publicação do CCM de Aileen Silva Carroll e Sérgio Andrade, *Até Quando?* (Viçosa, MG: Ultimato, 2010). Em sua promoção de *Até Quando?*, com seu parceiro Diaconia, o CCM conscientizou centenas de líderes de igrejas e pastores brasileiros sobre a violência doméstica dentro da igreja. A resposta das igrejas às apresentações e oficinas do CCM sobre o tema tem sido extremamente positiva.

o CCM é o pioneiro entre os menonitas no Brasil. Novamente, a necessidade de uma abordagem integrada, abrangente e cooperativa da missão integral é evidente.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Reflita e discuta a declaração de que as escolas cristãs iniciadas pelos menonitas podem ser sua contribuição mais significativa para a missão integral.
2. Quais podem ser algumas diretrizes que esclarecem os papéis da igreja local, da associação de igrejas e da agência paraeclesiástica na realização da missão integral?
3. Reflita sobre a realidade histórica do movimento menonita no Brasil, começando com os refugiados e as atuais realidades dos refugiados no Brasil de hoje. Há oportunidades para um envolvimento maior nos ministérios aos refugiados pelos menonitas de hoje? Como as igrejas e agências poderiam reagir?

## 17. CULTURAS MENONITAS E A MISSÃO

A natureza da investigação neste estudo foi missiológica. Não pretendi conduzir uma investigação séria de natureza antropológica ou sociológica sobre os padrões e mudanças culturais presentes entre os menonitas latinos, germânicos ou norte-americanos no Brasil. No entanto, dentro da disciplina da missiologia, parece oportuno oferecer algumas observações e interpretações sobre as dinâmicas culturais relacionadas à missão realizada pelos menonitas no Brasil. Pelo menos cinco culturas e subculturas diferentes podem ser identificadas historicamente entre os menonitas do Brasil: 1) imigrantes e descendentes de alemães vindo da Rússia; 2) missionários e imigrantes norte-americanos; 3) brasileiros latinos; 4) brasileiros germânicos; e 5) subculturas regionais brasileiras (como nordestinos e gaúchos). O conteúdo deste capítulo baseia-se principalmente na observação participante durante vinte anos de residência no Brasil e na interação com diferentes tipos de menonitas. Em segundo lugar, baseia-se em respostas das entrevistas realizadas com obreiros da igreja e das agências. Finalmente, incluí reflexões de outros escritores.

### *Aculturação*

Por aculturação, refiro-me ao processo de mudança cultural que se desenvolve entre determinado grupo mediante da interação sustentada com outro grupo cultural. Menonitas da herança germano-russa vivem no Brasil há mais de 85 anos. Os menonitas norte-americanos do tipo Holdeman (os membros e a comunidade da IDCM) residem no Brasil por quase 50 anos. Houve aculturação? Se assim for, em que medida? Como esta aculturação facilitou ou dificultou a missão?

Sem dúvida, o processo de aculturação começou e continua. Em seu respeitado estudo sociológico dos imigrantes menonitas germano-russos do PR em meados da década de 1960, Minnich descobriu que o processo havia começado e forneceu evidências de apoio.<sup>175</sup> Uma parte da evidência foi a aquisição da língua portuguesa pelos menonitas germano-russos para uso na interação acadêmica e econômica com os brasileiros em geral. Esta capacidade, em parte acelerada por causa da política de nacionalização federal,<sup>176</sup> foi muito útil não apenas na escola e nos meios de subsistência, mas

---

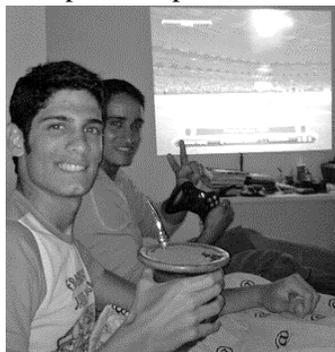
<sup>175</sup> R. Herbert Minnich, *The Mennonite Immigrant Communities in Paraná, Brazil*, Série SONDEOS, Núm. 64 (Cuernavaca, Mexico: Centro Intercultural de Documentación, 1970), 11/4-11/9.

<sup>176</sup> Em resposta ao Socialismo Nacional da Alemanha e sua influência no Brasil, em 1938, o governo federal do Brasil proibiu reuniões em que o idioma alemão seria falado publicamente, e o idioma nas escolas. As escolas menonitas de Witmarsum (SC) e Curitiba foram equipadas por professores brasileiros e o idioma de ensino, exceto a religião, tornou-se português. No entanto, enquanto os cultos em alemão

também na interação e nas atividades missionais. Naturalmente, uma vez que a língua portuguesa era razoavelmente adquirida pelos menonitas (isso aconteceu na década de 1950), a visão para alcançar os brasileiros tornou-se uma realidade e foi perseguida mais ativamente. Mais recentemente, Peter e Gladys Siemens, eles próprios um casal etnicamente misto, refletem que “as igrejas com o conhecimento do alemão estão chegando ao fim da mudança de idioma. Algumas têm dois cultos, um em cada idioma e outros têm cultos bilíngues.”<sup>177</sup>

Com os missionários norte-americanos e com os menonitas Holdeman, este aspecto da aculturação não demorou tanto. A motivação dos missionários para aprender o português era mais forte do que a dos imigrantes, visto que vieram para evangelizar e ajudar os brasileiros. Esta tarefa tornou a aquisição da linguagem essencial e urgente. No caso dos menonitas Holdeman, o propósito deles em imigrar para o Brasil não era diferente dos imigrantes germano-russos. No entanto, sua identidade era menos étnica e mais religiosa. Embora possuíssem ascendência europeia, eles viviam por, pelo menos, quatro gerações na América do Norte, portanto tiveram menos lealdade à cultura, seja europeia, seja norte-americana. Como resultado, o aprendizado da língua portuguesa começou quase que imediatamente, assim como as tentativas de alcançar os vizinhos brasileiros e integrá-los em sua igreja.

Atualmente, os menonitas germano-russos são predominantemente da segunda e terceira geração; praticamente todos são fluentes em português. Além da medida de aquisição do idioma, dois outros exemplos indicam maior aculturação e seu efeito na missão. Uma é a adoção do passatempo nacional de futebol. Este é, sem dúvida, o esporte favorito dos brasileiros e agora também dos menonitas germano-russos. É jogado regularmente em casa, na escola e na igreja. É usado como ponte para criar amizades com os brasileiros para evangelizá-los. Um segundo exemplo diz respeito à participação em uma atividade social típica no Sul do Brasil, a de beber chimarrão. Esta atividade geralmente ocorre em casa e em eventos sociais relacionados à igreja. No entanto, também faz parte da interação social com vizinhos e amigos. É comum um cristão



**Costumes comuns no Sul do Brasil: chimarrão e futebol**

---

eram proibidos, foi concedida permissão para realizar cultos no dialeto do baixo-alemão. O raciocínio oferecido e aceito era que esse dialeto era mais holandês que alemão.

<sup>177</sup> “Newcomers to natives: Diversity and challenges for Mennonites in Brazil,” em *Courier*, April, 2016, 17. <https://www.mwc-cmm.org/content/newcomers-natives-diversity-and-challenges-mennonites-brazil?language=en>.

menonita de etnia germano-russa convidar um conhecido não cristão a beber um pouco de chimarrão para fortalecer a amizade e estabelecer alicerce para a evangelização.

### **Assimilação**

Como usado aqui, a assimilação é o processo de fusão sociocultural ou mistura em que um grupo é absorvido em outro, essencialmente tornando-se identificado com ele. É mais amplo e profundo do que a aculturação, já que os distintivos culturais do grupo minoritário se perdem no processo de absorção. Minnich notou que, em meados da década de 1960, os menonitas germano-russos expressavam o desejo de “acomodar-se às exigências gerais da 'sociedade anfitriã' sem serem absorvidos por ela.”<sup>178</sup> Em outras palavras, a assimilação não era desejável. Esse ainda é o caso? Quais são as implicações para a missão?

Arrisco dizer que, entre aqueles que continuam a viver nas comunidades de imigrantes (especialmente Boqueirão, Witmarsum e Lapa, no PR; Bagé, no RS; e Concórdia, na BA) e que são ativos em igrejas menonitas locais, a assimilação completa não é desejável. Certos costumes, traços e valores culturais são considerados valiosos demais para serem perdidos. Por esta razão, igrejas, escolas e outras instituições com aspectos germânicos ainda existem. Além disso, para muitos, favorece-se os contatos com a subcultura alemã do Sul do Brasil. Até certo ponto, isto também é verdade para aqueles que se mudaram das colônias para a cidade, como refletido por um líder: “Nós não vivemos mais na colônia, mas a colônia ainda está em nós.”<sup>179</sup>

No entanto, como previsto por Minnich, a assimilação está inevitavelmente aumentando. Muitas outras famílias, particularmente na terceira e quarta gerações, usam o português como a principal língua do lar. O casamento misto é cada vez mais comum com os brasileiros germânicos não menonitas e com os brasileiros não germânicos. Embora haja poucos casos de conversão da fé menonita para o Catolicismo romano predominante, há evasão significativa de uma fé ativa para o nominalismo e o secularismo. A busca pelo ensino superior ocorre principalmente dentro das universidades brasileiras (incluindo as de patrocínio católico romano), com uma pequena minoria escolhendo estudar na Alemanha ou na América do Norte. Como é o caso da sociedade brasileira em geral, os menonitas germano-russos também são predominantemente urbanos, visto que mudaram de suas origens rurais nas últimas décadas.

Na década de 1960, Minnich percebeu uma tendência entre os jovens menonitas germano-russos de compreender sua autoidentidade como baseada

---

<sup>178</sup> Minnich, *Mennonite Immigrant Communities*, 11/9.

<sup>179</sup> Siemens, “Newcomers to Natives,” 17.

na fé, em vez de baseada na etnicidade.<sup>180</sup> A evidência dessa tendência pela geração mais jovem incluiu a escolha de um parceiro de casamento, primeiramente com base na crença cristã, depois na cultura alemã e, por fim, na herança menonita. Seus pais, no entanto, tendiam a favorecer a cultura alemã e a herança menonita sobre a crença cristã, embora a fé nunca fosse minimizada. Hoje, esta tendência seria ainda mais forte se não estabelecida de vez. Por ocasião da comemoração dos 70 anos da imigração menonita para o Brasil, o líder veterano Udo Siemens ofereceu uma perspectiva profética: “Menonitas como um grupo étnico e social não têm futuro [...] a identidade étnica certamente permanecerá por décadas, ainda assim as características germânicas desaparecerão passo a passo [...] e a identidade religiosa? Seremos capazes de traduzir a fé de nossos pais de tal maneira que pessoas de outras origens étnicas se sintam bem-vindas em nossas igrejas?”<sup>181</sup> Entendo que isso seja uma expressão da convicção de que ser menonita é mais uma questão de fé do que de etnia. De fato, os menonitas *não germânicos* compõem pelo menos 85% dos membros das igrejas menonitas no Brasil.<sup>182</sup> Por uma questão de renovação e missão, esta tendência é certamente positiva.

Dependendo da perspectiva, este movimento em direção à assimilação pode ser visto como positivo ou negativo. Para a missão menonita no Brasil, acredito que há aspectos mais positivos do que negativos. O uso crescente do idioma português no lar cristão pode ajudar as crianças menores a entender que elas não são uma minoria inferior nem uma classe superior. Pelo contrário, elas são brasileiras e devem se relacionar de maneira cristã com outros brasileiros como iguais. O casamento com brasileiros não alemães não foi considerado uma decisão positiva nas décadas anteriores, já que normalmente tanto o membro menonita quanto o cônjuge foram perdidos da igreja e da comunidade menonita. A preocupação com essa perda levou, em meados dos anos 80, ao início dos cultos e ministérios portugueses dentro das igrejas germânicas. Hoje, a maioria destes ministérios está florescendo. Assim, casais etnicamente mistos não precisam deixar a igreja e os menonitas germânicos têm uma igreja para a qual podem convidar seus amigos brasileiros. A busca do ensino superior nas universidades brasileiras facilita tanto maior compreensão da cultura brasileira quanto oportunidades de testemunho para os futuros formadores da sociedade brasileira. Finalmente, a urbanização dos menonitas rurais foi necessária para entender e identificar-se com 85% da população brasileira.

---

<sup>180</sup> Minnich, *Mennonite Immigrant Communities*, 12/6-9.

<sup>181</sup> Em “70 anos: A trajetória menonita,” em *Irmãos em Ação*, dezembro, 2000, p. 3.

<sup>182</sup> Uma estimativa de imigrantes de etnia germano-russa e suíça e seus descendentes de segunda e terceira geração que são membros da igreja é de cerca de 2.150 entre a AIMB, COBIM e IDCM. De um número total de membros menonitas brasileiros de 15.133 em 2015, isto equivale a 14%.

## Comunicação

Com a presença e participação de culturas estrangeiras entre missões menonitas, deve-se perguntar: Como esta presença afetou a comunicação do evangelho? Uma série de respostas surgem para a reflexão e projeções futuras.

Primeiro, determinados campos de missão foram selecionados com a facilidade de comunicação como importante fator decisivo. Este foi o caso do campo SC selecionado pela AIIMB na década de 1960. Mesmo que muitos obreiros da igreja falassem português naquela época, o alemão ainda era primário. A influente cultura alemã e o uso generalizado da língua alemã nas cidades e municípios em SC facilitaram a seleção desta região, embora houvesse outros fatores também. Um segundo exemplo é a seleção de



**Jefferson & Tania Buffi,**  
missionários da AEM em Moçambique

Moçambique como o primeiro campo da missão estrangeira da AEM. Aqui também, enquanto a língua portuguesa não era o único fator, desempenhou papel significativo em reforçar a confiança necessária para dar um salto tão grande. Para a IEIM, um padrão semelhante é evidente, pois entre os seus primeiros campos missionários estavam a Angola, o Portugal, o Timor Leste e a Guiné-Bissau, todos de língua portuguesa.

Em segundo lugar, a presença de culturas estrangeiras desempenhou um papel na comunicação do conteúdo do evangelho. A mensagem transmitida pelos missionários norte-americanos e imigrantes alemães e russos tendia a ter forte ênfase no evangelho da salvação individual da culpa e do poder do pecado pessoal. Esta ênfase tem suas origens no pietismo alemão, no revivalismo inglês e no Evangelicalismo norte-americano. É certamente uma ênfase bíblica e essencial. Entretanto, aparentemente nas últimas décadas, quando os coobreiros latino-brasileiros assumiam a liderança como evangelistas e missionários, outras ênfases foram acrescentadas à comunicação do evangelho. Entre estas, pode ser citado o evangelho da paz em situações de conflito familiar, o evangelho de libertação para aqueles que sofrem de vícios ou da opressão demoníaca, e o evangelho de amizade e família para aqueles que experimentam uma vida de alienação.

Terceiro, a cultura desempenhou um papel nos métodos usados para comunicar o evangelho. Nas décadas anteriores, quando os menonitas norte-americanos e germano-russos eram os principais agentes de evangelização e plantação de igrejas, os métodos eram com frequência aqueles que funcionavam bem na América do Norte e na Rússia. Entre estes, podem ser citados os ministérios da escola dominical e de crianças, a distribuição de literatura, as campanhas de massa, as pregações ao ar livre e a assistência

social. Alguns desses métodos ainda são usados efetivamente hoje em dia. No entanto, nos últimos anos, parece haver uma mudança nos métodos de comunicação do evangelho. Igrejas mais novas e aquelas com pouca influência estrangeira estão enfatizando o evangelismo por amizade, grupos caseiros de células, retiros, atividades esportivas, classes de interesse especial (como música, inglês) e grupos de apoio.

### ***As Relações Culturais e a Cooperação Missional***

A missão tem a ver com relacionamentos e estes são ainda mais desafiadores quando há diferenças culturais e subculturais envolvidas. Como os grupos culturais entre menonitas no Brasil relacionam-se entre si? No geral, os relacionamentos foram fraternos e os conflitos ocasionais não cresceram em grandes crises. No entanto, para as futuras relações de missão, certas deficiências devem ser abordadas e evitadas. As seguintes observações são baseadas em respostas a entrevistas.

Os menonitas germânicos às vezes são vistos pelos brasileiros como fortes nas tarefas e mais fracos nos relacionamentos. Isto levou em ocasiões à imposição e ao paternalismo. O mesmo poderia ser dito sobre os norte-americanos em relação aos brasileiros. Além disso, as agências parceiras norte-americanas foram criticadas em décadas anteriores por decisões unilaterais e atrasos na transferência de responsabilidade para os brasileiros. Também, quando eles não foram cuidadosos o suficiente para serem encarnacionais em seu estilo de vida, sua renda e seus níveis educacionais causaram ressentimento e frustração entre os colegas alemães e brasileiros. Finalmente, os brasileiros latinos têm sido criticados por serem excessivamente espontâneos, excessivamente dependentes e não orientados suficientemente para tarefas. Estes comentários são obviamente generalizações e não devem ser entendidos como caracterizações culturais infalíveis. No entanto, é justo perguntar se não há um grau de verdade neles.

Em suma, a quantidade de cooperação, apesar das diferenças culturais, parece superar o isolamento ou a independência.<sup>183</sup> A maior quantidade de cooperação parece ter ocorrido no PR, inicialmente entre menonitas germânicos e norte-americanos, no entanto crescendo constantemente para incluir todas as culturas entre os menonitas. A



**Líderes e educadores, Jacob August (Brasil) & João Klassen (Canadá)**

<sup>183</sup> Uma exceção a esta afirmação ocorreu na região de Curitiba, onde o desejo de se afastar da cultura da igreja de etnia alemã foi um fator que levou à formação de várias igrejas menonitas independentes. Veja Siemens, "Newcomers to Natives," 17.

região do Recife é outro exemplo de cooperação. Aqui também havia mistura intercultural, incluindo norte-americanos (CCM), germânicos (IM e AMAS) e brasileiros (AEM). A cooperação entre os menonitas não germânicos não é tão forte na maioria dos outros estados onde os menonitas conduzem o trabalho missionário. Por último, duas missões menonitas estão nos extremos e, até recentemente, totalmente fora de qualquer cooperação, a saber, a IDCM e a IEIMR. No entanto, as razões para o seu isolamento histórico foram mais doutrinárias e éticas no caso da IDCM, e doutrinárias e litúrgicas no caso da IEIMR (em 2016, a IEIMR juntou-se novamente à COBIM). As diferenças de cultura não foram um fator significativo.

### ***Leituras Recomendadas***

- Klassen, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1995; *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1998.
- Siemens, Peter e Gladys. “Newcomers to natives: Diversity and challenges for Mennonites in Brazil,” em *Courier*, April, 2016, p. 17.  
<https://www.mwc-cmm.org/content/newcomers-natives-diversity-and-challenges-mennonites-Brazil?language=en>.
- Siemens, Udo, ed. *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010.

### ***Perguntas de Estudo***

1. Como muitos outros, você entendia que os menonitas eram um grupo étnico-religioso? Considere a afirmação do autor de que, pelo menos 85% dos menonitas brasileiros são não germânicos (Nota de rodapé 182). Como isto afeta os entendimentos da sociedade e a autocompreensão da identidade entre os próprio menonitas?
2. Ao considerar as culturas da perspectiva missional, surgem questões difíceis. Quais aspectos da cultura deveriam deixar para trás os novos crentes e novos grupos cristãos? Quais aspectos podem ser redimidos em uma cultura cristã? Quem decide? Liste três princípios que emergem da história menonita.
3. Existem hoje oportunidades para os menonitas alcançar novos grupos etno-linguísticos e plantar igrejas entre eles no Brasil? Em caso afirmativo, quais são alguns ingredientes essenciais para esta missão?



## 18. CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Esta pesquisa propôs ajudar os menonitas brasileiros a refletir e entender o que Deus tem feito por meio de missões menonitas no passado, a fim de fortalecer sua fé, motivação e compreensão missiológica para atender ao chamado de Deus para o seu papel na missão mundial no futuro. Nos capítulos anteriores, concentrei-me em descrever a presença, compreensão e prática de missão dos menonitas brasileiros. Também tentei avaliar, quantitativa e qualitativamente, alguns dos efeitos após oitenta e cinco anos sob o Cruzeiro do Sul.

Chegou a hora de recolher as peças do que foi descoberto até agora. Tal tentativa de síntese está próxima e seguirá o título deste último capítulo. Um resumo dos principais resultados será seguido por conclusões gerais e categorizadas. Finalmente, de acordo com a finalidade prática deste projeto, tomarei a liberdade de oferecer recomendações tanto para os colegas no Brasil quanto para futuros pesquisadores – onde quer que estejam.

### *Resumo*

O resumo a seguir analisa as principais descobertas da minha pesquisa de acordo com a presença missional menonita, a compreensão da missão e sua prática da missão.

#### **A Presença Missional Menonita**

Os primeiros menonitas não vieram ao Brasil como embaixadores missionários, mas como refugiados migrantes fugindo da perseguição e da pobreza da recém-formada União Soviética. Eles eram germânicos em sua herança cultural e russos em sua cidadania anterior. Cerca de 1.200 chegaram às selvas subtropicais do Estado de Santa Catarina em 1930. Embora dois assentamentos agrícolas tenham sido estabelecidos, as duras condições pioneiras levaram muitos a deixar essas comunidades unidas em busca de uma vida melhor. Essa busca os levou a grandes cidades como Blumenau, Curitiba e São Paulo. Com o tempo, outros formaram novas cooperativas agrícolas nos estados do RS, do PR e da BA. Em duas décadas, eles se dispersaram para, pelo menos, quatro estados no Sul do Brasil.

A fé cristã era central para a autoidentidade e etnia particular dos menonitas. Alguns refugiados planejaram uma nova igreja em solo brasileiro enquanto ainda viajavam de navio da Alemanha. Todos começaram os cultos de adoração poucos dias depois de sua chegada. A preocupação pela adoração, comunhão, educação cristã e consequentemente o testemunho levou-os a estabelecer novas igrejas onde quer que fossem. Esse também foi o caso dos imigrantes posteriores (a Igreja de Deus em Cristo-Menonita) que chegaram ao Estado de Goiás no final da década de 1960.

Uma variedade de influências levou ao estabelecimento de cinco diferentes denominações menonitas.<sup>184</sup> Essas influências incluíram a renovação da igreja na Rússia e no Brasil e de missionários e imigrantes norte-americanos. Além disso, duas missões paraeclesiais eram ativas no Brasil. Cada uma destas sete missões tem história e identidade peculiar, bem como uma esfera geográfica de influência.

A Igreja Menonita (IM) brasileira tem suas origens na igreja menonita original da Rússia. No Brasil, começou em 1930 como resultado da imigração. É caracterizada por um espírito ecumênico, maior tolerância em questões de consciência individual, o batismo do crente por aspersão e ênfase missionária nos aspectos sociais do evangelho. Três igrejas reuniram-se em 1954 para organizar uma associação de igrejas, da qual um propósito era explicitamente missional. Desde então, uma igreja foi fechada (Guarituba) e outra se separou em duas (Boqueirão e Vila Guáira). Cada uma das duas últimas e também a terceira (Witmarsum, PR) foram instrumentais no início das igrejas filhas entre brasileiros latinos. Com exceção de uma igreja em SC, as igrejas mãe e filha estão localizadas em/ou perto de Curitiba, PR.

A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas (IEIM) também traça suas origens para a Rússia, especificamente para o movimento de renovação em meados do século XIX entre as colônias menonitas na Ucrânia. Embora essa renovação tivesse origens no pietismo alemão e nos batistas alemães, os irmãos menonitas russos intencionalmente preservaram sua identidade anabatista-menonita. Como a IM, a IEIM brasileira surgiu em 1930 com refugiados russos como fundadores. A IEIM no Brasil é caracterizada por suas ênfases na conversão consciente, batismo por imersão, piedade e testemunho pessoal, plantação de igrejas e educação teológica formal. Desde o final da década de 1940, a IEIM brasileira tem parceria com a agência missionária da IEIM norte-americana, MB Mission. As igrejas da IEIM formaram convenções de língua alemã e portuguesa em 1960 e 1966, respectivamente. Em 1995, as duas se fundiram para formar uma convenção de língua portuguesa. Como resultado de migrações internas e plantação de igrejas realizadas com a MB Mission, a IEIM espalhou-se em seis regiões, abrangendo os cinco estados do Sul do Brasil (RS, SC, PR, SP, MS; também, veja Nota 184 abaixo).

O Comitê Central Menonita (CCM) começou em 1920 como uma agência de socorro intermenonita, fundada para enviar ajuda material das igrejas norte-americanas para os menonitas famintos na União Soviética pós-revolução. Os atributos do CCM incluem espírito intermenonita e interdenominacional, foco nos aspectos sociais do evangelho e serviço sacrificial, muitas vezes para os mais pobres dos pobres “em nome de Cristo”. Embora não seja patrocinador

---

<sup>184</sup> Como indicado anteriormente, em 2016, a IEIMR retornou à IEIM da qual havia se separado anteriormente. Esta fusão resultou em mais duas regionais de igrejas, a saber, no Estado de Bahia e na Grande São Paulo.

dos refugiados menonitas no Brasil, o CCM interessou-se por eles e em 1947 enviou dois casais para prestar assistência espiritual e social. A presença de voluntários do CCM acabou crescendo até incluir outros tipos de assistência social ligados a várias organizações protestantes ativas em todo o Brasil. Em 1968, o CCM entrou em Recife para estabelecer sua própria base e um programa no empobrecido Nordeste do Brasil. Desde essa época até a sua partida em 2011, o CCM concentrou-se no Nordeste e fez parcerias com numerosas organizações (menonitas, evangélicas e católicas) em ministérios de assistência e desenvolvimento comunitário.

A Igreja Evangélica Menonita (IEM) surgiu dos esforços missionários da agência missionária (MMN) da Igreja Menonita nos EUA. No Brasil, é caracterizada pelo batismo por imersão, pela composição cultural majoritariamente brasileira, pela busca da visão anabatista para o Brasil e pelas grandes distâncias geográficas que separam suas seis regiões. Os primeiros missionários da MMN chegaram em 1954 e iniciaram igrejas em SP e GO. Desde então, a IEM adotou campos missionários e igrejas iniciadas por outras missões menonitas. Estes incluem o campo missionário dentro e ao redor de Araguacema (iniciado pela AVIM, uma missão menonita independente), igrejas de língua portuguesa iniciadas pelas igrejas mães da AIMB em Curitiba e suas proximidades e igrejas iniciadas pela MCCW em Recife. Como resultado, a IEM está espalhada em seis regiões e oito estados (SC, PR, SP, GO, DF, TO, PA, PE). Juntamente com MMN e MCCW, a IEM também iniciou novas igrejas nestas regiões.

A Igreja de Deus em Cristo-Menonita (IDCM) tem suas origens em um movimento de renovação entre os menonitas norte-americanos iniciado por John Holdeman em 1859. A Igreja tem algumas doutrinas e práticas únicas, como a convicção de ser a verdadeira igreja, o banimento disciplinar, o lava-pés e o evitar da comunhão cristã interdenominacional. Em 1968, a IDCM veio para o Brasil da América do Norte por meio de imigrantes em busca de ambiente mais saudável para criar seus filhos, bem como na busca de terras para a agricultura de baixo custo. As primeiras famílias compraram fazendas próximas a Rio Verde, GO. Os cultos abertos foram realizados imediatamente após a chegada e, logo depois, a tradução para o português foi iniciada para os vizinhos brasileiros que frequentaram os serviços. Duas comunidades com igrejas foram estabelecidas nesta região. Uma outra comunidade com igreja começou na década de 1990 no Estado de Mato Grosso. A IDCM fez grandes esforços de divulgação por meio da publicação de folhetos e livros evangélicos. Além disso, igrejas emergentes do trabalho missionário foram plantadas em GO, SP, PR, CE e PB.

A Associação Benevolente Menonita (AMB) começou em 1988 para fornecer assistência espiritual e social às aldeias rurais em 19 municípios do sudeste do PR. Seu fundador e diretor por muitos anos foi Peter Pauls Jr. Desde o início, o ministério abrangente é realizado por obreiros locais e

voluntários de igrejas menonitas em Witmarsum (PR) e arredores. A AMB é caracterizada por integração autêntica de ministérios de palavra e ação. É também uma agência missionária brasileira que efetivamente se relaciona com igrejas e doadores no Brasil, na Europa e na América do Norte. Enquanto sua ajuda material atinge principalmente o sudeste do PR, seus ministérios de literatura estendem-se por todo o Brasil e para a África. A AMB é conservadora e evangélica, porém mais identificada por sua variedade de ministérios do que por posições teológicas ou éticas.

A Igreja Evangélica Irmãos Menonitas Renovada (IEIMR) era a mais nova denominação menonita, tendo emergido de uma divisão de igreja local em 1988. A IEIMR partiu da IEIM Jd. Santo Eduardo (em Embu, SP) sob a liderança de José Eguiny Manente. Caracteriza-se por sua doutrina e práticas pentecostais, por seu ministério de oração, por sua liderança informalmente treinada e por sua expansão agressiva em diferentes regiões do país. Entre estas, devem ser citados SP, PR, BA, TO, MS e MG.

### **O Entendimento Menonita da Missão**

O entendimento geral da missão está alinhado com o neoevangelicalismo brasileiro e, em menor grau, com o Evangelicalismo conservador (veja Capítulo 12). Em seu entendimento central da missão, os obreiros menonitas incluem as seguintes convicções: a glória de Deus como meta da missão, Cristo como Salvador divino e exclusivo, o Espírito como ativo em todos os aspectos da missão, a Grande Comissão como fundamento bíblico para a missão, a natureza missionária da igreja, a missão como evangelismo e serviço social (evangelismo sendo primário), a conversão de indivíduos como o objetivo do evangelismo e a igualdade de todas as culturas. Outros aspectos não foram tão claros e serão mencionados sob “Recomendações” mais adiante neste capítulo.

Entre as influências formativas na compreensão menonita da missão, as Escrituras foram consideradas mais influentes, seguidas pela educação teológica. Entre as influências teológicas, os entrevistados sentiram que o Anabatismo do século XVI e o menonitismo do século XX foram os mais influentes. A maioria dos entrevistados achou que as influências culturais, socioeconômicas, políticas e educacionais eram mínimas. Finalmente, a influência presumida da liturgia é caracterizada por hinos do século IX de origem do Atlântico Norte.

Uma avaliação inicial do entendimento missional distinto entre menonitas no Brasil chega à conclusão de que existe alinhamento geral com os entendimentos históricos menonitas (veja Capítulo 13). No entanto, há espaço para um alinhamento mais forte. Os menonitas brasileiros foram fortemente influenciados pelo revivalismo do século XIX e pelo fundamentalismo do século XX. Ambos têm sabor norte-americano considerável. Da América Latina, especialmente nos últimos 40 anos, o pentecostalismo e o liberacionismo fizeram algumas incursões, embora não tão fortemente quanto as outras influências citadas acima.

### A Prática Menonita da Missão

Historicamente, anabatistas e menonitas concentraram-se menos na articulação da missão e teologia e mais em sua prática. Esse também tem sido o caso entre os menonitas no Brasil. Os parágrafos a seguir revisam as principais atividades missionárias nas quais os menonitas se envolveram nos últimos 85 anos.

Sem exceção, todas as sete missões estudadas procuraram praticar o evangelismo, testemunhando de Cristo como Salvador e Senhor. Esta testemunha tomou várias formas, que continuam a mudar a cada geração. Nas décadas anteriores, campanhas de pregação, transmissão de rádio e ministérios infantis foram amplamente utilizados. Nas últimas décadas, os métodos de evangelismo incluem retiros, esportes, grupos de células e eventos sociais. Evangelismo por meio de testemunho pessoal, vida familiar e literatura tem sido constante. Entre as missões, a IEIM, a IEM, a IEIMR e, em menor grau, a IDCM vinculam o evangelismo à plantação de igrejas. As outras missões praticam o evangelismo e recomendam que os convertidos se unam às igrejas existentes nas proximidades.

A plantação de igrejas tem sido o foco central da IEIM, da IEM e da IEIMR. Em menor grau, a IM e a IDCM também têm estado ativas na plantação de igrejas, embora a IM se concentre mais na assistência social e a IDCM mais no evangelismo por literatura do que na plantação de igrejas. A plantação de igrejas tem sido patrocinada por igrejas locais, convenções nacionais e agências internacionais. Igrejas foram plantadas em pelo menos 14 dos 27 estados do Brasil. A tabela a seguir resume a plantação de igrejas menonitas por denominação e década.

**TABELA 39: INÍCIOS DE IGREJAS MENONITAS DESDE 1930**

Denominação	Anos									TOTAL
	30	40	50	60	70	80	90	00	10	
IM	3	1	1		1	3	3	3	2	17
IEIM	5	1	13	15	20	16	6	12	15	103
IEM			5	11	12	10	9	11	6	64
IDCM				1	1	5	3	1		11
IEIMR						3	17	6	5	31
<b>TOTAL</b>	<b>8</b>	<b>2</b>	<b>19</b>	<b>27</b>	<b>34</b>	<b>37</b>	<b>38</b>	<b>33</b>	<b>28</b>	<b>226</b>

Os ministérios integrais são outra área de ampla prática missionária. Aqui também todas as missões envolveram-se em compartilhar o evangelho por meio de atos de amor cristão. Duas missões, o CCM e a AMB, têm numerosos ministérios de ajuda e desenvolvimento comunitário como foco principal. Elas serviam principalmente nos estados do Nordeste e Sudeste do PR, respectivamente. A AMAS é uma agência da IM dedicada à assistência social

e patrocina seis creches em Curitiba e arredores. Entre as outras missões, a IEIM e a IEM criaram e desenvolveram organizações formais, como orfanatos, escolas e hospitais. A IM e a IEIM trabalharam juntos em SC e PR para estabelecer hospitais, escolas e, até 2014, um ministério crescente de saúde mental. A IDCM e a IEIMR praticam ministérios integrais em menor escala e de maneira informal no nível da igreja local.

O treinamento missional tem sido praticado por todas as missões em graus variados. Todas utilizam meios informais, como a observação dos mais experientes pelos menos experientes, a educação cristã semanal, a responsabilidade nas tarefas normais do ministério e eventos isolados (como retiros ou conferências). Em menor grau, todas as missões estão envolvidas em treinamento formal para a missão. Aqui, a IEIM investiu mais, criando escolas bíblicas locais, um centro de treinamento regional e seminários em nível nacional. A IEM realizava seu próprio treinamento formal por meio da ETE e utiliza outros seminários. As outras missões utilizaram principalmente escolas estrangeiras (IM e CCM), alguma forma de ETE não menonita (IDCM e IEIMR) ou uma combinação (AMB). O tipo de treinamento menos utilizado é o não formal. No entanto, o uso de *workshops*, cursos de curta duração e conferências está aumentando, especialmente na IM, na IEIM, na IEM e na AMB.

Finalmente, os menonitas no Brasil participaram de alguma reflexão missiológica. Assim como no treinamento, esta reflexão ocorreu informal, não formal e formalmente. Meios informais de reflexão missiológica incluem pregações e ensinamentos semanais, artigos e editoriais em periódicos da igreja, bem como conferências anuais de missão ou retiros. A reflexão não formal ocorre durante congressos especiais e conferências de estudo. A Conferência Mundial Menonita em Curitiba (1972), o congresso internacional dos Irmãos Menonitas sobre missão mundial, também em Curitiba (1988), e conferências intermenonitas para latino-americanos são exemplos de reflexões missiológicas não formais. A reflexão formal não foi prolífica; no entanto a IEIM, a IEM e o CCM engajaram-se nesta atividade missionária em algum grau, por meio de escritos acadêmicos, avaliações de agências ou publicação de livros sobre temas de missões.

### ***Avaliações e Princípios***

Nesta seção, vou começar oferecendo algumas reflexões gerais que se referem ao esforço geral da missão dos menonitas no Brasil. Depois disso, comentários mais específicos serão feitos de acordo com os quatro tipos de atividade missionária: evangelização e plantação de igrejas, ministérios integrais, treinamento e missiologia.

**Macrorreflexões**

Exceto por seus inícios no movimento anabatista europeu do século XVI e exemplos isolados da missão do século XIX na Indonésia e na Índia, a história conheceu os menonitas mais como “os quietos da terra” do que como “os arautos do evangelho”. Chegando como refugiados estrangeiros de um continente distante, as duas primeiras décadas da presença menonita no Brasil pareciam indicar uma repetição desse padrão histórico. No entanto, pela graça de Deus, no final da década de 1940, um padrão diferente começou a surgir. Com algumas igrejas locais experimentando renovação espiritual e com motivação, modelagem e oportunidades missionais fornecidas pelas missões norte-americanas (MB Mission, CCM, MMN), os menonitas no Brasil começaram a ganhar dimensão missionária. Inicialmente, essa dimensão foi expressa por meio de intenções concretas nos ministérios integrais. Mais tarde, foi expressa em evangelismo e plantação de igrejas. Mais adiante, alguns esforços surgiriam para treinar os obreiros na missão, refletir e articular-se missiologicamente. Assim, nas últimas sete décadas, a missão para os menonitas no Brasil não foi incidental, mas emergiu como algo integral de sua natureza e presença. Eles chegaram em 1930 como refugiados; antes do final do século, haviam se tornado embaixadores (veja APÊNDICE C).

Ao longo de 85 anos, os menonitas iniciaram extensa proliferação geográfica em todo o vasto território do Brasil (veja o Mapa 3 no APÊNDICE A). O trabalho missionário menonita foi realizado em pelo menos 19 dos 27 estados do Brasil. Em alguns casos (IM e IEIM), poder-se-ia esperar mais proliferação, porém, na maioria dos outros (CCM, IEM, IDCM e IEIMR), muitos estrategistas de missão teriam recomendado menos proliferação. No entanto, esta extensão é agora fato histórico e irreversível.

A metáfora do embaixador estende-se para além das Jerusalém, Judeas e Samarias da jornada menonita no Brasil. Todas as missões em análise enviaram recursos transculturalmente aos confins da terra. Estes recursos incluíram missionários, literatura, ajuda financeira e, certamente, orações. Os campos de colheita incluíram, entre outros, Albânia, Amazônia, Angola, Bolívia, Canadá, Timor Leste, Equador, Guiné-Bissau, Índia, Kuwait, Senegal, Moçambique, Norte da África e Portugal. Uma visão de missão global despertou e podemos esperar que o melhor ainda esteja por vir.

O papel das agências missionárias norte-americanas tem sido significativo. Elas forneceram missionários, fundos, motivação e estratégias. Sim, às vezes, havia tensões (até mesmo conflitos) nas relações entre menonitas germânicos, norte-americanos e brasileiros. Outras vezes, havia discordância sobre políticas e procedimentos. No entanto, um consenso é claro de que o balanço é positivo e que as missões norte-americanas ajudaram mais do que prejudicaram. Na missiologia, muitas vezes, ouve-se que os missionários estrangeiros exerceram controle demasiado por tempo demasiado. No caso dos missionários menonitas no Brasil, há maior consenso de que os missionários

transferiram a responsabilidade e partiram cedo demais. Mais abaixo será opinado sobre isto.

Menonitas no Brasil são mais heterogêneos que homogêneos. Isto é verdade em termos de etnia, teologia, ética, prática missionária e força missionária. O Capítulo 17 revisou a diversidade de culturas e ambos os desafios e oportunidades presentes. Não se pode mais referir aos menonitas no Brasil como um grupo étnico germânico, já que estes não englobam mais do que 15% do total de membros (veja Nota de rodapé 182). O Capítulo 13 relaciona a diversidade da compreensão da missão entre menonitas, desde os evangélicos fundamentalistas àqueles que se identificam com os liberacionistas. Em matéria de ética pessoal, encontra-se espaço considerável entre a intolerância e a tolerância. Finalmente, um grupo é forte em treinamento, outro em literatura evangelística e ainda outro em desenvolvimento comunitário. Existe diversidade significativa na prática missionária e esta diversidade é saudável.

Em termos de contribuições missionais para o Reino de Deus no Brasil, as missões menonitas são pequenas e os números não são excepcionais. Mesmo assim, à sua maneira, fizeram contribuições modestas. Minha conclusão é que a primeira destas contribuições é o ministério de evangelismo e plantação de igrejas. Os ministérios integrais estão em segundo lugar, seguidos por treinamento e reflexão missiológica. Esta conclusão é baseada na Tabela 40, na qual avalio as contribuições de cada missão.

**TABELA 40: CONTRIBUIÇÕES POR MISSÃO MENONITA**

<b>Missão</b>	<b>Evangelismo/ Plantação de Igrejas</b>	<b>Ministérios Integrais</b>	<b>Treinamento</b>	<b>Reflexão</b>
<b>IM</b>	2	1	3	4
<b>IEIM</b>	1	3	2	4
<b>CCM</b>	4	1	2	3
<b>IEM</b>	1	2	4	3
<b>IDCM</b>	1	2	4	3
<b>AMB</b>	2	1	3	4
<b>IEIMR</b>	1	3	2	4
<b>Esforços Conjuntos</b>	2	1	4	3

### **Evangelismo e Plantação de Igrejas**

Uma série de conclusões e princípios favoráveis emergem quando se examina o evangelismo e a plantação de igrejas como atividade missional pelos menonitas no Brasil. Primeiro, havia inúmeras tentativas de começar novas igrejas, particularmente desde os anos 50, uma vez que os menonitas imigrantes germânicos eram mais estáveis economicamente e mais

confortáveis culturalmente. Esse foi também o começo do substancial investimento pessoal e financeiro das missões norte-americanas, nomeadamente MB Mission e MMN. Essas parcerias de plantação de igrejas resultaram na formação das duas maiores denominações. Como indicado na Tabela 39, elas (IEIM e IEM) foram mais ativas na plantação de igrejas desde os anos 60 até os anos 80. Desde então, elas reduziram um pouco as novas igrejas, e a IEIMR iniciou um movimento extensivo de plantação de igrejas na década de 1990. Em segundo lugar, enquanto algumas das missões menonitas concentram-se mais na coleta da colheita, outras dão sua contribuição por meio de larga disseminação, especialmente se utilizando da literatura cristã. Este seria o caso da IDCM e da AMB. Por uma variedade de meios, tanto a sementeira como a colheita são essenciais. Terceiro, a história menonita de evangelismo e plantação de igrejas no Brasil destaca a importância de grupos de igrejas. Isso é especialmente evidente no padrão de plantação de igrejas da IEIM, onde havia menos proliferação geográfica. No entanto, embora a IEM esteja amplamente disseminada em suas seis regiões, o fato de cada região ser composta por um agrupamento de igrejas facilitou o apoio, o companheirismo e a prestação de contas. Quarto, embora o crescimento da IM tenha flutuado de um excelente crescimento nos anos 50 para um crescimento apenas médio nos anos 80, o quadro geral é de bom crescimento que acompanhou a TCD evangélico em geral (veja Tabela 37). Isto é significativo, pois os menonitas frequentemente comparam seu crescimento apenas às igrejas pentecostais em seu rápido crescimento.

Outros aspectos de evangelismo e plantação de igrejas por missões menonitas precisam ser revistos e talvez revisados. Todos os que estão engajados na liderança missional precisam lidar com questões difíceis. Por que tantas igrejas foram fechadas? Por que existem tantas igrejas filhas, mas tão poucas igrejas netas? O que está por trás do novo fenômeno das igrejas menonitas não afiliadas? Quais são os fatores relacionados ao fechamento das novas igrejas e aos esforços de plantação de igrejas que criam dependência prolongada do patrocinador?

Os fatores a seguir surgem da análise da IEIM e da IEM, mas também se aplicam às outras missões. Alguns fatores relacionam-se com o papel dos obreiros (missionários, plantadores de igrejas, pastores): 1) a má seleção de obreiros que são inexperientes, culturalmente deslocados, incompatíveis com os dons ministeriais ou denominacionalmente não comprometidos; 2) a retirada prematura do plantador de igrejas; 3) a falta de continuidade (ministérios, metas e métodos) na transição do plantador de igrejas para o pastor; e 4) a falha na implantação de um DNA de multiplicação na igreja filha que geraria sucessivas gerações. Outros fatores estão relacionados ao papel do corpo patrocinador, seja uma igreja mãe, seja uma convenção, seja uma agência missionária: 1) a falta de liderança pastoral por períodos prolongados; 2) as mudanças frequentes na liderança pastoral; 3) a perda de visão

missionária pelo órgão patrocinador; 4) a autonomia prematura ou tardia; e 5) a proliferação excessiva e consolidação inadequada. Outro fator pode estar relacionado ao patrocinador ou à família de igrejas em uma determinada região. Jovens igrejas morreram quando foram isoladas e/ou negligenciadas por um grupo de igrejas irmãs que dariam apoio. Finalmente, há fatores que se relacionam a uma combinação de partes responsáveis, incluindo a igreja recém-formada. Entre estes, poderia ser citada ênfase prematura na construção de templos em vez da construção do corpo por meio de evangelismo contínuo, discipulado e treinamento de liderança. Outro tem a ver com o conflito doutrinário, especialmente devido às influências pentecostais, que resultou na divisão e morte prematura de várias igrejas frágeis.

### **Ministérios Integrais**

Depois de evangelismo e plantação de igrejas, os ministérios de ajuda material e capacitação são outras importantes contribuições das missões dos menonitas no Brasil. Na maior parte, estes ministérios são de fato integrais. O evangelho de Cristo é apresentado tanto em obras quanto em palavras. O leitor é encaminhado ao Capítulo 16 para discussão mais completa das seguintes avaliações.

Houve aumento significativo nos tipos de ministérios integrais, especialmente pelo CCM e pela AMB. Estes ministérios foram bem recebidos e, sem dúvida, milhares de vidas foram tocadas. É minha conclusão que, embora a proliferação extensa tenha sido boa, uma consolidação maior teria sido melhor. A concentração de recursos em menos ministérios permite maior eficácia, relacionamentos mais profundos e maior sustentabilidade.

Voluntários de curto prazo fizeram muitas contribuições em diferentes campos, e a experiência de campo provavelmente contribuiu ainda mais para suas vidas. No entanto, a falta de longevidade é problemática. O padrão ideal parece operar em organizações de serviços como a AMAS e a AMB. Ou seja, o programa é sustentado por um núcleo de obreiros brasileiros de longo prazo. Voluntários de curto prazo vêm e vão sem deixar lacunas substanciais.

As missões menonitas que se concentram em ministérios integrais parecem ter equilíbrio saudável entre alívio e desenvolvimento. Algumas missões (como a AMB) são mais fortes na ajuda material, enquanto outras (CCM) concentram-se no desenvolvimento da comunidade e na capacitação. No geral, há menos ênfase no alívio e maior ênfase no desenvolvimento e na educação. Com relação a este último, parece que o estabelecimento e a sustentação das escolas tenha sido a maior contribuição da missão integral dos menonitas no Brasil. Com exceção da nova IEIMR, todas as missões tiveram envolvimento extenso tanto na fundação de escolas quanto na assistência educacional.

O equilíbrio entre ação e palavra não é tão saudável. Embora todas as missões procurem incluir a palavra em seu testemunho de atos, a palavra nem sempre é acompanhada por um processo viável de discipulado e plantação de

igrejas. É justo perguntar: “Os ministérios integrais são verdadeiramente expressão de uma teologia da missão bíblica e anabatista se eles estão desconectados das igrejas locais?” Neste sentido, a IM e sua agência social AMAS mostraram os melhores exemplos. Ou seja, em pelo menos cinco locais, a assistência social foi acompanhada pela proclamação da palavra e tentativa de reunir novos convertidos em uma igreja.

Também neste aspecto, as situações mais sadias parecem ser aquelas em que o ministério integral tem o apoio de um grupo de igrejas. O ideal é o agrupamento existente de igrejas menonitas. Onde este não é o caso e igrejas compatíveis na doutrina e na prática não estão presentes, a tentativa deve ser feita para plantar um grupo de igrejas menonitas.

Finalmente, pouca atenção tem sido dada pelos menonitas, seja por meio de reflexão, seja por meio de ação, para abordar as raízes sistêmicas da pobreza, do sofrimento e da injustiça na sociedade brasileira. O CCM fez algumas contribuições na articulação dos problemas e na conscientização da comunidade, enquanto outras missões menonitas permaneceram em silêncio. Os menonitas no Brasil parecem ansiosos para abraçar a missão apostólica da igreja, mas não tanto a missão profética.

### **Treinamento Missional**

Algumas avaliações e recomendações já foram oferecidas no Capítulo 15, ao qual o leitor é referido. Algumas outras reflexões estão em ordem aqui. Primeiro, há correlação positiva óbvia entre a intencionalidade no treinamento missionário e a quantidade e a qualidade dos resultados da missão. A IEIM e a IM investiram mais em treinamento missionário ao longo dos anos e também patrocinam a maior parte da atividade missionária. Em segundo lugar, há considerável diversidade entre as missões, tanto no tipo quanto na fonte de treinamento utilizada. Uma missão investe pesadamente em treinamento formal (IEIM), enquanto outra utiliza principalmente treinamento informal (IEIMR). A tendência é usar a combinação de treinamento informal, não formal e formal de acordo com as necessidades e circunstâncias locais. Terceiro, há tendências qualitativas positivas evidentes para uma filosofia de educação mais desenvolvimentista e uma contextualização dos recursos brasileiros e/ou latino-americanos. Os obreiros precisam de formação em caráter, entendimento e habilidades. Obreiros brasileiros com uma cosmovisão e com valores brasileiros precisam de abordagem brasileira para a formação missional.

### **Compreensão e Reflexão Missional**

Para conclusões em referência à compreensão da missão, o leitor é direcionado às declarações resumidas e citadas anteriormente neste capítulo e à discussão mais completa no Capítulo 13. Como em tantos outros países e contextos onde os menonitas se encontram, os brasileiros abraçam diversidade de convicções, bem como falta de clareza em certas questões urgentes para os nossos dias. Seu rio teológico é a confluência das correntes do Anabatismo, do

Evangelicalismo conservador do Atlântico Norte e do Neoevangelicalismo latino-americano. Um princípio cardinal para encontrar orientação entre as múltiplas correntes teológicas que a igreja enfrenta hoje é descobrir as raízes de sua família e testá-las com os entendimentos atuais das Escrituras junto à comunidade cristã na qual a pessoa foi plantada. Isto leva a uma base de identidade sobre a qual se pode construir e enriquecer em diálogo com outros entendimentos. Para os menonitas, a teologia bíblica e anabatista de missão é tal fundamento desejável. Recomendações adicionais seguem abaixo.

No que diz respeito à reflexão sobre a missão, esta é a área mais fraca do envolvimento menonita no Brasil. A quantidade de reflexões missiológicas, sem dúvida, teve influência na qualidade da compreensão da missão e na prática consequente. Além disso, embora os missionários expatriados tenham feito contribuições úteis por meio de suas reflexões missiológicas, ainda resta grande espaço a ser preenchido pelos missiólogos menonitas brasileiros.

### ***Recomendações***

As descobertas e conclusões anteriores têm implicações para futuros ministérios da missão tanto no Brasil como fora. As recomendações seguem e são agrupadas de acordo com as quatro categorias missionais usadas ao longo do estudo, bem como as possibilidades de mais pesquisas.

#### **Evangelismo e Plantação de Igrejas**

Cada uma das cinco denominações tem desafios de crescimento da igreja. Da perspectiva deste pesquisador, a IM começou a abrir suas portas culturais para as igrejas filhas brasileiras. Com a transmissão de um DNA de multiplicação nestas igrejas mais jovens e uma visão de plantação de igrejas em andamento entre as igrejas mães, pode-se esperar mais que apenas duas ou três novas igrejas por década. A IEIM retornou a um impulso de plantação de igrejas em algumas regiões, mas não em todas. Com a experiência e os recursos dados à IEIM, não há motivo para que ela não possa se expandir do Sul para os estados e regiões que precisam do evangelho, incluindo o Nordeste. A IEM mantinha um ritmo bastante consistente de plantação de igrejas. No entanto, juntamente com a IEIM, luta para plantar igrejas saudáveis que sobrevivam e posteriormente se reproduzam. A IDCM faria bem em continuar buscando aculturação e contextualização, certamente, entre a liderança da missão. Finalmente, a IEIMR (agora fundida com a IEIM) fará bem em buscar equilíbrio entre proliferação e consolidação, liderança centralizada e regionalizada, e suas identidades menonita e pentecostal.

Além disso, considerando a herança de menonitas brasileiros e recursos atuais, oferece-se que chegou o tempo para maior envolvimento na missão global.

Evangélicos brasileiros agora enviam mais de 5000 missionários.<sup>185</sup> Há espaço e é preciso que os menonitas ocupem seu lugar neste esforço global. Algum envolvimento global começou, particularmente nas denominações mais estabelecidas (IM, IEIM e IEM). No entanto, há necessidade de se preparar para um número crescente de candidatos missionários que estão sentindo o chamado de Deus para servir em outras culturas e/ou países. Estruturas estáveis são necessárias para treinar, enviar e apoiar missionários menonitas transculturais do Brasil. A AEM e a COBIM criaram agências missionárias, no entanto parece que estas ainda estão em um *status* incipiente e poderiam receber maior investimento de recursos humanos e financeiros. Perguntamos se, como ocorreu com os esforços intermenonitas em treinamento pela Faculdade Fidelis, algum nível de colaboração poderia ocorrer entre as agências missionárias existentes e ainda emergentes?

### Missão Integral

À luz de algumas das avaliações feitas no Capítulo 16, seguem-se várias recomendações. Primeiro, agora ciente deste desafio, a AMB faria bem em buscar alcançar equilíbrio ideal entre a proliferação e a consolidação dos ministérios integrais em prol da eficácia e sustentabilidade a longo prazo. Segundo, a AMB e outros ministérios integrais precisam considerar um diálogo com missões menonitas de

plantação de igrejas, ou outras que sejam compatíveis com a teologia anabatista de missão, a fim de buscar a possibilidade de desenvolver grupos de igrejas em seus campos de ministério. Este agrupamento também forneceria apoio a obreiros de longo prazo e voluntários de curto prazo. Terceiro, o diálogo intermenonita é necessário sobre a missão integral em geral e sobre a natureza sistêmica da injustiça social em particular. Em quarto lugar, em face da crescente pobreza no Brasil, é necessário que todas as missões sejam ativas para aliviar o sofrimento por meio de ministérios integrais. Os corpos nacionais, incluindo a IEIM e a IDCM, fariam bem em assumir maior

### Eu envio vocês ...

“Deus nos levou a este país com uma tarefa há 50 anos. Vamos cumpri-la? Fora da Rússia, fomos salvos com nossas vidas e nada mais. Nossa existência foi destruída. Nós perdemos a nossa casa. Nosso Senhor disse: ‘Eu envio vocês!’ Sejamos mensageiros de Deus e portadores da tocha do evangelho no Brasil!”

(Peter Heinrichs, 1980)

---

<sup>185</sup> Esta declaração é baseada em estatísticas da COMIBAM. Veja “Brazil: An Emerging Force in Global Mission,” <http://www.gmi.org/services/missiographics/library/2014/brazil-emerging-force-global-mission/> (consultado em 21-4-2017).

envolvimento nesse nível. Ao mesmo tempo, os órgãos regionais e especialmente as igrejas urbanas locais têm portas abertas para estes ministérios, muitas vezes bem à sua porta. Finalmente, a crescente crise global de reassentamento de refugiados já está trazendo novas oportunidades de missão integral aos menonitas do Brasil. Espera-se que os menonitas lembrem-se de sua própria história de livramento e boas-vindas, e nesta geração abram seus corações, lares e igrejas à situação daqueles que sofrem de maneira semelhante aos refugiados russos há algumas gerações.

### **Treino Missional**

Tanto as preocupações como as recomendações correspondentes surgem em consideração de treinamento para a missão. Primeiro, houve pouco pensamento ou esforço sistêmico em tentar articular um projeto geral de treinamento missional que incluía a igreja local, os centros de treinamento e a agência missionária. Espera-se que, à medida que os menonitas ocupem maior lugar no movimento missionário evangélico no Brasil, um processo sistemático de projeto de treinamento missional seja iniciado.

A segunda preocupação concentra-se na necessidade de utilizar melhor as lições missionais que podem ser obtidas das ciências sociais. A inclusão cuidadosa e equilibrada de cursos baseados na ciência social prepararia melhor os obreiros. Isto é especialmente importante para os emergentes missionários transculturais.

A terceira preocupação é na área da contextualização. Embora haja movimento nesta direção, algumas lacunas gritantes permanecem. Há necessidade de treinar os obreiros que servirão no contexto das crescentes megacidades do Brasil. O contexto da guerra espiritual no Brasil não foi levado a sério o suficiente pelos treinadores menonitas, inclusive eu.<sup>186</sup> Dadas as oportunidades atuais de educação missiológica em nível de pós-graduação no Brasil, minha recomendação é que a maioria dos instrutores receba a preparação necessária no contexto brasileiro.

Quarto, maior atenção deve ser dada ao fortalecimento de uma educação teológica orientada pelos anabatistas entre os obreiros menonitas brasileiros. O elevado número de líderes educados em centros de formação não menonitas só pode enriquecer a compreensão anabatista da missão se esta estiver presente entre a maioria. Os materiais de construção não menonitas serão mais bem utilizados em cima de uma fundação anabatista.

Finalmente, relacionado ao primeiro ponto de ter um programa de treinamento missional intencional, recomendo maior cooperação e trabalho em rede no treinamento entre menonitas, e entre menonitas e outros. Os números

---

<sup>186</sup> Uma recente revisão de uma teologia da missão brasileira cita a consciência espiritual como convicção e contribuição entre os missionários brasileiros. Veja Edward L. Smither, *Brazilian Evangelical Missions in the Arab World: History, Culture, Practice, and Theology* (Eugene, EUA: Wipf & Stock, 2012), p. 236-237.

são simplesmente muito pequenos e os recursos são limitados demais para permitir o luxo de cada denominação administrar programas separados de treinamento missional. Mais importante, ainda, é a necessidade mundial de um testemunho cristão unido, e a necessidade da colheita do Reino por mais trabalhadores é grande demais para os menonitas continuarem a reforçar as distâncias internas devido às circunstâncias históricas. A Faculdade Fidelis intermenonita é uma iniciativa bem-vinda nesta direção e pode fornecer alguns dos recursos necessários nesta área.

### **Compreensão e Reflexão Missiológica**

Esta é uma área em que há espaço para crescimento. Certamente, cada missão será enriquecida e fortalecida à medida que busca intencionalmente bases bíblicas mais profundas, explora sua herança anabatista e entra em diálogo com menonitas e outros evangélicos. Este diálogo diminuirá ainda mais as distâncias culturais e desenvolverá as relações necessárias para a cooperação futura.

Em minha opinião, tanto das descobertas do questionário (veja Capítulo 13) quanto da observação participante, reforços teológicos e missiológicos são necessários em algumas áreas: 1) o papel do Espírito Santo nos diferentes aspectos da missão; 2) o sacerdócio de todos os crentes na interpretação e aplicação das Escrituras; 3) uma teologia bíblica da missão de Deus, a qual emerge do coração de Deus e é encontrada em toda a Escritura como narrativa abrangente; 4) uma visão integral da missão que evita a priorização e polarização entre o espiritual e o social; e 5) uma eclesiologia que evita a independência e abrange as famílias das igrejas que fazem alianças para a missão. Além disso, mais estudos são necessários sobre o destino dos não evangelizados e como isso se relaciona com a motivação da missão, sobre a metodologia da guerra espiritual e sobre o papel atual do dom apostólico.



## EPÍLOGO

*“De um só fez ele todos os povos, para que povoassem toda a terra, tendo determinado os tempos anteriormente estabelecidos e os lugares exatos em que deveriam habitar. Deus fez isso para que os homens o buscassem e talvez, tateando, pudessem encontrá-lo, embora não esteja longe de cada um de nós.”*

(Atos 17:26-27).

O grupo étnico-religioso que chegou ao Brasil como refugiados não existe mais. Muitas daquelas antigas qualidades definidoras não mais caracterizam esse povo. Eles não são mais principalmente um grupo étnico – como tenho mostrado, os menonitas no Brasil hoje são tão diversos quanto a maior população brasileira, os descendentes germano-russos e suíços chegando a 15% dos membros da igreja, no máximo. Uma porcentagem muito menor de igrejas ainda mantém cultos na língua alemã. Ao contrário dos prédios de igrejas-escolas, feitos de madeira nas aldeias rurais de Witmarsum (SC), hoje a maioria dos templos construídos em tijolos está localizada entre as massas urbanas brasileiras, de Aceguá na fronteira uruguaia, até Recife, na ponta mais ao Nordeste do país. Outras transformações ocorreram na classe social, na atividade econômica e no engajamento político. Não mais “os quietos da terra” – tanto os refugiados quanto seus amigos brasileiros foram transformados em embaixadores.

De fato, mesmo aqueles de origem germânica, desejam ser conhecidos e lembrados não como refugiados imigrantes, mas como embaixadores missionais. O veterano ancião Alfred Pauls reflete esse sentimento:

Entendemos como nosso legado maior, recebido dos pais e transmitido aos filhos, a missão evangelizadora, dedicada ao povo brasileiro, seja ao vizinho de casa, ou ao índio nas florestas, seja às mais altas autoridades constituídas no país. Todos precisam de Jesus. A todos queremos levar o amor de Deus e a salvação em Jesus Cristo.<sup>187</sup>

Minha esperança e oração é que as informações e reflexões contidas neste estudo sejam motivo de celebração. A missão recebida do Senhor de toda a terra está viva entre os menonitas no Brasil. Seu testemunho de Cristo como Salvador, Libertador e Amigo é transmitido em palavras e ações diariamente. Aquela tocha flamejante da luz do evangelho foi passada de uma geração para

---

<sup>187</sup> “Menonita, Conte Sua História,” em *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*, organizado por Udo Siemens (Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010), p. 52.

outra, e do Brasil agora é levada a um número crescente de outras nações e povos.

Que estas linhas também levem a uma pausa para considerar: qual é a tarefa restante? O veterano missionário e pastor Geraldo Ott, na comemoração dos 70 anos da chegada dos menonitas, interpretou as intenções de Deus em deslocar menonitas para o Brasil: 1) trazer alívio econômico e desenvolvimento; 2) honrar a Deus por todas as suas bênçãos; 3) realizar muitas obras de serviço social; 4) ser um povo exemplar de Deus; e 5) proclamar a glória de Jesus Cristo. Pelo menos três desses propósitos são explicitamente missionais. Não se poderia concluir que essas intenções foram cumpridas? Apenas parcialmente. Muito resta. Ott continua,

Somos um grupo relativamente pequeno perante a população do Brasil. Os evangélicos do Brasil são talvez um quarto da população, que também é pequena. Em todo o mundo, apenas um terço da população é cristã. Há, portanto, muito a ser feito. Deus nos chama para nos ocuparmos com a grande tarefa que está diante de nós. Ainda há muito a fazer.<sup>188</sup>

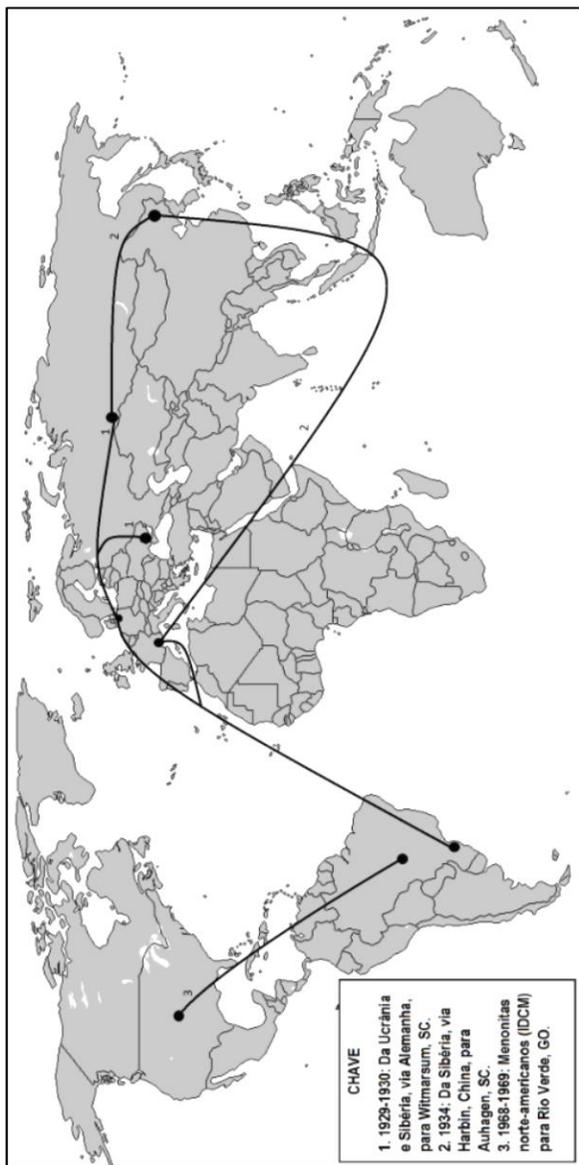
---

<sup>188</sup> “Mensagem referente aos 70 anos,” em *Irmãos em Ação*, dezembro, 2000, p. 3.

## **APÊNDICES**

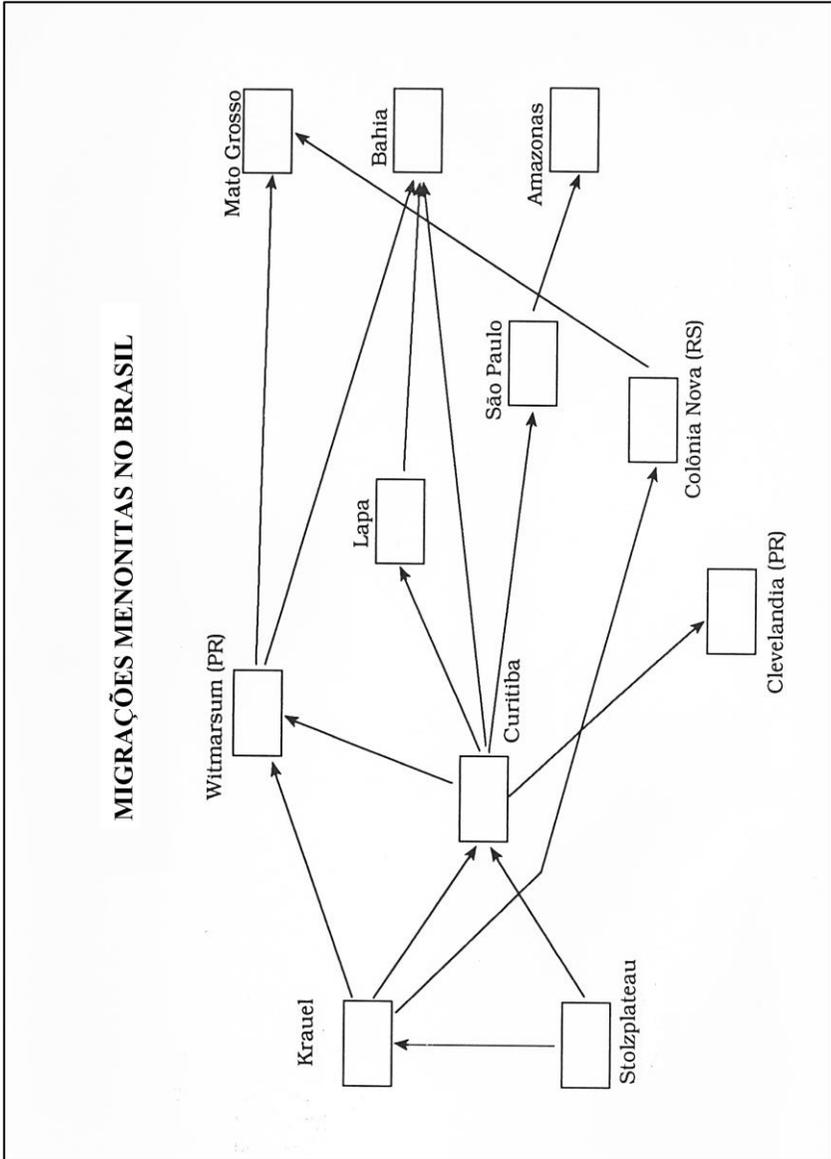
## APÊNDICE A

## MAPAS



Mapa 1

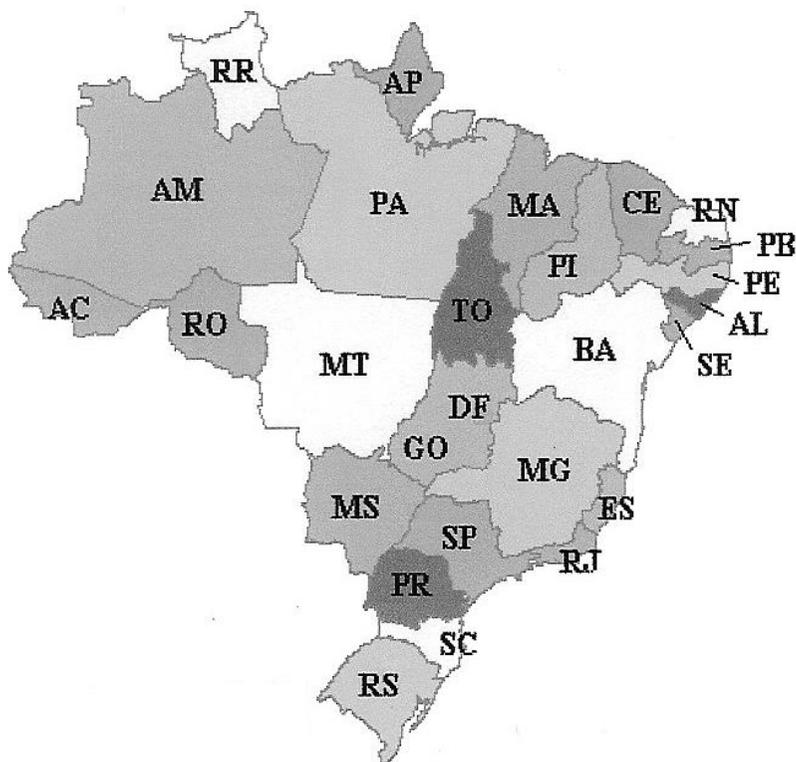
**MIGRAÇÕES para o BRASIL: 1929-1930, 1934, 1968-1969**



**Mapa 2**

**MIGRAÇÕES MENONITAS NO BRASIL**

(Fonte: Pauls Jr., *Mennoniten*, 135)



AC	Acre	PB	Paraíba
AL	Alagoas	PE	Pernambuco
AP	Amapá	PI	Piauí
AM	Amazonas	PR	Paraná
BA	Bahia	RJ	Rio de Janeiro
CE	Ceará	RN	Rio Grande do Norte
DF	Distrito Federal	RO	Rondônia
ES	Espírito Santo	RR	Roraima
GO	Goiás	RS	Rio Grande do Sul
MA	Maranhão	SC	Santa Catarina
MG	Minas Gerais	SE	Sergipe
MS	Mato Grosso do Sul	SP	São Paulo
MT	Mato Grosso	TO	Tocantins
PA	Pará		

Mapa 3

## OS ESTADOS DO BRASIL

**APÊNDICE B****ENTENDIMENTOS MISSIONAIS:  
METODOLOGIA E QUESTIONÁRIO****Metodologia**

A ferramenta de pesquisa escolhida foi um questionário autoadministrado, enviado e devolvido por correio. Os fatores óbvios de localização, tempo e custo tornaram essa a única opção realista disponível. O questionário foi desenvolvido em consulta com os teólogos Hans Kasdorf e Wilbert Shenk, com o cientista social Viggo Sogaard e com seis obreiros menonitas brasileiros que residiam na Califórnia. Estes últimos pré-testaram o instrumento tanto para a clareza das perguntas feitas quanto para a fluência da tradução para o português. O anonimato foi mantido fazendo com que os entrevistados enviassem o questionário preenchido para um terceiro no Brasil, Harry Janzen, que por sua vez retirou os questionários de seus envelopes e os encaminhou para mim.

De um total de 87 perguntas, apenas três eram abertas. Todas as outras eram de múltipla escolha. Esta opção foi escolhida tanto para facilitar as respostas para obreiros ocupados, como para facilitar a tabulação e interpretação pelo pesquisador ocupado.

A seleção dos entrevistados foi baseada nos seguintes fatores. Primeiro, os obreiros (missionários, pastores, educadores etc.) e seus cônjuges foram escolhidos, em vez da população menonita em geral, pois representaram teóricos e praticantes, eram mais propensos a entender certos conceitos e linguagem mais complexos, eram os únicos representantes das missões paraeclesiásticas e foram prontamente acessíveis pelo correio, dadas as restrições de tempo. Em segundo lugar, sete missões foram convidadas a participar e cooperar. Com exceção da Igreja de Deus em Cristo - Menonita, todos participaram. Terceiro, uma vez que as seis missões variaram em tamanho desde 110 (IEIM) a quatro (NTMS), decidiu-se questionar todos os trabalhadores, em vez de escolher uma amostra estratificada.

O tamanho da amostra, portanto, foi de 264 respondentes em potencial. O mesmo número de questionários foi enviado. Desses, 142 foram devolvidos. Esse foi um retorno de 54%. Dada a natureza internacional desse projeto de pesquisa, concluí que esse retorno era realmente mais do que adequado para análise e relatórios.

Após listagens de resposta total das diferentes variáveis, foi feito uso significativo de comparação das respostas de acordo com variáveis demográficas básicas, como gênero, idade, nacionalidade, etnia, educação, renda e afiliação de igreja/missão.

## O Questionário

Caro colega no ministério:

Saudações em nome do nosso Senhor Jesus Cristo! Permita apresentar-me. Meu nome é Victor Wiens. Desde 1982, junto com minha esposa Martha, tenho vivido e trabalhado em São Paulo como missionário com a Missão Irmãos Menonitas. Eu estou atualmente fazendo doutorado no Seminário Teológico Fuller nos EUA. Estamos ansiosos para voltar ao Brasil em junho para servir nos ministérios de treinamento de obreiros e assessoramento pastoral.

Por pelo menos 50 anos, os menonitas têm sido ativos em missões no Brasil. Estamos entrando agora em uma nova e emocionante fase de missão na qual os menonitas do Brasil estão começando a ir como missionários para outros países e culturas. Ao trabalharmos juntos, nós que estamos na liderança da missão concordamos que isto exigirá muita oração, planejamento e preparação - em resumo, isto exigirá mais reflexão no meio de nossa ação. O questionário a seguir busca estimular esta reflexão e o diálogo, para que os missionários menonitas no Brasil e do Brasil sejam mais eficazes em seus ministérios.

Um exemplo de sua utilidade potencial seria para um missionário em preparação para a plantação de igreja em uma cultura estrangeira ou mesmo dentro do Brasil. Ele ou ela pergunta: “Como os menonitas entendem a Igreja e a plantação de igrejas nas Escrituras?” Outro exemplo seria definir o que é único sobre as missões menonitas e qual é a nossa contribuição para o movimento missionário maior no Reino de Deus.

Para chegar a essa compreensão das missões menonitas, preciso da sua ajuda. A autorização para distribuir este questionário foi recebida da liderança de sua denominação ou missão - Harry Janzen, Hans Gerhard Peters, Alfred Pauls, Peter Pauls Jr., Tim Eisenbeis e Albert Friesen. Sua disposição para fazer parte deste importante estudo ajudará em meu projeto, mas, ainda mais, fará parte da contribuição menonita ao movimento missionário brasileiro. Eu também acredito que isso irá ajudá-lo pessoalmente ao refletir sobre sua própria compreensão da missão de Deus.

Se você tiver dúvidas sobre o preenchimento de um questionário, pode ficar tranquilo. Este não é um teste de conhecimento. O que se procura é meramente suas opiniões e crenças sobre assuntos diferentes, selecionando opções já preparadas. O questionário levará entre 30 a 45 minutos para preencher. O questionário anônimo será recebido por um terceiro confiável, que irá removê-lo do envelope e enviá-lo para mim juntamente com todos os outros recebidos. Os resultados irão identificar as características do grupo, mas nunca indivíduos ou igrejas locais. Estas descobertas serão tabuladas por mim e incluídas em um manuscrito a ser submetido ao Dr. Wilbert Shenk, um missiólogo menonita e meu mentor de estudo. Qualquer pessoa interessada, inclusive você, pode ter acesso às descobertas assim que elas forem devidamente processadas.

Que Deus lhe conceda frutos e alegria ao servi-Lo em seus ministérios.

Victor Wiens

## QUESTIONÁRIO SOBRE ENTENDIMENTO MISSIONÁRIO MENONITA NO BRASIL

### INSTRUÇÕES (Favor ler com cuidado antes de começar)

1. **Como responder?** A maioria das perguntas requer um simples "x". Em alguns casos uma resposta de uma ou duas palavras é permitida.
2. **Quantas respostas por pergunta?** Muitas perguntas requerem uma só resposta. As perguntas que permitem mais respostas são indicadas com "**(mais de uma resposta possível)**".
3. **Favor responder todas as perguntas.** Se não tem certeza apenas marque a opção "**Incerto**" em vez de deixar a pergunta sem resposta.
4. **Procure responder as perguntas como estão escritas.** Favor não modificar a pergunta ou a resposta - antes marque "**incerto**". Se deseja acrescentar comentários, há espaço no fim do questionário.
5. **Favor ser franco e honesto em suas respostas.** Somente assim é que este estudo vai ter utilidade. Lembre-se de que suas respostas são anônimas. Favor não escrever seu nome. Desejo-lhe sucesso.

1. Os pastores nas igrejas locais deveriam ser:

- 1) Os mais responsáveis para realizar o trabalho missionário.
- 2) Responsáveis somente por equipar os membros para o trabalho missionário.
- 3) Responsáveis tanto por realizar trabalhos missionários como treinar outros no processo.
- 4) Incerto

2. O dom de apóstolo:

- 1) Ainda está sendo dado hoje e deveria ser afirmado pela igreja.
- 2) Cessou com a morte dos doze apóstolos de Cristo.
- 3) Cessou após o fechamento das Escrituras do Novo Testamento.
- 4) Incerto.

3. Missionários incluem: (mais de uma resposta possível)

- 1) Todos os cristãos.
- 2) Aqueles especialmente dotados e vocacionados por Deus, e enviados pela igreja.
- 3) Qualquer um que se voluntaria por um período de serviço cristão.
- 4) Somente aqueles chamados a servir em uma outra cultura ou país.
- 5) Incerto.

## 4. Para ser um missionário: (mais de uma resposta possível)

- 1) Cada cristão deve testemunhar de Cristo onde quer que esteja localizado.
- 2) Precisa voluntariar-se, levantar o sustento, e sair segundo a direção de Deus.
- 3) Precisa ser vocacionado por Deus, preparado e testado para o serviço, e enviado por sua igreja local.
- 4) Precisa ser vocacionado por Deus, preparado, e apoiado por uma agência missionária, com ou sem o envio da sua igreja local.
- 5) Incerto.

## 5. Quanto ao recrutamento e treinamento de missionários:

- 1) Já que todos são missionários, não há necessidade de recrutar, só de treinar na igreja local.
- 2) Todo cristão deveria orar, encorajar, e ajudar a treinar aqueles dotados por Deus para serem missionários.
- 3) Somente a liderança de igrejas, agências, e denominações tem autoridade e capacidade para recrutar e treinar missionários.
- 4) Incerto.

## 6. Quem deveria se envolver na interpretação das Escrituras para a igreja e a sua missão? (mais de uma resposta possível)

- 1) Aqueles pastores, professores, e missionários que fizeram seminário.
- 2) Aqueles que parecem ser os mais comprometidos na igreja local.
- 3) Cristãos comuns tanto com vitórias como com lutas em suas vidas diariamente.
- 4) Incerto.

## 7. A base bíblica para a missão mundial pode ser encontrada:

(mais de uma resposta possível)

- 1) Na Grande Comissão (Mat. 28, Mc. 16, etc.)
- 2) Em textos obviamente missionários, tanto no AT como no NT (Gên. 12, Jonas, At. 1:8, etc.)
- 3) Nos frequentes temas missionários presentes por todas as Escrituras (a criação, o amor universal de Deus, a eleição para o serviço, o envio de servos, a vinda de Cristo, etc.)
- 4) Incerto

## 8. Os Atos dos Apóstolos, o grande livro missionário:

- 1) É apenas uma descrição da expansão primitiva do Evangelho.
- 2) É autoritativa para a missão hoje apresentando princípios, métodos, sequências, etc.
- 3) Às vezes só descreve e às vezes é autoritativa - cabe a nós discernir a diferença.
- 4) Incerto.

9. Qual das afirmações seguintes é a mais correta?

- 1) No AT, Deus estava mais interessado em Israel do que as outras nações.
- 2) À medida que a revelação de Deus progredia, mostrava-se mais interesse pelas nações (ex. Jonas).
- 3) Deus sempre queria a salvação das nações por toda a Escritura.
- 4) Incerto.

10. Sobre a vontade de Deus e Sua soberania missionária:

- 1) Deus elege alguns para a salvação e outros para a condenação.
- 2) Deus quer que todos sejam salvos, mas nem todos aceitam o presente de salvação.
- 3) Deus irá eventualmente salvar todos - ninguém será condenado.
- 4) Incerto.

11. À medida em que apresentamos Cristo a não-cristãos devemos:

- 1) enfatizar **somente** a sua humanidade, isto é, sua vida modelo de boas ações, seus ensinamentos, seu sofrimento por outros, etc.
- 2) enfatizar **mais** a sua humanidade, isto é, sua compreensão das nossas fraquezas, tentações, sofrimentos, pobreza, injustiças, e como Ele lidava com estes fardos.
- 3) enfatizar **mais** a sua divindade, isto é, sua habilidade de perdoar pecados, reconciliar com Deus, livrar do mal, realizar milagres, interceder por nós, etc.
- 4) enfatizar **ambos** sua humanidade e sua divindade de acordo com as necessidades dos ouvintes.
- 5) Incerto.

12. Com qual afirmação você está mais de acordo?

- 1) Todas as religiões eventualmente levam alguém a Deus.
- 2) Jesus Cristo é o único caminho a Deus.
- 3) Jesus Cristo está presente em outras religiões fazendo que seus seguidores sejam cristãos anônimos (isto é, são cristãos sem saber que são).
- 4) Incerto.

13. Qual qualidade de Jesus você mais aprecia? (mais de uma resposta possível)

- 1) Jesus como Salvador do pecado e da culpa.
- 2) Jesus como Amigo ao solitário e desorientado.
- 3) Jesus como Libertador de tentação e opressão demoníaca.
- 4) Jesus como Libertador de injustiça e opressão social.
- 5) Incerto.

14. Quando um missionário chega a um povo não alcançado:

- 1) O Espírito chega junto com o missionário.
- 2) O Espírito já tinha chegado para preparar o caminho e os corações.
- 3) O Espírito realmente chega quando as pessoas começam a converter-se.
- 4) Incerto.

15. Qual dos seguintes descreve o papel do Espírito Santo em missões? (mais de uma resposta possível)

- 1) Ele chama, prepara, e envia obreiros por meio da igreja.
- 2) Ele move cristãos a orar, apoiar e enviar.
- 3) Ele prepara os corações de não cristãos a receber o amor salvador de Deus.
- 4) Ele ajunta novos crentes em uma igreja para adoração, crescimento, e serviço.
- 5) Incerto.

16. Qual aspecto do ministério do Espírito devemos enfatizar em nosso ensino?

- 1) Os dons do Espírito como os meios de testemunhar e edificar uma igreja missionária.
- 2) Os frutos do Espírito como uma atração à presença transformadora de Deus.
- 3) Ambos são importantes e essenciais.
- 4) Incerto.

17. Quais dos seguintes espíritos existem? (mais de uma resposta possível)

- 1) Espíritos bons que são os anjos de Deus.
- 2) Espíritos bons de deuses, da natureza e de seres humanos que partiram.
- 3) Espíritos maus, eram anjos de Deus, agora caídos para sempre.
- 4) Espíritos maus de deuses, da natureza e de seres humanos partidos.
- 5) Incerto.

18. Como devemos conduzir a guerra espiritual em nosso trabalho missionário? (mais de uma resposta possível)

- 1) Orar e jejuar para mover a mão de Deus e ser mudado por Ele.
- 2) Proclamar com coragem a Palavra de Deus para chamar pecadores e quebrar fortalezas.
- 3) Amarrar demônios e espíritos territoriais para quebrar resistência ao Evangelho.
- 4) Mapear áreas de escuridão espiritual e social para lá concentrar esforços especiais.
- 5) Incerto

19. Como descreveria Satanás?

- 1) Um anjo caído do céu; é pessoal, poderoso, e ativo; mas certamente condenado.
- 2) Uma metáfora para os males sociais, econômicas e políticas deste mundo.
- 3) Uma força maligna, impessoal porém real, que diminui por meio de humanização.
- 4) Incerto.

20. Em termos de seu estado moral, os seres humanos são:
- 1) Essencialmente caídos e necessitam ser salvos e transformados por Deus.
  - 2) Essencialmente bons, mas precisam de mais justiça e oportunidades para se realizar.
  - 3) Ambos caídos e bons - realmente depende do indivíduo.
  - 4) Incerto.
21. Nossa maior separação de Deus é devido a: (mais de uma resposta possível)
- 1) Nossa pecaminosidade e culpa individual.
  - 2) Espíritos demoníacos e o medo e os vícios que causam.
  - 3) Injustiças sociais e as consequentes opressões.
  - 4) Incerto.
22. A salvação nesta vida é: (mais de uma resposta possível)
- 1) O perdão de pecados e crescente vitória sobre tentação.
  - 2) O livramento de espíritos demoníacos e seus ataques.
  - 3) A libertação de opressão social, econômica e política.
  - 4) Incerto.
23. O Evangelho da Paz refere-se: (mais de uma resposta possível)
- 1) À paz que o cristão tem com Deus por meio de Cristo.
  - 2) À tranquilidade interior que o Espírito Santo traz ao cristão em todas as situações.
  - 3) Aos relacionamentos sadios entre indivíduos ou grupos anteriormente divididos quando Cristo se torna comum aos dois lados.
  - 4) Incerto.
24. O que você crê sobre a vida após a morte? (mais de uma resposta possível)
- 1) Os verdadeiros crentes gozarão a eternidade no céu com Deus, os santos e os anjos.
  - 2) Aguardamos um novo céu e nova terra - gozaremos a eternidade em uma nova terra.
  - 3) Após 1000 anos na terra, os crentes gozarão a eternidade no céu.
  - 4) O prometido paraíso se refere a uma qualidade de vida mais humana agora.
  - 5) Incerto.
25. Qual é o destino do não-cristão após a morte? (mais de uma resposta possível)
- 1) Não creio em um inferno literal.
  - 2) Não cristãos vão experimentar o julgamento de aniquilação (cessar de existir).
  - 3) O não cristão será condenado a um tormento eterno em um inferno real.
  - 4) Após a morte, não cristãos talvez recebam mais uma chance de se reconciliar com Deus.
  - 5) Incerto.

26. Aqueles que nunca ouviram o Evangelho de Cristo:

- 1) Estão sem esperança, igual àqueles que conscientemente rejeitam a Cristo.
- 2) Será dada a eles uma chance de ouvir e crer antes do juízo final.
- 3) Podem ser salvos de acordo com suas obras baseado no conhecimento que tinham do bem e do mal.
- 4) Incerto.

27. O que você crê sobre a reencarnação?

- 1) Não há uma base bíblica para isso - é uma falsa esperança!
- 2) Pode haver alguma semelhança entre a reencarnação e a ressurreição cristã.
- 3) Devemos estar abertos para aprender das religiões mundiais sobre este assunto.
- 4) Incerto.

28. Uma verdadeira conversão manifestar-se-á em: (mais de uma resposta possível)

- 1) Um crescimento contínuo de amar e seguir a Cristo.
- 2) Um desejo imediato de ser batizado.
- 3) Uma decisão cheia de convicção e às vezes de grande emoção.
- 4) Incerto.

29. Conversão a Cristo: (mais de uma resposta possível)

- 1) É uma única experiência que pode ser lembrada facilmente.
- 2) Pode acontecer durante várias experiências que trazem mais clareza e convicção.
- 3) Pode acontecer gradativamente em um processo sem o convertido poder lembrar uma ou mais experiências particulares.
- 4) Incerto.

30. O batismo nas águas deveria acontecer: (mais de uma resposta possível)

- 1) O quanto antes após o candidato ter certeza de salvação.
- 2) Após um período de observar o candidato e ensiná-lo sobre a vida cristã e membresia na igreja.
- 3) Antes da adolescência para jovens crentes que foram criados em famílias cristãs.
- 4) Durante a adolescência para jovens crentes que foram criados em famílias cristãs.
- 5) Incerto.

31. Qual é a relação entre a Igreja de Cristo e o Reino de Deus?

- 1) A Igreja é igual ao Reino.
- 2) A Igreja é a comunidade humana do Reino.
- 3) A Igreja é presente, o Reino é futuro.
- 4) Incerto.

32. O Reino de Deus descrito no NT:

- 1) Será no futuro quando Deus reina completamente no céu.
- 2) Chegou parcialmente na primeira vinda de Cristo, e será completado com a segunda vinda.
- 3) É o governo de Deus sobre a nação de Israel.
- 4) Incerto.

33. Alguém entra no Reino de Deus: (mais de uma resposta possível)

- 1) No presente por meio de arrependimento e fé em Cristo.
- 2) No futuro, ou quando morre ou quando Cristo volta.
- 3) Durante a Tribulação quando Deus restaura a nação santa de Israel.
- 4) Incerto.

34. A Igreja de Cristo:

- 1) É o povo de Deus.
- 2) É a organização religiosa e legal, criada para facilitar o culto, o ensino e os ministérios.
- 3) Inclui povos, organizações, e prédios.
- 4) Incerto.

**\*\* Parabéns! Você chegou na metade. Se quiser descansar um pouco, agora será um bom momento.**

35. Hoje a Igreja deve considerar que a maior prioridade é:

- 1) Restaurar a adoração de Deus em espírito e em verdade.
- 2) Entender e guardar as doutrinas bíblicas nesta época de relativismo.
- 3) Buscar comunhão e unidade com outros cristãos de todos os tipos.
- 4) Alcançar indivíduos e grupos não cristãos por meio de diferentes trabalhos missionários.
- 5) Encontrar o que temos em comum com outras religiões.
- 6) Incerto.

36. Igrejas locais relacionam-se entre si:

- 1) Como autônomas e independentes em seus assuntos.
- 2) Sob a autoridade de um corpo nacional de liderança, doutrina, e ministério.
- 3) Em um acordo voluntário de mútua submissão, doutrina, comunhão e ministério.
- 4) Incerto.

37. Quando Jesus nos chamou a buscar primeiro o Reino de Deus e a Sua justiça:

- 1) Ele se referia à correção das injustiças na sociedade.
- 2) Ele se referia ao crescimento em santidade pessoal.
- 3) Ele se referia a ambos acima.
- 4) Incerto.

38. A Igreja de Jesus Cristo:

- 1) É o único instrumento missionário humano para a salvação de outros.
- 2) É um de muitos instrumentos humanos de Deus para levar salvação às nações.
- 3) Incerto.

39. Quanto a sua própria edificação uma igreja local deveria:

- 1) Primeiro alcançar certa maturidade e então buscar os perdidos e necessitados.
- 2) Dar atenção simultânea ao cuidado próprio e à missão.
- 3) Concentrar a maioria dos esforços em evangelismo, tanto perto como distante.
- 4) Incerto.

40. Quanto à responsabilidade para a missão mundial:

- 1) As igrejas mais maduras e mais ricas das nações desenvolvidas têm mais a oferecer, portanto têm mais responsabilidade que outras igrejas.
- 2) Chegou o tempo em que todas as igrejas em todos os continentes devem se unir em torno de missões usando todos os recursos dados por Deus.
- 3) As igrejas das nações em desenvolvimento têm mais recursos espirituais do que outras igrejas, portanto mais responsabilidade para a missão mundial.
- 4) Incerto.

41. A origem da missão da Igreja:

- 1) Fica na Grande Comissão dada por Jesus aos seus discípulos.
- 2) Fica na vinda do Espírito Santo missionário no dia de Pentecoste.
- 3) Fica no próprio coração de Deus Triúno, que por natureza é missionário.,
- 4) Incerto.

42. O propósito principal da missão é:

- 1) A salvação da humanidade para o louvor da glória de Deus.
- 2) A salvação da humanidade para evitar a eterna separação de Deus.
- 3) A salvação da humanidade para envergonhar a Satanás e mostrar sua derrota.
- 4) Incerto.

43. O objetivo imediato da missão é: (mais de uma resposta possível)

- 1) A conversão de almas perdidas.
- 2) Suprir todo tipo de necessidade humana para mostrar o amor de Cristo e aliviar sofrimento.
- 3) A implantação de igrejas multiplicadoras entre os não evangelizados.
- 4) Incerto.

44. Somos motivados a participar em missão mundial por quê?  
(mais de uma resposta possível)
- 1) Temos compaixão pelos perdidos e necessitados.
  - 2) O amor de Cristo que nos constrange.
  - 3) Queremos obedecer à Grande Comissão.
  - 4) A pregação do Evangelho apressa a segunda vinda de Cristo.
  - 5) Incerto.
45. O termo "missão" é sinônimo de:
- 1) Somente evangelismo.
  - 2) Evangelismo e assistência social, com evangelismo tendo prioridade.
  - 3) Evangelismo e assistência social, com ambos essenciais e iguais.
  - 4) Somente assistência social e humanização.
  - 5) Incerto.
46. Qual das seguintes afirmações é a mais correta sobre o valor das culturas:
- 1) Todas as culturas têm valor igual aos olhos de Deus.
  - 2) As culturas ocidentais que primeiro receberam cristianismo têm maior valor.
  - 3) As culturas industrializadas são melhores do que as culturas em países em desenvolvimento.
  - 4) Incerto.
47. A respeito da comunicação do Evangelho em culturas diferentes:
- 1) O conteúdo da nossa mensagem é importante, mas a sua forma não importa tanto, já que é a Palavra e o Espírito que conduzem alguém a Cristo.
  - 2) Os mesmos métodos de comunicação podem ser usados por todo o mundo.
  - 3) Missionários devem reter a essência do Evangelho, mas mudar a sua forma de comunicar conforme as necessidades culturais.
  - 4) Incerto.
48. Uma passagem missionária chave em Atos 1:8 revela:
- 1) Um mandamento por todos os tempos de testemunhar primeiro em sua própria cultura, e eventualmente em culturas mais distantes.
  - 2) Uma profecia para a igreja primitiva mostrando como o Evangelho iria expandir.
  - 3) Um padrão por todos os tempos mostrando onde a igreja simultaneamente leva o Evangelho
  - 4) Um padrão por todos os tempos mostrando a sequência correta da expansão do Evangelho.
  - 5) Incerto.

49. Sobre a relação de Cristo à cultura: (mais de uma resposta possível)

- 1) Cristo é contra culturas.
- 2) Cristo está dentro de culturas.
- 3) Cristo está acima de culturas.
- 4) Cristo transforma culturas.
- 5) Incerto.

50. Quando novas igrejas são implantadas elas deveriam:

- 1) Ajustar pessoas de classe, raça, e língua semelhante porque pessoas preferem estar com outros do mesmo tipo.
- 2) Abrir os braços a todas as classes, raças e línguas já que Cristo destruiu estas barreiras humanas.
- 3) Escolher entre as opções acima, ou ambos, dependendo da situação.
- 4) Incerto.

<b>Quão influentes foram os seguintes em sua compreensão da missão?</b>		<b>Muito</b>	<b>Algum</b>	<b>Nenhum</b>	<b>Incerto</b>
51. Os textos da Grande Comissão					
52. Textos explícitos sobre missão tanto no AT como no NT					
53. Temas da missão (implícitos / explícitos) pela Bíblia					
54. Teologia e história anabatista do século XVI					
55. Menonitas do século XX					
56. Evangélicos norte-americanos (ex. batista, presbiteriano)					
57. Evangélicos brasileiros / latino-americanos					
58. Católicos brasileiros / latinos (Teologia da Libertação)					
59. Cultura brasileira					
60. Cultura alemã					
61. Cultura norte-americana					
62. Crescendo e vivendo na classe trabalhadora					
63. Passando da classe trabalhadora à classe média ou v.v.					
64. Crescendo e vivendo na classe média					
65. Tendo raízes familiares no comunismo					
66. Viver sob o governo de Vargas ou ditaduras militares					
67. Vivendo em uma democracia					
68. Educação primária					
69. Educação secundária					
70. Educação teológica					
71. Educação universitária					
72. Outras influências					

73. Se tem algum curso de educação teológica, favor indicar a afiliação denominacional da escola ou centro:

- 1) Menonita
- 2) Irmãos Menonitas
- 3) outra denominação (especificar: \_\_\_\_\_)
- 4) interdenominacional (especificar: \_\_\_\_\_)

74. Quais os hinários ou fontes de música mais usados na sua igreja local?

\_\_\_\_\_

75. Tente indicar 2 ou 3 músicas que canta sobre missões ou nosso relacionamento com não cristãos:

Título:

Hinário ou fonte:

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

\_\_\_\_\_

76. O entendimento menonita de missão é um tanto diferente daquele de outros evangélicos?

- 1) \_\_\_\_\_sim      2) \_\_\_\_\_não      3) \_\_\_\_\_incerto

**Se respondeu “não” ou “incerto” em 76, não responda a 77 e 78 - prossiga a 79.**

77. Se "sim" em 76, você acha que o nosso entendimento de missão é conhecido fora dos círculos menonitas?

- 1) Muito pouco  
 2) Sim, um pouco  
 3) Sim, muito  
 4) Outro (especificar: \_\_\_\_\_ )

78. Se marcou "sim" em 77, como chegou a ser divulgado o nosso entendimento? (mais de uma resposta possível)

- 1) Por meio de demonstração prática em nossos trabalhos missionários.  
 2) Por meio da influência dos nossos institutos bíblicos e seminários.  
 3) Por meio de publicações ( livros, artigos etc.).  
 4) Por meio de convites aos menonitas de palestrar em outros contextos.  
 5) Por meio da presença de obreiros menonitas em outras missões.  
 6) Outro (especificar: \_\_\_\_\_ )

79. Como os menonitas deveriam relacionar-se com outros cristãos sobre os nossos entendimentos e práticas missionários.

- 1) Devemos ter mais diálogo por causa dos benefícios mútuos que resultam.  
 2) Devemos exercer mais cautela para não enfraquecer nossas doutrinas distintas.  
 3) Depende de que grupo; isto é, sim aos evangélicos, não aos liberais ou católicos.  
 4) Incerto.

**Finalmente, alguma informação sobre você. Isto vai me ajudar a compreender melhor suas respostas.**

80. 1) \_\_\_\_ masculino 2) \_\_\_\_ feminino
81. Sua categoria de idade?  
1) \_\_\_\_ 18-29 2) \_\_\_\_ 30-49 3) \_\_\_\_ 50-65 4) \_\_\_\_ acima de 65
82. Sua nacionalidade?  
1) \_\_\_\_ Brasileiro 2) \_\_\_\_ Norteamericano/Canadense  
3) \_\_\_\_ Alemão 4) \_\_\_\_ outro
83. Onde nasceram seus avós? (mais de uma resposta possível)  
1) \_\_\_\_ Brasil, 2) \_\_\_\_ Rússia, 3) \_\_\_\_ EUA/Canadá,  
4) \_\_\_\_ Alemanha, 5) \_\_\_\_ outro
84. Seu nível educacional?  
1) \_\_\_\_ primário 2) \_\_\_\_ secundário 3) \_\_\_\_ superior  
4) \_\_\_\_ mestrado 5) \_\_\_\_ doutorado
85. Qual é sua renda familiar bruta em salários mínimos? (opcional)  
1) \_\_\_\_ 1-5 2) \_\_\_\_ 6-10 3) \_\_\_\_ 11-20 4) \_\_\_\_ mais de 20
86. Em qual igreja ou missão está ativo? (mais de uma resposta possível)  
1) \_\_\_\_ Associação Menonita Beneficente  
2) \_\_\_\_ Comitê Central Menonita  
3) \_\_\_\_ Igreja Evangélica Irmãos Menonitas  
4) \_\_\_\_ Igreja Evangélica Menonita  
5) \_\_\_\_ Igreja Menonita  
6) \_\_\_\_ Núcleo Terapêutico Menno Simons
87. Gostaria de acrescentar alguma observação?
- 
- 

**Favor devolver o questionário a Harry Janzen no mais tardar até dia 15 de abril.**

**Enviar para:**

Harry Janzen - "Questionário";  
Av. Comendador Franco, 7770;  
CEP 81560-000, Curitiba, PR.

**Muito obrigado por sua boa vontade e esforço!**

## APÊNDICE C

## DESTAQUES DAS MISSÕES MENONITAS NO BRASIL

- 1930: 1.200 refugiados menonitas chegam a SC da URSS via Alemanha.
- 1935: Um hospital é aberto para imigrantes em Witmarsum (SC), que também serviu a outros.
- 1946: MB Mission envia os Unruhs para abrir um orfanato em Curitiba.
- 1947: CCM envia Kaufmans e Seibels para assistência em São Paulo e Curitiba.
- 1949: Uma grande migração de colonos da IEIM muda-se para Bagé (RS) e abre um novo campo missionário.
- 1954: As IM organizam a AIMB incluindo a missão como um propósito. A MMN envia Sawatskys e Burkholders para abrir o trabalho missionário no Brasil. Obreiros do orfanato Lar das Crianças (IEIM) iniciam a plantação de igrejas entre brasileiros.
- 1956: Uma Escola Bíblica itinerante começa em Bagé para a Conferência Sul-Americana (IEIM). Missionários da AVIM chegam para abrir um novo campo em Araguacema.
- 1957: As primeiras igrejas da IEM começam em SP pelos missionários da MMN.
- 1958: MMN assume o campo de missão da AVIM em Araguacema. Missionários da MB Mission iniciam missões no Sudoeste do PR.
- 1960: As IEIM germânicas organizam a AIIMB incluindo a missão como um propósito.
- 1961: A AIIMB abre campo de missão em SC no antigo assentamento de Witmarsum. A IEIM e a MB Mission abrem institutos bíblicos em alemão (ITE) e português (IBP).
- 1963: Missionários da MMN e as igrejas da AIMB e da IEM formam a AEM.
- 1964: MCC inicia desenvolvimento comunitário no Norte do Brasil (Maranhão).
- 1965: As igrejas de língua portuguesa da AIMB juntam-se à IEM.
- 1966: As igrejas de língua portuguesa e os missionários da MB Mission formam a CBIIM.
- 1968: Imigrantes da IDCM chegam para reassentar-se em Rio Verde, GO. O CCM inicia um grande programa de assistência e desenvolvimento em Recife e no interior do Nordeste.
- 1970: A AMAS é fundada como a agência da IM para assistência social aos não cristãos.

- 1972: Brasileiros realizam a Conferência Mundial Menonita em Curitiba. A evangelização por saturação foi iniciada pela MB Mission e a IEIM brasileira no Sul.
- 1976: A Conferência Geral das IM da América do Norte (COM, Comissão de Missão no Exterior, mais tarde MMN e MCCW) entra no Brasil enviando Erwin e Angela Rempel para plantar igrejas com a IEM em GO.
- 1978: AMAS entra em uma parceria legal e missional com o CCM no Nordeste.
- 1981: A plantação de igrejas iniciada em Recife pela AMAS e COM tem apoio da CCM.
- 1982: IEM inicia sua própria educação teológica por extensão (CEMTE).
- 1988: A IEIM organiza o Congresso Mundial sobre Missão Mundial em Curitiba.  
A IEIMR é organizada em Embu, SP.  
A AMB começa em Witmarsum (PR) e arredores.
- 1994: A IEIMR amplia a plantação de igrejas no Nordeste.
- 1995: As convenções da IEIM germânica e portuguesa fundem-se para formar a COBIM.
- 1999: A AEM envia seus primeiros missionários transculturais a Moçambique (João Batista e Rosa Maria de Brito) e Albânia (Norma Teles).
- 2002: Quatro denominações anabatistas e a Fundação Educacional Menonita unem forças para fazer a transição do ISBIM para Faculdade Fidelis.
- 2008: O conselho missionário da AEM inicia o impulso de plantação de igrejas, o PRONAM, resultando em numerosos inícios de igrejas.
- 2011: O CCM cessa operações no Nordeste.
- 2014: O serviço comunitário de saúde mental NTMS fecha após 27 anos.
- 2016: A IEIMR reingressa na IEIM.

## BIBLIOGRAFIA SELECIONADA

- Adrian, Victor, e Donald Loewen, eds. *Committed to World Mission: A Focus on International Strategy*. Winnipeg, Canadá: Kindred Press, 1990.
- AIMB. "Associação das Igrejas Menonitas do Brasil." Consultado em 22-8-2016. <http://www.aimb.org.br>.
- AMAS. "Associação Menonita de Assistência Social." Consultado em 22-8-2016. <http://www.amasbrasil.org.br>.
- "AMAS 40 anos." Publicação comemorativa. Curitiba, PR: AMAS, 2010.
- AMB. "Associação Menonita Beneficente." Consultado em 5-9-2016. <http://missaoamb.org>.
- Bender, Harold S. "With the Mennonite Refugee Colonies in Brazil and Paraguay." *Mennonite Quarterly Review* 13 (1939): 59-70.
- Bender, Harold S., e Beulah Stauffer Hostetler. "Mennonite Church (MC)." Consultado em 12-8-2017. [http://gameo.org/index.php?title=Mennonite\\_Church\\_\(MC\)&oldid=148639](http://gameo.org/index.php?title=Mennonite_Church_(MC)&oldid=148639).
- Bender, Harold S., e Elmer Neufeld. "Mennonite Central Committee (International)." Consultado em 2-9-2016. [http://gameo.org/index.php?title=Mennonite\\_Central\\_Committee\\_\(International\)&oldid=134565](http://gameo.org/index.php?title=Mennonite_Central_Committee_(International)&oldid=134565).
- Bender, Harold S., Henrique Ens e Peter Pauls, Jr. "Brazil." Consultado em 12-8-2017. <http://gameo.org/index.php?title=Brazil&oldid=128404>.
- Berg, Clayton L., e Paul E. Pretiz. *The Gospel People of Latin America*. Monrovia, EUA: MARC, 1992.
- . *Spontaneous Combustion: Grass-Roots Christianity, Latin American Style*. Pasadena, EUA: William Carey Library, 1996.
- Braga, Erasmo, e Kenneth G. Grubb. *The Republic of Brazil: A Survey of the Religious Situation*. Londres, Inglaterra: World Dominion Press, 1932.

- Carriker, C. Timóteo. *Missão Integral: Uma Teologia Bíblica*. São Paulo, SP: Editora SEPAL, 1992.
- Cavalcanti, Robinson. *Igreja: Agência de Transformação Histórica*. São Paulo, SP: Editora SEPAL, 1987.
- César, Elben M. Lenz. *História da Evangelização do Brasil: Dos Jesuítas aos Neopentecostais*. Viçosa, MG: Editora Ultimato, 2000.
- IDCM. "Church of God in Christ, Mennonite." Consultado em 4-9-2016. <http://churchofgodinchristmennonite.net>.
- Clinton, J. Robert. *Leadership Training Models*. Altadena, EUA: Barnabas Publishers, 1984.
- COBIM. "Convenção Brasileira das Igrejas Evangélicas Irmãos Menonitas." Consultado em 22-8-2016. <http://www.cobim.com.br>.
- Conn, Harvie M., e Samuel F. Rowen, eds. *Missions and Theological Education in World Perspective*. Farmington, EUA: Associates of Urbanus, 1984.
- Cook, Guillermo. *The Expectation of the Poor*. American Society of Missiology Series, No. 9. Maryknoll, EUA: Orbis Books, 1985.
- Deiros, Pablo Alberto. *Historia del Cristianismo en América Latina*. Buenos Aires, Argentina: Fraternidad Teologica Latinoamerica, 1992.
- Dück, Abram. "Missionary Education in the Mennonite Brethren Churches in Brazil." Dissertação de MA, Wheaton College, 1961.
- Dyck, Cornelius J., ed. *Jesus Christ Reconciles: Proceedings of the Ninth Mennonite World Conference*. Elkhart, EUA: Mennonite World Conference, 1972.
- . *An Introduction to Mennonite History*. 3. ed. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1993.
- Dyck, Cornelius J., Robert S. Kreider, e John A. Lapp, eds. *From the Files of MCC. The Mennonite Central Committee Story*. Vol. 1. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1980.

- Epp, Frank H. *Mennonite Exodus*. Altona, Canadá: D. W. Friesen and Sons, 1962.
- Esau, Heinrich. "A History and Analysis of the Mennonite Brethren Bible Institute in Brazil." Dissertação de MA, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1971.
- . "Mennonite Brethren Mission in Brazil." Dissertação de MRE, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1972.
- Faculdade Fidelis. "Faculdade Fidelis de Curitiba - Fundação Educacional Menonita." Consultado em 12-8-2017. <http://www.fidelis.edu.br>.
- Faul, Donald G. "Governing Principles of Brazilian Church Growth." Dissertação de MTh, Dallas Theological Seminary, 1968.
- Freire, Paulo. *Pedagogy of the Oppressed*. New York, EUA: Seabury Press [Original: 1968], 1970.
- Fretz, Joseph Winfield. *Pilgrims in Paraguay: The Story of Mennonite Colonization in South America*. Scottdale, EUA: Herald Press, 1953.
- Godwin, Colin. *Baptizing, Gathering, and Sending: Anabaptist Mission in the Sixteenth-century Context*. Kitchener, Canadá: Pandora Press, 2012.
- Goossen, Irvy. *Go and Tell*. Hesston, EUA: Publication Board, Church of God in Christ, Mennonite, 1968.
- Graber, J. D. "Anabaptism Expressed in Missions and Social Service." Em *The Recovery of the Anabaptist Vision*, editado por Guy F. Hershberger, p. 152-166. Scottdale, EUA: Herald Press, 1957.
- Heisey, Nancy R. *Theological education on five continents: Anabaptist perspectives*. Carol Stream, EUA: Mennonite World Conference, 1997.
- Hiebert, Clarence. *The Holdeman People: The Church of God in Christ, Mennonite, 1859-1969*. South Pasadena, EUA: William Carey Library, 1973.
- Hiebert, P.G., e Clarence Hiebert. "Church of God in Christ, Mennonite (CGC)." Consultado em 4-9-2016. [http://gameo.org/index.php?title=Church\\_of\\_God\\_in\\_Christ,\\_Mennonite\\_\(CGC\)&oldid=135547](http://gameo.org/index.php?title=Church_of_God_in_Christ,_Mennonite_(CGC)&oldid=135547).

- Hochstetler, Otis E., e Sam Steiner. "Aliança Evangélica Menonita, Brazil." Consultado em 31-8-2016.  
[http://gameo.org/index.php?title=Alian%C3%A7a\\_Evang%C3%A9lica\\_Menonita,\\_Brazil&oldid=132439](http://gameo.org/index.php?title=Alian%C3%A7a_Evang%C3%A9lica_Menonita,_Brazil&oldid=132439)
- Hodges, Melvin L. *A Theology of the Church and Its Mission: A Pentecostal Perspective*. Springfield, EUA: Gospel Publishing House, 1977.
- Horst, René. "The Associação Evangélica Menonita: The Growth of the Brazilian Mennonite Church." Dissertação de MA, Indiana University, 1991.
- Inhauser, Marcos Roberto. "The Evangelical Mennonite Church in Brazil: Identity and Mission." Tese de D.Min, Northern Baptist Theological Seminary, 1997.
- Janz, Willy, e Gerhard Ratzlaff. *Gemeinde Unter Dem Kreuz des Suedens*. Curitiba, PR: Suedamerikanischen Konferenz der Mennonitischen Bruedergemeinden, 1980.
- Johnstone, Patrick, e Jason Mandryk. *Operation World: 21st Century Edition*. 6. ed. Waynesboro, EUA: Paternoster USA, 2001.
- Kasdorf, Hans. "A Decade of Evangelism-in-Depth in Latin America." Dissertação de MRE, Mennonite Brethren Biblical Seminary, 1972.
- Kauffman, J. Howard, e Leland Harder. *Anabaptists Four Centuries Later: A Profile of Five Mennonite and Brethren in Christ Denominations*. Scottdale, EUA: Herald Press, 1975.
- Kauffman, J. Howard, e Leo Driedger. *The Mennonite Mosaic: Identity and Modernization*. Scottdale, EUA: Herald Press, 1991.
- Klaassen, Walter. *Anabaptism: Neither Catholic Nor Protestant*. Waterloo, Canadá: Conrad Grebel Press, 1973.
- Klassen, John J. "Two Methods of Evangelism and Church Planting: A Case Study of the Brazilian Mennonite Brethren Convention." Tese de D.Miss, Fuller Theological Seminary, 1977.
- Klassen, Peter. "The Mennonites of Brazil." *Mennonite Quarterly Review* 11 (1937): 107-118.

- Klassen, Peter P. *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 1. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1995.
- . *Die russlanddeutschen Mennoniten in Brasilien*. Band 2. Palmeira, PR: Mennonitischer Geschichtsverein e. V. Bolanden-Weierhof, 1998.
- . "Worship and Churches in the Development of Mennonite Settlements in Paraguay and Brazil." *Mennonite Quarterly Review* 73 (1999): 286-295.
- Koehn, Rueben. "Church of God in Christ, Mennonite (Holdeman)." Em *Mennonite World Handbook: A Survey of Mennonite and Brethren in Christ Churches*, editado por Paul N. Kraybill. Lombard, EUA: Mennonite World Conference, 1978.
- Krahn, Cornelius, Harold S. Bender e John J. Friesen. "Migrations." Consultado em 12-8-2017. <http://gameo.org/index.php?title=Migrations&oldid=143668>.
- Krahn, Cornelius e Walter W. Sawatsky. "Russia." Consultado em 12-8-2017. <http://gameo.org/index.php?title=Russia&oldid=146175>.
- Kraus, C. Norman  
1990 "Shifting Mennonite Theological Orientations." Em *Anabaptist-Mennonite Identities in Ferment*, editado por Leo Driedger e Leland Harder, p. 32-49. Occasional Papers No. 14. Elkhart, EUA: Institute of Mennonite Studies, 1990.
- Kraybill, Paul N., ed. *Mennonite World Handbook: A Survey of Mennonite and Brethren in Christ Churches*. Lombard, EUA: Mennonite World Conference, 1978.
- Lichdi, Diether Goetz, ed. *Mennonite World Handbook: A Survey of Mennonite and Brethren in Christ Churches*. Carol Stream, EUA: Mennonite World Conference, 1990.
- Littell, Franklin H. "The Anabaptist Theology of Missions." *Mennonite Quarterly Review* 21 (1947): 5-17.
- Martens, Phyllis. *The Mustard Tree: The Story of Mennonite Brethren Missions*. Fresno, EUA: Mennonite Brethren Board of Christian Education and Board of Missions/ Services, 1971.

Martin, David. *Tongues of Fire: The Explosion of Protestantism in Latin America*. Cambridge, EUA: B. Blackwell, 1990.

MCC. “Mennonite Central Committee.” Consultado em 3-9-2016.  
<http://mcc.org>.

*Mennonite Central Committee Workbook*. Akron, EUA: CCM Media Services, 1947-2011.

*Mennonite Yearbook and Directory*. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1950-1980.

Minnich, R. Herbert. *The Mennonite Immigrant Communities in Paraná, Brazil*. SONDEOS Series, No. 64. Cuernavaca, Mexico: Centro Intercultural de Documentación (CIDOC), 1970.

Musselman, Glenn E. “Associação Evangélica Menonita.” Em *Mennonite World Handbook: A Survey of Mennonite and Brethren in Christ Churches*, editado por Paul N. Kraybill, p. 204-208. Lombard, EUA: Mennonite World Conference, 1978.

---. “História da Associação Evangélica Menonita (AEM).” Em *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*, editado por Peter Pauls Jr., p. 258-266. Witmarsum, PR: Festkomitees für die Jubilaeumsfeier.

Núñez C., Emilio Antonio. *Liberation Theology*. Chicago, EUA: Moody Press, 1985.

Núñez C., Emilio A., e William D. Taylor. *Crisis in Latin America: An Evangelical Perspective*. Chicago, EUA: Moody Press, 1989.

Pauls, Alfred. “Menonita, Conte Sua História.” Em *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*, editado por Udo Siemens, p. 21-56. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010.

Pauls, Christian, Hans Werner Pauls, Ute Funck Warkentin, e Heinz Egon Philippsen, eds. *AMB on God’s Commission, 25 Years, 1988-2013*. Palmeira, PR: Associação Menonita Beneficente, 2013.

Pauls Jr., Peter, ed. *Mennoniten in Brasilien: Gedankenschrift zum 50 Jahr-Jubiläum ihrer Einwanderung, 1930-1980*. Witmarsum, PR: Festkomitees für die Jubilaeumsfeier, 1980.

- Peters, Hans Gerhard. “Missões da Igreja Menonita – AEM.” Em *Quem Somos? 1930-2010: A Saga Menonita: Rompendo a barreira cultural*, editado por Udo Siemens, p. 93-108. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2010.
- Peters, George W. *Foundations of Mennonite Brethren Missions*. Fresno, EUA: Board of Christian Literature, General Conference of Mennonite Brethren Churches of North America, 1984.
- Petersen, Douglas. *Not by Might Nor by Power: A Pentecostal Theology of Social Concern in Latin America*. Oxford, Inglaterra: Regnum Books International, 1996.
- Plenert, Steve. “Mennonites in Brazil celebrate transition from a receiving to a sending church.” Consultado em 31-8-2016.  
<http://www.mennonitechurch.ca/news/releases/2005/10/Release01.htm>.
- Read, William R. *New Patterns of Church Growth in Brazil*. Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans, 1965.
- Read, William R., e Frank A. Ineson. *Brazil 1980: The Protestant Handbook*. Monrovia, EUA: MARC, 1973.
- Read, William R., Victor M. Monterroso, e Harmon A. Johnson. *Latin American Church Growth*. Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans, 1969.
- Reimer, Dietrich. “Trabalho Missionário das Igrejas Irmãos Menonitas no Brasil.” Em *Quem Somos? 1930-2010: A Saga Menonita: Rompendo a barreira cultural*, editado por Udo Siemens, p. 77-92. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 2010.
- Rinaldi, Natanael, e Paulo Romeiro, eds. “O Espiritismo.” Em *Desmascarando as Seitas*. Rio de Janeiro, RJ: CPAD, 1996.
- Schaeufele, Wolfgang. “The Missionary Vision and Activity of the Anabaptist Laity.” *Mennonite Quarterly Review* 36 (1962): 99-115.
- Schwarz, Christian A. *O Desenvolvimento Natural da Igreja*. Traduzido por Valdemar Kroker. Curitiba, PR: Editora Evangélica Esperança, 1996 (Original: *Die natürliche Gemeindeentwicklung*, Emmelsbüll, Germany, 1996).

- Shenk, Calvin E., ed. *A Relevant Anabaptist Missiology for the 1990s*. Elkhart, EUA: Council of International Ministries, 1990.
- Shenk, Wilbert R. "Toward a Global Church History." *International Bulletin of Missionary Research* 20 (1996): 50-57.
- . *By Faith They Went Out: Mennonite Missions, 1850-1999*. Occasional Papers No. 20. Elkhart, EUA: Institute of Mennonite Studies, 2000.
- Shenk, Wilbert R., ed. *Anabaptism and Mission*. Institute of Mennonite Studies, Missionary Studies, no. 10. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1984.
- Siemens, Peter e Gladys. "Newcomers to natives: Diversity and challenges for Mennonites in Brazil." *Courier*, 18-07-2016. Consultado em 12-8-2017. <https://www.mwc-cmm.org/content/newcomers-natives-diversity-and-challenges-mennonites-brazil?language=en>.
- Siemens, Udo, ed. *Quem Somos? 1930-2010, A Saga Menonita rompendo a barreira cultural*. Curitiba, PR: Editora Esperança, 2010.
- Snyder, Arnold, ed. "Toward a Global Mennonite/Brethren in Christ Historiography." *Conrad Grebel Review* 15 (1997).
- Steuernagel, Valdir, ed. *A Evangelização do Brasil: Uma Tarefa Inacabada*. São Paulo, SP: ABU Editora, 1985.
- . *A Serviço do Reino*. Belo Horizonte, MG: Missão Editora, 1992.
- . *No Princípio Era o Verbo: Todo o Evangelho*. Curitiba, PR: Encontrão Editora, 1994.
- . *E o Verbo Se Fez Carne: Desde a América Latina*. Curitiba, PR: Encontrão Editora, 1995.
- . *E o Verbo Habitou Entre Nós: Para Todos os Povos*. Curitiba, PR: Encontrão Editora, 1996.
- Stoll, David. *Is Latin America Turning Protestant? The Politics of Evangelical Growth*. Berkeley, EUA: University of California Press, 1990.

- Taylor, William David, ed. *Internationalizing Missionary Training: A Global Perspective*. Grand Rapids, EUA: Baker Book House, 1991.
- Toews, Jacob J. "The Missionary Spirit of the Mennonite Brethren Church in Russia." Em *The Church in Mission*, editado por A. J. Klassen, p. 134-154. Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the Mennonite Brethren Church, 1967.
- . *The Mennonite Brethren Mission in Latin America*. Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the General Conference of the Mennonite Brethren Church, 1975.
- Toews, John A. *A History of the Mennonite Brethren Church*. Fresno, EUA: Board of Christian Literature of the General Conference of the Mennonite Brethren Church, 1975.
- Unruh, John D. *In the Name of Christ: A History of the Mennonite Central Committee and Its Service, 1920-1951*. Scottsdale, EUA: Herald Press, 1952.
- Wagner, C. Peter. *Latin American Theology: Radical or Evangelical?* Grand Rapids, EUA: William B. Eerdmans, 1970.
- . *Strategies for Church Growth*. Ventura, EUA: Regal Books, 1987.
- Wiebe, James P. "The Persistence of Spiritism in Brazil." Tese de D.Miss, Fuller Theological Seminary, 1979.
- . *Megacities: Biblical Lessons for Today*. Winnipeg, Canadá: Windflower Communications, 1999.
- Willems, Emilio. *Followers of the New Faith: Culture Change and the Rise of Protestantism in Brazil and Chile*. Nashville, EUA: Vanderbilt University Press, 1967.
- Williams, George H. *The Radical Reformation*. Philadelphia, EUA: Westminster Press, 1962.
- Woodberry, J. Dudley, Charles Van Engen, e Edgar J. Elliston, eds. *Missiological Education for the 21st Century: The Book, the Circle and the Sandals*. Maryknoll, EUA: Orbis Books, 1996.
- Anuários da AIIMB. 1ª-35ª assembleias anuais. Curitiba, PR, 1960-1995.

Anuários da CBIIM. 14<sup>a</sup>-19<sup>a</sup> assembleias anuais. Curitiba, PR, 1979-1986.

Anuários da IDCM. Moundridge, EUA: Gospel Publishers, 1997-1999.

Anuários da COBIM. 1<sup>a</sup>- 6<sup>a</sup> assembleias anuais. Curitiba, PR, 1995-2000.

## ÍNDICE

- Abelardo Luz (SC), 67, 69
- Abrams, Heinrich, 54
- Abriolândia (TO), 106
- Açailândia (Maranhão), 87
- acampamentos, 57, 76, 77, 104, 216, 222
- Acaraú (CE), 122, 123, 124
- Aceguá (RS), 65, 66, 269
- Adhemar Garcia (SC), 50, 51
- Adrian, Victor, 78, 291
- AEM (IEM), v, 34, 40, 60, 86, 95, 96, 97, 98, 101, 102, 103, 104, 105, 108, 109, 112, 113, 114, 115, 116, 117, 118, 140, 145, 180, 181, 183, 194, 198, 201, 224, 226, 229, 230, 242, 249, 251, 265, 289, 290, 296, 297
- Afonso Pena (PR), 53, 59
- África, 25, 26, 57, 127, 229, 256, 259
- agências
- AMAS (IM), v, 34, 35, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 58, 59, 86, 88, 89, 92, 98, 99, 100, 101, 102, 108, 109, 110, 113, 114, 115, 117, 143, 222, 225, 229, 230, 233, 237, 238, 239, 241, 242, 243, 251, 257, 262, 263, 289, 290, 291
- Amazon Valley Indian Mission (IEM), v, 104
- AMB, v, 55, 56, 101, 115, 127, 128, 129, 130, 131, 132, 180, 185, 227, 228, 229, 231, 235, 237, 238, 239, 241, 242, 255, 256, 257, 258, 260, 261, 262, 265, 290, 291, 296
- Asas de Socorro, 56
- Aurora Associates (IEM), 115
- Christian Stewardship Foundation, 88
- Cruz Vermelha Alemã, 17
- DIACONIA, 88, 92
- EMM (IM dos EUA), 112
- Evangelische Zentralstelle, 76
- Exército da Salvação, 73
- Internationale Mennonitische Organisation, 38, 113
- Janz Team, 223
- Junta de Missão (IDCM), 122, 123, 124
- Junta de Missões Menonitas Virginia (IEM), 112
- MB Mission (IEM), ix, 45, 48, 49, 50, 51, 53, 54, 55, 57, 58, 59, 60, 61, 62, 63, 64, 67, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 75, 76, 77, 80, 194, 254, 259, 261, 289, 290
- MCCW (IM do Canadá), vi, 86, 100, 102, 103, 104, 109, 110, 111, 117, 241, 242, 255, 290
- MMN (IM dos EUA), vi, 40, 86, 95, 96, 97, 99, 100, 103, 104, 105, 106, 108, 109, 110, 111, 112, 113, 114, 115, 117, 198, 199, 201, 255, 259, 261, 289, 290
- Sociedade Missionária Menonita de Amsterdã, 31
- South America Mission, 27
- Wycliffe Bible Translators, 90
- Água Verde (PR), 37, 54, 101, 102
- Agudos do Sul (PR), 57, 58, 59, 60
- AIIMB (IEIM), v, 45, 46, 48, 49, 50, 51, 60, 64, 65, 66, 71, 72, 75, 77, 78, 87, 194, 195, 198, 249, 289, 299
- AIMB (IM), v, 31, 34, 36, 37, 38, 39, 41, 58, 98, 102, 117, 144, 192, 193, 194, 199, 222, 224, 237, 248, 255, 289, 291
- Albânia, 112, 259, 290
- Alemanha, 9, 14, 17, 46, 58, 61, 83, 84, 95, 101, 113, 114, 129, 130, 142, 159, 238, 239, 245, 247, 253, 288, 289
- Allianz Gemeinde, 31
- Almirante Tamandaré (PR), 53, 60
- Amaraji (PE), 91
- Amazônia

- Norte. *Veja macrorregiões: Norte*
- América do Norte, v, 14, 15, 24, 38, 44, 84, 86, 89, 95, 96, 100, 122, 157, 204, 213, 220, 225, 242, 246, 247, 249, 255, 256, 290
- América do Sul, 13, 60, 116, 220
- Conferência IEIM, 44, 49, 56, 81, 294
- América Latina, vi, ix, 5, 24, 28, 49, 96, 147, 148, 149, 150, 151, 154, 155, 156, 157, 164, 181, 186, 187, 232, 233, 234, 256, 258, 263, 264, 292, 298
- Anabatismo, 3, 7, 8, 9, 10, 11, 12, 13, 14, 22, 44, 85, 93, 94, 96, 119, 120, 132, 134, 138, 145, 147, 159, 160, 161, 162, 163, 167, 169, 177, 180, 181, 186, 187, 216, 224, 254, 255, 256, 257, 259, 263, 264, 265, 266, 267, 290
- Angelina (SC), 51
- Angola, 54, 56, 57, 66, 128, 229, 249, 259
- Antônio Olinto (PR), 59, 129
- apostólico, 24, 27, 164, 177, 187, 267, 277, 278
- Arabras (Alemanha), 113, 114
- Araguacema (TO), 39, 92, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 111, 113, 114, 115, 117, 118, 229, 230, 239, 240, 255, 289
- Araucária (PR), 58, 60, 76
- Araújo, Izaete Romão de, 110
- Areal (PR), 53
- Arminianismo, 167
- Arndt, Victor e Helena, 62
- Assis, Nilson e Mary Jane, 102
- Atibaia (SP), 62, 63
- Atlântico Norte, 155, 183, 186, 187, 256, 264
- Atuba (PR), 54
- Auhagen (SC), 18, 19, 21, 31, 33, 37, 139, 142
- Aurora (SC), 49
- autoidentidade, 4, 85, 247, 248, 251, 253, 254, 264
- AVIM. *Veja agências: Amazon Valley Indian Mission*
- Bagé (RS), 19, 21, 40, 47, 55, 64, 65, 66, 224, 239, 247, 289
- Baianópolis (BA), 136
- Balsa Nova (PR), 37, 129
- Banman, Linda, 67, 68, 73
- Barreiras (BA), 21, 136, 207
- Barreiros (PE), 91
- Barros, Maria, 122
- batismo  
do crente, 5, 6, 12, 13, 32, 33, 44, 49, 53, 55, 57, 65, 67, 71, 96, 99, 100, 101, 103, 104, 105, 106, 107, 108, 110, 120, 122, 123, 124, 135, 163, 191, 254, 282
- do Espírito Santo, 133, 155
- infantil, 7, 10, 11, 12
- modo, 32, 44, 163, 175, 223, 254, 255, 282
- Baulândia (PR), 68
- Becker
- Charles, 122, 123
- Charles e Faith L., ix, 203
- Dean, 122
- Belém (PA), 58, 87, 90, 91, 105, 107
- Belém de Maria (PE), 91
- Belo Jardim (PE), 91
- Bender, Harold S., 14, 83, 94, 142, 160, 291, 295
- Berg, W., 34
- Bíblia  
colportores, 26
- hermenêutica, 5, 150, 151, 158, 161, 169, 179, 187
- institutos, v, vi, ix, 57, 75, 145, 219, 221, 223, 224, 289
- teologia bíblica, 5, 7, 152, 153, 161, 169, 170, 177, 187, 264, 267
- Blough, John, 113
- Blumenau (SC), 17, 19, 21, 47, 48, 49, 50, 51, 92, 139, 253
- Boa Esperança (MT), 124
- Boldt, Bruno e Adelaide, 58, 68
- Bom Jardim (PE), 91
- Bonito (PE), 91
- Boqueirão (PR), 19, 20, 21, 31, 33, 34, 36, 37, 52, 53, 54, 56, 59, 60, 74, 99, 100, 102, 135, 136, 139, 141, 192, 193, 223, 247, 254
- Born, Floyd e Bertha, 58
- Bouwens, Leonard, 12
- Braga, Erasmo, 75, 149, 291
- Brasília (DF), 87, 92, 103, 107, 110, 111, 117, 123
- Brejo da Madre de Deus (PE), 91
- Brito

- João Batista e Rosa  
   Maria, 104, 112,  
   290  
   José Fernandes, 105  
 Brötli, Hans, 10  
 Buhler, Abe e Cris, 109  
 Burns, Denton, 121  
 Cabo (PE), 91  
 Cabral, Pedro Álvares,  
   23  
 Caetité (BA), 136  
 Calvinismo, 10, 167  
 Camalau (PB), 91  
 Camocim São Félix  
   (PE), 91  
 Campinas (SP), 21, 97,  
   99, 110, 114, 115,  
   117, 183, 230  
 Campo Belo (SP), 62,  
   63, 74  
 Campo Grande (MS),  
   70, 71, 136, 207  
 Campo Largo (PR), 55,  
   56, 59, 60, 74, 129  
 Campo Limpo (SP), 61,  
   62, 63, 74  
 Campo Magro (PR),  
   100, 102  
 Campos Tabaiaras (PE),  
   86, 109, 110, 115  
 Campos, Paulo e Valdeti  
   B., 230  
 Canadá, vi, 10, 15, 16,  
   31, 78, 83, 93, 103,  
   129, 159, 164, 179,  
   238, 239, 259, 288,  
   291, 293, 294, 299  
 Canela (SC), 50, 51  
 capacitação, 90, 93, 131,  
   237, 239, 262  
 caridade, 26, 31, 76, 239  
 Carpina (PE), 91  
 Carriker, Timóteo, 155,  
   292  
 Caruaru (PE), 91, 110  
 Castro Alves (RS), 65,  
   66  
 Catarina II, Imperatriz,  
   15  
 Cavalcanti  
   Robinson, 155  
 Cavalcanti, Abraão, 108  
 Ceia do Senhor, 9, 11,  
   33  
 Ceilândia (DF), 92, 111  
 CELAM, v, 24  
 células, 8, 49, 54, 57,  
   67, 86, 101, 102, 108,  
   109, 111, 113, 134,  
   142, 144, 216, 220,  
   222, 224, 250, 257  
 Central (IEIM, PR), 58,  
   77  
 Cercado (PR), 35, 37,  
   39, 136  
 Chã Grande (PE), 91  
 Chapecó (SC), 67, 69  
 Charqueada (TO), 106,  
   115  
 China, 17, 27  
 Claassen, Peter e  
   Elfrieda, 61  
 CLAI, v, 149  
 classes sociais, 24, 26,  
   58, 62, 77, 101, 110,  
   182, 206, 217, 286  
 Clevelândia (PR), 20,  
   21, 66, 67, 68, 69, 74,  
   229  
 COBIM (IEIM), v, 34,  
   46, 50, 51, 54, 56, 58,  
   60, 61, 63, 65, 66, 67,  
   68, 69, 70, 71, 78, 80,  
   81, 133, 144, 180,  
   181, 193, 194, 195,  
   223, 224, 228, 236,  
   248, 251, 265, 290,  
   292, 300  
 Cocáia (SP), 97, 99  
 Cochilla Seca (RS), 75  
 Colméia (TO), 106, 108  
 Colônia Francesa (PR),  
   101, 102, 115, 229  
 Colônia Nova (RS), 19,  
   21, 64, 65, 66, 75, 76,  
   223  
 colônias, 15, 17, 18, 19,  
   20, 21, 26, 31, 33, 34,  
   35, 36, 38, 43, 47, 48,  
   55, 64, 65, 66, 67, 73,  
   75, 76, 83, 100, 101,  
   102, 115, 131, 139,  
   141, 142, 193, 204,  
   205, 223, 229, 247,  
   254  
 colonos, 15, 17, 19, 20,  
   34, 35, 52, 54, 58, 64,  
   65, 73, 76, 83, 100,  
   121, 125, 140, 142,  
   289  
 Colucci, Daniel, 69  
 Comunidade Cristã Boas  
   Novas (IEIM), 62, 63  
 comunidades eclesiais  
   de base, 24, 242  
 comunismo, 36, 182  
 Conceição do Araguaia  
   (PA), 107, 108, 114,  
   229  
 Concórdia (colônia,  
   BA), 20, 21, 139, 247  
 Confederação  
   Evangélica do Brasil,  
   87, 148  
 Conferência Geral da  
   IM (América do  
   Norte), v, 40, 83, 86,  
   100, 103, 201, 290  
 Conferência Mundial  
   Menonita, v, 38, 116,  
   139, 143, 144, 258,  
   290  
 conferências  
   missionárias, 39, 78,  
   116, 125, 143, 144,  
   220, 222, 223  
 Confissão de  
   Schleitheim, 11, 12  
 Congregação Cristã no  
   Brasil, 27  
 congressos missionários,  
   v, 28, 78, 96, 111,  
   116, 148, 149, 151,  
   152, 153, 154, 155,  
   158, 159, 222, 258,  
   265, 290  
 CONIC, v, 149, 151  
 consciência social, 27,  
   84  
 Conselho Mundial de  
   Igrejas, v, 87, 150  
 Conselho Nacional de  
   Igrejas (EUA), 88  
 Conselho Nacional de  
   Igrejas dos EUA, 88

- contextualização, 153, 154, 158, 217, 232, 233, 234, 235, 263, 264, 266
- contribuições  
missionais, 50, 78, 94, 149, 155, 219, 228, 229, 232, 238, 260, 262, 263, 264
- conversão, 5, 6, 7, 11, 12, 13, 14, 24, 34, 36, 43, 45, 47, 57, 62, 65, 79, 80, 127, 138, 152, 156, 163, 171, 173, 175, 191, 204, 205, 206, 228, 247, 254, 256, 257, 263, 282, 284
- cooperativa agrícola, 20, 36, 39, 58, 87
- Costa e Silva (SC), 50, 51
- Cotegipe (BA), 136
- crescimento da população, 213
- Cristandade, 7, 8
- Cuiabá (MT), 71
- cultura, 4, 15, 19, 21, 23, 41, 53, 54, 81, 98, 105, 118, 147, 154, 163, 164, 168, 169, 175, 176, 179, 180, 181, 187, 194, 205, 217, 218, 225, 228, 232, 239, 245, 246, 247, 248, 249, 250, 251, 253, 255, 256, 260, 265, 269, 276, 277, 285, 286, 296, 297, 298
- aculturação, 193, 245, 246, 247, 264
- assimilação, 53, 143, 247, 248
- comunicação, 26, 47, 143, 176, 220, 225, 249, 250, 285
- relações, 250
- Cumarú (PE), 91
- Daku, Ronald e Marlene, 103
- Danzig (Prússia), 15
- Defehr, Ernesto, 40
- demônios, 27, 156, 163, 173, 176, 249, 279, 280, 281
- denominações*  
características, 32, 44, 95, 120
- denominações  
cooperação, 84, 127, 224, 254, 255, 286
- Diadema (SP), 61, 63
- Dick, Peter e Lydia, 48
- discipulado, 5, 12, 45, 77, 120, 163, 204, 213, 241, 262
- Dois Irmãos (TO), 106, 107, 108
- Dourados (MS), 71
- doutrina, 11, 32, 44, 120, 152, 156, 157, 170, 176, 177, 185, 205, 255, 256, 262, 263, 283, 287
- Dueck  
Abraham, 65  
Abram, 55  
Irma, 49  
Olga Pries, 76
- Dyck  
Cornelius J., 8, 85, 144  
Hans, 99  
Jona, 121  
Peter, 142
- Eckhart, Mestre, 8
- ecumenismo, 24, 27, 32, 41, 88, 120, 131, 147, 149, 150, 151, 152, 154, 185, 186, 254
- educação cristã, 32, 46, 75, 89, 113, 124, 222, 225, 240, 253, 258
- Egito, 3, 31
- Eichelberger, Mildred, 104, 106, 107, 113, 114
- Ekk  
Heinrich, 47  
Victor, 56
- embaixadores, 253, 259, 269
- Embú (SP), 63, 133, 135, 136, 137, 290
- Encano do Norte. *Veja* Timbó (SC)
- Encontros dos Irmãos, 85
- Enns, Rodolfo e Edeltraud, 86, 109, 243
- Ens, Eraldo e Marta, 97
- entendimento missional, ix, 5, 147, 149, 157, 159, 161, 165, 167, 180, 182, 183, 184, 185, 187, 228, 253, 260, 263, 264, 276  
distinto, 9, 120, 184, 185, 186, 247, 256  
diversidade, 23, 96, 118, 167, 178, 187, 263
- Entschiedenes  
Christentum, v, 52, 143, 144
- Epp, Jakob, 87
- Equador, 49, 229, 259
- Erasmus, Desiderius, 8
- escola dominical. *Veja ministério infantil*
- escolas  
aldeias, 33, 47, 75  
Boqueirão, 33  
Cidade Leer, 39, 114  
ensino fundamental, 65, 73, 75, 104, 108, 124, 141  
ensino médio, 75, 141, 142
- Erasmus Braga. *Veja Braga, Erasmo*
- Erasto Gaertner, 141, 142, 240
- Fritz Kliewer, 142, 240
- geral, 43, 74, 113, 127, 180, 231, 262, 288
- Menno Simons, Araguacema (TO), 39, 113, 115, 240

- Menno Simons,  
 Colônia Nova  
 (RS), 75  
 música, 68  
 PACA, vi, 76  
 pré-escolas, 67, 75,  
 89, 99, 141, 143  
 profissionalizantes,  
 39, 89, 114, 239  
 públicas, 35, 36, 113  
 universidades, 129,  
 219, 228, 247, 248  
 Willy Janz, 75  
 Esperança Bendita (TO),  
 39, 106, 107, 108,  
 114, 229  
 Espiritismo, 25, 26, 28,  
 156, 176  
 Espírito Santo, x, 5, 8,  
 24, 43, 72, 136, 138,  
 155, 157, 159, 161,  
 168, 176, 183, 187,  
 206, 267, 274, 280,  
 281, 284  
 espíritos, 25, 26, 156,  
 163, 176, 280, 281  
 ETE. *Veja treinamento:  
 não formal*  
 etnicidade, 4, 33, 39, 72,  
 139, 153, 193, 217,  
 246, 248, 251, 260,  
 269  
 casamentos mistos,  
 34, 36, 54, 247,  
 248  
 germânica, 3, 19, 20,  
 48, 49, 53, 58, 72,  
 73, 75, 76, 80, 96,  
 97, 100, 132, 139,  
 142, 143, 193,  
 194, 216, 217,  
 245, 247, 248,  
 250, 251, 253,  
 259, 260, 289  
 germano-russa, 245,  
 246, 247, 249, 269  
 latina, 239, 245, 250,  
 254  
 menonita Holdeman,  
 245  
 menonitas Holdeman,  
 246
- Europa, vi, 7, 9, 12, 13,  
 14, 15, 38, 139, 149,  
 159, 213, 246, 256  
 evangelho da paz, 85,  
 148, 173, 179, 180,  
 185, 249  
 evangélicos, 23, 26, 27,  
 149, 151, 153, 160,  
 167, 172, 175, 181,  
 186, 204, 249, 256,  
 264  
 conservadores, 147,  
 151, 152, 153, 154  
 históricos, 147, 148,  
 149, 159  
 neoevangélicos, 256,  
 264  
 pentecostais, 27, 56,  
 133, 138, 147,  
 154, 155, 156,  
 157, 161, 175,  
 205, 206, 207,  
 256, 261, 262  
*Evangelische Kirche*, 58  
 evangelismo  
 aconselhamento, 128  
 amizade, 54, 57, 101,  
 102, 127, 238,  
 246, 247, 249, 250  
 casais, 54  
 dramatização, 89  
 em massa, 97, 127,  
 223  
 equipes, 106, 207,  
 223  
 esportes, 53, 56, 74,  
 99, 111, 250, 257  
 literatura, 34, 49, 53,  
 57, 62, 68, 97,  
 100, 102, 113,  
 120, 121, 122,  
 125, 127, 128,  
 134, 147, 155,  
 156, 185, 186,  
 204, 205, 216,  
 220, 223, 230,  
 231, 235, 249,  
 255, 256, 257,  
 259, 260, 261  
 pregação pública, 5,  
 9, 34, 49, 50, 54,  
 55, 57, 61, 62, 65,  
 67, 68, 71, 89, 97,  
 99, 100, 101, 105,  
 106, 107, 108,  
 110, 113, 127,  
 134, 135, 136,  
 138, 139, 186,  
 207, 216, 223,  
 249, 257, 285  
 rádio, v, 36, 48, 49,  
 53, 56, 64, 65, 68,  
 69, 72, 97, 204,  
 230, 257  
 saturação, 49, 62, 63,  
 68, 71, 80, 134,  
 223, 290  
 visitação, 40, 48, 49,  
 57, 62, 65, 68, 99,  
 103, 112, 123,  
 125, 129, 130,  
 134, 204, 207, 223  
 fatores econ micos, 16,  
 17, 19, 20, 24, 33, 39,  
 53, 64, 66, 89, 93,  
 107, 120, 124, 139,  
 150, 204, 220, 230,  
 232, 234, 243, 245,  
 269, 270, 280, 281  
 Faul, Donald e Maria,  
 57, 70, 78, 293  
 Faxinal dos Pintos (PR),  
 58, 59  
 Fazenda Rio Grande  
 (PR), 34, 37, 58, 60  
 Fehr, João e Celia, 71  
 Feira Nova (PE), 91  
 Fermino, Newton, 101  
 Fernando Pinheiro (PR),  
 129  
 Ferreira  
 Francisco, 97  
 Isabel, 62  
 Vanderley e Juracy,  
 71  
 Florianópolis (SC), 50  
 Fortaleza (CE), 123  
 Foz do Iguaçu (PR), 65,  
 69, 70, 229  
 França, 13, 84  
 Franca (SP), 99  
 Francisco Beltrão (PR),  
 67, 69

- Frederico o Grande, Rei, 15
- Freire, Paulo, 150, 151, 221, 293
- Freitas, Osvaldo e Rivani, 103
- Freston, Paul, 155
- Friesen  
 Abrão, 127  
 Albert, 143, 276  
 Eduardo e Kathy, 67  
 Heinrich, 65
- Froese, Rudi e Elsa, 100
- FTL, v, 155, 159
- fundamentalismo, 151, 153, 158, 186, 187, 256, 260
- Furado (SC), 100
- Gama (DF), 110, 111
- Garavelo (GO), 104
- Gerber, Robert e Fran, 106, 108
- Gnadenal (SC), 17, 18, 33
- Goiânia (GO), 103, 104, 114, 117, 122, 123, 124
- Goianorte (TO), 106, 107, 108, 114
- Gottesgemeinde*, 58
- governo, 5, 81, 130, 224  
 alemão, 17, 19  
 britânico, 14  
 federal, 70, 245  
 municipal, 74, 143  
 soviético, 32, 219
- Graber  
 C. L., 115  
 J. D., 115, 159, 293
- Grande Comissão, 12, 72, 98, 161, 164, 167, 169, 172, 181, 216, 256, 278, 284, 285
- Gravatá (PE), 91
- Grebel, Conrad, 10
- Grellert, Manfred, 155
- Guamiranga (PR), 129
- Guanabara (GO), 26, 103, 104
- Guanambi (BA), 136
- Guarapiranga (SP), 62, 63
- Guarapuava (PR), 60
- Guarituba (PR), 20, 21, 34, 37, 59, 223, 254
- Guedes, Ambrósio e Josefa, 63
- guerra espiritual, 156, 176, 187, 223, 266, 267, 280
- Guerra Mundial  
 Primeira, 16  
 Segunda, 16, 27, 95, 141
- Guiné-Bissau, 53, 229, 249, 259
- Gurupi (Maranhão), 87
- Gutjahr, Ademar, 58
- Hamm, Peter, 52
- Hammer  
 Howard, 104, 105, 107  
 Howard e Dorothy, 104, 105
- Harder  
 Anelise, 58  
 família, 99  
 Leland, 185, 186, 294, 295
- Harms-Wiebe, Ray e Judy, 62
- Heinrichs  
 Francisco, 47  
 Peter, 40
- Hochstetler, Otis e Betty, 111, 118, 294
- Hoffman, Melchior, 13
- homogeneidade, 139, 175, 260
- Horst, René, 116, 192, 198, 294
- Hostetler  
 David, 40  
 David e Rosanna, 97
- Hübert, Jacob, 46, 47, 52
- Hubmaier, Balthasar, 11
- Huebert  
 Pedro, 53, 229  
 Pedro e Maria, 67
- huguenotes, 26
- humanismo, 8
- Hus, John, 8
- Hut, Hans, 12
- IEIM  
 Regional Iguçu, 55, 66  
 Regional Mato Grosso do Sul, 70  
 Regional Rio Grande do Sul, 64  
 Regional Santa Catarina, 46  
 Regional São Paulo, 60, 61  
 Regional Sul Paraná, 50, 53
- IEIM Curitiba (PR), 54, 74, 88, 198
- IEM  
 Região I, 96, 98, 99, 198, 200, 201  
 Região II, 98, 102, 115, 117, 198, 199, 200, 201, 202  
 Região III, 100, 103, 110, 198, 200, 202  
 Região IV, 97, 104, 108, 113, 117, 198, 200, 201, 217, 229  
 Região V, 108, 115, 198, 200, 202  
 Região VI, 110
- igreja  
 agrupamento, 261, 263, 265  
 comunidade de  
 aliança, 162, 171, 180, 185, 187, 267, 283  
 conflito, 19, 34, 101, 107, 133, 256  
 declínio, 43, 67, 68, 80, 101, 107, 124, 192, 193, 195, 196, 197, 198, 201, 212, 215, 217, 261  
 disciplina, 11, 43, 120, 213  
 e estado, 10, 11  
 renovação, 4, 8, 15, 24, 31, 40, 43, 44, 50, 80, 133, 134, 135, 138, 159,

- 161, 186, 197,  
212, 232, 248,  
254, 255, 259
- Igreja Adventista do  
Sétimo Dia, 27
- Igreja Anglicana, 27,  
151
- Igreja Assembleia de  
Deus, 27, 155, 228
- Igreja Batista, 27, 44,  
90, 107, 110, 228,  
254
- Igreja Católica Romana,  
3, 7, 9, 12, 13, 23, 24,  
25, 26, 27, 28, 109,  
113, 149, 150, 151,  
152, 185, 287  
devoção a Maria, 24,  
241
- Eucaristia, 7, 10, 11,  
24
- Renovação  
Carismática, 24
- Vaticano, 23, 24, 27,  
149
- Igreja Congregacional,  
26
- Igreja Luterana, 26, 28,  
48, 151
- Igreja Menonita da  
América do Norte,  
95, 201
- Igreja Menonita  
Evangélica Livre, 31,  
35, 55
- Igreja Metodista, 27,  
151
- Igreja Nova Aliança  
(IM), 34, 37, 98
- Igreja Ortodoxa Russa,  
31
- Igreja Presbiteriana, 27,  
63, 151
- Igreja Presbiteriana  
Unida, 151
- Igreja Reformada, 151
- Igreja Shalom, 34, 37,  
58, 60
- Igreja Universal do  
Reino de Deus, 155,  
156
- igreja, crescimento
- biológico, 6, 191,  
205, 218
- consolidação, 80,  
138, 198, 200,  
201, 207, 208,  
211, 212, 213,  
217, 262, 264, 265
- espontâneo, 117, 207
- estratégico, 49, 62,  
63, 78, 81, 93,  
117, 123, 259
- expansão, 6, 13, 38,  
50, 72, 80, 81,  
105, 114, 117,  
122, 134, 135,  
138, 155, 169,  
184, 191, 192,  
197, 200, 201,  
206, 207, 210,  
217, 256, 278, 285
- extensão, 6, 54, 55,  
135, 158, 191,  
197, 198, 201,  
202, 206, 207,  
210, 212, 217,  
224, 259
- fatores, 98, 118, 200,  
216, 217
- geral, 6, 78, 152, 159,  
175, 191, 192,  
201, 205, 207,  
212, 213, 215,  
216, 217, 218, 264
- proliferação, 27, 80,  
138, 205, 207,  
211, 212, 217,  
237, 259, 261,  
262, 264, 265
- Iguarassu (PE), 91
- IM Gunter Stern  
(Alemanha), 58
- Imbituva (PR), 37, 129
- Indaial (SC), 50, 51, 77
- Índia, 53, 74, 95, 229,  
259
- indígenas, 25, 26, 54,  
62, 90, 269
- Indonésia, 31, 259
- Inhauser, Marcos R.,  
116, 118, 294
- injustiça, 24, 88, 163,  
170, 173, 263, 265,  
279, 281, 283
- Interlagos (SP), 96, 97,  
99
- intermenonita, 19, 20,  
94, 140, 143, 145,  
220, 222, 234, 254,  
265, 267
- Ipiranga (PR), 129
- Irati (PR), 129
- Irmãos da Vida Comum,  
8
- Irmãos Plymouth (Casa  
de Oração), 47, 51
- ISAL, vi, 150, 151, 159
- Itajaí (SC), 50, 51
- Itapeccerica da Serra  
(SP), 135
- Itapeví (SP), 98, 99
- Itaquí (PR), 56, 60
- Itatiaia (GO), 103, 104,  
114
- Itoupava Central (SC),  
50, 51
- Ivai (PR), 129
- Jabaquara (SP), 60, 63
- Jaboticabal (SP), 99
- Jacú (PR), 56, 60
- Jana (PE), 110
- Janzen  
Abrão, 65  
Ernst Werner, 57  
Harry, ix, 275, 276,  
288  
João e Maria, 65  
Johannes, 40
- Jaraguá do Sul (SC), 50,  
51
- Jataí (GO), 123
- Jataúba (PE), 91
- Jd. Campinas (SP), 62,  
63
- Jd. Carmem (PR), 37
- Jd. Castilho (SP), 135
- Jd. Claudia (PR), 98,  
102
- Jd. das Américas (PR),  
57, 59
- Jd. Dom José (SP), 135
- Jd. Eliza. *Veja Jd.  
Claudia (PR)*

- Jd. Itamarati. *Veja Maanaim (PR)*
- Jd. Julia (SP), 135
- Jd. Maringá (PR), 53, 59
- Jd. Oliveiras (SP), 63
- Jd. Paranaense (PR), 53, 59
- Jd. Primavera (SP), 97, 99
- Jd. Primeiro de Maio (SP), 97
- Jd. Santo Antônio (SP), 61, 62, 63
- Jd. Santo Eduardo (SP), 61, 63, 133, 256
- Jd. Santos Dumont (PR), 55, 59
- Jd. São Luiz (SP), 135
- Jd. Tranquilo. *Veja Vila Rio Negro (PR)*
- Jd. Urano (PR), 56, 59
- Jd. Valo Velho (SP), 135
- Jd. Valo Verde (SP), 135
- João Alfredo (PE), 91
- Johnstone, Patrick, 25, 28, 294
- Joinville (SC), 49, 50, 51
- Jundiaí (SP), 98, 99
- justiça, 89, 148, 158, 169, 281, 283
- Kalley, Robert Reid, 26
- Karlstadt, Andreas, 9
- Kasdorf  
Hans, ix, 45, 80, 160, 220, 275  
Henrique, 66
- Kauffman  
Elaine, 183  
J. Howard, 186, 294
- Kaufman, John e  
Martha, 85, 86, 289
- Kempis, Thomas à, 8
- Kinsinger, Evelyn, 104, 113
- Kissell  
Richard, 114, 115  
Richard e Novelda, 104
- Klassen  
John e Patricia, 62
- John J., ix, 72, 73, 74, 78, 195
- Manfred e Ana, 135
- Peter, 139
- Kobrasol (SC), 50, 51
- Koop  
David, 33
- Kramer  
Daniel, 123  
Myron e Martha, 123
- Krauel, colônia (SC), 17, 18, 19, 20, 21, 31, 33, 47, 48, 54, 64, 66, 139, 141, 142
- Kraus, C. Norman, 162, 185, 295
- Kroeker, Jacob, 58
- Kupfer, Erich e Margrit, 114
- Lago Azul (GO), 111
- Lagoa da Cruz (PR), 59
- Lagoa Encantada (PE), 109, 110
- Lajedo (TO), 106
- Lapa (PR), 20, 21, 38, 58, 59, 247
- Lapa (SP), 98, 99
- Lar Betesda, 143
- Lay, Roberto, 54
- Legiehn, Hans, 56
- liberacionistas  
ecumênicos, 147, 149, 151
- liberdade religiosa, 15, 16, 23, 24, 148
- liderança  
estrangeira, 205, 218
- leiga, 7, 8, 13, 24, 40, 43, 97, 134, 143, 164
- pastoral, 5, 14, 25, 57, 58, 62, 65, 68, 69, 71, 73, 86, 93, 107, 123, 200, 222, 228, 229, 261, 276
- tipos, 229, 230, 233
- Liebig, August, 220
- Limoeiro (PE), 91
- linguagem, fatores  
alemão, 9, 15, 36, 45, 47, 49, 54, 61, 67, 68, 72, 141, 143, 183, 185, 193, 194, 222, 223, 224, 249, 254, 269
- baixo-alemão, 246
- geral, 33, 46, 83, 98, 105, 153, 154, 157, 158, 225, 246, 251, 275
- inglês, 120, 122, 124, 250
- português, 34, 35, 40, 45, 46, 53, 54, 61, 67, 75, 98, 120, 193, 194, 225, 245, 246, 249, 254, 255, 275, 289
- Linha Barbosa (SC), 69
- Linha Sentinela (SC), 69
- liturgia, 5, 183, 185, 186, 187, 256
- livrarias, 110, 111
- Loewen  
Gary e Ellie, 111  
Henrique e Elfriede, 98  
Mark e Glenda, 122
- longevidade, 200, 218, 238, 262
- Löwen, Heinrich, 34
- Lúglio, Joaquim e Rute, 97
- Lutero, Martinho, 9, 10, 11, 163
- Luz  
Cláudio e Gilka, 65, 70  
João Dirceu da, 108
- macrorregiões  
Centro-Oeste, 237  
Nordeste, 39, 88, 90, 91, 92, 93, 94, 108, 225, 229, 234, 237, 239, 241, 242, 243, 255, 257, 264, 289, 290
- Norte, 85, 90, 104, 117, 229, 259, 289
- Sudeste, 104, 117
- Sul, 17, 46, 49, 64, 86, 87, 88, 89, 92,

- 93, 225, 234, 242,  
243, 246, 247,  
253, 254
- Mandirituba (PR), 58,  
60
- Mandryk, Jason, 25, 28,  
294
- Manente, José Eguiny,  
ix, 133, 138, 206,  
207, 208, 256
- Manz, Felix, 10
- Marianópolis (TO), 106
- Maringá (PR), 88
- Mariópolis (PR), 67, 68,  
69
- Marmeleiro (PR), 68
- Martens  
Gerhard, 76  
Maria, 86  
Phyllis, 295
- Martin, Allen e Irene,  
110
- marxismo, 149, 150
- Massaranduba (SC), 49,  
51
- massas, 8, 9, 13, 24,  
206, 207, 217, 269
- Mateus Neto, Ricardo,  
104
- Matos, João Rodrigues  
de, 106
- Matthys, Jan, 13
- menonitas (não latinos)  
germano-russos. *Veja  
eticidade:  
germano-russa*  
holandeses, 11, 13,  
14, 19, 26, 31, 142  
norte-americanos,  
172, 173, 186,  
220, 245, 249, 255  
paraguaios, 70, 220  
russos, 3, 4, 15, 16,  
21, 22, 31, 32, 43,  
83, 84, 120, 216,  
217, 219, 220,  
245, 249, 253,  
254, 266  
uruguayos, 220
- Mensageiros da Paz  
(alemão, português),*  
49, 68
- migração, 4, 14, 16, 31,  
32, 55, 60, 64, 80, 81,  
120, 124, 130, 193,  
204, 217, 218, 220,  
246, 248, 254, 289
- Milhomens, Teodoro,  
103
- Miller, Orié O., 84
- Mininger, Richard, 123
- ministério infantil  
apadrinhamento, 129  
creches, 34, 37, 38,  
58, 68, 88, 100,  
101, 194, 229,  
237, 258  
EBF, v., 48, 62, 89,  
223, 226  
em risco, 38, 53, 62,  
67, 73, 74, 87, 88,  
89, 98, 101, 115,  
130, 143  
escola dominical, 48,  
49, 53, 54, 57, 61,  
67, 68, 89, 105,  
110, 123, 222,  
223, 226, 228, 249  
evangelismo, 57, 61,  
86, 89, 98, 99,  
223, 228  
obreiros, 233  
orfanatos, 32, 36, 40,  
53, 54, 55, 56, 57,  
65, 73, 74, 75, 76,  
80, 89, 222, 229,  
237, 258, 289
- ministérios com jovens,  
14, 19, 32, 35, 36, 38,  
40, 41, 50, 53, 56, 57,  
60, 65, 67, 73, 74, 76,  
79, 89, 90, 94, 100,  
124, 130, 137, 140,  
179, 193, 222, 223,  
226, 228, 238, 247,  
262, 264, 282
- ministérios com  
mulheres, 36, 40, 62,  
129, 130
- Minnich, R. Herbert,  
106, 113, 245, 247,  
248, 296
- Mirassol (SP), 122, 124
- missão global, 158, 259,  
264
- missão integral  
agricultura, 17, 89,  
90, 92, 129, 230,  
239, 255  
alívio, 36, 39, 40, 56,  
67, 83, 84, 85, 89,  
91, 92, 93, 94,  
108, 111, 114,  
115, 127, 128,  
129, 131, 136,  
137, 158, 207,  
229, 231, 237,  
239, 262, 270
- desenvolvimento  
comunitário, 39,  
56, 87, 88, 91, 92,  
115, 239, 255,  
257, 260, 289  
educação, 56, 89, 91,  
97, 115, 140  
educandário, 36  
geração de renda, 56,  
89, 90, 239  
geral, 33, 34, 72, 94,  
97, 98, 109, 113,  
114, 115, 130,  
131, 136, 145,  
148, 152, 156,  
158, 162, 172,  
179, 180, 187,  
194, 218, 222,  
237, 250, 254,  
255, 257, 263,  
285, 289
- ministérios médicos,  
26, 35, 39, 47, 56,  
71, 73, 74, 76, 83,  
87, 89, 90, 91, 92,  
105, 106, 107,  
113, 122, 123,  
129, 140, 141,  
142, 143, 230,  
237, 239, 258,  
289, 290
- nutrição, 91
- resolução de  
conflitos, 88, 89,  
92, 93, 94, 111,  
237

- saúde mental, 72, 77, 89, 113, 128, 134, 143, 222, 227, 230, 239
- serviços sociais, 38, 75, 84, 86, 89, 129, 130, 154, 230, 234, 235, 256, 270
- sociedades  
beneficentes, 67, 74
- missão rural, 4, 20, 36, 55, 58, 65, 66, 72, 81, 86, 92, 120, 127, 130, 131, 142, 183, 185, 203, 217, 218, 239, 247, 248, 255, 269
- missão transcultural, 27, 46, 54, 60, 61, 62, 76, 80, 95, 107, 112, 113, 117, 153, 161, 177, 205, 225, 228, 229, 232, 234, 236, 237, 238, 249, 250, 258, 259, 265, 266, 276
- missiologia, 12, 155, 172, 232, 264, 276
- missiologia, reflexão, 39, 77, 78, 92, 115, 116, 117, 125, 131, 138, 143, 145, 258, 260, 267
- missões de curto prazo, 62, 66, 74, 90, 112, 226, 230, 234, 237, 238, 242, 262, 265
- missões  
paraeclesiásticas, 5, 27, 80, 94, 101, 170, 180, 181, 224, 238, 239, 240, 241, 242, 244, 254, 275
- Moçambique, 57, 74, 104, 112, 123, 128, 229, 249, 259, 290
- Moema (SP), 96, 97, 99
- Monte Alegre (GO), 121, 122, 123, 124, 203, 204
- Monteiro (PB), 92
- Montevideu (Uruguai), 40, 148, 149, 222, 226
- Moraes, Benjamín, 149
- Morávia, 10, 220
- Morro do Mato. *Veja Goianorte (GO)*
- Moscou (Rússia), 17
- motivação missional, 4, 12, 101, 120, 130, 157, 159, 164, 171, 172, 187, 188, 199, 222, 233, 246, 253, 259, 267
- Moura, Ari e Ivanilda, 67
- Mundo Novo (MS), 70, 71
- Münster (Alemanha), 13, 14
- Musselman  
Glenn, 40, 97, 109  
Glenn e Lois, 97, 100
- Neufeld, Abram, 40
- Neuman, Gustavo, 77
- Nightingale, David e Annie, 49
- nominalismo, 12, 23, 24, 28, 47, 241, 247
- norte-americanos, 4, 44, 57, 64, 76, 78, 87, 90, 95, 98, 100, 109, 121, 122, 123, 151, 152, 153, 180, 201, 204, 205, 216, 217, 220, 221, 222, 225, 230, 234, 245, 246, 249, 250, 251, 254, 259
- NTMS, vi, 143, 180, 275, 290
- obreiros bivocacionais, 107, 207
- Oliveira  
Abraão Reis de, 103  
Arnoldo de, 101  
Cristiano Maximiano de, 110  
Ezequias e Deuza de, 62
- Orobó (PE), 91
- Ott  
Geraldo, 270
- Geraldo e Edith, 49
- Ouro Preto (PE), 109
- Paço do Lumiar (MA), 110
- Países Baixos, 13, 14, 15, 84, 139
- Palmas (PR), 55, 67, 69, 207
- Palmas (TO), 108, 124, 136
- Palmeira (PR), 20, 21, 35, 37, 38, 39, 41, 58, 59, 60, 81, 100, 101, 102, 115, 127, 129, 130, 132, 136, 143, 251, 295, 296
- Paracuru (CE), 90
- Paraguai, 20, 31, 44, 56, 69, 70, 71, 83, 84, 142, 222, 223, 228
- Paraíso do Norte. *Veja Paraíso do Tocantins*
- Paraíso do Tocantins (TO), 107, 108
- parcerias, 14, 34, 44, 46, 50, 55, 65, 81, 93, 98, 103, 117, 118, 120, 131, 140, 145, 149, 155, 158, 194, 220, 233, 234, 235, 242, 250, 251, 255, 261, 266, 267
- Parque Ribeirão Preto (SP), 98, 99, 230
- Passira (PE), 91
- Pastre, Walter, 67
- Pato Branco (PR), 68, 69, 74
- Patos (PB), 122, 123, 124
- Paulista (PE), 62, 63, 89, 110
- Pauls  
Alfred, ix, 100, 101, 269, 276  
Alfred e Ruth, 101, 102
- Pauls Jr., Peter, iii, ix, 35, 40, 41, 55, 64, 81, 95, 118, 127, 227, 229, 255, 273, 276, 296

- Penn, William, 14
- Penner  
 John N., 121  
 Theodoro, 101, 107,  
 113, 114, 229
- Pentecostalismo. *Veja*  
*evangélicos:*  
*pentecostais*
- Pereira, Cláudio, 111
- perseguição, 3, 13, 14,  
 15, 36, 151, 163, 173,  
 243, 249, 253, 279,  
 281
- Pesqueira (PE), 91
- peçoal missional, 163,  
 164, 177, 242
- Peters  
 Geraldo, 40, 99  
 Geraldo e Helena, 99  
 Hans Gerhard, ix,  
 105, 118, 198, 276
- Phillips, Dirk, 11
- Piçarras (SC), 37, 100,  
 102
- Piên (PR), 60
- pietismo alemão, 43, 44,  
 52, 144, 160, 220,  
 249, 254
- Pinhais (PR), 98, 102
- Pinheirinho (PR), 37,  
 38, 39, 99, 100, 102
- Piquizero (TO), 106
- Piracicaba (SP), 135
- Pirenópolis (GO), 122,  
 123, 124
- Planalto Stolz. *Veja*  
*Auhagen (SC)*
- Plenert, Steve e Janet,  
 111, 118, 121, 297
- pobreza, 24, 88, 89, 90,  
 91, 93, 98, 225, 239,  
 253, 255, 263, 265,  
 279
- política, 3, 8, 11, 75, 78,  
 113, 141, 150, 156,  
 232, 239, 243, 245,  
 269, 281
- Polônia, 15
- Pombos (PE), 91
- Pomerode (SC), 50, 51
- Ponta Grossa (PR), 56,  
 60, 102, 129
- Ponta Porã (MS), 71
- Portão (PR), 54, 102
- Porto Alegre (RS), 65,  
 66
- Porto Amazonas (PR),  
 38, 39, 60, 73, 101,  
 102, 129, 136, 207
- Portugal, 23, 229, 249,  
 259
- Pouso Redondo (SC),  
 50, 51
- povos não alcançados,  
 28, 131, 153, 159,  
 168, 174, 187, 267,  
 279, 284
- Prado, Cesar e Miriam,  
 100
- Presidente Getúlio (SC),  
 50, 92
- publicações, 24, 32, 39,  
 96, 115, 125, 128,  
 131, 143, 151, 159,  
 160, 185, 230, 243,  
 255, 258, 287
- Pugas de Cima (PR),  
 101, 102
- Quero-Quero (PR), 35,  
 37
- questionário, ix, 5, 167,  
 184, 187, 267, 275,  
 276, 277, 288
- Rebouças (PR), 129
- Recanto das Emas (DF),  
 111
- Recife (PE), 26, 39, 86,  
 88, 89, 90, 94, 109,  
 110, 115, 117, 230,  
 239, 242, 243, 251,  
 255, 269, 289, 290
- recomendações, 233,  
 253, 256, 263, 264,  
 265, 266
- recrutamento de  
 obreiros, 16, 177, 278
- Redenção (PA), 108,  
 114, 229
- reencarnação, 26, 174,  
 176, 282
- Reforma  
 anabatista. *veja*  
*Anabatismo*
- protestante, 7, 8, 9,  
 10, 11, 12, 22,  
 157, 161
- radical, 9, 10, 11, 22,  
 204
- refugiados, 3, 4, 16, 17,  
 18, 19, 22, 23, 46, 53,  
 83, 142, 220, 244,  
 253, 254, 255, 259,  
 266, 269, 289
- Reimer  
 Dietrich, 45  
 Dietrich e Aganeta,  
 71  
 João e Zenaide, 70
- Reino de Deus, 12, 48,  
 94, 154, 155, 156,  
 157, 158, 161, 162,  
 169, 178, 180, 184,  
 216, 260, 267, 276,  
 282, 283, 298
- reinos, 12, 156, 157, 162
- Rempel  
 Erwin e Angela, 111  
 Walter, 68, 69
- Renascença (PR), 68
- Renascimento, 8
- Reserva (PR), 129
- Reublin, Wilhelm, 10,  
 11
- revivalismo, 186, 187,  
 249, 256
- revolução russa, 16, 83
- Rhoades, Jeanne, 89
- Ribas, Luiz e Oli, 70
- Ribeirão Pinheiro (SC),  
 48, 50, 51
- Ribeirão Preto (SP), 97,  
 99, 110
- Rincão dos Cravos (RS),  
 75
- Rio Azul (PR), 129
- Rio Bonito (SC), 50, 51
- Rio Bonito (SP), 63
- Rio de Janeiro (RJ), 26,  
 28, 88, 183, 221, 274,  
 297
- Rio do Sul (SC), 50, 51,  
 92
- Rio Verde (GO), 20, 21,  
 120, 121, 122, 123,

- 124, 202, 203, 255, 289
- Rio Verdinho (GO), 122, 123, 124, 203
- Rosenfeld, Gerhard, 60, 64
- Rússia. *Veja menonitas (não latinos): russos*
- Sibéria, 15, 17
- Ucrânia, 15, 254
- sacerdócio universal, 157
- sacramentos, 9, 11, *Veja batismo infantil*
- Saltobach (SC), 47, 48, 51
- salvação, 5, 7, 8, 9, 47, 106, 138, 150, 152, 156, 158, 163, 170, 173, 175, 183, 186, 249, 269, 279, 281, 282, 284
- Samambaia (DF), 111, 115
- Santa Amélia (PR), 54, 59
- Santa Maria (RS), 64, 65, 66
- Santa Maria Cambucá (PE), 91
- Santa Maria das Barreiras. *Veja Santana do Araguaia*
- Santa Rosa de Viterbo (SP), 99
- Santana do Araguaia (PA), 106, 107, 108, 229
- Santana do Livramento (RS), 65
- Santos
- Paulo e Rosana, 62
- Raimundo e Rita M., 111
- São Bernardo do Campo (SP), 61, 63
- São Caetano (PE), 91
- São Carlos (SP), 98, 99
- São Desidério (BA), 136
- São João do Tigre (PB), 92
- São João do Triúnfo (PR), 129
- São José do Rio Pardo (SP), 135, 207
- São José dos Pinhais (PR), 55, 57, 59
- São Lourenço da Mata (PE), 91
- São Lourenço do Oeste (SC), 69
- São Luiz do Purunã (PR), 36, 37
- São Mateus do Sul (PR), 55, 59, 229
- São Paulo. *Veja IEIM Regional São Paulo; IEM Região I*
- São Sebastião do Umbuzeiro (PB), 92
- Satanás, 156, 167, 176, 280, 284
- Sawatsky, Peter e Alice, 96
- Schartner, Gerhard, 64
- Schroeder, Anna, 97, 115
- Schultz, Jonas, 123
- Schwaerz (casal luterano), 48
- Schwartzentruber, Ken e Grace, 116
- secularismo, 247
- Seibel, Robert e Anna, 86, 289
- Sertãozinho (SP), 97, 99
- serviço militar, 15, 32, 65, 83
- Shafter (EUA), 73
- Shenk
- Calvin E., 160, 298
- David W., 12, 116
- Wilbert R., ix, 159, 160, 162, 164, 275, 276, 298
- Siemens
- Peter, 230
- Peter e Gladys, 246
- Udo, 21, 41, 81, 105, 118, 248, 251, 269, 296, 297, 298
- Silva
- Cláudio Gonçalves, 123
- Dejair e Maria da, 136
- Simons
- Menno, 11, 12, 14, 44, 119
- sincretismo, 25, 152
- Smith, Eldon, 122
- Soares, Cristina, 100
- Sobradinho (RS), 66
- sobrevivência, 4, 17, 33, 39, 79, 139, 220
- Sociedade Colonizadora Hanseática, 17
- sociologia, 150, 245
- Souza
- Antônio e Valdeci, 98
- Clayton de, 78
- Franco e Maria, 108
- Manoel e Maria Rosa, 111
- Sinval de, 62
- Sinval Junior, 74
- Stalin, Josef, 16
- Steuernagel, Valdir, 154, 155, 164, 298
- suiços, 269
- Surubim (PE), 86, 91
- sustentabilidade, 93, 237, 238, 242, 262, 265
- Tacaimbó (PE), 91
- Taguatinga (DF), 110, 111
- Taió (SC), 50, 51, 92
- Tauler, John, 8
- Teixeira Soares (PR), 102, 129
- Teles, Norma, 112, 290
- teologia
- cristologia, 5, 120, 161, 168, 170, 179, 183, 187
- eclesiologia, 5, 168, 170, 171, 187, 243, 267
- escatologia, x, 5, 15, 45, 52, 145, 157, 159, 162, 174, 281

- Teologia da Libertação, 24, 150, 151, 158, 168, 173, 181, 186, 187, 243, 256, 281
- Teologia  
 Dispensacional, 169, 177
- terras, como fator  
 missional, 15, 20, 76, 88, 90, 107, 114, 120, 130, 239, 255
- Thiessen  
 Edna, 58, 76  
 Ervino, 53, 54  
 Ervino e Lorene, 55, 67, 73, 75
- Tibagi (PR), 102
- Tibagi (PR), 129
- Tietê (SP), 99
- Timbó (SC), 49, 51
- tipologias protestantes, 147, 159
- Toews  
 Dick, 121  
 Jacob J., 56, 72, 78, 81, 299  
 John A., 43, 299
- Torres (RS), 66
- Torres, Nelson, 108
- treinamento  
 formal, vi, ix, 6, 40, 45, 54, 69, 73, 75, 101, 109, 129, 145, 151, 177, 182, 185, 186, 187, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 227, 228, 232, 233, 235, 254, 256, 258, 263, 266, 276, 278, 286, 287, 290
- geral, 117, 145, 213, 219, 220, 221, 222, 223, 224, 225, 226, 228, 231, 233, 234, 235, 258, 262, 266, 267
- holístico, 131, 170, 231, 234, 235
- informal, 222, 227, 228, 263
- não formal, v, 6, 219, 221, 222, 224, 225, 226, 227, 228, 233, 234, 235, 258, 263
- tendências, 219, 231, 232, 236, 266
- Trindade, 160, 164, 167, 284
- Uberaba (PR), 38, 55, 57, 58, 59, 67, 69, 229
- União da Vitória (PR), 68, 69
- União Soviética, 3, 32, 142, 253, 254
- Universalismo, 167
- Unruh  
 Francisco, 101  
 Jacob e Anna, 73
- urbanização, 4, 48, 49, 50, 61, 68, 81, 92, 106, 109, 113, 131, 135, 139, 203, 205, 248, 249, 253
- Uruguai, 40, 44, 56, 64, 84, 222, 223, 226
- Valinhos (SP), 97, 99
- Valparaíso (GO), 111
- Vicência (PE), 91
- Vila Bonilha (SP), 98, 99
- Vila Gália (PR), 34, 37, 39
- Vila Guaíra (PR), 19, 21, 33, 34, 36, 37, 52, 53, 54, 59, 98, 101, 193, 254
- Vila Guarani (SP), 99, 114, 115
- Vila Lindóia (PR), 98, 100, 102
- Vila Rio Negro (PR), 57, 59
- Vila Rosa (PR), 100, 101, 102
- Vila São José (SP), 62, 63
- Vila Sonia (SP), 61, 63
- Villalba, Victor e Zaida, 71
- Vinhedo (SP), 98, 99
- visão missional, 33, 45, 50, 53, 67, 104, 125, 154, 196, 216, 262
- vocação missionária, 4, 12, 73, 101, 119, 144, 163, 164, 177, 179, 183, 226, 234, 253, 265, 277
- Volpe, Odair, 63
- Wagner  
 Bill e Janet, x  
 Bill e Marilyn, 58  
 C. Peter, 150, 191, 196, 299
- Wagner, Bill e Marilyn, 62
- Waldheim (SC), 17, 33, 47, 48, 51, 80
- Waldo, Peter, 8
- Wall, Maria, 76
- Waltner-Graber, Dan e Rose, 86, 109
- Waltner-Grabers, Dan e Rose, 109, 110
- Wanderley (BA), 136
- Warkentin, Heinrich, 33
- Wedel, Siegfried, 101
- Wiebe  
 Jaime e Luiza, 61, 62, 63  
 Jaime P., 25, 61, 78, 299
- Wiens  
 Ernesto, 46, 57  
 Hans, 56  
 Peter, 48  
 Victor, ii, 78, 276  
 Victor e Martha, 63
- Will, Carmen, 62
- Witmarsum (PR), 20, 21, 35, 36, 38, 41, 55, 56, 59, 60, 69, 70, 81, 95, 100, 101, 118, 127, 128, 131, 132, 139, 142, 193, 229, 239, 254, 256, 290, 296

Witmarsum (SC), 37,  
142, 193, 223, 245,  
269, 289  
Wycliffe, John, 8

Xaxim (PR), 34, 36, 37,  
38, 53, 56, 57, 59, 74,  
99, 100, 102

Zuñglio, Ulrico, 9, 10,  
11  
Zurique, Suíça, 11